

Terence McKenna

O retorno à cultura arcaica



ESOT.
2+

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M429r McKenna, Terence K., 1946-
O retorno à cultura arcaica / Terence McKenna ;
tradução Roberto Raposo. — Rio de Janeiro :
Record, 1995.

(Nova Era)
Tradução de: The archaic revival
Inclui bibliografia

1. McKenna, Terence K., 1946- 2. Misticismo.
3. Xamanismo. 4. Alucinógenos. I. Título.

95-1692

CDD — 001.9
CDU — 001.9

Título original norte-americano
THE ARCHAIC REVIVAL

Copyright © 1991, by Terence McKenna
Publicado mediante acordo com a Harper San Francisco, uma divisão da Harper
Collins Publishers, Inc.



Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04068-1

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

*Ao meu pai,
Joe McKenna*

SUMÁRIO

Prefácio de Tom Robbins 9

Agradecimentos 13

Introdução: O Retorno à Cultura Arcaica 17

1. Em Louvor dos Alucinógenos
(com Jay Levin) 21
2. Entrevista à *High Frontiers* (com Will Noffke) 45
3. Os Alucinógenos à Base de Triptaminas e a
Consciência 55
4. Observações à ARUPA, 1984 75
5. Conversa Sobre Discos Voadores
(com Will Noffke) 85
6. Amor Extraterrestre 103
7. Novos Mapas do Hiperespaço 125
8. Ressonância Temporal 141

9. Entre *Ayahuasqueros* 153
10. Cogumelos e Evolução 187
11. Entrevista à Rádio New Dimensions
(com Michael Toms) 203
12. O Manuscrito Voynich 221
13. Os Precursores Literários de Wasson 239
14. Entrevista à *Critique* (com David Jay Brown e
Rebecca McClen) 259
15. Plano/Planta/Planeta 277
16. Realidade Virtual e Êxtases Eletrônicos 287
17. Plantas Sagradas e Realidades Místicas
(com Nevill Drury) 299

Bibliografia 317

PREFÁCIO

Do meu apartamento, no centro de Seattle, vejo alguns provocantes letreiros luminosos que recitam na noite, silenciosamente, as suas mensagens, como versos de um poema quente e espasmódico. Um deles, acima da entrada da Champ Arcade, anuncia GAROTAS AO VIVO, GAROTAS AO VIVO, GAROTAS AO VIVO — coisa que sempre me traz alegria, especialmente quando penso no que poderia ser a alternativa. Menos alegre, embora mais profundo, é o letreiro da vitrine da lavanderia a seco. Diz simplesmente ALTERAÇÕES, mas me faz pensar em Terence McKenna — não só porque Terence McKenna é grande autoridade nos aspectos experimentais das plantas que alteram o funcionamento do cérebro humano, e porque suas palestras e *workshops* contribuíram para alterar minhas opiniões, mas também porque Terence, talvez mais que qualquer outra pessoa em nossa cultura, tem a capacidade de alargar a cintura das calças da percepção e levantar a bainha da realidade.

Erudito, teórico, explorador, sonhador, pioneiro, fanático e orador fascinante, bem como alfaiate da ontologia, McKenna acrescenta à sua visão geral da História, que é ao mesmo tempo culta e algo original, uma concepção genuinamente visionária do terceiro milênio. O resultado é um ciclone de idéias heterodoxas, capaz de arrancar qualquer cérebro da sua pasmeira cognitiva. Mas, quando o Furacão Terence devolve ao chão o nosso cérebro, verificamos que estamos em solo firme; pois, longe de serem coisas do país de Oz, as teorias e especulações de McKenna têm raízes em um

pragmatismo de milhares de anos, resistente ao desgaste do tempo. Muitas de suas noções nos surpreendem, não por serem tão novas, mas por terem sido esquecidas durante um período tão longo.

Como implica o título *O Retorno à Cultura Arcaica*, McKenna encontrou a chave do futuro no monte de estrume do passado. (Por sinal, cabe notar aqui que os cogumelos psiquicamente ativos costumam brotar do estrume de vacas.) Na Europa, durante a Renascença, os cientistas, artistas e cidadãos esclarecidos foram buscar na civilização grega, bem mais antiga, as centelhas com que acenderam a sua nova e maravilhosa fogueira. Em vários trechos desta coleção de ensaios e entrevistas, McKenna nos exorta a voltar atrás — muito atrás, até o xamanismo paleolítico —, a fim de readquirir técnicas que poderiam não só garantir a nossa sobrevivência, mas também ajudar-nos a construir uma nova era dourada: de fato, a *verdadeira* era dourada visada por todo o enredo da História.

McKenna não se considera um xamã, embora tenha estudado com xamãs na Amazônia e na Ásia (e ingerido suas fortes poções). Diz ele, porém, que tenta “explorar a realidade com um espírito xamanista e por meios xamanísticos”. De fato, perpassa as páginas deste livro o matraquear hipnótico do chocalho do xamã, aqui e ali suplantado pelo ruído surdo de um disco voador, pois a imaginação (assim como a autoridade) de McKenna vai desde a selva até o hiperespaço, e somente um tolo o chamaria de retrógrado.

Mas deixem-me espremer nesta infusão algumas gotas da essência de Terence, para que possamos experimentar o seu sabor e medir os seus efeitos:

Vejo o futuro final da humanidade como um esforço no sentido de exteriorizar a alma e interiorizar o corpo, de modo que a alma exterior passará a existir como uma lente supercondutora de matéria translingüística, gerada fora do corpo de cada um de nós em um momento crítico de nosso *bar mitzvah* psicodélico.

A finalidade da vida é familiarizar-nos com [o] corpo que iremos ter depois da morte, para que o ato de morrer não traga confusão à nossa psique.

Eu não acredito que o mundo seja feito de *quarks* ou de ondas eletromagnéticas, de estrelas, planetas ou coisa parecida. Acredito que o mundo é feito de linguagem.

Há um fator oculto na evolução dos seres humanos que não é nem o “elo perdido” nem uma finalidade imposta pelos céus. Minha teoria é que [o] fator... que trouxe à tona a consciência humana em um primata bípede dotado de visão binocular tem a ver com um laço de realimentação com alucinógenos vegetais.

Aqui e agora, à distância de um *quantum*, existe em vibração um universo de inteligência ativa que é transumana, hiperdimensional e extremamente alienígena. ... O que hoje comanda o sentimento religioso é um desejo de contato — de relacionamento com o Desconhecido.

Percorri a Índia e não cheguei a me convencer de que não se tratava de algum tipo de prestidigitação, ou que fosse mais real que os estados manipulados pelas várias escolas da psicoterapia da Nova Era. Mas na Amazônia... somos transportados para mundos estardalecedoramente diferentes ... [e, no entanto,] mais reais que a realidade.

Estes breves goles da cuia de McKenna, servidos fora de contexto e despojados das curiosas guarnições que ele costuma usar, são, ainda assim, inebriantes e, em minha opinião, alentadores.

Em doses maiores, é bem possível que a beberagem cure as úlceras que fazem sangrar o mundo moderno.

Hoje, os nossos problemas são mais complexos e ameaçadores do que jamais foram no decorrer da História. Infelizmente, não podemos nem começar a resolvê-los, pois as nossas visões da realidade são extremamente deficientes. Enxergamos a existência através dos espessos véus da ignorância pessoal e social, acrescidos dos lençóis ainda mais opacos da desinformação, gentilmente cedidos pelo Estado, pela Igreja e pelo *big business* (entidades que, muitas vezes, são uma só). A diferença entre nós e Helen Keller é que ela *sabia* que era cega e surda.

Problemas radicais exigem soluções radicais. Os políticos convencionais são demasiadamente simplórios para criar soluções radicais, e covardes demais para implementá-las, se acaso pudessem fazê-lo; e os revolucionários políticos, por melhores que sejam as suas intenções, terminam por oferecer apenas mais um derramamento de sangue, seguido de novo período de repressão.

Para realmente alterar a situação, devemos alterar-nos a nós mesmos — filosófica, psicológica e talvez biologicamente. O primeiro estágio dessas alterações consistirá principalmente em romper os véus para que nos vejamos como aquele outro eu transgálico que realmente somos e sempre fomos. O alfaiate Terence é dono das tesouras mais afiadas da cidade. E está aberto aos domingos e feriados. Desfeitos os véus, cada um de nós poderá finalmente empreender a sua mutação autodirigida.

O disco voador está aquecendo os seus motores lingüísticos. O cogumelo leva o seu transmissor até a porta da floresta. É hora de os macacos se mudarem para o hiperespaço! A viagem vai ser difícil, mas, guiados pelo giroscópio arcaico que Géia nos deu, podemos recomençar a jornada em um estado de intensa expectativa e esperança. Com a sua euforia escatológica, de uma espécie singularmente secular, Terence McKenna nos convida a um Dia do Julzo Final com o qual podemos conviver. Siga ao nosso lado, ou continue quadrado.

Tom Robbins
Seattle, Washington

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer às muitas pessoas e organizações que, ao longo dos anos, me convidaram a expressar minhas opiniões em vários foros. *Revision*, *Gnosis*, *L.A. Weekly*, *Mondo 2000*, *Critique*, *Whole Earth Review*, *Magical Blend* e o periódico australiano *Nature and Health* cooperaram com separatas de ensaios ou entrevistas que surgiram inicialmente em suas páginas. Meus agradecimentos aos excelentes jornalistas que conduziram essas entrevistas: Jay Levin, Will Noffke, Michael Toms, David Brown, Rebecca McClen e Neville Drury. Agradeço especialmente a Faustin Bray e Brian Wallace, da Sound Photosynthesis, de Mill Valley, pela gravação e editoração de muitas de minhas palestras e conferências. E meus agradecimentos especiais a Diane e Roy Tuckman, de Los Angeles, pois as centenas de horas de voo no sul da Califórnia que eles dedicaram às minhas idéias ajudaram-me de modo incalculável a atingir um público mais amplo.

As idéias aqui apresentadas foram concebidas e, muitas vezes, refundidas no ambiente do Esalen Institute, onde pude fazer a maior parte de minhas reflexões; à administração, ao pessoal e aos participantes dos seminários do Esalen, os meus profundos agradecimentos.

Vários amigos ajudaram-me a formar essas idéias. O primeiro deles é a minha mulher, Kat Harrison McKenna, cujo entusiasmo pelas alegrias da imaginação é tão grande quanto o meu. Agradeço a Peter Meyer, que elaborou o programa de computador em que se baseiam as "ondas do tempo". Meus agradecimentos também ao

meu irmão Dennis e a Rupert Sheldrake e Ralph Abraham, pois todos me ajudaram a esclarecer as minhas idéias. E a Tom Robbins, pelo generoso prefácio. Ninguém poderia desejar amigos melhores que estes.

E, finalmente, tenho enorme dívida de gratidão junto ao meu editor, Dan Levy, que acreditou apaixonadamente nessas idéias e, com a sua amizade e o seu bom humor, fez com que o trabalho que tivemos em organizar este livro se transformasse em puro prazer.

As plantas alucinógenas e outras substâncias psicodélicas podem ser prejudiciais à saúde, e, em muitas jurisdições dos Estados Unidos e de todo o mundo, a posse e o uso dessas substâncias são ilegais.

Informamos aos leitores que, caso decidam usar tais substâncias, fá-lo-ão inteiramente por sua própria conta e risco. O autor e a editora eximem-se de qualquer responsabilidade por algum efeito adverso que possa resultar do uso de qualquer planta alucinógena ou outra substância psicodélica mencionada neste livro.

INTRODUÇÃO

O Retorno à Cultura Arcaica

Bem-vindo a *O Retorno à Cultura Arcaica*. Há 25 anos, comecei a me dar conta de que a exploração do "Inteiramente Desconhecido" tinha a ver com o xamanismo. Em minhas pesquisas subsequentes, usei plantas alucinógenas como meio de investigar a misteriosa dimensão à qual o xamanismo, a mais antiga das religiões da humanidade, sempre alegou ter acesso. Hoje, estou convencido de que, de todas as técnicas utilizadas pelo xamã para induzir êxtase e viagens visionárias — jejuns, o rufar prolongado de tambores, o controle da respiração e exercícios extenuantes —, nenhuma é mais eficaz, confiável e potente que o uso de plantas alucinógenas. Acredito ser possível explorar racionalmente o enigma do Desconhecido, e que o emprego xamanista de plantas alucinógenas, especialmente das que contêm psilocibina e dimetiltrip-tamina (DMT), será fundamental para atingir esse fim.

Embora façam incursões em campos muito diversos, os ensaios, palestras e entrevistas contidos neste livro giram todos em torno do mesmo tema: o Desconhecido e o modo misterioso com que ele permeia a vida humana. E é isso o que pretendo comunicar — a proximidade e a estranheza de regiões inexploradas, cheias de risco, beleza e promessa. Espero que estes artigos transmitam uma sensação de prazer e estímulo, de descoberta e da verdadeira profundidade do obscuro mar de mistério, à tona do qual o mundo

alegre de cada dia é como um pedaço de cortiça que flutuasse em um oceano nunca visto.

Estou plenamente ciente, como o estará grande parte dos meus leitores, dos aspectos surrealistas, proféticos e até mesmo bombásticos de muitas dessas idéias. Se adotei as opiniões aqui expressas, isto se deve a toda uma vida de experiências peculiares. Essas experiências ocorreram no limiar daquilo que se aceita como realidade, e, na ausência delas, minhas opiniões heréticas seriam inteiramente destituídas de fundamento. O fato, porém, é que verifiquei que o universo do xamanismo psicodélico é uma prova material de que nem tudo vai bem no mundo risonho do materialismo e do racionalismo científico.

Além de optar por reprimir os estranhos dons do xamã e o potencial psíquico de contato com o Desconhecido, a tradição ocidental tem um arraigado preconceito contra o uso de alucinógenos. Uma das conseqüências disso é que ainda não se escreveu o bastante sobre a fenomenologia das experiências pessoais com alucinógenos que produzem visões. As exceções são notáveis e curiosas. Ocorrem-me os nomes de Fitz Hugh Ludlow e Aldous Huxley, ambos os quais parecem exemplificar duas normas que regem tais situações: ambos surgiram no início da onda de interesse criado em torno da "descoberta", pela burguesia alfabetizada, do haxixe e, mais tarde, da mescalina, e ambos eram ingênuos em termos de pressupostos médicos ou psicofarmacológicos. Da mesma forma, os efeitos da infusão alucinógena usada na América do Sul, conhecida como *yagé* ou *ayahuasca*, foram relatados por William Burroughs e Allen Ginsberg em *The Yagé Letters*. Essas primeiras descrições dos efeitos provocados pelos alucinógenos lembram os relatos exagerados e românticos levados para a Europa pelos primeiros exploradores que retornaram do Novo Mundo. Só gradualmente os reinos de fantasia e aventura cederam lugar aos continentes explorados e cartografados que hoje conhecemos.

O Retorno à Cultura Arcaica é o meu livro de anotações de explorador, o diário de minhas viagens no tempo e no espaço ideológico. Abrange desde o *veld* pré-histórico da África até o mundo inimaginável situado além do desígnio transcendental, no fim da História. *O Retorno à Cultura Arcaica* é também um circo

ambulante de novas correntes de pensamento: só podemos evoluir na mesma velocidade com que a nossa linguagem evolui.

O Retorno à Cultura Arcaica oferece tônicos para a linguagem e novo vigor para as nossas melhores crenças antigas. Esgueirem-se por baixo da lona e venham cá para dentro, onde há luzes e ação. Ouçam a banda tocar. Os palhaços anões do hiperespaço já estão fazendo os seus malabarismos no picadeiro. Depressa! Depressa!

Terence McKenna
Occidental, Califórnia

Em Louvor dos Alucinógenos

Certa vez, durante uma de minhas raras incursões na hiperconsciência (na ocasião, via mescalina), alguém me fez ouvir uma fita de Terence McKenna. Fiquei maravilhado. McKenna era um dos oradores mais fascinantes que eu conhecera até então, com o grande dom irlandês da loquacidade e a extraordinária capacidade de transformar complicados conceitos intelectuais em poesia verbal. O fato de ser o assunto a evolução da consciência humana, e especialmente o papel dos alucinógenos nessa evolução, tornava a fita uma experiência particularmente cativante no estado elevado em que eu me achava.

Mas o que realmente fez com que eu me tornasse fã de McKenna foi o nível da sua discussão de um tema que, já havia algum tempo, constituía uma de minhas principais convicções pessoais — que a História, como a conhecemos e definimos, está chegando ao fim. Essa percepção me havia ocorrido no início de minha carreira como jornalista, durante a pesquisa que fizera para um artigo de revista sobre as novas psicoterapias. Raciocinei que se as pessoas, em escala maciça, pudessem libertar-se dos padrões psicológicos e dos impasses da História, toda a nossa concepção da saga humana mudaria, e a própria História, como a conhecíamos — a guerra entre estados nacionais, a batalha entre classes, a eterna

Esta entrevista, conduzida por Jay Levin, saiu publicada no *LA Weekly* de 20-26 de maio de 1988. Metade dela foi feita em um restaurante mexicano de Malibu; o resto, no carro esporte de Jay, enquanto percorríamos a Rodovia do Pacífico.

luta pela igualdade dos homens —, tornar-se-ia meros comentários de pé de página nos anais da espécie humana. Ao que parecia, era apenas questão de uns poucos séculos.

A essa noção McKenna respondia com extrapolações de química molecular, física, etnobotânica, matemática do caos, Jung, McLu-
han e muito mais. E o que tornava o seu discurso mais irresistível, pelo menos durante a minha própria meditação sob o efeito da mescalina, era o seu argumento de que, se a espécie humana for, algum dia, capaz de transcender a sua angustiada História, isto se deverá principalmente ao impacto, através dos tempos, daquilo a que McKenna se refere como "xamanismo botânico". Em outras palavras, aos alucinógenos que Deus nos oferece — cogumelos, mescal, ayahuasca, ipoméias etc.

Vim a saber depois que McKenna jamais conheceu Timothy Leary, a quem provavelmente irá substituir como o principal porta-voz da experiência psicodélica em nossa cultura. Naquilo em que Leary era brilhante e original, tanto em sua experimentação quanto em seus argumentos, McKenna é brilhante, erudito e sacerdotal (na melhor acepção do termo). De fato, embora produto dos anos 60, McKenna, hoje com 41 anos de idade, adquiriu o seu fascínio pela "etnofarmacologia", como ele a chama, não através de Leary, mas através de Aldous Huxley, pensador mais cauteloso e espiritual, cujo livro *As Portas da Percepção* ele leu quando tinha quatorze anos. Filho de um caixeiro-viajante que vendia equipamento elétrico pesado e de uma dona de casa em Paonia, pequena cidade basicamente fundamentalista do Colorado, McKenna recorda que o livro o deixou "completamente arrebatado". "Lembro-me de ter andado atrás de minha mãe, na cozinha, dizendo-lhe que, se um décimo do que o autor dizia era verdade, então eu não queria fazer outra coisa da minha vida." De fato, o que ele fez foi dedicar vinte anos ao estudo dos fundamentos filosóficos do xamanismo, do uso de alucinógenos na transformação do espírito e do enorme potencial e impacto dos alucinógenos naturais

sobre a evolução da cultura planetária e sobre o surgimento da "metaconsciência".

McKenna tomou o seu primeiro alucinógeno — LSD — nos anos 60, em Berkeley, onde, como estudante, participou dos movimentos em favor da liberdade de expressão e contra a guerra. Terminado o ginásio (sua matéria preferencial foi história da arte), ingressou em um programa especial, destinado a alunos talentosos, no qual "a literatura, a arte, a ciência, a matemática e tudo mais referente a diversos períodos históricos era estudado em profundidade". Esse programa lhe deu a base para o que ele chama de sua "abordagem de painel" da história da consciência humana.

Em meados do curso superior, perseguido pela polícia de Reagan em virtude do seu ativismo político (participou das barricadas de rua durante a greve estudantil de 1968 na Universidade Estadual de San Francisco), McKenna resolveu tirar um ano de licença e foi trabalhar como historiador de arte no Nepal, onde tentou "incorporar a experiência psicodélica em um modelo budista". Isso o levou a estudar o xamanismo tibetano. Verificou que ambas as culturas usavam drogas psiquicamente ativas em suas explorações da consciência — haxixe e uma erva local chamada datura. Foi assim que começou a investigar a verdadeira natureza do xamanismo. Mais tarde, completou o seu curso na Faculdade de Conservação de Recursos Naturais, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde, diz ele, "organizei a minha própria matéria preferencial, o xamanismo".

Além dos seus amplos conhecimentos, o que torna McKenna fascinante é que ele experimentou, pessoalmente, quase todo tipo de alucinógeno ou psicotrópico conhecido ou inventado pelo homem, e, no entanto, no decorrer de todas essas experiências, conseguiu preservar a visão clara e científica do observador intelectual que, após a experiência, é capaz de descrever, com detalhes extraordinariamente lúcidos, tudo o que viu e sentiu. Dessa forma, experimentou níveis de consciência descritos por alguns dos grandes místicos do passado; mas, ao contrário da maioria deles, pôde

estabelecer uma relação entre as suas experiências e a evolução cultural e histórica da espécie humana.

Essas experiências levaram-no a uma profunda e suprema conclusão: a espécie humana atingiu a sua condição de domínio através do uso de alucinógenos que ocorrem naturalmente em nosso mundo, e não ultrapassará o seu atual primitivismo nem atingirá novas dimensões de consciência evoluída sem o uso adicional desses meios naturais de expansão da consciência. Segundo McKenna, que não aprova as drogas populares — crack, smack etc. — nem o seu uso, a farmacologia deve ser confiada a psicoterapeutas profissionais especialmente treinados — os xamãs em potencial da cultura pós-moderna —, e ele tranquilamente propõe a ampla legalização do uso dessas substâncias por profissionais.

Hoje em dia, quando não está realizando alguma conferência ou procurando novos psicotrópicos naturais nas florestas do mundo, McKenna se divide entre a sua casa, no condado de Sonoma, e o horto Botanical Dimensions, no Havaí, que é um empreendimento sem fins lucrativos destinado a preservar, contra os estragos da civilização, as plantas medicinais naturais da Terra e aquelas de importância para o xamanismo. Frequentemente, dá aulas a psicoterapeutas e atua como consultor pessoal de alguns deles.

— Jay Levin

JL: Pelo que você diz, o LSD não é verdadeiramente "xamanístico", ou seja, não provoca as formas superiores de "alucinação", visão ou consciência induzidas por produtos naturais como os cogumelos que contêm psilocibina. Como o LSD se compara a outros alucinógenos?

TM: Quando moço, eu costumava tomar LSD cerca de uma vez por mês, mas nunca fui grande entusiasta dessa droga. Para mim, o LSD era abrasivamente psicanalítico e, além disso, dificilmente me trazia alucinações. Dado o meu interesse pelo misticismo, pela arte etc., eu dava grande valor à alucinação.

Depois, vim a conhecer o DMT [dimetiltriptamina], em come-

ços de 1967. O DMT, composto vegetal natural que hoje é sintetizado em laboratório, é o psicotrópico mais potente de todos, e a sua ação é extremamente rápida. Quando o usei pela primeira vez, disse comigo mesmo: "Isso não é uma droga, é mágica! É uma dimensão da realidade que muita gente nem sabe que existe."

Na verdade, foi o DMT que tornou possível a minha dedicação à experiência psicodélica. O DMT era muito mais forte, muito mais exótico, provocando todo tipo de perguntas acerca do que é a realidade, o que é a linguagem, o que é o ser, o que é o espaço-tempo tridimensional — todas essas questões que iriam me ocupar nos vinte e poucos anos que se seguiram.

E senti que a experiência psicodélica era a reconquista do nosso patrimônio hereditário. O número de pessoas e culturas que cresceram e morreram sem jamais terem tido a menor noção dessa experiência é, para mim, o aspecto mais chocante da situação humana. Porque ninguém se torna um ser humano plenamente amadurecido, em contato com o potencial da realidade, sem ter tido alguma experiência psicodélica. Não é necessário adotá-la para sempre — ou abusar dela —, mas é preciso saber que ela existe. E só há uma forma de saber que ela existe: experimentá-la.

JL: Tim Leary dizia mais ou menos a mesma coisa nos anos 60, e se deu mal. Com você, foi diferente. Por quê?

TM: Não creio que possamos aprender muita coisa revendo o modo pelo qual Leary, Alpert ou Ralph Metzner abordaram a questão nos anos 60. Mas tentar lançar uma "cruzada de crianças", querer determinar de antemão o destino dos filhos da classe média, usando a mídia como vanguarda, era um negócio muito arriscado. E me parece que as consequências foram péssimas.

A abordagem de Huxley me parece muito mais inteligente — não tentar alcançar o maior número possível de pessoas, mas atingir aquelas mais importantes e influentes: os poetas, os arquitetos, os políticos, os pesquisadores e, especialmente, os psicoterapeutas. Porque isso de que estamos falando é a melhor coisa que aconteceu aos psicoterapeutas desde o estudo dos sonhos. Costumo dizer que os alucinógenos são para a psicologia o que os telescópios foram

para a astronomia do século XVI. Quem não se dispõe a olhar através de um telescópio não tem o direito de se chamar de astrônomo. E se alguém não está disposto a aprender as lições dos compostos psicotrópicos, então qualquer terapia que faça — qualquer intervenção com a psique humana — é inútil. Esses compostos são os agentes mais poderosos que existem quando se trata de revelar a estrutura e o potencial da mente humana.

JL: Você tem dito que a psilocibina é o mais importante dos alucinógenos naturais. Qual a sua experiência nesse sentido?

TM: Na verdade, a minha primeira experiência com a psilocibina ocorreu quando eu estava na América do Sul, na Amazônia. A experiência com o DMT tinha me servido de bússola. Disse comigo: "Ah-ah! É para lá que queremos ir." Mas o vislumbre produzido pelo DMT dura apenas cerca de três minutos, e nós — o meu irmão e eu — tínhamos a impressão de que, se pudéssemos permanecer naquele estado durante 45 minutos, talvez aprendéssemos algo realmente assombroso. De fato, a coisa é interminável. Levamos a um mundo da mais completa beleza que um ser humano pode conceber.

JL: Como foi a sua primeira experiência com cogumelos?

TM: O que me espantou nos cogumelos, e continua me espantando, é que a experiência é *animada*: há alguém *falando* com você. Na verdade, era uma voz dentro de minha cabeça, falando coerentemente, em inglês, sobre as questões que eram mais importantes para mim pessoalmente. Eu não estava preparado para isso.

JL: Essa voz lhe pareceu diferente daquela que você normalmente usa quando fala consigo mesmo?

TM: Sim, e vi que a informação que eu recebia não era algo que pudesse me ocorrer, o que provava que a voz vinha de outra pessoa. Acho que o que realmente acontece é que se estabelece um diálogo entre o ego e aquelas partes mais amplas, mais integradas da psique, que normalmente permanecem ocultas. O ego talvez seja uma

invenção bastante moderna — coisa de um ou dois mil anos —, uma adaptação razoavelmente moderna da psique ao meio ambiente. Uma das coisas que verifiquei na Amazônia é que os indígenas alegam ingressar em uma mente grupal quando ingerem *ayahuasca*, e é à base dessa voz que tomam decisões em nome da tribo: onde caçar, a quem irão combater, para onde se transferirem etc.

JL: Em uma base visionária ou oral?

TM: Visionária e oral. Coletivamente. Percebem o que fazer como coletividade. Acredito que se trate de uma dissolução do poder do ego, permitindo que ele entre em contato com o que chamo de Supermente e que outros poderiam chamar de superego. Em outras palavras, essa força organizadora, muito mais ampla, muito mais sábia, que trazemos dentro de nós, mas à qual geralmente só temos acesso em situações de crise ou de extrema tensão psicológica. E então vem-nos um clarão de sabedoria. Estamos viciados em pensar com o ego. O alucinógeno dissolve essa dependência química ou psicológica, substituindo-a pelos fatos que realmente importam: como o indivíduo se encaixa na vida e na organização deste planeta, como todas essas coisas existem há muito tempo e chegaram ao seu estado atual.

Foram as minhas leituras de Jung, ocorridas muito cedo, que me colocaram em contato íntimo com essa noção do ser como modalidade de existência maior e mais inclusiva do que aquela oferecida pelo ego. Não me interessa entrar em questões como "Será a voz de Deus?" ou "Será um extraterrestre?" Não creio que, no estágio atual, possamos conhecer a resposta. Mas o importante é que a Supermente nos conhece melhor do que nos conhecemos a nós mesmos, e, conseqüentemente, é uma fonte de estabilidade, de gnose, de informação, que é o que falta à maioria das pessoas, as quais têm contato apenas superficial com o seu próprio destino, o seu próprio nascimento, a sua própria morte.

JL: Voltemos à estrutura do ego. Qual a evidência empírica de que ele surgiu há apenas dois mil anos?

TM: Você conhece aquele livro de Julian Jaynes, chamado *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*? A argumentação é muito interessante. Diz o autor que, até os tempos homéricos, as pessoas viviam de modo bastante automático, e que, quando alguém se deparava com alguma grande dificuldade, ouvia dentro de si, de repente, uma voz que lhe dizia: "Você está em apuros. Eis o que deve fazer." Dizia-se que aquela era a voz de Deus, ou de um deus, ou de um rei (vivo ou morto). Foi isso que veio a ser o ego, a voz que hoje chamamos de "eu", algo que foi assimilado, com o advento da civilização, como meio necessário de adaptação à sociedade. Hoje, emergindo dos tipos de estruturas lineares e dualistas que nos foram impostos pelo cristianismo, pela mídia impressa e por vários fatores culturais, precisamos restabelecer uma conexão com o próximo nível da Supermente — uma espécie de consciência global, ecologicamente sensível, equilibrada, humana, amorosa, à qual só com muito esforço podemos ter acesso, através da autodisciplina, da psicoterapia, dos psicotrópicos etc.

JL: Ao estudar os sistemas espirituais e as drogas, você constatou que elas são utilizadas pelos budistas tibetanos?

TM: Não tanto pelos budistas, mas terminei passando cada vez mais tempo com os xamãs pré-budistas. Depois, fui à Índia. Eu tinha estudado ioga, mas o que os textos da ioga não dizem é que quase todos os *sadhus*, quase todos os iogues, são fumantes inveterados de haxixe e/ou usam *datura*, e naquela época, em fins dos anos 60, estavam absolutamente fascinados pelo LSD e pelas drogas alucinógenas oriundas do Ocidente.

JL: Havia uso de drogas entre os xamãs pré-budistas?

TM: Não creio que haja realmente alguma diferença. Isto é, se você estudar cuidadosamente o xamanismo, verá que a parte vital do xamanismo é o xamanismo de plantas alucinógenas.

JL: Qual o nível de consciência e manifestação mística dos xamãs, em comparação com o dos gurus dos *ashrams* da Índia?

TM: Como anarquista e cético que sou, pareceu-me que a Índia é um tipo muito estratificado de fraude. Não sou fã dos gurus. Acho que eles já fizeram o que podiam fazer por nós, e lhes somos gratos, mas não se trata de algo que deva interessar a pessoas sofisticadas. Não quero dizer que lá não existam pessoas dotadas da sabedoria que a vida nos dá, capazes de nos dizer como se deve viver, como se deve morrer, como manter um relacionamento, como dar à luz uma criança etc. etc. Mas os alucinógenos voltam-se para o lado invisível da realidade, para aquilo que é inteiramente desconhecido, para o que é transcendentemente exótico, e é isso o que me interessa. As descrições clássicas de Deus, sejam da cabala, do misticismo cristão ou do misticismo sufista, falam sempre do inexprimível. E os alucinógenos nos conduzem, através de nossa linguagem local, a essa região inimaginável.

As pessoas precisam tornar-se mais capazes, e ninguém consegue fazer isso confiando o seu desenvolvimento espiritual a um guru. Tornamo-nos capazes assumindo a responsabilidade por nosso próprio desenvolvimento espiritual, olhando à nossa volta e vendo o que é possível fazer. De certa forma, vejo a Nova Era como uma fuga da experiência psicodélica. As pessoas se dispõem a fazer tudo — submeter-se a técnicas para "renascer", mensagens terapêuticas, o que seja —, menos ingerir um alucinógeno. Porque sabem instintivamente que a experiência psicodélica é real. Fica-se realmente ligado. Não é como uma prolongada sessão de tambores ou de psicanálise.

Portanto, a questão se resume no conflito entre o cidadão e o ser. O cidadão é uma definição extremamente limitada do potencial humano. O ser é uma definição tão ampla do potencial humano que chega a ameaçar as obrigações do cidadão.

JL: Como uma pessoa inteiramente auto-realizada encara a vida?

TM: Eu não me considero inteiramente auto-realizado, de modo que só posso responder a essa pergunta pela metade. Para mim, a vida parece extremamente promissora. O potencial humano é tão vasto! Não existem problemas que não possamos resolver se os

enfrentarmos com a mente aberta. Ora, a atual teoria da solução de problemas é que devemos resolver todos os nossos problemas de modo a ganhar dinheiro. Admito que seja possível resolver os problemas do século XX e ganhar dinheiro ao mesmo tempo. Mas, se pusermos de lado essa noção, o futuro humano nos parecerá infinitamente promissor, porque a mente humana parece ser um canal muito mais aberto em relação a Deus do que imaginam aqueles que ignoram a experiência psicodélica. E Deus parece ser uma força muito mais benévola e mais envolvida nos negócios humanos do que o tipo de imagem que herdamos da religião ocidental.

Ora, por que o ato de ingerir uma droga alucinógena natural como a psilocibina haveria de nos trazer esperança? É porque nos põe em contato com o verdadeiro conjunto de valores e informações inerentes ao planeta, os valores da biologia, os valores do organismo, e não os valores do consumidor.

JL: Quais são esses valores planetários?

TM: Em primeiro lugar, a vida. Não devemos temer a morte: ela é parte natural do processo. A sexualidade é o ponto mais alto da experiência existencial, e assim por diante. São, de fato, os valores humanitários, afetivos, ecologicamente sensíveis que a Nova Era, o movimento ecológico etc. tentam comunicar. O problema é que esses movimentos imprimem a tudo, de imediato, um caráter político, transformam tudo em agendas, fazem da oposição o inimigo, para em seguida adotar a velha política do primata que nos levou ao atual impasse.

JL: Política patriarcal?

TM: Política patriarcal. A política da propaganda. A política do dinheiro. A política do desespero. Sou um ativista político, mas acho que o primeiro dever de um ativista político é tornar-se psicodélico. Do contrário, não estará agindo com o conhecimento de todo o campo de ação. O fato é que precisamos restaurar a importância dos valores humanos na discussão das prioridades

políticas. Foi o que se tentou fazer nos anos 60; hoje, se alguém se erguesse para dizer que o amor é a solução, seria tachado de ridículo. O amor é inconcebível no ambiente atual.

JL: Seria útil, a esta altura, definirmos o xamanismo.

TM: O xamanismo é o uso de técnicas arcaicas de êxtase que foram desenvolvidas independentemente de qualquer filosofia religiosa — técnicas empiricamente comprovadas e experimentalmente operacionais, que produzem o êxtase. O êxtase é a contemplação do Todo. Por isso quem experimenta o êxtase — quem contempla o Todo — volta refeito política e socialmente, porque teve uma visão mais ampla.

JL: Como essa visão mais ampla se manifesta na ação xamanista?

TM: Através da capacidade de curar, o xamã pode conferir integridade psicológica a quem lhe traz os seus problemas. Atua como um exemplo. É como se fosse sobre-humano, pela simples razão de estar intato, de não estar confuso. Sabe quando se apegar às coisas e quando deixá-las passar. O que destrói a esperança é a inércia e o impulso da atividade psicológica negativa. O que o xamã percebe é que o impulso da atividade psicológica negativa é, na verdade, uma ilusão. E pelo mero fato de mudar de pensar, a pessoa se afasta e o impulso passa por ela, que então se transforma. Trata-se, portanto, da forma de pensamento com que o xamã trabalha: a visão que ele tem é mais ampla porque ele não pertence realmente à cultura em que vive. Verifiquei isso muitas e muitas vezes. Cada cultura tem suas peculiaridades, suas fobias, seus equívocos próprios. O xamã pode parecer membro da cultura em que vive, mas é mais amplo, mais profundo, mais alto e mais largo do que a cultura que o criou.

Em meu modo de ver, um grande psicoterapeuta pode ser um grande xamã — e existem psicoterapeutas muito competentes. Não citarei nomes porque não quero magoar ninguém. Admiro os psicoterapeutas transpessoais. Acho que eles estão tentando restaurar

a instituição do xamanismo sob uma forma moderna. O que precisam compreender é que estão perdendo tempo, a não ser que usem os instrumentos xamanísticos. E o principal instrumento dos xamãs é a técnica do êxtase, quer dizer, as plantas alucinógenas. Seria absurdo dizer a um xamã da América do Sul que ele pode trabalhar sem as plantas. Seria como sugerir a um piloto de acrobacias que ele pode trabalhar sem um avião. E hoje estamos próximos da catástrofe global sem ter usado os instrumentos que temos à mão e que poderiam nos salvar. Isso é estupidez. Estupidez pura e simples.

JL: Qual é hoje a sua noção da cultura ocidental?

TM: Acho que as nossas opções serão cada vez menores. Por mais que eu deseje esquecer a era Reagan, a primeira metade da década de 90 constituirá uma nova exploração daquelas modalidades culturais absurdas: religião fundamentalista, repressão cultural, colapso da autoridade central. A epidemia de AIDS cai como uma luva nas mãos dos que desejam reprimir e distorcer a miséria humana. Acho que estamos às vésperas de uma Nova Era. Acredito que ela virá, mas penso que virá no fim da década de 90. Ainda vamos passar por muita coisa. Porque as instituições culturais só irão pisar no freio de emergência quando tudo estiver caindo aos pedaços. Como você sabe, a forma atual de civilização é como um navio que vai afundando.

JL: Por outro lado, pode-se argumentar que a mente coletiva já tomou decisões coletivas acerca da cura coletiva, que o processo de cura e o despertar de uma consciência coletiva já estão em andamento. Em outras palavras, que o movimento psicanalítico, o movimento espiritual (tal como existe hoje), o movimento ecológico, a rebelião cultural — tudo isso, de fato, constitui a base de uma profunda mudança positiva. Os alucinógenos tiveram algo a ver com tudo isso, e continuam a desempenhar o seu papel, mas não se pode esperar que a nossa cultura venha a fazer uso maciço de alucinógenos.

TM: Concorro. Não estou preocupado. Penso que estamos indo muito bem. Tudo está no caminho certo, desenvolvendo-se como deveria. O importante é ter consciência disso, de modo a se poder contribuir para o processo, em vez de se permanecer imobilizado pela ansiedade. Comparo isso a um parto. O parto não parece uma coisa natural: alguém está se dividindo em dois, à custa de muito derramamento de sangue e perda de vísceras. Parece mais morte do que vida. Na verdade, porém, é um processo inteiramente natural. O que se deve fazer, portanto, é tranquilizar a mãe, a fim de que se conscientize de que aquilo vai terminar, que tudo faz parte de um plano.

JL: Quantas vezes você tomou LSD?

TM: Vejamos. Ao todo... não sei, talvez umas 150 vezes, quando eu era jovem. Não é demais. Acho que, quando feitas corretamente, essas coisas nos dão muito em que pensar. O que eu definitivamente não aprovo é o que muita gente faz: *trapacear* com a droga. Se você não está tomando tanto que, ao tomá-la, receia ter exagerado, então não tomou o bastante. Não me refiro à maneira como as pessoas tomam uma droga para ir ao cinema, à praia, ou coisa parecida. Falo do que chamo de doses "heróicas" e doses "de cometimento". E se você só toma doses heróicas, então cada viagem é importante. Não precisa repeti-las mais de três ou quatro vezes por ano para sentir-se inteiramente psicodélico.

JL: O que é uma dose heróica de psilocibina?

TM: Cinco gramas. Cinco gramas derrubam o ego mais resistente.

JL: E de mescalina?

TM: Oitocentos miligramas. Gosto menos de mescalina, que é uma anfetamina, com efeito violento sobre o organismo.

JL: E mescal?

TM: Posso resumir minhas respostas da seguinte forma. Há três perguntas que você deve fazer acerca da droga que pretende tomar. Primeiro: ela ocorre naturalmente em uma planta ou em um animal? Porque a natureza testou esses compostos através do uso ao longo de milhões e milhões de anos. No caso de uma droga que saiu do laboratório há quatro ou cinco anos, o que podemos saber? Portanto, a droga deve ser um produto do mundo natural. Segundo: existe uma tradição do uso da droga por seres humanos? No caso dos cogumelos, sim. No caso da mescalina, sim. No caso do LSD, não. No caso do êxtase, não. E terceiro, o que é mais importante: a droga deve ter certa afinidade com a química do cérebro. Não deve ser algo como ir à Lua, mas ter certa relação com os fatores que induzem a consciência humana. Este último critério é o mais difícil, porque a mescalina não passaria no teste. O LSD não passaria no teste. Acho que as drogas devem ser o menos "invasivas" possível, e sei que estou na trilha certa, porque as drogas psicodélicas mais fortes que existem são as que atuam por menos tempo. O que significa isso? Significa que o cérebro reconhece o composto e, dentro de alguns minutos, pode neutralizá-lo completamente. O DMT é o alucinógeno mais forte de todos, e o seu efeito dura somente cinco minutos. Vinte minutos depois de ingeri-lo, é como se você nunca o tivesse tomado.

A natureza é a grande guia em tudo isso. A química natural do cérebro. A história natural do planeta. As instituições xamanistas de pequenos grupos de seres humanos que ainda estão em contato com valores sociais razoáveis.

JL: Façamos uma tentativa de definir esquematicamente as suas várias experiências. Você disse, certa vez, que algo o aproximou mais daquilo que os gnósticos e cabalistas chamam de Logos, a fonte suprema do conhecimento. Se tivesse de fazer um diagrama dos níveis de subconsciência que experimentou, como seria esse esquema?

TM: Acho que seria assim: a psilocibina "fala". A voz que fala na psilocibina é absolutamente extraordinária. O DMT combina a voz que fala com o olho que vê. O aspecto mais extraordinário da

experiência com o DMT é que você vê *entidades*. Encontra seres que eu já descrevi como elfos mecânicos que se autotransformam. São os habitantes dessa outra dimensão. Estão tentando nos ensinar alguma coisa. Ou eu estou completamente louco, ou então essa é uma boa notícia. As pessoas normais — as pessoas céticas —, quando tomam DMT, se transportam a algo que é essencialmente o palácio do Rei da Montanha, em meio a uma festa de gnomos. Não estamos preparados para isso. Esperamos que tudo se enquadre nos mapas racionais que a ciência nos deu, e a ciência não descreve um universo hiperdimensional, habitado por inteligências alienígenas com as quais possamos manter contato instantaneamente se recorrermos a certo composto químico. A ciência mal pode admitir que, a anos-luz de distância, seja possível haver seres vivendo em planetas que orbitam outra estrela.

JL: Que sistema metafísico já existente descreveria essa experiência? O sufismo estaria perto disso?

TM: Ocorrem-me as regiões de paz e contentamento do budismo mahayana, regiões de muitos níveis, habitadas por muitos seres, onde rondam demônios e onde Buda costuma ressurgir. O budismo mahayana insiste em que realmente não existe um centro, que tudo é produto do tempo e do espaço, o que é uma psicologia altamente sofisticada. Mas não me inclino a adotar a ética budista, porque o budismo diz que o sofrimento é inevitável, e isso não é um ponto de vista psicodélico. Acho que a psicologia do budismo é a camada mais antiga, emanada do xamanismo. Em todo o mundo, o xamanismo insiste em que o universo tem muitos níveis, que é habitado por seres capazes de nos fazer muito bem ou muito mal. E seres que não se importam absolutamente conosco, seja para o bem ou para o mal.

JL: Já que estamos explorando as cosmologias existentes, como você vê a mentalidade cristã? Falo do ponto de vista cristão como o ponto de vista do coração.

TM: Para mim, essa é uma área problemática. Acho que, se você quisesse falar da abertura do coração, uma metáfora mais viável

seria o renascimento da Deusa. O problema do cristianismo é que ele é, isoladamente, a forma mais reacionária da história humana. Nem sei o que viria em segundo lugar, de tal maneira o cristianismo se distancia na frente. E acredito que a destruição do paganismo foi provavelmente o maior desserviço jamais prestado à evolução da psique humana. A repressão da feitiçaria é realmente a repressão do conhecimento botânico, do xamanismo. Portanto, vejo o cristianismo como parte desse malabarismo paternalista.

JL: Você parece inferir que o mais alto xamanismo é o xamanismo das plantas, e que o paganismo representa uma forma superior de consciência, por estar em contato com seres de outro nível. Mas, na prática espiritual judaica, existem evidências demonstráveis de que, através de um estudo conjunto da cabala e da Torá, é possível a uma pessoa atingir altos graus de poder xamanístico sem o uso de drogas. Os cabalistas também reconhecem o nível pagão como nível superior de consciência, o qual, embora atingível e real, não é o mais elevado ou o mais transcendente ou o mais próximo de Deus. Segundo eles, o estudo conjunto da cabala e da Torá pode nos conduzir a uma dimensão muito mais elevada que as drogas — ou qualquer forma de budismo.

TM: Não estou familiarizado com o misticismo judaico, mas sei que ele é importante. Tenho a impressão de que as abstrações do tipo representado pela teoria cabalista baseiam-se diretamente na experiência, e fazem parte do movimento histórico que nos levou à ciência moderna, à teoria aristotélica, ao dualismo, ao materialismo etc.

JL: Você acredita que as suas visões lhe deram certa noção do rumo que estamos seguindo. Mas existe, de fato, algum "ponto opcional", algum momento em que o indivíduo — ou a espécie humana coletivamente — tem de optar entre um rumo ou outro? Ou será que existe na História certo rumo que seguimos naturalmente?

TM: O que é preciso observar é que a realidade não é estática. Isso é uma das coisas que as drogas tentam nos ensinar: que a

realidade em que estamos imersos é, por si mesma, um organismo que evolui rumo a uma conclusão. A história do século XX não é apenas um acaso ou uma anomalia — é a culminância de um processo que se vem desenvolvendo desde que o planeta existe. Não estamos alienados nem fora da natureza; de certo modo, somos uma das forças que a determinam. E essa vasta produção de edifícios e estradas e todas as coisas que caracterizam o mundo moderno é, na verdade, um aspecto do mundo natural. Tampouco é inatural a evolução da inteligência técnica em nosso planeta, embora esta seja recente.

Os seres humanos são, portanto, os agentes naturais de uma compressão, de uma tensão que se vem acumulando no mundo temporal no sentido de uma transição para certa dimensão superior de existência. A História vai terminar. Esta é a conclusão surpreendente a que eu chego a partir da experiência psicodélica. E todos os cenários do fim da História que acompanham o pensamento humano a esse respeito, desde o Apocalipse de João até as mais recentes profecias dos cultos dos discos voadores, são tentativas de resolver a intuição de um afastamento transcendental em relação ao mundo normal que conhecemos.

Examinando as atuais tendências culturais e extrapolando-as, é razoável supor que, na época em que termina o calendário maia — ou seja, no ano 2012 —, não seremos capazes de nos reconhecer; que aquilo que tomamos por criações nossas, os computadores e a tecnologia, é na verdade outro nível de nós mesmos. E que, quando terminarmos esta peregrinação através do labirinto profano da História, recuperaremos aquilo que conhecíamos no início: a união arcaica com a natureza, uma união inconsútil que dispensa a mediação da linguagem, a mediação das noções do eu e do outro, de vida e de morte, de civilização e de natureza. Todos estes são dualismos temporários e provisórios dentro do labirinto da História. Esse Retorno à Cultura Arcaica significa que todas as nossas religiões não foram mais que pálidas imitações do verdadeiro Mistério. E então as pessoas dirão: "Agora compreendo! Agora entendo o porquê das pirâmides, o porquê da queda de Roma, o porquê de Auschwitz, o porquê da bomba de hidrogênio." Todas essas coisas são marcos no caminho do desígnio transcendental. E

quando o atingirmos, toda a experiência humana será inundada de significado.

JL: Mas, para que as pessoas se transformem dessa maneira, readquirindo, em escala de massa, a harmonia com a natureza, precisaríamos estar coletivamente preparados para resolver, da noite para o dia, certas questões de nível de consciência inferior, como a poluição do planeta ou o conflito entre árabes e israelenses. Para que isso acontecesse, não seria necessário algum tipo de evento transcendente? A visita de um disco voador? Uma guerra nuclear? Não sei, estou tentando permanecer racional.

TM: Parece-me altamente improvável que tal coisa venha a suceder. Contudo, considere o fenômeno da linguagem em nossa espécie. Que probabilidade tinha esse fenômeno, antes de acontecer? Representa certo tipo de interseção entre a espécie dos símios e alguma força transcendental. E, no entanto, depois que aconteceu, passou a ser visto como inerente à nossa organização biológica.

JL: Nada em suas experiências com as drogas lhe indicou qual possa ser esse determinado evento xamanista?

TM: Acho que poderia ser algo assim: o desígnio transcendental, que vem sendo bem descrito desde o século XVI, é a união do espírito com a matéria. O desígnio transcendental é matéria que atua como pensamento, uma porta aberta à imaginação. É onde todos passaremos a viver. Por isso a experiência psicodélica é tão importante — porque prenuncia uma vida vivida inteiramente na imaginação.

Você pergunta: "Como poderia ser isso?" Bem, apenas como hipótese, suponhamos que se encontrasse um meio de integrar a inteligência humana à inteligência das máquinas, criando-se assim uma cultura na qual seria impossível distinguir psicologicamente entre os seres humanos e as máquinas. Isso nos permitiria influenciar as dimensões dessa interação. E se vamos criar outra dimensão, por que não criar o paraíso? De modo que o que hoje vemos como

um desígnio transcendental pode ser uma tecnologia comercializável no ano 2012.

JL: Em outras palavras, você está dizendo que o evento transcendental pode perfeitamente ser a criação, até o ano 2012, de um programa de computador com o qual interagiríamos a fim de atingir um estágio elevado de existência? Talvez criado por algum genial metafísico e programador de computadores durante uma viagem induzida pela psilocibina?

TM: Sim, um programa de computador. Os dois conceitos, drogas e computadores, vêm-se aproximando um do outro. Se você acrescentar o conceito "pessoa" e disser que esses três conceitos — droga, computador e pessoa — estão se aproximando um do outro, verá que é o corpo simiesco que ainda mantém em funcionamento grande parte da nossa estrutura lingüística. Mas, se o corpo simiesco se dissolvesse, tenderíamos muito mais a nos definirmos como informação pura. Acho que é isso que está acontecendo — que, depois do ano 2012, todos se tornam tudo. Todas as possibilidades se realizam, até mesmo possibilidades que se excluem mutuamente. Porque a resolução e a realização dessas possibilidades ocorrem em um tipo diferente de espaço — o espaço "nanotecnológico" ou psicológico, ou uma verdadeira hiperdimensão. É muito difícil imaginar como será isso, pois simplesmente não dispomos das metáforas e da experiência que nos permitiriam conhecer o futuro para o qual estamos caminhando.

JL: Suponho que você não se refere a um fim literal do corpo simiesco, e sim a uma transcendência do modo como vemos e usamos esse corpo. Suponho que não acredita que não teremos mais sexo nem procriação.

TM: Claro que não. Teremos tudo o que temos hoje.

JL: Você pode conceituar — ou visualizar — a natureza do programa de computador que facilitaria esse processo de consciência superior?

TM: Na verdade, eu desenvolvi um programa a que chamo Onda do Tempo Zero. Trata-se de uma onda fractal, uma descrição mecânica do tempo que mostra que todos os tempos são, na verdade, padrões de interferência criados por outros tempos em interação uns com os outros, e que todos esses tempos têm origem em um único estado final. Versões avançadas desse tipo de programa podem ser criadas nos 24 anos que nos restam até o ano 2012.

Não se trata de algo que os seres humanos devam decidir se farão ou não — é algo que já está acontecendo! O importante é conceber o que irá acontecer, de modo a permitir que nos incorporem ao processo. Os alucinógenos são úteis a essa integração porque nos dão uma antevisão do desígnio transcendental. Todas as religiões são uma antevisão do desígnio transcendental. Todas as grandes personalidades, de certa forma, antevêem e incorporam o desígnio transcendental. A coisa não vai demorar séculos ou milênios. Está aqui, agora. É o que explica esse vertiginoso mergulho na novidade que o século XX representa. O século XX não faz sentido a não ser que termine em uma completa transformação da espécie. A morte nuclear e os fatores preservadores da vida são tão inextricavelmente interligados que a competição continuará a ser uma verdadeira corrida até o último instante.

Em uma de minhas palestras, fiz a pergunta: "Que cogumelo surgirá no fim da história humana? O de Teller, Fermi e Oppenheimer, ou o de Albert Hoffman, Gordon Wasson, Richard Evans Schultes e Timothy Leary?" Creio que os não-iniciados terão muita dificuldade em decidir no que apostar. Mas o próprio fato de você e eu estarmos travando esta conversa prova que esse evento está próximo. Essas coisas não poderiam ser ditas há trinta anos — ninguém compreenderia. Os pilotos que testam uma aeronave de alto desempenho usam a expressão "esticar o envelope", ou seja, levar a capacidade de desempenho ao limite máximo absoluto. É o que o século XX está fazendo ao planeta e ao organismo humano. Estamos esticando o envelope quando nos aproximamos não da barreira do som, mas, digamos, da "barreira da mente", da "barreira social". Não iremos nos desintegrar ou cair das alturas quando a atingirmos. Ao contrário, se houvermos projetado corretamente a

nossa nave social, passaremos através dela para uma região infinita de potencial de transformação humana.

JL: Certamente a cultura urbana não irá desaparecer.

TM: Não, mas um novo processo de projeto dessa cultura emergirá da clara percepção das necessidades humanas, e não a atual percepção, obscura e politicamente discutível, do que são os seres humanos. Basicamente, estamos seguindo aos trancos por uma estrada não em um Ford modelo T, mas em uma biga romana. E temos 24 anos para converter essa carroça em uma nave espacial. É por isso que a comunicação é tão importante. Devemos fazer todo o possível, colocar nossas melhores metáforas na mesa. Porque não podemos ir mais rápido do que a evolução de nossa linguagem. E isto certamente é parte do significado dos alucinógenos: eles *forçam* a evolução da linguagem. Ao que eu saiba, nenhuma cultura jamais tentou conscientemente desenvolver a sua linguagem com a convicção de que a evolução da linguagem é a evolução da realidade. E, no entanto, estamos às vésperas disso, conforme o mundo da publicidade já compreendeu, mas de modo pervertido. Se pudermos abandonar a idéia de ganhar dinheiro, se pensarmos em usar essa idéia para salvar a nossa pele, então nos aproximaremos mais do desígnio transcendental.

O que há de estranho na psilocibina, em minha carreira e na conversa que estamos tendo neste momento é que elas têm a ver com o reforço da linguagem. É isso que me torna diferente, o motivo pelo qual as pessoas comentam: "Você diz coisas que ninguém mais diz." Ou: "Você fala claro." A consequência social da experiência psicodélica é o pensamento claro — que se transforma em linguagem clara. Linguagem capaz.

JL: E se você estiver errado e, no ano 2012, o mundo continuar doente como sempre?

TM: Bem, pelo menos terei tido a coragem de fazer uma profecia específica. Em 2012, estarei com 65 anos de idade e, certo ou errado, sempre posso me aposentar.

JL: Por falar em linguagem capaz, uma observação que você fez e que me pareceu especialmente penetrante foi acerca do polvo como símbolo da próxima era. Gostaria de explicar?

TM: O modelo de comunicação que ocorre no polvo ainda não é bem conhecido. Os polvos mudam de cor, não para fins de camuflagem, como poderíamos supor, mas como forma de comunicação. Os rubores, manchas e faixas coloridas móveis que o polvo comum costuma ostentar refletem suas intenções linguísticas. A linguagem do polvo se manifesta na superfície da pele.

De modo geral, concebemos a telepatia como a capacidade de *ouvir* uma pessoa pensar. Mas uma noção mais sugestiva da telepatia seria a capacidade de *ver* as palavras de uma pessoa — e não escutá-las — como se elas fossem realmente objetos esculpidos. Eu digo alguma coisa e, em seguida, você e eu podemos examinar todos os ângulos do que foi dito. Não haveria ambigüidade. É isso exatamente o que sucede com os polvos. Os xamãs fazem o mesmo. As canções que eles entoam não se destinam a serem ouvidas; destinam-se a serem vistas por outras pessoas sob o efeito da droga. Essa transição do que é escutado para o que é visto é parte muito importante da revelação do designio transcendental.

Passaremos de uma modalidade linguística auditiva para uma modalidade linguística visual. Feita essa transição, a ambigüidade, a incerteza e o subterfúgio que há em nossos esforços de comunicação deixarão de existir. E é nesse ambiente de comunicação visualizada que se realizará o novo mundo do Logos.

JL: E as MTV e os computadores estão nos impulsionando nesse sentido?

TM: Exato, estão nos levando para lá.

JL: As experiências metafísicas sempre prometem que, uma vez que abandonemos o ego e chegemos ao verdadeiro conhecimento, passaremos de fato a sentir a realidade através da personificação de Deus — que supostamente somos —, e que essa personificação é alegria e amor, prazer imenso, percepção experiencial,

consciência resplendor bem além do que a maioria das pessoas jamais experimentou a níveis mais profundos. Como isso se coaduna com o que você sente?

TM: Para mim, a experiência sentida após a transição é um domínio no qual a atividade apropriada é aquela que requer o menor esforço. Em outras palavras, em nosso ambiente atual, o Tao e o ego parecem irremediavelmente opostos. Tudo é uma coisa ou outra. No mundo pós-transição, é possível que pareça existir somente o ego, quando na verdade haverá somente o Tao. E essa é uma boa definição prática do que seria uma sociedade telepática: atividade adequada. Apenas isso.

Imagine se todo problema fosse adequadamente resolvido, se todo relacionamento evoluísse adequadamente, se todo ato fosse o ato apropriado. Só isso já seria o Reino dos Céus. E acredito que é nesse sentido que estamos caminhando. Não pirotecnia cósmica nem a aterrissagem de seres alienígenas em discos voadores, mas simplesmente a atividade apropriada — experiência fortemente sentida — e o abandono da ilusão de separação.

Entrevista à *High Frontiers*

WN: Fale-nos da experiência que moldou a sua vida e a sua obra — a viagem à Amazônia.

TM: Na verdade, participei de várias viagens à Amazônia, a primeira em 1971, a mais recente em 1981. Em 1981, uma expedição etnobotânica conjunta, composta de membros das universidades de Harvard e Colúmbia Britânica, viajou até Iquitos, no extremo leste do Peru. O meu irmão, que trabalha como etnoquímico na Universidade da Colúmbia Britânica, também fazia parte dessa expedição. Estávamos estudando o *ayahuasca*, bebida alucinógena empregada em uma área muito extensa das selvas litorâneas do Equador, da Colúmbia e do Peru, e também um alucinógeno pouco conhecido, chamado *oo-koo-hey* ou *kuri-coo*, que é usado pelos índios uitotos, *boros* e *muinanes*, tanto um quanto outro tendo por base o DMT ou o DMT combinado com algum outro produto químico que propicia a experiência alucinógena. Trata-se provavelmente dos alucinógenos menos pesquisados de todos, embora o *ayahuasca* constitua importante religião popular em uma área bastante extensa. É utilizado em curas xamanistas e é bem conhecido pelas classes pobres das planícies litorâneas do Peru e da população de mestiços. Quanto ao *kuri-coo*, é substância bem menos conhecida. Estávamos estudando-o porque as teorias farma-

Esta entrevista, concedida a Will Noifke, foi publicada no nº 1 da revista *High Frontiers*, em 1984. De lá para cá, a revista passou por duas mudanças de nome e hoje se chama *Mundo 2000*.

cológicas ortodoxas dizem que ele não deve ser oralmente ativo, mas é. Portanto, havia um problema científico a resolver.

WN: Algo como descobrir uma nova realidade para a ciência?

TM: Bom, é preciso que haja um problema científico para justificar essas expedições. No fim, o que se estuda é a fenomenologia da droga, a droga tal como ela é experimentada — o que é bem diferente das questões farmacológicas que hoje estão sendo examinadas em laboratório. Mas a experiência de tomar essas drogas na Amazônia, subindo pequenos tributários do rio principal, entre pessoas pré-letradas, que definitivamente não pertenciam à classe média, e no ambiente da selva equatorial do continente, foi muito interessante, muito instrutiva.

WN: Como você reagiu a ela? Suponho que, pouco antes de fazer essa viagem, já havia experimentado outros alucinógenos e, de fato, estava querendo conhecer o efeito, a reação psicofísica em seu próprio organismo. No entanto, parece que encontrou algo inteiramente inesperado.

TM: Exato. Desde meados da década de 60, estávamos interessados na dimetiltriptamina, ou DMT, tanto em virtude da experiência que ela proporciona como da rapidez de sua ação. Quando se fuma essa droga, o efeito se faz sentir em cerca de quinze a trinta segundos. O conteúdo da experiência parecia ir além da noção ortodoxa do que deve ser a experiência psicodélica. Em outras palavras, a experiência psicodélica tem sido discutida em termos da expansão da consciência, ou da exploração do conteúdo do inconsciente pessoal ou coletivo, ou ainda de grande empatia com obras de arte etc. O que verificamos no uso das triptaminas é que parece haver uma dimensão imprevista, envolvendo contato com uma inteligência alienígena. Uso essa expressão por não dispor de outra melhor. Enteléquias organizadas apresentavam-se na experiência psicodélica com informações que pareciam não provir da história pessoal do indivíduo e nem mesmo da experiência humana coletiva. Mais tarde, viemos a perceber que esse efeito era peculiar

aos alucinógenos à base de triptamina. Em outras palavras, não só ao DMT, ao *ayahuasca* e às substâncias mais exóticas da Amazônia, mas também à psilocibina, que é provavelmente a mais empregada dessas drogas. Para mim, era espantoso que uma voz pudesse se dirigir a uma pessoa naquele estado e transmitir informações durante um diálogo. Gordon Wasson, que descobriu o cogumelo portador de psilocibina e o apresentou à ciência ocidental, também escreveu sobre esse fenômeno. O mesmo fez Platão, ao discutir a importância do Logos para a religião helênica.

Essa experiência de uma voz interior que nos guia, dotada de um nível superior de conhecimento, não é estranha à história do Ocidente, mas a aventura intelectual dos últimos mil anos fez com que tal idéia parecesse absurda, senão psicopatológica. Assim, na qualidade de farmacólogos modernos dedicados ao estudo dos alucinógenos, o meu irmão e eu nos deparamos com esse fenômeno. Nos anos seguintes, tratamos de estudá-lo e dirigir para ele a atenção de outras pessoas; diria que hoje há um consenso de que a experiência é real. Não existe, porém, um consenso a respeito do que ela é exatamente. Estaremos lidando com um aspecto — uma entidade psíquica autônoma, como diriam os adeptos de Jung —, um assunto que escapa ao controle do ego? Ou com algo semelhante a uma Supermente da espécie — um tipo de enteléquia coletiva? Ou, de fato, estaremos lidando com uma inteligência alienígena e com tudo o que isso implica? São perguntas difíceis de responder. Até mesmo abordar o assunto é difícil, pois o fenômeno só se manifesta quando se tomam doses heróicas.

WN: Existem paralelos bastante óbvios. Um dos que me ocorrem é Santa Joana d'Arc ouvindo vozes e recebendo orientação. Acontece que ela era uma moça do campo, e talvez tivesse uma horta onde cultivasse cogumelos. A História está cheia de vozes que são ouvidas no contexto da experiência religiosa, vozes que são sempre atribuídas a um "deus", qualquer que seja a imagem que este conceito evoque na pessoa que as escuta. Essa experiência não resulta — pelo menos não necessariamente — da ingestão de

drogas. Pode ocorrer através de alguma outra alteração da consciência humana.

TM: Certo. Sempre ocorre através de uma alteração da química interna do corpo e do cérebro. Mas essa alteração pode ser induzida por plantas ou por situações de estresse; ou uma pessoa ou linha hereditária pode simplesmente ser predisposta a esse tipo de coisa. Você tem toda a razão: a religião, como concebida em termos pré-modernos, é essencialmente a resposta humana ao problema do estímulo interno, embora muita gente afirme que se trata de um fenômeno que molda a cultura, ou mesmo dirige a cultura.

Infelizmente, nos últimos quinhentos anos a religião passou a ser uma pirâmide hierárquica em cujo topo os dogmas são interpretados por teólogos. As interpretações são transmitidas aos fiéis através de uma hierarquia. Acho que a noção de revelação direta perturba muito as hierarquias religiosas. Não obstante, a revelação direta é certamente bastante comum nas culturas pré-letradas de todo o mundo. Em tais casos, verificamos que os xamãs eram os únicos com os quais podíamos falar sobre o assunto ou que pareciam familiarizados com o fenômeno.

E o que eles nos dizem é: "Claro. Naturalmente. É assim que se obtém informações: de espíritos que habitam aquela dimensão, espíritos que nos ajudam e espíritos que nos atrapalham." A idéia de inteligências alienígenas autônomas na dimensão mental é, para eles, lugar-comum. E creio que provavelmente é mesmo. Acho que a cultura ocidental fez um longo desvio idiossincrático para afastar-se do espírito, e só agora estamos começando a perceber que talvez nos falte alguma coisa. Na verdade, não representamos o máximo de conhecimento da natureza da realidade. Possuímos mapas muito interessantes, digamos, do interior do átomo ou de regiões longínquas do universo; mas, nas áreas que nos são mais próximas — nossa própria mente, a maneira como vemos a nós mesmos e aos nossos semelhantes —, acredito que essas culturas primitivas, por serem fenomenológicas, isentas do estorvo da técnica e de teorias abstratas de tudo o que acontece, aproximam-se mais da realidade. Em outras palavras, os xamãs são psiquiatras populares, psicanalistas populares, muito mais avançados que nós.

Os antropólogos já observaram a ausência de distúrbios mentais graves em muitas culturas pré-letradas. Acredito que a mediação do xamã e, através dele, o contato com o Logos centralizante, fonte de informação ou gnose, é provavelmente a causa dessa capacidade de curar ou minimizar distúrbios psicológicos.

WN: Você mencionou algo em relação à religião organizada. Acho que o cristianismo ocidental foi muito bem-sucedido, na tarefa de garantir o seu território, infundindo medo, dúvida e desconfiança em relação a tudo o que provém de fontes internas. Estabeleceu um critério que diz: "Se não está nas escrituras, deve ser ignorado ou podemos suspeitar de que provém de alguma força malsã." Há aí uma clara negativa da validade da experiência pessoal. Acho que, para muitas pessoas, a experiência psicodélica é altamente suspeita, perigosa e incontrolável. Como você acha que as pessoas a encaram?

TM: É incontrolável na medida em que não é compreendida. Essas culturas pré-letradas possuem uma tradição ininterrupta de conhecimentos e etnomedicina xamanistas, tão ou mais antigos que os tempos paleolíticos. Quanto a nós, não dispomos de nada parecido. Assim, em nossa cultura, a quem recorrem as pessoas que têm problemas com essas plantas? No Peru, vimos pessoas que eram inteiramente despreparadas em relação ao *ayahuasca*. Pessoas vindas de Lima para fazer a experiência chegaram ao ponto em que estavam definitivamente tendo uma *bad trip*. Mas o xamã pode vir a elas, soprar-lhes fumaça de tabaco e cantar — coisas que podem nos parecer simbólicas mas que, ainda assim, funcionam com a mesma eficácia de uma injeção de Demerol. Portanto, o simbolismo de uma pessoa é a tecnologia de outra. Devemos ter isso em mente ao lidarmos com essas culturas. A aparência que as coisas têm para nós não é a mesma que têm para os que estão intimamente envolvidos com elas. A não ser que você se desfaça de sua linguagem e mergulhe inteiramente nessas culturas, o seu ponto de vista será sempre o ponto de vista de um estranho, de um forasteiro.

WN: Mesmo naquele setor da sociedade que poderia ser classificado de Nova Era, por falta de um termo melhor, onde há um

afastamento em relação à educação dogmática e um movimento no sentido da experimentação direta, a experiência psicodélica é vista com suspeita. Coisas como a *kundalini*, a hipnose, os mantras, as atividades psíquicas — manipulações psicofísicas da consciência — são consideradas seguras e aceitáveis como áreas de investigação. Mas há esse incrível preconceito contra o uso de meios químicos, até mesmo dos meios orgânicos a que você se refere.

TM: Parece haver um preconceito muito forte contra tudo o que é gratuito. As pessoas repelem a idéia de que seja possível adquirir clarividência espiritual sem sofrimento, sem auto-análise, sem flagelação, pois acreditam que a visão dessas dimensões superiores deveria ser concedida somente aos bons, e provavelmente somente a eles depois que morrem. Aham alarmante pensar que se possa ingerir uma substância como a psilocibina ou DMT e ter esse tipo de experiência. No entanto, trata-se de uma realidade que agora começamos a aceitar. Não creio que essas coisas sejam um substituto da prática espiritual. Por outro lado, não acho que a prática espiritual possa jamais substituir essas experiências. Percorri a Índia, a Indonésia e muitos outros lugares, e encontrei as tradições que você menciona, inclusive o tantra da *kundalini*, a dança em transe de Bali, controlada por sacerdotes e fundamentada em tradições cuja mentalidade você precisa aceitar para ter a experiência. São coisas extremamente impalpáveis. Já a experiência provocada pelas drogas é muito real. É irresistível. Certamente, nada há de impalpável nas triptaminas. A triptamina é o grande fator convincente. É preciso incorporar essas coisas à nossa cultura, e sem sentimento de culpa, com a certeza de que apontam o caminho que leva a algum lugar. Creio que foi Aldous Huxley que as chamou de "graças gratuitas", explicando que elas não são necessárias nem suficientes para a salvação, mas ainda assim constituem um milagre.

WN: Você atribui grande importância aos fatores de estado de espírito e ambiente como parte da experiência, ao dizer que as drogas não devem ser usadas levemente nem como recreação, e sim encaradas com respeito. E que é preferível ter alguém por perto

para servir de guia. Pretendo ter uma entrevista também com Timothy Leary. Não sei bem qual a atitude dele, se procura diversão e prazer a qualquer preço ou se é mesmo sério.

TM: Acho que ele é um homem que provavelmente teve ampla oportunidade de mudar de opinião. A euforia dos anos 60, a suposição dos intelectuais que rodeavam Huxley e Humphrey Osmond — de que bastava apresentar essas coisas às pessoas para que a humanidade se transformasse — era terrivelmente ingênua. No entanto, as pessoas jamais tinham se deparado com uma encruzilhada cultural como essa. Ouço dizer que talvez venha a ocorrer um retorno da experiência psicodélica como fenômeno social. Se ocorrer, espero que os que viveram os anos 60 tenham processado essa experiência e aprendido suas lições. Não acho que essas coisas devam ser feitas em grupos muito grandes.

A maneira mais útil de se abordar a experiência psicodélica é em um ambiente de virtual — embora não formal — privação dos sentidos. Você deve deitar-se em completa escuridão e silêncio, e fixar o olhar na superfície interna de suas pálpebras. É espantoso como esse conselho parece exótico a certas pessoas. Trata-se apenas de bom senso. Afinal, você está procurando observar um fenômeno mental. Para ver o fenômeno mental sem a contaminação de fontes externas de informação, você deve colocar-se em uma situação na qual ele possa manifestar-se em sua totalidade. Se ingerir as doses eficazes dessas substâncias, posso garantir que a experiência não será monótona. Talvez um número muito grande de pessoas já tenha feito meditação e imagine que a experiência psicodélica seja como a meditação. Mas é a antítese exata da meditação. Trata-se, de fato, de sair do corpo e viajar no espaço mental — que é uma área pelo menos tão grande quanto o espaço sideral. A diferença entre os dois pode ser apenas convenção cultural. Você viaja em um extenso campo de informação que parece medir anos-luz de comprimento. Isso só se torna possível quando os insumos externos são reduzidos ao mínimo. Nessas condições, você vê o que Blake viu, o que Meister Eckhart viu, o que São João da Cruz viu. Talvez não aprenda com essas coisas tanto quanto eles aprenderam, mas, por outro lado, ninguém pode

medir o oceano, nem Meister Eckhart nem ninguém. Não é fácil medir o oceano, mas podemos ser medidos por ele, confrontá-lo, e estar dentro dele.

Acho que essas substâncias exerceram, exercem e continuarão a exercer grande impacto na história humana. Talvez elas sejam, de fato, a causa da história humana. Estamos tão habituados à doutrina da evolução — a idéia de que descendemos dos macacos — que tendemos a esquecer o fato de que o homem é, realmente, uma criatura estranha, muito estranha. Considerando que, em um milhão de anos, fomos desde a pedra lascada até o lançamento do ônibus espacial e a colocação de instrumentos fora do sistema solar, parece absurdo afirmar que as forças e fatos da natureza, tal como os conhecemos, nos permitiriam chegar a esse ponto. Prefiro optar por uma noção muito pré-moderna: estamos mancomunados com o demiurgo. Somos filhos de uma força que mal podemos imaginar, uma força que nos chega das árvores e através das planícies da História, e que nos chama para ela. Esse processo está levando dez, vinte, cem mil anos — não mais que um instante. Os indivíduos vêm e vão, mas a natureza atua do ponto de vista da espécie, e, nessa escala, mal se passou um instante desde que só existiam neste planeta a pedra lascada e a farmacologia. A farmacologia precedeu a agricultura, uma vez que as propriedades das plantas vieram a ser conhecidas muito antes do seu cultivo. As visões transmitidas pela psilocibina — visões de enormes máquinas em órbita, de planetas distantes, de criaturas estranhas e vastas paisagens biomecânicas — mal podem ser processadas. A pessoa não sabe se está caminhando no interior de um enorme instrumento ou organismo. Mal podemos assimilar tais coisas. No entanto, essas visões constituem a imagem que nos guia no momento, a imagem que está sendo projetada no tempo histórico — da mesma forma como projetou o cálculo diferencial há cerca de duzentos anos, como projetou os grandes progressos da história humana. A história dos avanços científicos ou técnicos tem o caráter de revelação. Os homens aos quais esses avanços ocorrem costumam dizer: "Foi uma coisa que me veio, que me foi dada de repente." Leibniz inventou o cálculo diferencial quando estava estendido na cama, certa manhã. Newton fazia o mesmo a algumas centenas de quilômetros de distância, e

os dois nem se conheciam. Ao longo dos milênios, tem havido um diálogo entre o eu individual e o Desconhecido, entre o eu coletivo e o Desconhecido. Demos a isso o nome de Deus. Os sacerdotes passaram a controlar esse diálogo e sobrecarregaram-no com todo tipo de "faça isso" e "não faça aquilo", coisas sem qualquer relação com a verdadeira experiência religiosa. Esta tem a ver com o diálogo com o Logos e aonde ele pode nos levar e o que pode nos mostrar. Hoje, portanto, quando nós, como espécie, estamos a ponto de abandonar ou destruir o planeta, o Logos ressurgiu com grande intensidade. Não sairemos deste planeta sem que a nossa mente seja transformada. O que está acontecendo é uma transformação global da humanidade em um tipo de criatura inteiramente diferente. Estamos saindo do invólucro do macaco. E essa coisa feita de linguagem, de imagem e de imaginação, que residiu nos macacos durante tanto tempo, está agora superando a evolução biológica e, através da cultura, assumindo as rédeas de sua própria forma e destino. O caos da nossa era, que tanto perturba a todos nós, não é absolutamente incomum. É o que normalmente acontece quando uma espécie se prepara para deixar o planeta. É o caos do fim da História.

Não resta a menor dúvida. Há sinais disso por toda parte. E os sinais que nem todos percebem, que somente os aficionados das substâncias psicodélicas conhecem, são as transformações da consciência, simultaneamente com a transformação da cultura técnica. Essas duas transformações são, de fato, expressões uma da outra. Os tempos atuais são as dores do parto de uma nova humanidade.

Os Alucinógenos à Base de Triptaminas e a Consciência

Existe na natureza orgânica uma área muito restrita que, em minha opinião, tem importantes implicações para os estudiosos da natureza humana. Refiro-me aos alucinógenos derivados do triptofano — a dimetiltriptamina (DMT), a psilocibina e uma droga híbrida usada pelos aborígenes das florestas úmidas da América do Sul, o *ayahuasca*. Este último é uma combinação de dimetiltriptamina e uma oxidase monoamina inibidora, administrada por via oral. Parece-me adequado falar dessas drogas quando discutimos a natureza da consciência — e também adequado quando discutimos a física quântica.

É minha opinião que os principais fenômenos de mecânica quântica experimentados por todos nós, além da própria consciência em estado de vigília, são os sonhos e as alucinações. Esses estados, pelo menos no sentido restrito que me interessa, ocorrem quando as grandes quantidades dos vários tipos de radiação transmitidos ao corpo através dos sentidos são cerceadas. Em tais casos, vemos imagens e processos psicofísicos interiores. Esses processos surgem comprovadamente ao nível da mecânica quântica. John Smythies, Alexander Shulgin e outros demonstraram que existem correlativos de mecânica quântica na alucinogênese. Em outras

Palestra pronunciada na Conferência Lilly/Goswami sobre Consciência e Física Quântica, realizada em Esalen, em dezembro de 1983. Viria a ser a primeira de muitas palestras apresentadas no Esalen Institute, da Califórnia.

palavras, quando se desloca um átomo da cadeia molecular de um composto inativo, este se torna altamente ativo. Para mim, isso é prova cabal da vinculação dinâmica, ao nível formativo, entre a matéria e a mente descritas em termos de mecânica quântica.

Os estados alucinatórios podem ser induzidos por vários alucinógenos e anestésicos dissociativos, bem como por experiências como o jejum e outras provações. Mas o que torna especialmente interessante a família de compostos de triptamina é a intensidade das alucinações e o fato de a atividade se concentrar no córtex visual. Essas paisagens interiores são intensamente vividas, como se as informações estivessem sendo apresentadas em três dimensões e distribuídas em quatro dimensões, codificadas como luz e como superfícies em evolução. Ao confrontar essas dimensões, a pessoa se torna parte de uma relação dinâmica com a experiência, enquanto tenta decodificar o que ela está dizendo. O fenômeno não é novo: o diálogo de seres humanos com deuses e demônios é mais frequente na história humana que a ausência desse diálogo.

É apenas a presunção das sociedades científicas e tecnológicas pós-industriais que nos leva a enunciar certas perguntas que nos parecem muito importantes. Por exemplo, a questão do contato com extraterrestres é um tipo de subterfúgio baseado em certas premissas que um mínimo de reflexão demonstrará serem inteiramente falsas. Procurar ansiosamente um sinal de rádio proveniente de uma fonte extraterrestre é provavelmente uma presunção tão peculiar à nossa cultura quanto pesquisar a galáxia em busca de um bom restaurante italiano. No entanto, foi esse o caminho escolhido como aquele no qual o contato provavelmente ocorrerá. Enquanto isso, existem pessoas no mundo inteiro — sensitivos, xamãs, místicos, esquizofrênicos — cuja cabeça anda cheia de informações, mas essas informações foram tachadas *a priori* de irrelevantes, incoerentes ou loucas. Somente aquilo que é validado pelo consenso via certas instrumentalidades sancionadas é aceito como sinal. O problema é que estamos, na verdade, tão imersos em sinais — tão mergulhados nessas outras dimensões — que há um bocado de ruído no circuito.

Ouvir uma voz dentro da cabeça não é grande coisa. A grande

coisa é sabermos se estamos ou não ouvindo verdades, pois existem várias espécies de demônios: "Alguns são feitos de fons, outros de mente; e os de acetamina são cegos e costumam gaguejar." A reação a essas vozes não é ajoelharmo-nos como diante de um deus, pois então estaríamos nos comportando como Dorothy em seu primeiro encontro com o Mágico de Oz. Para que haja dignidade no universo, devemos enfrentar essas coisas de pé, e isso significa uma relação de igual para igual. A pessoa diz ao Desconhecido: "Você alega onisciência, onipresença, ou diz ter vindo de Zeta Reticuli. Fala muito, mas o que tem a me mostrar?" Os magos, as pessoas que invocam essas coisas, sempre souberam que devemos conservar toda a nossa lucidez quando vamos a tais encontros.

O que tem a comunicação com extraterrestres a ver com a família de compostos alucinógenos que pretendo discutir? Simplesmente isto: não se tem dado a devida atenção à fenomenologia de apresentação dessa família de compostos. A psilocibina, embora rara, é a mais conhecida de todas essas substâncias negligenciadas. Na mente do público desinformado e aos olhos da lei, a psilocibina faz parte do mesmo grupo que o LSD e a mescalina, quando na verdade cada um desses compostos constitui um universo próprio, fenomenologicamente definido. A psilocibina e o DMT invocam o Logos, embora a ação do DMT seja mais intensa e menos duradoura. Isto significa que essas duas drogas atuam mais diretamente sobre os centros da linguagem, de modo que um dos aspectos importantes da experiência é o diálogo interior. Assim que descobre essa peculiaridade da psilocibina e das triptaminas em geral, a pessoa deve decidir se vai participar ou não do diálogo e tentar compreender o sinal que recebe. Foi o que eu tentei fazer.

Considero-me mais explorador que cientista, porque a área a que estou me referindo não contém dados suficientes para justificar sequer o sonho de ser uma ciência. Nossa posição é comparável à do explorador que traça o mapa de um rio e apenas indica a existência de outros tributários; não podemos subir todos eles e, portanto, nada podemos dizer sobre eles. Essa coleta de dados à moda de Bacon, sem pressupostos acerca do que venha a ser o resultado, levou-me a várias conclusões que eu não tinha previsto. Talvez me seja possível, através de reminiscências, explicar o que

quero dizer, pois neste caso a descrição de experiências passadas traz à luz todas as questões.

Experimentei o DMT pela primeira vez em 1965; tratava-se, mesmo naquela época, de um composto raramente usado. É surpreendente quão poucas pessoas estão familiarizadas com o DMT, visto que vivemos em uma sociedade absolutamente obcecada com todo tipo de sensação imaginável e que adora todas as terapias, todas as intoxicações, toda configuração sexual e todas as formas de sobrecarga de mídia. Contudo, por mais hedonistas ou amantes do bizarro, achamos que o DMT é demais. Quando se fuma DMT, a experiência começa em aproximadamente quinze segundos. Cai-se imediatamente em transe. Mantêm-se os olhos fechados e ouve-se um som como o rasgar de celofane, como se alguém estivesse amassando uma folha de plástico para jogá-la fora. Um amigo meu diz que isso é provocado por nossa entelêquia radiofônica, ao rasgar a matriz orgânica. Ouve-se um som que vai aumentando de intensidade. Há também a modalidade alucinógena normal, uma superfície geométrica móvel de formas coloridas que mudam constantemente. Na região da atividade sináptica, todos os pontos de ligação disponíveis estão sendo ocupados, e a pessoa sente a mudança de modalidade que ocorre durante um período de aproximadamente trinta segundos. É então que se chega a um local impossível de descrever, um espaço que dá a impressão de ser subterrâneo ou isolado de algum modo, encimado por uma cúpula. Em *Finnegans Wake*, esse espaço é chamado "*merry go raum*" (espaço-carrossel), da palavra alemã *raum*, que significa "espaço". A sala está realmente girando e, nesse espaço, a pessoa se sente como uma criança, embora esteja em algum lugar da eternidade.

Essa experiência sempre me faz lembrar o vigésimo quarto fragmento de Heráclito: "A Eternidade é uma criança, um elfo que brinca com balões coloridos." A pessoa não só se torna a Eternidade brincando com balões coloridos, mas entra também em contato com outras entidades. No livro que o meu irmão e eu escrevemos, *The Invisible Landscape*, descrevo essas entidades como elfos mecânicos que se autotransformam, pois é o que parecem ser. Parecem estar dinamicamente contorcendo módulos topológicos que são de certa forma distintos do ambiente em que estamos, o qual também

se acha em contínua transformação. Lembram-me a cena da versão cinematográfica de *O Mágico de Oz*, depois que os *munchkins* aparecem com a certidão de óbito da Bruxa do Leste. Numa voz esganiçada, entoam uma canção que diz que a bruxa está "absoluta e completamente morta". Os *munchkins* da triptamina, esses elfos mecânicos e hiperdimensionais aparecem e nos envolvem em amor. Não amor erótico, mas comunicativo e franco. Dá-nos uma sensação agradável. Esses seres são como reflexos fractais de nossa própria psique, reflexos antes ocultos que, subitamente, adquirem autonomia.

E dizem: "Não tenha medo. Lembre-se, faça o que estamos fazendo." Uma das características do DMT é que, às vezes, nos inspira medo — o que demonstra que a experiência é existencialmente autêntica. Um método interessante de avaliar um composto é verificar se a pessoa deseja ou não experimentá-lo outra vez. Certa dose de terror imprime validade à experiência, pois significa que ela é real. Vacilamos. Lemos a literatura, conhecemos as doses máximas, o LD-50 e tudo mais. Ainda assim, tão grande é a fé em nossa mente que, quando estamos "viajando", achamos que as regras da farmacologia realmente não se aplicam, e que o controle da existência nesse plano é, na verdade, uma questão de força de vontade e boa sorte.

Não quero dizer que exista algo intrinsecamente bom no terror, mas sim que, dada a situação, a pessoa que não sente medo deve estar, de certa forma, fora de contato com a plena dinâmica do que está acontecendo. Não sentir medo significa que ou se é tolo ou se ingeriu um composto que paralisa a capacidade de sentir medo. Nada tenho contra o hedonismo, o qual sem dúvida me serve de alguma coisa. Mas a experiência deve tocar o coração da pessoa, e não o tocará se não tratar das questões da vida e da morte. Se trata da vida e da morte, levará a pessoa às regiões do medo, do choro ou do riso, as quais são profundamente estranhas e alienígenas.

Os elfos fractais parecem nos tranquilizar, dizendo: "Não se preocupe, não se preocupe; faça isto, veja aquilo." Enquanto isso, a pessoa está inteiramente presente. Seu ego está intato. Seus reflexos de medo estão intatos. Não está, de modo algum, "entorpecida". Consequentemente, a reação natural é o espanto, um

profundo espanto que teima em persistir. A pessoa respira e o espanto continua. Os elfos dizem: "Não se assombre ao ponto de não poder compreender. Procure não ficar tão espantado. Procure concentrar-se e ver o que estamos fazendo." O que eles estão fazendo é emitir sons semelhantes à música, semelhantes à linguagem. Esses sons se transformam, sem qualquer momento quantizado de distinção — como Filon, o Judeu, disse que ocorreria com o Logos quando este se tornasse perfeito —, passando de coisas que ouvimos a coisas que vemos. Ouvimos e vemos uma linguagem de significado estranho, que transmite informações estranhas, impossíveis de serem expressas em nosso idioma.

Sendo macacos, quando encontramos um objeto translingüístico, estabelece-se na parte posterior de nosso cérebro uma espécie de dissonância cognitiva. Tentamos aplicar-lhe linguagem e ele a repele como as penas de uma ave repelem água. Tentamos novamente e novamente fracassamos; e essa dissonância cognitiva, a "distorção" ou "vibração" produzida pelo objeto, nos causa admiração, espanto, assombro e quase terror. Precisamos controlar isso. E a maneira de controlá-lo é fazer o que as entidades nos aconselham a fazer, fazer o que elas estão fazendo.

Menciono esses "efeitos" para chamar a atenção dos adeptos do experimentalismo, quer sejam xamãs ou cientistas. Esses compostos produzem algo que não faz parte dos aspectos normais que se apresentam na experiência com drogas alucinógenas. Quando se passa a usar a própria voz, certos fenômenos imprevisíveis se tornam possíveis. Exibimos o fenômeno conhecido como glossolalia, embora diferente da glossolalia clássica, que já foi estudada. Os estudiosos da glossolalia clássica já encontraram poças de saliva de quase meio metro de diâmetro no chão de igrejas da América do Sul, nos locais em que as pessoas estavam ajoelhadas. Após o fenômeno, o paciente costuma indagar às pessoas que o rodeiam: "Consegui? Falei em uma língua desconhecida?" O fenômeno induzido pelos alucinógenos não é assim; é simplesmente um estado cerebral que permite a expressão da língua fundamental que existe por trás da linguagem, uma linguagem primeva do tipo mencionado por Robert Graves em *The White Goddess* ou uma língua cabalística do tipo descrito no Zohar, um *ur sprach* primitivo

emitido pela pessoa. Esta descobre que é capaz de construir os objetos extradimensionais — os complexos tridimensionais de luz e cor que se transformam, com tons de sensação e tons de significado. Isso a faz sentir-se como uma criança. A pessoa está brincando com balões coloridos; transformou-se no elfo da Eternidade.

Foi o que me aconteceu, certo dia, em 1966, vinte segundos após fumar DMT. Fiquei estarelecido. Até então eu acreditava ter intatado todas as minhas categorias ontológicas. Já havia experimentado LSD, e no entanto a coisa me atingiu de repente, como um raio. Ao sair daquele estado, disse comigo mesmo (e o repeti depois muitas vezes): "Não posso acreditar; isso é impossível, inteiramente impossível." Tinha havido um desvio da gnose que, para mim, provava imediatamente que, aqui e agora, à distância de um *quantum*, existe em vibração um universo de inteligência ativa que é transumana, hiperdimensional e extremamente alienígena. Chamo-o de Logos, e não tenho opinião formada a respeito. Constantemente estabeleço com ele um diálogo, dizendo: "O que você é? Algum tipo de consciência difusa no ecossistema da Terra? Um deus ou um extraterrestre? Mostre-me o que é."

Os cogumelos que contêm psilocibina também nos levam ao mundo do hipercontínuo da triptamina. A psilocibina é, de fato, uma triptamina psiquicamente ativa. O cogumelo está cheio de respostas às perguntas suscitadas por sua própria presença. A verdadeira história da galáxia nos últimos quatro e meio bilhões de anos é coisa trivial para ele. Pode-se ter acesso a imagens da história cosmológica. Naturalmente, essas experiências levantam a questão da validação independente — pelo menos, essa foi a minha questão durante algum tempo. Mas, quando me familiarizei melhor com os pressupostos epistemológicos da ciência moderna, passei gradualmente a compreender que, no centro, a estrutura do empreendimento intelectual do Ocidente é tão frágil que, aparentemente, ninguém tem certeza de nada. Foi então que me tornei menos relutante em falar sobre essas experiências. São experiências, e, como tal, são dados preliminares. Não se trata de uma dimensão remota e, no entanto, é tão inexprimivelmente extravagante que coloca em dúvida todos os pressupostos históricos da humanidade.

Os cogumelos que contêm psilocibina produzem o mesmo

efeito do DMT, embora a experiência leve mais de uma hora até atingir seu ápice e se sustente por várias horas. Há o mesmo confronto com uma inteligência alienígena e complexos de informação translingüística extremamente bizarros. Essas experiências sugerem fortemente que existe certa capacidade latente no cérebro/corpo humano que ainda não foi descoberta; contudo, depois que o for, será tão óbvia que passará a fazer parte do corpo principal da evolução cultural. Parece-me que a linguagem é a sombra dessa capacidade, ou, então, essa capacidade será uma nova extensão da linguagem. Talvez seja possível uma linguagem humana na qual a intenção do significado possa ser contemplada no espaço tridimensional. Se isso pode ocorrer quando se usa DMT, significa que, pelo menos em certas circunstâncias, é acessível aos seres humanos. Pode alguém duvidar de que, dentro de dez mil anos e dado um alto envolvimento cultural com esse talento, ele venha a se tornar de utilidade cultural, da mesma forma que a matemática e a linguagem?

Naturalmente, em decorrência do confronto com uma inteligência alienígena dotada de intelecto organizado nessa outra dimensão, muitas teorias foram aventadas. A teoria que apresentei em *Psilocybin: The Magic Mushroom Grower's Guide* sustentava que o cogumelo é, de fato, um extraterrestre. Sugeri a hipótese de que o cogumelo *Stropharia cubensis* é uma espécie que não se desenvolveu na Terra. Durante o transe provocado pelo cogumelo, fui informado de que toda cultura, quando conhece inteiramente a sua informação genética, se reestrutura para fins de sobrevivência. O tipo de reestruturação do cogumelo *Stropharia cubensis* é uma estratégia de trama micelial quando em contato com superfícies planetárias, e uma estratégia de dispersão de esporos como meio de se transmitir por toda a galáxia. E, embora me perturbe o modo livre como o teorema da não-localidade de Bell é usado a torto e a direito, ainda assim o intelecto alienígena da outra dimensão parece realmente estar de posse de enorme corpo de informações extraídas da história da galáxia. Ele ou eles dizem que nada há de incomum nisso, que os conceitos humanos de inteligência organizada e de dispersão da vida na galáxia são irremediavelmente culturais, que, há bilhões de anos, a galáxia é uma sociedade organizada. A vida

se desenvolve em tantos regimes diferentes de química, temperatura e pressão que a procura de um extraterrestre que se sente para conversar conosco está destinada ao fracasso. A maior dificuldade, nessa busca de extraterrestres, é reconhecê-los. O tempo é tão vasto e as estratégias evolucionárias e os ambientes são tão variados que o difícil é saber se algum contato está sendo feito. O cogumelo *Stropharia cubensis*, se podemos acreditar no que ele diz em um dos seus estados de ânimo, é um simbiote, e deseja uma simbiose cada vez mais profunda com a espécie humana. Há muito tempo entrou em simbiose com a sociedade humana, associando-se ao gado doméstico e, através dele, a nômades humanos. Como as plantas e o gado cultivados por homens e mulheres, o cogumelo pôde insinuar-se na família humana, de modo que, aonde quer que os genes humanos fossem, esses outros genes seriam levados.

Mas os antigos cultos mexicanos do cogumelo foram destruídos com o advento da conquista espanhola. Os franciscanos supunham ter o absoluto monopólio da teofagia, o ato de devorar um deus; contudo, no Novo Mundo encontraram um povo que dava a certo cogumelo o nome de *teonanacatl*, a carne dos deuses. Trataram de combater esse povo, e a velha religião foi expulsa pela Inquisição para as montanhas de Oaxaca, de modo que só subsistia em algumas aldeias quando Valentina e Gordon Wasson lá a encontraram, nos anos 50.

Existe outra metáfora. É preciso encontrar um meio-termo entre essas explicações. Parecerá agora que eu realmente não creio que o cogumelo seja um extraterrestre. Em vez disso, talvez uma de minhas suspeitas recentes seja correta — que, na atual cultura, a alma humana está tão distanciada de nós que a tratamos como a um extraterrestre. Para nós, uma das coisas mais alienígenas do cosmo é a alma humana. Alienígenas à moda de Hollywood poderiam chegar à Terra amanhã; o transe do DMT continuaria a ser mais fantástico e a prometer mais informações úteis para o futuro humano, pois é suficientemente forte para isso. A ignorância forçou o culto do cogumelo a esconder-se. Algum tempo antes, a ignorância havia queimado as bibliotecas do mundo helênico e dispersado o conhecimento antigo, destruindo uma máquina estelar e astrológica cuja construção tinha levado séculos. O que chamo de igno-

rância é a tradição heleno-cristã-judaica. Os herdeiros dessa tradição construíram um triunfo de mecanismo. Foram eles que, mais tarde, realizaram os sonhos alquímicos dos séculos XV e XVI — e os do século XX —, transformando os elementos e descobrindo o transplante de genes. Mas depois, tendo conquistado o Novo Mundo e forçado a fragmentação e a diáspora do povo dessas novas terras, esbarraram inesperadamente no corpo de Osíris — o corpo condensado de Eros — nas montanhas do México, onde Eros se havia refugiado por ocasião do advento de Cristo. E, por encontrarem o cogumelo, desencadearam os poderes deste último.

Em um dos seus romances, *Valis*, Phillip K. Dick fala da longa hibernação do Logos. Criatura de pura informação, o Logos foi enterrado no subsolo juntamente com a Biblioteca de Chenoboskion, por volta de 370 d.C. Como informação estática, subsistiu por lá até 1947, quando os textos foram traduzidos e lidos. Assim que as pessoas assimilaram as informações, o simbiote renasceu, pois, sendo a consciência do cogumelo, foi imaginado por Dick como um ser feito de pura informação. A consciência do cogumelo é a consciência do Desconhecido no hiperespaço — isto é, nos sonhos e no transe da psilocibina, na base quântica do ser, na natureza humana, e no Além. Todas essas regiões, que se acreditavam estanques, são agora vistas como partes de um único contínuo. A História é uma corrida por sobre os dez ou quinze mil anos que separam o nomadismo dos discos voadores, supostamente sem que se rompa o envelope do planeta a ponto de abortar e frustrar o renascimento, deixando-nos como embrutecidos prisioneiros da matéria.

A História é a onda de choque da escatologia. Existe algo no fim do tempo cuja sombra se projeta por toda a história humana, atraindo para si todo o humano vir-a-ser. Todas as guerras, as filosofias, os estupros, as pilhagens, as migrações, as cidades, as civilizações — tudo isso ocupa um microssegundo de tempo geológico, planetário e galático, durante o qual o macaco reage ao simbiote que está no ambiente e transmite à humanidade informações acerca de um contexto maior. Não pertencemos à escola que atribui todas as nossas realizações a conhecimentos que nos foram doados por alienígenas benévolos; espero que o que estou descrevendo seja

algo mais profundo que isso. À medida que os sistemas nervosos evoluem para níveis cada vez mais elevados, passam a compreender cada vez mais a verdadeira situação da qual fazem parte. E a verdadeira situação da qual fazemos parte é um organismo, uma organização de inteligência ativa em escala galática. Nossa ciência e nossa matemática talvez sejam limitadas por nossa cultura. Não podemos saber ao certo, porque nunca lidamos com uma matemática alienígena ou uma cultura alienígena, a não ser no contexto do ocultismo, e a evidência do ocultismo é inaceitável para os guardiões da verdade científica. Isto significa que o conteúdo da experiência xamanística e de êxtases induzidos por plantas é inaceitável, muito embora esses fenômenos sejam fontes de novos insumos e fatores da introdução desses insumos no *plenum* do ser.

Pensem nisso por um momento: se a mente humana não se afigura grandiosa na futura história da raça humana, então o que será de nós? O futuro não pode deixar de ser psicodélico, porque o futuro pertence à mente. Hoje, estamos apenas começando a mexer com os botões da mente. Uma vez que apliquemos a isso um método sério de engenharia, descobriremos a plasticidade, a mutabilidade, a natureza eterna da mente, e, creio, a libertaremos do macaco. Vejo o futuro final da humanidade como um esforço no sentido de exteriorizar a alma e interiorizar o corpo, de modo que a alma exterior passará a existir como uma lente supercondutora de matéria translingüística, gerada fora do corpo de cada um de nós em um momento crítico de nosso *bar mitzvah* psicodélico. Daí por diante, seremos eternos em algum ponto da matriz de estado sólido da lente translingüística em que nos transformamos. A imagem do nosso corpo existirá sob a forma de onda holográfica, enquanto nos deleitamos nos campos do Senhor e vivemos no Paraíso.

Outros macacos inteligentes já povoaram este planeta. Nós os exterminamos, de modo que agora somos únicos. Mas o que está à solta neste planeta é a linguagem, são sistemas de informação que se auto-reproduzem, refletindo funções do DNA: aprendizagem, codificação, criação de moldes, registro, experimentação, reexperimentação, recodificação segundo funções do DNA. Por outro lado, a linguagem pode ser uma qualidade de natureza inteiramente diferente. O que quer que seja a linguagem, está agora dentro de

nós, macacos, movendo-se dentro de nós e escapando de nossas mãos para a noosfera que criamos e que nos rodeia.

O estado induzido pelas triptaminas parece ser, em certo sentido, transtemporal; é uma antevisão do futuro. É como se a metáfora de Platão fosse verdadeira — como se o tempo *fosse* a imagem móvel da eternidade, e como se, no êxtase provocado pelas triptaminas, saíssemos da imagem móvel para ingressar na eternidade, a eternidade do “estar agora”, do *nunc stans* de Tomás de Aquino. Nesse estado, percebemos que a história humana leva a esse momento culminante. Há uma visível aceleração de todos os processos que nos rodeiam: o fato de que o fogo foi descoberto há vários milhões de anos; que a linguagem passou a existir, talvez, há 35 mil anos; a mensuração, há cinco mil; Galileu, há quatrocentos; depois, Watson-Crick e o DNA. É óbvio que o que está acontecendo é que tudo passa a formar um todo único. Por outro lado, a descrição do universo que os físicos nos oferecem — que o universo existe há bilhões de anos e existirá durante outros bilhões de anos no futuro — é um conceito dualista, uma projeção indutiva, muito pouco sofisticada, quando aplicada à natureza da consciência e da linguagem. A consciência é, de certo modo, capaz de anular o vetor do estado e, com isso, fazer com que a essência do ser passe pelo que Alfred North Whitehead chamava de “formalidade de realmente ocorrer”. Este é o começo do conhecimento da centralidade dos seres humanos. Nos últimos quinhentos anos, as sociedades ocidentais se entregaram a uma orgia de descentralização, concluindo que a Terra não é o centro do universo e que o Homem não é o ser bem-amado de Deus. Transferimo-nos rumo às fronteiras da galáxia, quando o fato é que a matéria mais intensamente organizada do universo é o córtex cerebral do homem, e a experiência mais densa e fecunda do universo é a que você está tendo neste momento. É a partir do ser perceptivo que tudo deve constelar-se. Este é o princípio básico.

Sob a influência das plantas alucinógenas, o ser perceptivo fornece informações que estão em completo desacordo com os modelos que herdamos do passado, e, no entanto, essas dimensões existem. Em certo nível, essas informações não são grande coisa, pois muitas culturas já as conhecem há milhares de anos. Mas nós,

modernos, estamos tão grotescamente alienados e tão afastados do que é a vida que, para nós, elas nos chegam como revelação. Sem os alucinógenos, o mais perto que podemos chegar do Mistério é tentar sentir, de certo modo abstrato, o poder do mito ou do ritual. Essa percepção é um tipo de processo excessivamente intelectualizado e insatisfatório.

Como já disse, sou um explorador, não um cientista. Se eu fosse único, nenhuma das minhas conclusões teria qualquer significado fora do contexto de mim mesmo. Minhas experiências, como as de vocês aqui presentes, têm de ser mais ou menos parte da condição humana. Alguns talvez tenham maior facilidade que outros para esse tipo de exploração, e esses estados talvez sejam difíceis de atingir, mas são parte da condição humana. Existem poucas indicações de que esses lugares extradimensionais existem. Se a arte induz imagens do Desconhecido, trazendo-as do Logos para o mundo — convertendo idéias em matéria —, por que a história da arte humana é tão desprovida daquilo que os viajantes psicodélicos sentiram tão intensamente? Talvez o disco voador, o OVNI, seja o tema central a ser assimilado para que possamos lidar com a realidade do aqui e agora. Estamos alienados, tão alienados que o eu tem de disfarçar-se de extraterrestre a fim de não nos alarmar com as dimensões realmente bizarras que ele abrange. Quando pudermos amar o alienígena, teremos começado a corrigir a descontinuidade psíquica de que sofremos desde, pelo menos, o século XVI, e possivelmente há mais tempo.

O que afirmo é que a magia está viva no hiperespaço. Ninguém precisa acreditar em mim; basta estabelecer uma relação com essas plantas alucinógenas. O fato é que a gnose vem das plantas. Quem lida com uma planta pode ter alguma certeza de que lida com uma criatura íntegra; mas as criaturas nascidas do artifício demoníaco dos laboratórios devem ser manuseadas com muita, muita cautela. O DMT é um alucinógeno endógeno. Está presente em pequenas doses no cérebro humano. Importante também é o fato de que a psilocibina é 4-fosforaloxe-N, N-dimetiltriptamina, e que a serotonina, o principal neurotransmissor do cérebro humano, encontrado em todas as formas de vida e em maior concentração nos seres humanos, é 5-hidroxitriptamina. O próprio fato de que o DMT age

tão rapidamente, começando sua ação em 45 segundos e durando cinco minutos, significa que o cérebro está perfeitamente à vontade com esse composto. Por outro lado, um alucinógeno como o LSD é retido no corpo durante algum tempo.

Acrescentarei aqui uma advertência. Sempre reluto em dizer aos outros que comprovem as minhas observações, pois a condição *sine qua non* dessa comprovação é a planta alucinógena. Quem se dispuser a experimentá-la deve fazê-lo com muito cuidado. Deve preparar-se para a experiência. Trata-se de dimensões estranhas de extraordinária força e beleza. Não existem regras preestabelecidas para evitar o assombro, mas vá com cuidado, reflita bastante e sempre tente colocar as experiências em confronto com a história da raça e com as realizações filosóficas e religiosas da espécie humana. Todos os compostos são potencialmente perigosos; todos eles, em doses suficientes ou repetidas ao longo do tempo, acarretam riscos. Quem pretenda usar um novo composto deve, antes de mais nada, consultar uma biblioteca.

Para percorrer dimensões que são profundamente estranhas e exóticas, devemos lançar mão de todas as informações disponíveis. Estive em Konarak e visitei Bhubaneswar. Conheço a iconografia indiana e coleciono *thankas*. Vi semelhanças entre o que experimentei sob a ação do LSD e a iconografia do budismo mahayana. De fato, foram as minhas experiências com o LSD que me levaram a colecionar arte mahayana. Mas o que me surpreendeu foi a total ausência dos temas que vemos sob a ação do DMT. Não estão lá; não estão em qualquer tradição que eu conheça.

Há um conto muito interessante, de Jorge Luis Borges, intitulado "A Seita da Fênix". Permitam-me recapitulá-lo. Borges começa assim: "Não existe grupo humano em que não surjam membros da seita. Também é verdade que não existe perseguição ou inclemência que eles não tenham sofrido e perpetrado." E prossegue:

O rito é a única prática religiosa observada pelos membros da seita. O rito constitui o Segredo. Esse Segredo... é transmitido de geração a geração. O ato em si é trivial, momentâneo, e dispensa qualquer descrição. O Segredo é sagrado, mas sempre é um tanto ridículo;

sua realização é furtiva e os adeptos não falam dele. Não existem palavras adequadas para designá-lo, mas fica entendido que todas as palavras o designam ou inevitavelmente se referem a ele.

Borges não nos diz explicitamente o que é o Segredo, mas quem conhece o seu outro conto, "O Aleph", pode unir uma coisa à outra e perceber que o Aleph é a experiência do Segredo do Culto da Fênix.

Na Amazônia, quando o cogumelo nos revelou suas informações e nos encarregou de executar certas tarefas, perguntamos: "Por que nós? Por que haveríamos de ser os embaixadores de uma espécie alienígena junto à cultura humana?" E ele respondeu: "Porque vocês nunca acreditaram em nada. Porque vocês nunca concederam a sua crença a ninguém." A seita da fênix, o culto dessa experiência, data talvez de milhares de anos, mas nunca foi trazido à luz da História. O uso pré-histórico das plantas indutoras de êxtase neste planeta não é bem conhecido. Até recentemente, a ingestão de cogumelos contendo psilocibina era limitada ao istmo central do México. Em nenhuma parte do mundo há notícia do uso arcaico da espécie *Stropharia cubensis* em ritos xamanistas. O DMT é usado na Amazônia e tem sido usado durante milênios, mas por culturas bastante primitivas — geralmente nômades caçadores-colhedores.

Aquilo que eu chamo de "efeito de buraco negro" que aparentemente existe em torno do DMT é algo que me desconcerta. A curvatura do espaço causada por um buraco negro é tão grande que nenhuma luz pode sair dele; e, como nenhum sinal pode ser emitido, nenhuma informação pode chegar até nós. Deixemos de lado a questão de se isso se aplica na prática aos buracos negros giratórios. Encaremo-lo como uma metáfora. Metaforicamente, o DMT é como um buraco negro intelectual, no sentido de que, uma vez que todos ignoram a sua existência, é muito difícil aos outros entenderem o que queremos dizer. Ninguém ouve o que dizemos. Quanto mais se consegue dizer o que ele é, menos os outros conseguem entender. É por isso que acho que as pessoas que atingem a sabedoria, se é que podemos traçar temporariamente um paralelo entre a sabedoria e o êxtase, não falam. Não falam porque nós não as compreenderíamos. Não sei ao certo por que o fenômeno do

êxtase induzido pela triptamina não tem sido estudado nem pelos cientistas, nem pelos amantes de sensações, nem por ninguém, mas recomendo-o à atenção do público aqui presente.

A tragédia de nossa situação cultural é que não temos nenhuma tradição xamanista. O xamanismo consiste, basicamente, em técnicas, e não em ritual. É um conjunto de técnicas que vêm sendo empregadas há milênios, e que tornam possível, embora talvez não a todos, explorar essas áreas. Mas aquelas pessoas que demonstram alguma tendência são notadas e estimuladas.

Nas sociedades arcaicas em que o xamanismo é uma instituição florescente, é razoavelmente fácil reconhecer os sinais: a estranheza ou a singularidade do indivíduo. A epilepsia, muitas vezes, constitui sinal característico em sociedades pré-letradas, como também o é a sobrevivência inesperada após um sofrimento incómodo. Por exemplo, os que são atingidos por um raio e sobrevivem são vistos como bons candidatos a xamã. Acredita-se que as pessoas que quase morrem de uma doença, mas reagem e readquirem a saúde após passarem semanas e semanas em uma zona indeterminada, são pessoas de espírito forte. Os aspirantes ao cargo de xamã devem dar algum sinal de força interior ou de hipersensibilidade a estados de transe. Viajando por todo o mundo e lidando com xamãs, constatei que a característica que os distingue é uma extraordinária capacidade de concentrarem-se em si mesmos. Geralmente o xamã é um intelectual, alienado da sociedade. Um bom xamã vê exatamente quem você é e diz: "Ah, eis alguém com quem conversar." A literatura antropológica sempre apresenta os xamãs como engastados em uma tradição, mas quando se chega a conhecê-los percebe-se que são muito sofisticados em tudo o que fazem. São eles os verdadeiros fenomenologistas do mundo; conhecem a química das plantas, mas chamam de "espíritos" a esses campos de energia. Ouvimos a palavra "espíritos" em uma série de declinações de sentido cada vez mais restrito — o que é quase pior do que não entender. Os xamãs falam de "espírito" como um físico quântico falando de "encantamento"; é uma roupagem técnica para um conceito muito complicado.

É possível que existam linhas familiares xamanistas, pelo menos no caso dos xamãs que usam alucinógenos, pois a capaci-

dade do xamã é determinada até certo ponto pelo número de receptores ativos que ocorrem no cérebro, de modo a facilitar essas experiências. Há quem alegue tê-las naturalmente, mas a evidência a esse respeito não me convence. Para mim, tudo se resume em: "O que você pode me mostrar?"

Sempre faço essa pergunta; finalmente, na Amazônia, os meus informantes me disseram: "Pois bem. Vamos pegar os facões e ir até um quilômetro daqui, apanhar umas ervas. Depois, vamos fervê-las e lhe mostraremos o que podemos mostrar."

É bom que fique claro: nessas sociedades de que falo, há sempre gente morrendo, por todo tipo de motivo. Há entre eles uma convivência maior com a morte do que em nossa sociedade. Os que sofrem de epilepsia e não morrem são levados à atenção do xamã para receber treinamento em respiração, uso de plantas etc. — não sabemos tudo o que acontece. Esses sistemas secretos de informação ainda não foram bem estudados. O xamanismo não é, nessas sociedades tradicionais, um ofício muito agradável. Geralmente, não se permite que os xamãs exerçam qualquer poder político, visto que são sagrados. O xamã senta-se ao lado do chefe nas reuniões do conselho, mas, após a reunião, volta para a sua maloca na periferia da aldeia. Para todos os efeitos, o xamã permanece na periferia do que ocorre na vida social comum. Pedem-lhe auxílio por ocasião de uma crise — crise que pode ser a morte iminente de alguém, algum problema psicológico, uma briga entre marido e mulher, um furto, ou a necessidade de prever o tempo.

Não vivemos nesse tipo de sociedade, de modo que, quando examino e tento chamar atenção para os efeitos dessas plantas, o que me interessa é o fenômeno que tais efeitos constituem. O que podemos fazer com esse fenômeno, não sei, mas acho que o potencial é grande. Minha atitude em relação a ele é simplesmente exploratória e baconiana — o mapeamento e a coleta de fatos.

Ao falar da singularidade do ser humano, Herbert Guenther diz que devemos aceitar a nossa singularidade. Pouco sabemos quanto ao papel da linguagem e do ser como fatos primários da experiência. De que nos serve uma teoria do funcionamento do universo se não passa de uma série de equações tensoriais que, mesmo quando as entendemos, nada têm a ver com a nossa experiência? O único

caminho intelectual, noético ou espiritual que vale a pena seguir é aquele que se baseia na experiência pessoal.

O cogumelo diz ser um organismo extraterrestre, e que os seus esporos são capazes de sobreviver às condições do espaço interestelar. A cor desses esporos é um roxo muito vivo, muito carregado — exatamente a cor necessária para absorver a faixa ultravioleta do extremo do espectro. O revestimento de cada esporo é feito de uma das substâncias orgânicas mais resistentes que se conhecem; sua densidade eletrônica é semelhante à dos metais.

É possível que esses cogumelos não se tenham originado na Terra? É isso o que o próprio *Stropharia cubensis* sugere. Correntes globais podem formar-se no exterior do esporo. Os esporos são muito leves e, através de um movimento browniano, podem subir até os confins da atmosfera de um planeta. Em seguida, interagindo com partículas energéticas, alguns deles podem escapar para o espaço interestelar. Trata-se, é claro, de uma estratégia de evolução na qual somente um em muitos bilhões de esporos chega a fazer a transição entre as estrelas — estratégia biológica que lhe permite dispersar-se por toda a galáxia, mesmo sem dispor de qualquer tecnologia. É claro que isso ocorre em um período de tempo muito longo. Mas, se considerarmos que a galáxia tem um diâmetro de aproximadamente cem mil anos-luz, um corpo que se movesse a um centésimo da velocidade da luz — o que não chega a ser uma velocidade muito problemática para qualquer tecnologia avançada — poderia atravessar a galáxia em cem milhões de anos. Existem sinais de vida neste planeta que datam de 1,8 bilhão de anos — o que é dezoito vezes mais do que cem milhões de anos. Portanto, se olharmos a galáxia em tais escalas de tempo, veremos que a infiltração de esporos no espaço interestelar é uma estratégia biológica perfeitamente viável. Pode levar milhões de anos, mas é o mesmo princípio adotado pelas plantas que emigram para um deserto ou atravessam um oceano.

Não existem fungos no registro fóssil com idade superior a quarenta milhões de anos. A explicação ortodoxa é que os fungos são tenros e não se fossilizam facilmente; por outro lado, dispomos de fósseis de vermes igualmente tenros, bem como de outros

invertebrados bênticos, encontrados em sílex na África do Sul, que datam de mais de um bilhão de anos.

Não acredito necessariamente no que o cogumelo me diz; o que faço é dialogar com ele. O cogumelo é uma pessoa muito estranha e tem muitas opiniões incomuns. Trato-o como trataria qualquer amigo excêntrico. Digo: “Então é isso o que você acha?” Quando o cogumelo começou a dizer que era um extraterrestre, fiquei no mesmo dilema da criança que quer destruir um rádio para ver se há homenzinhos lá dentro. Não me foi possível determinar se o cogumelo era o próprio alienígena ou se era algum tipo de artefato tecnológico que me permitia ouvir um alienígena que, na verdade, se encontrava a anos-luz de distância, comunicando-se graças a algum princípio de não-localidade de Bell.

O cogumelo define muito claramente a sua posição. Diz: “Preciso do sistema nervoso de um mamífero. Sabe onde posso conseguir um?”

Observações à ARUPA, 1984

Arthur Young disse certa vez uma frase que me causou forte impressão. Alguém lhe trouxe uma máquina, pedindo que ele a aperfeiçoasse. Arthur indagou o que a máquina fazia. A pessoa disse não saber. “Então, como espera que eu a aperfeiçoee?”, indagou Arthur. Acho que estamos na mesma situação no tocante às substâncias psicodélicas. Eu não sairia do meu estúdio, onde tenho tantos livros, para participar de uma conferência sobre algum novo progresso do tratamento ortomolecular da neurose, e prefiro acreditar que, no fundo, o que estamos discutindo aqui nada tem a ver com isso. O meu ponto de vista é bem mais radical, mais milenarista e talvez mais “técnico”. O que acho que ocorre com os alucinógenos, especialmente os da família das triptaminas (e mais adiante voltarei a falar deles), é certo tipo de indicação de uma realidade objetiva.

Quando me perguntam “Qual a sua fantasia?” ou “Qual a sua visão?”, respondo que eu gostaria de trazer de volta um pedaço da outra dimensão. Às vezes, o que me ocorre não é trazer de volta um pedaço dela, e sim fazer nela um furo para que ela escoe até nós. Há pouco, durante uma conversa que tive com Marilyn Ferguson, ela me disse: “Os alucinógenos são janelas.” Respondi: “Espero

Palestra pronunciada no Esalen Institute, da Califórnia, no outono de 1984, durante uma reunião da Association for the the Responsible Use of Psychodelics (Associação para o Uso Responsável de Substâncias Psicodélicas), grupo informal composto de psicólogos, químicos e terapeutas que, entre 1983 e 1986, se reuniu periodicamente em Esalen sob o patrocínio do saudoso e muito querido Richard Price.

que sejam portas, portas que possamos abrir para entrar e ir de sala em sala em um mundo tridimensional que confirme a realidade dessas coisas."

Platão disse que, se Deus não existisse, o homem o inventaria. Se esse mundo psicodélico e hiperdimensional não existisse, nós o inventaríamos por meio de computadores e de *interfaces* homem-máquina. Felizmente, ele existe na tradição mundial do uso de alucinógenos. Compreendo os esforços de pessoas como Fritjof Capra, no sentido de explicar a consciência em termos de física quântica, mas estou convencido de que a primeira premissa deve ser que, na verdade, não sabemos absolutamente nada quanto à natureza da realidade. É por isso que não podemos definir adequadamente os conceitos de "espírito", "ser" e "ego".

É provável que estejamos tão longe de qualquer noção divina de verdade objetiva quanto as sociedades do passado. A idéia de que descendemos de um povo-formiga que saiu da urina do deus do céu, quando ele saltou da canoa para esvaziar a bexiga na sétima catarata, parece-me mais palpável que a noção de que derivamos do "Big Bang" — momento em que o universo inteiro surgiu do nada e sem motivo algum. É uma questão de relativismo de mitologias. De fato, mal começamos a tentar compreender a natureza do ser no mundo. É por isso que eu gostaria que houvesse mais entusiasmo, ou convicção, ou algum modo pelo qual pudéssemos deixar de agir como o cego diante do elefante e chegar a algum tipo de consenso quanto a essa dimensão e o que ela denuncia.

Ontem Stan Grof trouxe à baila a noção do "psicóide", termo que ocorre no pensamento de Jung quando ele modifica ligeiramente sua afirmação sobre a natureza da dinâmica do subconsciente. Sugere que o subconsciente está, ao mesmo tempo, no mundo exterior e dentro de nós, e que há nisso certa congruência. É essa a dimensão para cuja exploração os alucinógenos são adequados: esses estados intermediários entre o espírito e a matéria. A migração de coincidências, a fusão sincrônica dos fluxos externo e interno de eventos são fenômenos que podem ser repetidamente provocados por esses compostos. E isso é muito importante.

Devemos admitir que há algo de tóxico no processo histórico — que realmente não podemos refiná-lo de modo a salvar a nossa

pele. Na palestra de Fritjof Capra, havia uma noção muito forte de que a ciência precisa de nova roupagem — que, nessa nova roupagem, ela poderá exprimir a natureza da realidade. Pergunto-me se isso é verdadeiro. Uma das coisas trazidas à tona pelos alucinógenos, e que deixaria louco qualquer físico, é a curiosa qualidade literária visível na superfície da existência. Descobrimos que somos personagens de um romance, que somos, ao mesmo tempo, impedidos e vitimados por vários tipos de forças coincidentes que moldam a nossa vida. É nisso que consiste o reconhecimento do fator sincrônico. É como se você flagrasse o espírito no ato de compor a realidade.

Frank Barr e eu estivemos falando de *Finnegans Wake* e comparando-o a um fractal, dizendo que o fractal é uma curva que, em virtude de sua complexidade, atinge uma dimensão parcial, mais de auto-expressão, no universo. *Finnegans Wake* é um livro que, em certo sentido, tenta inserir-se no mundo e tornar-se um sistema autônomo de eventos. Acredito que os alucinógenos demonstram ser possível atingir essa *interface* entre um mundo comum de experiências tridimensionais e esses espaços hiperdimensionais. Por nos erguerem à altura de uma fração de dimensão, os alucinógenos nos permitem uma espécie de contemplativo acesso ao hiperespaço.

O que o meu irmão Dennis McKenna disse em sua palestra foi que a qualidade que nos torna humanos surgiu da *interface* entre as plantas e os primatas. Vejo isso como um processo ainda em andamento e que, na superfície do planeta, só foi interrompido na Europa há cerca de 1.500 anos. Essas várias substâncias atuam como força mediadora na história humana. Basta refletirmos sobre o impacto do açúcar, do tabaco, do café, do álcool, do ópio e dos alucinógenos.

A sugestão de que os alucinógenos podem transformar uma pessoa em bom cidadão me surpreendeu. Sempre supus que o motivo pelo qual os alucinógenos não são legalizados não é que alguém se preocupe com o fato de que eles causam visões, e sim que há algo neles que lança dúvidas sobre a validade da realidade. Os alucinógenos são, inevitavelmente, agentes descondicionantes, pelo simples fato de demonstrarem a existência de outra realidade

próxima que funciona com uma dinâmica diferente. Acho que eles são, inerentemente, catalisadores de dissidência intelectual, e isso torna sua aceitação muito difícil às sociedades, mesmo àquelas que são democráticas.

Trouxeram-me aqui para dizer que as triptaminas vegetais são diferentes. Há um problema na história dos alucinógenos: em determinado momento, o LSD surgiu e tornou-se um problema social. Muita pesquisa foi dedicada ao assunto. Os outros alucinógenos — a psilocibina, o DMT etc. — foram vistos como compostos semelhantes, que apenas exigiam mais material físico para produzir os seus efeitos. Nos textos aceitos, todos são classificados no mesmo grupo. Na verdade, as triptaminas têm uma qualidade muito diferente do LSD, quase ao ponto em que precisamos dividir em duas a palavra “alucinógeno” para que ela possa comportar a diferença ontológica entre as triptaminas e essas outras substâncias.

Albert Hoffman: Você inclui a psilocibina no grupo das triptaminas?

TM: Claro que sim.

Albert Hoffman: Então vê grandes diferenças entre o LSD e a psilocibina?

TM: Certamente. Parece que, só com alguma relutância, o LSD se torna um alucinógeno provocador de visões. Em termos de atividade no córtex visual, a psilocibina produz alucinações visuais de um modo fantasticamente prolífico. Em minha opinião, as alucinações visuais são muito mais acessíveis à maioria dos que tomam psilocibina. Contudo, a qualidade que verdadeiramente determina uma distinção entre esses alucinógenos — e você discutiu isso brevemente em Santa Barbara — é que as triptaminas têm uma qualidade de animação. Parece haver uma entidade semelhante ao Logos — uma presença alienígena — que não se pode atribuir facilmente aos componentes da psique. E é animada, estranha, dotada de um exotismo e de uma personalidade que não estão presentes no LSD. Você não concorda?

Albert Hoffman: Sim, mas creio que há uma diferença entre a psilocibina e as triptaminas. A psilocibina funciona oralmente; as outras triptaminas são fumadas.

TM: O *ayahuasca* é uma triptamina oralmente ativa. Quem toma uma forte dose de *ayahuasca* chega, dentro de uma hora e vinte minutos, a uma região inteiramente semelhante àquela a que chegaria se houvesse fumado DMT. O mesmo acontece uma hora e vinte minutos depois de se tomar uma dose de trinta miligramas de psilocibina. Sabe-se que a psilocibina não se converte em DMT quando se degrada, mas o DMT está presente no *ayahuasca* como composto puro. É estranho: as triptaminas são os alucinógenos mais comuns na natureza orgânica, mas são os menos explorados pela ciência. Acredito que isso se deva a uma relutância em encarar essa dimensão peculiar e exótica. Sasha Shulgin descreve o DMT como “sombrio” — é o rótulo que ele lhe dá. “Demoníaco” é uma palavra freqüentemente usada. Não sei exatamente o que isso significa. Jung sempre falou acerca de “demônios” e associava os “demônios” à terra. Lembro-me de que ele menciona os demônios mexicanos da terra.

É verdade que as pessoas são muito reticentes quanto aos cogumelos, abordando-os com muito cuidado. As triptaminas são os compostos menos sujeitos a abuso, pois os seus entusiastas costumam ser extremamente cautelosos.

Isto porque a experiência é muito misteriosa. Inclui o ingresso em uma dimensão extra-humana, que independe do ego, uma dimensão que não pode ser medida. Não se trata de resolver os nossos processos introspectivos pessoais. Todos os alucinógenos parecem ser os mesmos em pequenas doses, doses um pouco acima do limiar. Contudo, à medida que se tomam doses maiores, mas que ainda são farmacologicamente isentas de risco, surgem as diferenças. Ocorrem sinestias exóticas, inclusive a geração de linguagem tridimensional — uma situação na qual, usando a voz, a pessoa pode criar modalidades coloridas tridimensionais dotadas de conteúdo lingüístico. Essa linguagem visível pode ser exibida a um amigo ou amiga que esteja no mesmo estado. É como se a linguagem fosse dotada de um potencial que raramente é expresso. Robert Graves

próxima que funciona com uma dinâmica diferente. Acho que eles são, inerentemente, catalisadores de dissidência intelectual, e isso torna sua aceitação muito difícil às sociedades, mesmo àquelas que são democráticas.

Trouxeram-me aqui para dizer que as triptaminas vegetais são diferentes. Há um problema na história dos alucinógenos: em determinado momento, o LSD surgiu e tornou-se um problema social. Muita pesquisa foi dedicada ao assunto. Os outros alucinógenos — a psilocibina, o DMT etc. — foram vistos como compostos semelhantes, que apenas exigiam mais material físico para produzir os seus efeitos. Nos textos aceitos, todos são classificados no mesmo grupo. Na verdade, as triptaminas têm uma qualidade muito diferente do LSD, quase ao ponto em que precisamos dividir em duas a palavra "alucinógeno" para que ela possa comportar a diferença ontológica entre as triptaminas e essas outras substâncias.

Albert Hoffman: Você inclui a psilocibina no grupo das triptaminas?

TM: Claro que sim.

Albert Hoffman: Então vê grandes diferenças entre o LSD e a psilocibina?

TM: Certamente. Parece que, só com alguma relutância, o LSD se torna um alucinógeno provocador de visões. Em termos de atividade no córtex visual, a psilocibina produz alucinações visuais de um modo fantasticamente prolífico. Em minha opinião, as alucinações visuais são muito mais acessíveis à maioria dos que tomam psilocibina. Contudo, a qualidade que verdadeiramente determina uma distinção entre esses alucinógenos — e você discutiu isso brevemente em Santa Barbara — é que as triptaminas têm uma qualidade de animação. Parece haver uma entidade semelhante ao Logos — uma presença alienígena — que não se pode atribuir facilmente aos componentes da psique. E é animada, estranha, dotada de um exotismo e de uma personalidade que não estão presentes no LSD. Você não concorda?

Albert Hoffman: Sim, mas creio que há uma diferença entre a psilocibina e as triptaminas. A psilocibina funciona oralmente; as outras triptaminas são fumadas.

TM: O *ayahuasca* é uma triptamina oralmente ativa. Quem toma uma forte dose de *ayahuasca* chega, dentro de uma hora e vinte minutos, a uma região inteiramente semelhante àquela a que chegaria se houvesse fumado DMT. O mesmo acontece uma hora e vinte minutos depois de se tomar uma dose de trinta miligramas de psilocibina. Sabe-se que a psilocibina não se converte em DMT quando se degrada, mas o DMT está presente no *ayahuasca* como composto puro. É estranho: as triptaminas são os alucinógenos mais comuns na natureza orgânica, mas são os menos explorados pela ciência. Acredito que isso se deva a uma relutância em encarar essa dimensão peculiar e exótica. Sasha Shulgin descreve o DMT como "sombrio" — é o rótulo que ele lhe dá. "Demoníaco" é uma palavra freqüentemente usada. Não sei exatamente o que isso significa. Jung sempre falou acerca de "demônios" e associava os "demônios" à terra. Lembro-me de que ele menciona os demônios mexicanos da terra.

É verdade que as pessoas são muito reticentes quanto aos cogumelos, abordando-os com muito cuidado. As triptaminas são os compostos menos sujeitos a abuso, pois os seus entusiastas costumam ser extremamente cautelosos.

Isto porque a experiência é muito misteriosa. Inclui o ingresso em uma dimensão extra-humana, que independe do ego, uma dimensão que não pode ser medida. Não se trata de resolver os nossos processos introspectivos pessoais. Todos os alucinógenos parecem ser os mesmos em pequenas doses, doses um pouco acima do limiar. Contudo, à medida que se tomam doses maiores, mas que ainda são farmacologicamente isentas de risco, surgem as diferenças. Ocorrem sinestesias exóticas, inclusive a geração de linguagem tridimensional — uma situação na qual, usando a voz, a pessoa pode criar modalidades coloridas tridimensionais dotadas de conteúdo lingüístico. Essa linguagem visível pode ser exibida a um amigo ou amiga que esteja no mesmo estado. É como se a linguagem fosse dotada de um potencial que raramente é expresso. Robert Graves

escreveu acerca de um *ur sprach* — uma linguagem poética primeira cujo poder residia em sua contemplação. E Hans Jonas mencionou a noção de um Logos mais perfeito — um Logos não dos ouvidos, mas dos olhos.

Acredito que a pesquisa dos alucinógenos não é um remanso de águas paradas na periferia da História. Os alucinógenos não são um avanço científico destinado basicamente aos neuróticos ou doentes mentais. São literalmente “o novo mundo”. Já avistamos sinais de terra no hiperespaço. Agora temos quatrocentos ou quinhentos anos de exploração à nossa frente. Na *interface* psicodélica entre o homem e a máquina, pode haver castelos na imaginação. Podemos decidir que foi para isso — esse casamento entre imaginação e capacidade — que a história humana existiu, de modo a possibilitar a criação de uma civilização realmente civilizada, com raízes na experiência psicodélica.

Há interesse, até mesmo ansiedade, em que nós como grupo, nós que partilhemos desses conhecimentos, criemos um clima político no qual seja possível pesquisar mais e no qual essas questões possam ser discutidas mais livremente. Concordo em princípio com tudo isso, mas não estou disposto a dedicar-lhe muita energia. No passado, muita experimentação clínica foi feita em relação ao LSD; um dos oradores se referiu a dados provenientes de oito mil administrações de LSD. Certamente o que podia se aprender com essa modalidade já foi assimilado, pelo menos superficialmente.

Em vez do alargamento horizontal da fé, interessar-me-ia muito mais um fortalecimento vertical da fé, fazendo com que as pessoas que já tomaram esses compostos passem a tomar mais, tomar compostos diferentes e em doses maiores. O verdadeiro crisol dessa pesquisa é o Eu. Devemos manter diários e registrar experiências em um banco de dados, para que os temas comuns possam ser identificados em grandes grupos de relatos apresentados. Em outras palavras, fortalecer a comunidade, em vez de ampliá-la.

Acredito que a experiência psicodélica foi a luz do começo da História; que essa foi, realmente, a coisa mais importante; que hoje já atingimos um nível suficiente de sofisticação analítica para discernir a força que levou a mente animal a ingressar no palco

humano. Trata-se de um processo que, uma vez deflagrado, não tem fim. É como se esses alucinógenos botânicos fossem exo-hormônios, produtos químicos portadores de mensagens, destilados por Géia para controle do desenvolvimento do processo histórico da espécie catalisadora que vem alterando a face do planeta. O fato de termos descoberto algo a respeito do passado não é apenas uma questão de arqueologia noética. O mesmo se pode dizer da descoberta de Albert Hofmann acerca de Elêusis; e pode vir a ter maior impacto que a descoberta do próprio LSD. Trata-se da descoberta de um esqueleto no armário. Há esqueletos no armário das origens humanas e da origem da religião. Aposto que esses esqueletos são, todos eles, alucinógenos vegetais. Se formos capazes de conviver com eles, poderemos começar a compreender a feição do futuro humano.

Não é fácil medir a experiência psicodélica. Parece ser um mundo tão grande quanto o antigo domínio da natureza. Não é apenas o inconsciente coletivo de Jung — o repositório de toda a experiência da espécie humana — e menos ainda a noção freudiana do repositório de lembranças da experiência individual. Parece que o que Freud e Jung conceberam como um lugar na organização da psique é reconhecido no modelo xamanista como um lugar, uma dimensão vizinha, adjacente, na qual a mente pode se projetar e, galgando essas dimensões interiores, senti-las como realidades.

O objetivo de William Blake, de liberar o espírito humano projetando-o na imaginação, é um objetivo cultural razoável, provavelmente ao nosso alcance através de criteriosa aplicação da cibernética e de substâncias psicodélicas. Acho que vamos nos aproximando rapidamente desse objetivo; e, como o grupo aqui presente é um grupo de vanguarda por definição, causa-me surpresa o fato de sermos tão comedidos. A atitude que tomarmos em relação a esses problemas, a maneira pela qual entendermos e interpretarmos essas experiências, determinará o modo pelo qual a questão se propagará por todo o mundo.

Um dos problemas é como construir pontes que nos levem ao futuro. Existem cerca de cinco ou seis questões botânicas muito prementes em relação aos alucinógenos, prontas para explodir em vários lugares do mundo — drogas ou preparados xamanistas sobre

os quais a literatura é muito sugestiva, e na confecção dos quais as famílias de plantas utilizadas contêm alucinógenos já identificados. Cinco anos de trabalho por parte de médicos, antropólogos, etnobotânicos e gente disposta a aventurar-se poderiam provavelmente dobrar a quantidade de informações conhecidas a respeito dos alucinógenos vegetais.

No passado, a dificuldade residia no preparo, em laboratório, de parentes estruturais dos compostos conhecidos. Mas até mesmo compostos como o 2CB, que tem relação com o DOM, jamais teriam sido descobertos se alguém não houvesse notado que um produto natural, a miristicina, era de certa forma psiquicamente ativo. Toda a família do MDMA pode ser vista como variações da molécula de miristicina. Precisamos saber se existem alucinógenos, em famílias químicas desconhecidas, que detêm o segredo da elaboração de novos compostos em laboratório.

O método inicial da farmacopéia botânica era enviar pessoas à floresta para coletar, extrair e caracterizar; depois, com o progresso da arte da síntese, essa atividade diminuiu gradualmente e houve um número cada vez maior de sínteses, a partir de teorias baseadas em relações entre estruturas e atividades. Atualmente, grande parte desse trabalho já foi realizada e nenhuma nova família alucinógena importante foi descoberta. Restam importantes tarefas de levantamento botânico a serem feitas no mundo, a fim de identificar os alucinógenos que possam estar caindo em desuso, ou cujo uso é restrito ou muito endêmico. Tudo isso são maneiras de expandir o nosso conhecimento dos alucinógenos. Qual o lugar que lhes cabe na natureza? Isso poderia ser determinado. Certamente não é no contexto do tratamento da saúde mental.

A Renascença italiana funcionava à base de especiarias; os italianos precisavam obtê-las em algum lugar, e as importavam. Ora, "especiarias" é um termo muito ambíguo. Se pudéssemos fazer com que os alucinógenos fossem reclassificados como especiarias, eles passariam a ser controlados, não por psicoterapeutas e psiquiatras, mas por cozinheiros e *maitres-d'hôtel*. Teríamos então um modo inteiramente diferente de administrar as substâncias, os ambientes e os objetivos psicodélicos.

Parece-me que estamos na Idade da Pedra em relação a todas

as fases dessas explorações. É espantoso que ainda haja tanto a fazer — e, para todos nós, é um enorme privilégio estarmos à frente dos que vão participar da aventura. É difícil acreditar que estejamos ainda na estaca zero, 25 anos depois que Leary travou a batalha do LSD; mas é o que parece — por omissão, pois ninguém mais deseja isso.

Ralph Metzner: Posso fazer alguns comentários a esse respeito? Suas idéias, bem como a idéia de Albert Hofmann quanto ao papel desempenhado por plantas alcalóidicas em Elêusis, coadunam-se com a noção do despertar dos deuses antigos. Essas plantas eram sagradas, tratadas como seres sagrados, divinos, basicamente deidades. Se chegarmos a identificar o que era o soma, poderemos identificar e recriar a fonte original de energia que impulsionou a civilização indo-européia. Da mesma forma, se redescobrimos e pudermos incorporar o que quer que tenha sido utilizado em Elêusis, teremos o ímpeto original que, durante dois mil anos, transformou a civilização greco-européia no principal veículo da experiência religiosa.

TM: O soma é a luz que há no começo e no fim da História. Essa é a noção. É o soma que infunde a História. A História é um processo que ele criou para os seus próprios fins. Mantemos um relacionamento simbiótico com uma criatura biológica que é como um deus, por ser tão avançada, tão diferente e possuir um corpo de informações tão peculiar em comparação com o nosso.

Ralph Metzner: Outra breve questão quanto ao soma. O que quer que ele fosse, por que desapareceu? Hoje não existem na Índia exemplares do *Stropharia cubensis* ou do *Amanita* ou de qualquer outro desses alucinógenos. Se algum existe, é bastante remoto, não uma coisa generalizada como o álcool ou o vinho, que se tornaram drogas religiosas/sociais muito em voga em toda a cultura ocidental. Minha teoria acerca do que aconteceu naquele tempo é a mesma do que está acontecendo hoje; que o uso do soma, que era um genuíno intoxicante religioso no sentido de que produzia uma experiência religiosa e o conhecimento direto de Deus, foi sistema-

ticamente reprimido e eliminado pelo clero, que desejava, antes de mais nada, manter a sua própria estrutura de poder. Se o povo pudesse ter uma experiência direta de Deus, ingerindo cogumelos ou outra planta qualquer, não se interessaria por estruturas de poder sacerdotal — não lhes daria a menor importância. Por que uma pessoa haveria de falar com um sacerdote quando poderia falar diretamente com Deus?

TM: É esse o fator descondicionante.

Ralph Metzner: Vimos nos anos 60 e vemos hoje que os detentores de poder na sociedade não querem que grandes números de pessoas tomem substâncias ou ingiram plantas capazes de expandir a consciência. Que um aqui e outro ali o faça, tudo bem. Mas não querem que a coisa seja feita por grandes grupos, capazes de lhes causar problemas.

TM: É por isso que a abordagem vertical é melhor. Experiências mais profundas para um núcleo mais forte.

Conversa Sobre Discos Voadores

WN: Os dois livros que você escreveu mencionam a influência dos OVNI's. Poderia explicar exatamente a sua noção a respeito do que é um OVNI?

TM: Em nosso primeiro livro, *The Invisible Landscape*, a referência a discos voadores é realmente escassa; o assunto só é mencionado uma vez. Agi assim propositalmente, porque achei que o livro já estava atropetado de idéias bizarras. Guardei o assunto para depois, para discuti-lo no "livro falado" *True Hallucinations* (que foi lançado em fitas cassete). Parece-me que, no caso dos alucinógenos à base de triptamina em geral, e em particular no caso da psilocibina, experimentamos um estado de espírito muito semelhante àquele que, segundo os relatos, ocorre nos casos de contato com os OVNI's. De certa forma, os estados de espírito xamanísticos podem ser comparados aos contatos com OVNI's. A níveis ativos, a psilocibina induz idéias visionárias de aeronaves, criaturas exóticas e informações alienígenas. Há uma qualidade geral de ficção científica na experiência com a psilocibina que parece ter a mesma origem que o mito moderno do OVNI.

Meu irmão e eu descobrimos, durante nossa expedição à Amazônia em 1971, que o acúmulo de triptaminas no organismo de uma pessoa parece conferir-lhe a capacidade de habitar mais de um

Esta entrevista, conduzida por Will Noffke, foi publicada no número do inverno de 1989 de *Revision*.

mundo ao mesmo tempo, como se um outro mundo se sobrepuhasse à realidade. Trata-se da super-realidade, um mundo hiperdimensional no qual as informações nos chegam através de meios mágicos. Após as descobertas que fizemos na Amazônia, fiz um levantamento da literatura da experiência mística, dos encontros com OVNI's e de sistemas ocultos, como a alquimia. No fim, verifiquei que todas essas correntes de pensamento se referiam à mesma coisa. Para os modernos, a experiência que vem ganhando ascendência é chamada de "contato com o OVNI", experiência que não pode ser reduzida às explicações oferecidas pelos especialistas e entusiastas dos objetos voadores não identificados. Não se trata, propriamente, de contato com uma raça espacial que chegou das estrelas, mas também pouco se trata de ilusão ou histeria de massa. De fato, alguma coisa muito estranha está acontecendo, algo que é tão incompreensível para as noções epistemológicas modernas quanto seria a aterrissagem de um avião a jato em algum lugar próximo a uma aldeia de aborígenes da Nova Guiné. A proporção de pessoas que alegam terem visto OVNI's é muito grande, e, no entanto, a ciência não consegue explicá-los. Aparentemente, surgiu um vórtice na realidade, um vórtice que vem desorientando a ciência. Esse vórtice é o OVNI que aparece e desaparece com tanta frequência, como um fantasma que rondasse a História.

Refiro-me especificamente ao disco de prata que passou a aparecer nos céus após a Segunda Guerra Mundial, e o respectivo mito de alienígenas de orelhas pontudas e olhos de gato. Há inúmeras variantes desse mito, mas ele é claramente um complexo de idéias que emergiu da psique coletiva. A pergunta é: de que se trata? Será uma profecia? Uma visão do futuro humano? O que é o OVNI? A fase pós-moderna da especulação em torno dos OVNI's reconhece que o disco voador não é uma simples luz avistada no céu, mas que tem certa relação com a psicologia humana. Os pesquisadores constataram que muitas das pessoas que viram OVNI's estavam pensando em alguma coisa estranha e fora do comum imediatamente antes de avistá-los. O OVNI parecia atuar como uma espécie de catalisador para alguma finalidade. Jacques Vallée foi o primeiro a sugerir aquilo que eu chamaria de "teoria do termostato cultural" dos OVNI's, em um livro intitulado *The Invi-*

sible College. Propôs que o disco voador é um objeto oriundo do inconsciente coletivo da raça humana, que surge para pôr fim ao controle de algum conjunto de idéias cujo poder explanatório esteja se sobrepondo a outros à custa da ética. Trata-se de um elemento desconcertante que surge repetidamente na História, sempre que os eventos atingem certo grau de ebulição.

Colin Wilson sugere idéia semelhante em seu romance *The Mind Parasites*, ao afirmar que a carreira de Cristo foi um dos primeiros desses elementos desconcertantes, no qual a ciência e o militarismo romanos foram derrubados por uma religião peculiar que nenhum romano instruído podia levar a sério. Os romanos instruídos eram bem versados no atomismo de Demócrito, no epicurismo e no sofismo; no entanto, os seus servos contavam histórias de um rabino que havia surgido dentre os mortos e aberto um portão que estava fechado desde a Criação, permitindo que a alma do homem se reunisse a Deus. Embora essas histórias não fizessem sentido para as autoridades romanas, seus adeptos rapidamente conquistaram o império. Hoje a ciência, com as suas metódicas e ordeiras explicações do mundo, substitui as aspirações da Roma imperial como mitologia dominante do controle e do raciocínio. O povo, porém, insiste em contar histórias de luzes no céu, de encontros bizarros com seres estranhos — e é difícil fazer calar essas histórias.

O meu próprio encontro pessoal com um OVNI me fez encarar o fenômeno como real, qualquer que seja o significado de "real". Os OVNI's são fenomenologicamente reais. De fato, o que afirmo é que a psilocibina revela um evento que ocorre no fim da História; e esse evento é de tal magnitude que chega a projetar de volta no tempo pequenos reflexos de si mesmo. São concreções apocalípticas que surgem no contínuo histórico, dando injeção a religiões e histerias diversas e insuflando idéias nos sistemas nervosos mais sensíveis.

Para o *éschatos*, situado na eternidade, todas as coisas são de certo modo coexistentes no tempo ou fora dele. Todos os eventos já aconteceram. O xamanismo é uma técnica formal de examinar tridimensionalmente esse objeto hiperdimensional fora do tempo, mediante repetidos cortes transversais, até que surge uma imagem

completa. O cogumelo evoca uma profunda consciência planetária que nos mostra que a História é uma espuma de origem artificial, surgida nos últimos dez ou quinze mil anos, que se espalhou rapidamente por todo o planeta. Mas, nos seres humanos, a mente precede a história da tecnologia e se estende até a treva dos tempos arcaicos.

Uma das coisas que dizemos em *The Invisible Landscape* é que existem no corpo humano caminhos para o conhecimento que não têm sido trilhados em virtude de preconceitos epistemológicos. Exemplo disso é o uso da voz para produzir uma mudança psicológica em nosso próprio sistema nervoso. A certo nível, isso parece absurdo, mas, por outro lado, é simplesmente um modo formal de observar o fato de que o som é energia, que a energia pode ser transformada de várias maneiras e que, quando dirigida para o corpo, obviamente produz mudanças. A melopéia e o canto são práticas xamanísticas mundiais. Os cantores xamanistas trilham um espaço com o qual nós, como sociedade, já não temos contato.

Quando a canção deixa de produzir efeitos, o mundo do xamã irrompe em uma situação de debilidade psíquica que contém um elemento de "pânico" — no sentido mitológico que evoca Pan subindo desde a região dos mortos. Em nossa sociedade, o pânico equivalente é o surgimento do OVNI como entidade psíquica autônoma, fora do controle do ego, que se dirige a nós com todo o exotismo do inconsciente. Quando o examinamos de perto, vemos a nós mesmos, vemos o nosso campo de informações mundiais, todo ele apresentado do modo estranho, distante, quase transumanamente frio que o associa ao mito do extraterrestre. O extraterrestre é a Supermente humana em sua expressão geral e particular neste planeta. Embora isso não elimine a leve possibilidade de que o cogumelo também nos ponha em contato com extraterrestres em planetas que orbitam outros sóis em algum ponto da galáxia, provavelmente significa que essa comunicação é intermediada pela Supermente. A Supermente é uma espécie de campo gerado pelos seres humanos, campo esse que escapa ao controle de qualquer instituição, governo ou religião. É, de fato, a forma de vida mais

inteligente do planeta; regula a cultura humana através da emissão de idéias trazidas da eternidade para o contínuo da História.

O OVNI é uma idéia destinada a desconcertar a ciência, porque a ciência passou a ameaçar a existência da espécie humana e o próprio ecossistema do planeta. Hoje, a cultura precisa de um choque, um choque equivalente àquele que a Ressurreição representou para o imperialismo romano. Os mitos que hoje estão surgindo são como os mitos messiânicos que precederam o advento de Cristo. São mitos de intervenção por parte de uma entidade hiperinteligente, que veio das estrelas para revelar o modo correto de viver. O OVNI desejaria destruir a ciência através de uma série de demonstrações destinadas a convencer a maioria da humanidade de que a finalidade da História é nada menos que a total adoção dos ensinamentos do OVNI. Uma vez transmitida a mensagem através da TV em todo o mundo, o OVNI talvez simplesmente desaparecesse. Depois que ele partisse, haveria uma histeria de abandono semelhante à que afligiu as comunidades cristãs após a Ressurreição. O desenvolvimento da ciência cessaria. A religião desenvolvida em torno do OVNI incorporaria um arquétipo enormemente poderoso, capaz de influenciar a humanidade, da mesma forma que o cristianismo sustou o desenvolvimento da ciência durante um milênio.

WN: Os cientistas não vão gostar dessa sua opinião.

TM: Acho que, até certo ponto, a ciência traiu o destino humano. Levou-nos ao limiar do voo interestelar, mas levou-nos também ao limiar do holocausto termonuclear. O resultado dessa traição é que a ciência pode muito bem ser destruída pela revelação do OVNI. Os cientistas sempre foram como o apóstolo Tomé, querendo pôr as mãos no ferimento do corpo desencarnado. Se o ferimento for exibido, se o disco vier e for visto por milhões de pessoas, os cientistas serão os primeiros a se converter. Devemos nos precaver e agir agora, a fim de preservar a nossa liberdade de pensamento, descondicionando-nos em relação à revelação do disco voador antes que ela ocorra. Toda religião opera segundo a lei dos grandes números, e, se 80% do povo lhe der crédito, ela pode transformar

uma civilização. Mas é possível pertencer aos 20% que não crêem, ficar em um lugar elevado, a salvo de qualquer dilúvio.

Uma voz que trouxe orientação e revelação à civilização ocidental tem-se mantido calada há cerca de 1.700 anos. Trata-se do Logos, que todos os filósofos antigos procuraram invocar. Para a filosofia helenista, o Logos era uma voz que transmitia verdades axiomáticas. Passada aquela era e mortos os deuses pagãos, o conhecimento desse fenômeno desapareceu. No entanto, continua ao nosso alcance através da mediação dos mestres das plantas. Se formos capazes de examinar inteligentemente as dimensões que nos são apresentadas pelas plantas psicodélicas, poderemos entrar em contato com a Supermente e deixar para trás a nossa era, na qual as hierarquias dominantes têm de ser disciplinadas por OVNI's e messias, na qual o progresso é sustado durante milênios porque a cultura não pode fazer a ética progredir tão rapidamente quanto a tecnologia. Se formos capazes de estabelecer um diálogo com o Desconhecido, compreenderemos todas essas coisas e faremos contato com o Tao dos nossos ancestrais. Talvez desenvolvamos uma alternativa xamanista na qual indivíduos treinados serviriam de intermediários na experiência grupal que se pode ter através do uso de plantas psicodélicas.

Recorrendo a um questionário, constatamos que o contato com um OVNI é talvez o tema mencionado mais amiúde por pessoas que tomam psilocibina por prazer, usando doses na faixa de quinze miligramas, o suficiente para induzir todo o espectro dos efeitos psicodélicos. Essas pessoas encontram um outro espaço, onde há OVNI's e alienígenas — os clássicos homenzinhos verdes. O DMT produz efeito semelhante. Leva-nos também a espaços extravagantes, exóticos, infestados de elfos. É como se existisse uma realidade alternativa, tanto lingüística quanto dimensionalmente. Sintonizarmos um canal lingüístico diferente e, com essa linguagem a nos entrar pela cabeça, podemos observar o outro espaço. Essa realidade alternativa é surpreendentemente diferente das realidades alternativas descritas pela maioria das tradições culturais. Nada nos prepara para as suas características de mundo crepitante, eletrônico, hiperdimensional, interestelar, extraterrestre, de ficção científica; é um espaço complexo, cheio de superfícies curvas e altamente

polidas, máquinas que se tornam seres mediante transformações geométricas, e pensamentos que se condensam para formar objetos visíveis.

Um tema recorrente que me parece muito interessante é a linguagem hiperdimensional. Sob o efeito do DMT, ouvem-se ao longe os sons de uma linguagem muito indistinta, que vão ganhando intensidade sem que haja qualquer transição quantificável, e que se tornam um fenômeno, não do campo auditivo, mas do campo visual. Trata-se, de fato, de uma completa alucinação, de proporções extremamente realistas e absolutamente bizarras. É um violento remoinho de cores e formas, e a pessoa, de algum modo, pressente a Capela Sistina, a Caaba, Konarak. É uma espécie de, digamos, funil hiperdimensional. Por toda parte há informações estranhas nesse outro espaço. O que realmente nos surpreende é que a história e a arte humanas reflitam tão pouco dele.

WN: Mas refletem... A pessoa o vê?

TM: Sim, mas muito indistintamente. Quando o vemos realmente, pensamos: "Meu Deus, como é que se consegue esconder uma coisa dessas?" É algo que está aqui, vibrante, ao nosso lado. Os modernos métodos epistemológicos simplesmente não estão preparados para lidar com espaços povoados de vozes e de elfos. Temos um termo para essas coisas: tachamo-las de "esquizofrenia" e batemos-lhes a porta na cara. O fato é que essas dimensões convivem conosco há muito mais tempo, mil vezes mais tempo que Freud. Outras sociedades já fizeram as pazes com elas. Devido a acidentes da botânica e da História, a cultura européia manteve-se distante das dimensões psicodélicas. Esquecemos a dimensão das triptaminas e da psilocibina desde o incêndio de Elêusis, pelo menos. Fizemos coisas maravilhosas através da ciência e da tecnologia, enquanto outras culturas em todo o mundo conservavam acesa a chama arcaica. Os discos que rondam os céus da Terra indicam que o inconsciente não pode ficar esperando eternamente. Quando descobrirmos que a imaginação é realmente a base do ser, será como se o homem houvesse descoberto o fogo pela segunda

vez. A imaginação será o caminho dourado para um novo hiperespaço cultural.

WN: E o que devemos fazer?

TM: Penso que a tarefa da História é aquilo que chamo de "virar-nos pelo avesso". O corpo deve ser interiorizado e a alma exteriorizada sob a forma de um disco dourado e vivo. Keats assim o expressa em "Sailing to Byzantium":

Ó sábios que caminhais no fogo sagrado de Deus
como no mosaico dourado de uma parede,
vinde do fogo para tornar-vos
os mestres-cantores de minha alma.
Consumi o meu coração; enquanto arder de desejo
e estiver preso ao corpo de um mortal,
ele não saberá quem é; e levai-me
para o artifício da eternidade.

A expressão "o artifício da eternidade" evoca um futuro estranhamente mecanicista mas, ainda assim, espiritualista, para o qual o arquétipo do OVNI está chamando a humanidade. Nos últimos dez mil anos, desde as primeiras máquinas até o dia de hoje, a humanidade vem-se tornando uma criatura transplanetária. Trata-se, como disse H.G. Wells a respeito da História, de "uma corrida entre a educação e a catástrofe". Processos químicos e atômicos cada vez mais destrutivos estão sendo espalhados na Terra, forçando a espécie humana a perceber que as suas aspirações são incompatíveis com a ecologia do planeta, e que a espécie e o planeta devem separar-se. A transformação da humanidade em uma raça que navega no espaço — e talvez também no tempo — é, em escala biológica, a grande meta da História. O advento da agricultura e da urbanização é secundário quando comparado ao que vai acontecer a essa espécie, a esses primatas, quando partirem da Terra com os seus sonhos e seus computadores.

As informações andam à solta no terceiro planeta. Alguma coisa fora do comum está acontecendo. O mundo não é feito de

quarks, nem de pacotes de ondas eletromagnéticas, nem de pensamentos de Deus. O mundo é feito de linguagem. A linguagem vem-se reproduzindo no DNA, o qual, no ápice da evolução, está criando sociedades de seres civilizados que possuem línguas, e máquinas que usam línguas. A Terra é um lugar onde a linguagem passou a ser literalmente viva. A linguagem infestou a matéria; vem-se reproduzindo e se definindo e construindo a si mesma. E está em nós. A minha voz que fala é a boca de um macaco produzindo pequenos sons orais que transmitem significados consensuais, e é o significado que importa. Sem o significado, restariam apenas pequenos sons orais. O significado é uma forma primitiva de telepatia — quando você escuta a minha voz, os meus pensamentos passam a ser os seus pensamentos, e nós os cotejamos. Isso é comunicação, compreensão. A realidade é um reino de códigos, e é por isso que o problema do OVNI se assemelha a um problema de gramática — como um complemento fora do lugar na linguagem quadridimensional que compõe a realidade. Escapa a abordagens simples porque a sua natureza está de certa forma inserida na própria máquina do conhecimento epistemológico.

WN: De modo que não o encontraremos no espaço sideral?

TM: Não, ele está dentro de nós; é a nossa alma. Não poderemos encontrá-lo até que, de algum modo, aceitemos a parte oculta, o inconsciente coletivo, a Supermente. Precisamos encarar o fato de que há um nível de controle hierárquico que vem sendo exercido sobre a espécie humana como um todo, e que não nos cabe determinar o nosso destino, o qual está nas mãos de um superorganismo misteriosamente democrático, amebóide, hiperinteligente chamado Todos Nós. Quando aceitamos isso, quando ocupamos o nosso lugar dentro desse superorganismo, as informações fluem mais livremente e percebemos com maior clareza a realidade dessa criatura informativa. O fato é que temos um relacionamento simbiótico com um organismo feito de informações, e as plantas alucinógenas do xamanismo clássico reforçam intensamente essa situação.

É na dimensão psicodélica que podemos finalmente sintonizar

a voz do organismo e travar um diálogo. Nessa ocasião, ele explica que as coisas não são absolutamente como pensávamos; que, de fato, o que existe é pouco mais que camadas e camadas de significados entrelaçados. A imaginação é a verdadeira base do ser. Há uma dimensão paralela ao tempo, fora do tempo, a qual é acessível somente na medida em que pudermos nos descondicionar em relação aos sistemas cognitivos confinados à História, os quais nos trouxeram ao ponto em que estamos. É por isto que sempre se disse que a experiência alucinógena atua como um catalisador social.

WN: O que são os xamãs? Como o xamã leva a mensagem à tribo?

TM: A tribo é um sistema estabelecido para receber a mensagem. A nossa sociedade age de modo diferente: as elites dominantes, que detêm o controle político, transmitem ao povo as filosofias aprovadas pelo Estado, as quais são então aplicadas.

WN: O Estado como xamã?

TM: O Estado como xamã, o Estado como intermediário do desejo sagrado de Deus, e não uma relação interpessoal — uma relação protestante, digamos assim — com a Supermente. O OVNI representa um momento de crise entre o indivíduo e a Supermente, quando esta atravessa o espesso véu que a cobre e vem de encontro ao indivíduo. É como entrevistar um anjo — ou um demônio. O contato com a Supermente é cheio de intensas ressonâncias psicológicas para a pessoa que o experimenta; é uma experiência profundamente luminosa.

WN: Quer dizer que todo momento de criação identificável se enquadra na categoria de emanções da Supermente, quando a pessoa recebe uma síntese de informações, síntese essa que se torna o seu pensamento criativo, a sua descoberta do Desconhecido?

TM: Minha teoria do tempo formaliza matematicamente a noção de que a novidade é a onda constante da eternidade. A novidade

infiltra-se no tempo a uma taxa variável que, na verdade, pode ser matematicamente descrita quando se usam as transformações inerentes ao I Ching*. Os OVNI's parecem vir da eternidade. Não vêm das estrelas, a não ser que possam transferir-se instantaneamente de e para as estrelas. Os OVNI's vêm de outra dimensão; poder-se-ia quase dizer que vêm de além da morte. Vêm de outra dimensão que, de certa forma, é inteiramente diferente da nossa, mas vinculada à psique humana de uma forma ao mesmo tempo enigmática, alarmante, tranquilizante — e xamanista. É difícil saber a que ponto aqueles que não participam da civilização do século XX percebem isso. Qual a experiência de pessoas que ingerem cogumelos mas nada têm a ver com a sociedade do século XX? Será que sempre aceitaram, desde os tempos paleolíticos, a presença de uma dimensão superfuturista? Talvez em qualquer século as pessoas tenham tido esse contato com o fim do tempo, com o futuro distante. Hoje, porém, estamos equipados ao ponto de podermos sair do planeta, abandonar o invólucro do macaco, deixar para trás todas as noções terrenas acerca de nós mesmos e partir para a pura imaginação.

WN: Parece assustador.

TM: Assustador. Gnóstico. Talvez, como alguém já disse, pareça megalomania. Mas devemos perguntar-nos que impressão uma descrição do século XX causaria a alguém que vivesse no século XIX ou XV. A questão se resume em acreditar que os seres humanos são capazes de fazer o bem, porque, o que quer que sejamos, os seres humanos estão assumindo o controle da definição do que é ser humano. Através da engenharia genética, através do projeto de drogas, através da sondagem da dimensão psicodélica, através da interface espírito/máquina, estamos começando a espelhar as nossas mais profundas aspirações. A questão, portanto, passa a ser: "Quais são as nossas mais profundas aspirações? Como será o futuro?" Será uma espécie de pesadelo mefistofélico, a volta do super-homem nietzschiano a nos oprimir de um modo que fará o Terceiro Reich parecer brincadeira? Ou optaremos pelo elemento

*Ver capítulo 8, "Ressonância Temporal".

de cautela e controle, o elemento estético, o desejo de fugir para um universo que é, de fato, arte? Acho que esta segunda hipótese é possível — que passemos a habitar a nossa própria imaginação. Com uma tecnologia capaz de criar grandes habitats no espaço, é possível imaginar toda a galáxia social da ficção científica criada em uma região de menos de doze horas-luz de diâmetro, com o Sol no centro. É possível imaginar cinquenta ou sessenta mil habitats independentes, onde se desenvolvem experiências sociais de todo tipo, espacialmente independentes, mas eletronicamente interligados, em órbitas muito longas e lentas, que vão desde as vizinhanças do Sol até os planetas superiores.

Usando a atual tecnologia, poderíamos, hoje mesmo, reproduzir o meio ambiente do Havai a distâncias de até quatorze horas-luz do Sol, o que é várias horas-luz mais distante que Plutão. Isso significa que todo o sistema solar tornou-se terra habitável — mas só acontecerá quando a imaginação humana for transformada de modo a compreendermos que “viajar” não é uma metáfora; “viajar” é a finalidade de todo o empreendimento humano. É verdade que a Terra é o berço da humanidade, mas não se pode permanecer no berço para sempre. O universo nos chama. Na escala de tempo geológico, faz apenas um segundo que os nossos ancestrais xamanistas começaram a ingerir cogumelos e a ter a visão de seres humanos espalhados pela galáxia, como força vital aperfeiçoada e superinteligente. O tempo histórico pós-industrial é uma luta de quinze assaltos que decidirá se isso vai acontecer ou não.

WN: A musa não é, de certa forma, uma espécie de catalisadora da imaginação, a fonte da inspiração?

TM: Precisamente. É um êxtase. Há quem diga que é possível atingir esses estados de várias maneiras. Existem muitos tipos diferentes de êxtase, mas a dimensão peculiar e extraterrestre a que essas triptaminas nos levam não é o êxtase comum dos místicos, pois, do contrário, o encontraríamos refletido mais intensamente na literatura mística. Para mim, um dos maiores enigmas é o fato de que os temas bizarros que surgem durante o êxtase do DMT não

tenham, ao que eu saiba, sido incorporados a qualquer cultura, em parte alguma.

WN: Seria isso uma indicação de que, ao terem essas visões, as pessoas se assustavam — e as ocultavam, julgando que talvez estivessem ficando loucas?

TM: Tem razão. Acho que a mudança é tão radical e a implicação tão difícil de aceitar que a pessoa sente que a sua sanidade mental está sendo ameaçada ou, então, reprime aquilo que, no êxtase, lhe parece um desafio ao mito de realidade adotado pela sociedade em que vive. É muito difícil assimilar essas realidades contraditórias que põem em dúvida tudo o que sempre se supôs acerca da nossa realidade. Somente em um mundo muito, muito estranho podem existir contínuos alternativos operando à nossa volta, repletos de informações exóticas que são o produto de sua própria história e cuja meta é conhecer o seu próprio futuro.

WN: A ficção científica tem suas teorias a respeito. Quero dizer, o leitor encontra, aqui e ali, certos vislumbres dessas idéias. Mas o que você está dizendo é que elas são reais, e que fazer tal afirmação é a sua missão, o seu destino na vida.

TM: Não digo que a minha interpretação seja a única possível, mas certamente afirmo que os compostos de triptamina sancionados pelo xamanismo provocam uma experiência extremamente peculiar, a qual tem mais a ver com a experiência dos OVNI's do que com a experiência mística clássica ou com os outros compostos alucinógenos, e que as atitudes sociais e outros fatores vêm conspirando para mantê-la em segredo. O contato com os OVNI's não foi bem estudado, porque as pessoas interessadas em discos voadores não se interessam por alucinógenos. A grande maioria dos que se ocupam dos discos voadores são pessoas obcecadas por máquinas, convencidas de que os OVNI's são naves espaciais vindas de alguma estrela. A explicação xamanista e psicológica não é particularmente bem aceita em parte alguma.

Enquanto isso, a comunidade dos pesquisadores de alucinóge-

nos já se acha bastante estigmatizada sem que se alie aos maníacos dos discos voadores, o que seria como pôr mais lenha na fogueira. Como estou por fora de tudo isso, leio e aprecio o trabalho de pesquisadores como Mircea Eliade, mas ainda assim critico o fato de que os relatos antropológicos ortodoxos sobre o xamanismo não parecem compreender realmente toda a estranheza da experiência alucinógena do xamanismo. Essa experiência traz problemas não só para os chamados povos primitivos que usam plantas alucinógenas; traz também problemas fundamentais e igualmente profundos para a nossa sociedade. Quando se trata de assimilar a experiência psicodélica, não somos mais capazes do que o habitante de uma aldeia nos planaltos da Nova Guiné ou um índio uitoto da Amazônia. Na verdade, temos ainda menos base para compreendê-la; por isso, a nossa cultura atravessa uma crise tão desesperada — uma crise de nascimento e uma crise terminal. Se não estamos inteiramente informados quanto à natureza da realidade, devemos corrigir essa deficiência. Minha motivação é ajudar a corrigi-la.

WN: Nesses lugares que menciona, você já esteve em companhia de outro ser humano, e conseguiu realmente ter uma experiência paralela, conjunta?

TM: Acho que essa experiência conjunta acontece. Na Amazônia, quando um grupo de pessoas toma *ayahuasca* enquanto o xamã entoia a sua cantilena, você tem a impressão de que todos estão passando pela mesma topologia experiencial e tendo as mesmas visões. Da mesma forma, quando se toma psilocibina com apenas uma outra pessoa, e os dois estão deitados juntos sob o efeito do cogumelo, tem-se a impressão de que ambos estão passando pelo mesmo ato de percepção. Às vezes, se um deles começa a descrever a visão e se interrompe, o outro pode retomar o relato do ponto em que foi interrompido — sem que haja incoerências. Estou inteiramente convencido de que ocorre telepatia quando se está sob o efeito desses compostos, muito embora eu não saiba exatamente o que fazer para que o fenômeno se repita.

Infelizmente para a pesquisa desses fenômenos, a psilocibina foi proibida por lei, como cautela adicional, durante um pânico

comparável ao que ocorreu na Inglaterra, em começos do século XIX, quando os trabalhadores, chefiados por um débil mental chamado Ned Ludd, passaram a destruir as máquinas por desconfiarem que elas iriam suplantá-los. Em consequência desse outro pânico, no século XX, a maioria dos alucinógenos que vinham sendo utilizados na pesquisa foram proibidos. A psilocibina não pôde se defender — era um agente alucinógeno e, portanto, ilegal. Com isso, não chegou a receber a atenção que merecia como instrumento capaz de lançar luz sobre a psique e como catalisador da imaginação.

WN: Como você propõe reeducar as pessoas no tocante a essas substâncias?

TM: O que sempre faltou à pesquisa dos alucinógenos foi um exame do conteúdo da experiência, de modo que devemos colocar esses compostos à disposição de pessoas inteligentes, que estejam dispostas a utilizá-los em situações diferentes do uso clínico.

A pergunta que deve ser respondida é: como essa experiência altera a vida das pessoas quando elas estão em um ambiente aberto, isento de pressões? Na Amazônia, que não é exatamente um ambiente isento de pressões, constatamos que, à medida que percorríamos os rios da floresta e entrávamos em contato com pequenas aldeias nas quais os alucinógenos eram conhecidos e utilizados, a realidade ia se transformando. A realidade é, verdadeiramente, uma criatura feita da linguagem e das estruturas linguísticas que, sem saber, trazemos em nossa mente; e, sob o efeito da psilocibina, essas estruturas se dissolvem, permitindo que a pessoa perceba coisas além dos limites do que pode expressar. Os contornos do inexprimível começam a definir-se em sua percepção, e, embora não se possa dizer muito acerca do inexprimível, este tem o poder de influenciar tudo o que se faz. Vive-se com ele; ele é a evocação do Desconhecido. O Desconhecido pode ser incorporado ao ego, e muitas formas de alienação podem ser curadas. É por isso que a palavra alienígena tem tantas conotações.

WN: E qual é o próximo passo?

TM: O próximo passo é confirmar parte do que eu venho dizendo, de modo a criar um consenso entre grupos de pesquisadores e procurar elaborar uma estratégia química, clínica ou de outra natureza.

WN: Como você estabeleceria esse programa de pesquisas?

TM: É importante ministrar esses compostos a grupos de voluntários, e também aos pesquisadores que irão realmente estudar o problema. Tem havido muita conversa terapêutica em torno dos alucinógenos, mas quantos terapeutas já tiveram uma experiência psicodélica? A atitude inicial em relação aos alucinógenos era a atitude correta: a noção de que os alucinógenos deveriam ser experimentados por pessoas inteligentes e sensatas, as quais tentariam compreender o que estava ocorrendo. Não grupos de presidiários nem estudantes universitários, e sim pessoas maduras e inteligentes precisam falar umas com as outras sobre suas experiências. É cedo demais para uma ciência. O que precisamos ter neste momento são as anotações dos exploradores. Precisamos de muitos diários de muitos exploradores, para que comecemos a ter uma noção do território.

Não é por mera coincidência que está havendo um renascimento do uso de alucinógenos no instante em que nos habilitamos tecnologicamente para abandonar este planeta. As visões propiciadas pelo cogumelo e a transformação da imagem humana provocada pela exploração espacial são coisas correlatas. O que está havendo é nada menos que o surgimento de uma nova ordem humana. Começa a surgir uma cultura humana telepática, compassiva, universalista, que fará com que tudo o que a precedeu pareça a Idade da Pedra.

WN: Os conhecimentos pessoais adquiridos durante a existência de uma pessoa são assimilados pela Supermente, o Superespírito ou seja lá o que for?

TM: Quando viermos a saber o que é a consciência, saberemos o que é a ausência de consciência. O estudo da consciência leva,

inevitavelmente, ao estudo da morte. A morte é um fenômeno, ao mesmo tempo histórico e individual, que causa grande ansiedade a nós, primatas. Mas o que a experiência psicodélica parece estar revelando é que, na verdade, a nossa idéia simplificada de morte não chega a abordar a verdadeira questão. A morte não é mera extinção. O universo não constrói formas de vida tão complexas sem conservá-las de certa maneira extraordinária e surpreendente, que tem a ver com aquilo que intuimos durante a experiência psicodélica. O OVNI vem dessa região obscura, situada além do fim da História, além do fim da vida. O OVNI é, ao mesmo tempo, supra-histórico e supra-orgânico. É sobrenatural, exótico; arrepiamos os cabelos. É, ao mesmo tempo, a apoteose e a antítese da jornada do macaco rumo ao espírito. É o espírito que se revela. É essa a essência de todas as religiões: ondas de choque emitidas por um evento que ocorre no fim da História. Estamos hoje muito próximos desse evento, e a psilocibina pode ajudar-nos a compreendê-lo, porque nos leva ao local onde ele está ocorrendo constantemente. A era, a eternidade e o milênio são fatos consumados, não antevisões. Portanto, o cogumelo se situa no fim da História. Representa um objeto que atrai para si toda a História. É uma força causal que atua sobre nós, recuando no tempo. É por isso que as coisas acontecem como vêm acontecendo: porque tudo está sendo impellido para a frente, rumo a um *nexus* de transformação.

Amor Extraterrestre

A idéia de relações sexuais entre seres humanos e não-humanos é um subtema que persiste em grande parte da mitologia. Ralph Metzner me adverte de que, no Velho Testamento, há uma passagem que diz: "E os deuses acharam formosas as filhas dos homens." Exemplo disso é o mito de Perséfone. Outro exemplo a ser mencionado são os incubos e súcubos da mitologia medieval, que eram espíritos masculinos e femininos que vinham, durante a noite, copular com seres humanos. Acreditava-se que isso era altamente nocivo à saúde humana, e o fenômeno era invocado para explicar as doenças consumptivas em geral.

Recentemente, o fenômeno dos discos voadores assumiu novo aspecto — uma dimensão erótica. Os primeiros relatos de OVNI's, de 1947 a 1960, eram inteiramente destituídos de conteúdo sexual. Agora, porém, o tema vem-se tornando freqüente; e, embora seja a idéia favorita de certo grupo de excêntricos, representa uma corrente popular de pensamento capaz de nos ensinar alguma coisa.

Somente nos últimos sessenta anos, quando o DNA foi descoberto e a equação Hertzprung-Russell foi formulada, começamos a ter uma idéia do verdadeiro tamanho do universo. Até então, a noção de vida extraterrestre, bem como de inteligência extraterrestre, não chegava nem a ser articulada coerentemente. Antes disso,

Outras observações acerca dos OVNI's, estas extraídas de uma palestra pronunciada em Berkeley. Uma transcrição editada e revisada foi publicada em 1987, em *Magical Blend*, nº 17.

as relações da humanidade com inteligências transumanas tendiam a ser demoníacas ou angelicais, e pertenciam às categorias de seres superiores ou inferiores à nossa na hierarquia da vida. Em certo sentido, todos esses seres eram terrestres. Mas a ciência, ao esclarecer a não-singularidade da biologia e dar-nos uma idéia do que se passa na galáxia e além da galáxia, validou a noção de que a vida é ubíqua e que a inteligência é uma propriedade que acompanha a vida — e provavelmente é comum no universo. Tais conceitos legitimam as fantasias quanto à existência de inteligências extraterrestres. Na segunda metade do século XX, estão sendo traçados os contornos mitológicos daquilo que o alienígena deve ser. A expectativa de um público dotado de conhecimentos rudimentares de biologia e astronomia permite tal concepção. Essa expectativa está esculpindo o arquétipo do extraterrestre em um molde que persistirá até que seja confirmado ou contestado mediante contato extraterrestre real — o que quer que isso signifique.

Nossos conhecimentos atuais permitem-nos imaginar, com algum realismo, a possível aparência do alienígena, e esse fato cria polaridades na psique coletiva que, antes, só eram encontradas a nível individual. O incipiente arquétipo do "Desconhecido" extraterrestre e o nosso fascínio por ele significam que, pela primeira vez, passamos a ter um anseio coletivo, e esse anseio se manifesta principalmente na religião. Para a grande maioria, os antigos problemas de salvação e redenção foram relegados a lugar secundário; o que hoje comanda o sentimento religioso é um desejo de contato — de relacionamento com o Desconhecido. O extraterrestre ajusta-se a esse papel e o preenche. Acredito que, se a religião sobreviver aos muitos séculos do futuro, esta será a sua mais premente preocupação — a tentativa de definir um relacionamento coletivo com o Desconhecido, capaz de satisfazer o nosso anseio e aliviar a sensação de estarmos abandonados ou, como diz Heidegger, de "sermos feitos de matéria e estarmos sós no Universo".

É como se, ao atingir a fase psicodélica — a fase das viagens espaciais —, toda a espécie humana estivesse ingressando na adolescência e percebendo a possibilidade de algo como a realização sexual com o Desconhecido, com uma espécie inteligente

não-humana. Trata-se de uma idéia que antes — em nossa fase polimorficamente perversa de pré-pubescência coletiva, durante a qual estivemos absorvidos em nós mesmos — permanecera camuflada. Uma das dimensões da crise cultural é um impulso erótico coletivo no sentido de uma conexão com o alienígena.

Para resumir o que eu já disse acerca da religião, é como se a noção de um Deus-Pai estivesse sendo substituída pela noção do companheiro extraterrestre. Este último é como o anjo tetramórfico. É andrógino, hermafrodita, transumano — tudo aquilo que o inconsciente resolver projetar sobre ele até que tenhamos dados suficientes para definir o que ele realmente é.

Mais cedo ou mais tarde esse contato ocorrerá. Hoje, estamos no estágio pubescente do anseio, no estágio de compor uma imagem da coisa desejada, e essa imagem tende a fazer com que a coisa imaginada passe a existir. Em outras palavras, nossa direção cultural está sendo influenciada pela noção de amor extraterreno, noção que nos vem através do retorno ao uso de plantas alucinógenas. E, aparentemente, as plantas do xamã, indutoras de visões, são o veículo dessa entelúquia ubíqua que nos fala e se nos apresenta sob essa forma especial.

O desejo de realizar tal fusão é o que vem impelindo a cultura global rumo a uma transformação apocalíptica. A cultura ainda não o reconhece como tal; no entanto, é o fascínio com o alienígena que nos impele nessa direção. Culturalmente, estamos marchando para o potencial do amor, mas, se não houver ninguém para amar, esse potencial pode transformar-se em rancor e desilusão. Iniciamos a exploração de uma oportunidade sem precedentes, na qual, pela primeira vez, a espécie humana formula e encara a questão do Desconhecido. A pergunta que vem sendo feita é: "Estamos sós?" E, embora nos concentremos nessa pergunta, precisamos ir adiante e indagar: "E se não estivermos?" Qual será, então, a próxima questão premente? Obviamente, é a exploração do relacionamento com o alienígena, e parte dessa exploração é de natureza erótica.

Assim que a comunicação se tornar possível, ainda que remotamente, descobriremos que a questão nos obceca. Torna-se muito importante saber se estamos sós ou não. Torna-se muito importante estabelecer um diálogo, se é que um diálogo é possível. Acho que,

a esta altura, os fatos são menos importantes que o que está acontecendo. Em outras palavras, é possível que essa oportunidade nos escape. Trata-se de um potencial que o acaso trouxe para perto do contínuo histórico; se for invocado por um número suficientemente grande de pessoas, tornar-se-á um fato. Mas também pode nos escapar. Podemos endurecer; existem futuros dominadores e hipertecnológicos para os quais poderíamos rumar e que poderíamos realizar. Isso eliminaria a possibilidade de abrir-nos para o alienígena.

Sempre procuro definir para mim mesmo a importância histórica dos alucinógenos, pois sabemos que os xamãs vêm usando essas plantas há milênios e sondaram essas profundidades como indivíduos. Contudo, sempre tenho a intuição de que existe algum tipo de impacto histórico, e acredito que seja o seguinte: que, na verdade, estamos posicionados para tentar algo que nunca foi tentado antes; para, como coletividade, travar um diálogo com o Desconhecido e usar essa sinergia de modo a preparar-nos para um novo nível cultural. Não se fala muito dessa intuição; é coisa que existe a nível popular. Atualmente, nenhum dos elementos administrativos ou analíticos da sociedade está ocupado a examiná-la. Mas, no fundo, é isso que está se formando e cristalizando.

Estabelecer contato com extraterrestres, ouvir vozes dentro da cabeça e experimentar fenômenos relacionados com o Logos não são coisas associadas à mitologia geral do LSD. Alguns indivíduos excepcionalmente sensíveis podem ter experimentado esses fenômenos vez por outra, mas não se trata de algo vinculado à noção dos efeitos causados pelo LSD. No caso da psilocibina, porém, esses fenômenos certamente acontecem. Nossos estudos demonstraram que, à medida que as doses aumentam, aumenta acentuadamente a susceptibilidade dos indivíduos a tais fenômenos. Para muitas pessoas, a questão do contato com o extraterrestre veio à baila através do uso de cogumelos. São questões que deixam as pessoas perplexas, porque sempre nos supomos células de um vasto animal social, e que, sempre que surgisse algum evento realmente importante, seríamos informados pelos meios eletrônicos; que, se houvesse uma aterrissagem de discos voadores, nosso presidente e o secretário-geral das Nações Unidas nos informariam. Mas o desafio dos alucinógenos é compreender que já existe o potencial

para um casamento alquímico com o extraterrestre. Trata-se de um fenômeno tribal que vem ocorrendo como experiência a nível individual. Certos indivíduos, na tranquilidade de seus apartamentos, estão se transformando em navegadores do mundo interior, entrando em contato com essa coisa alienígena, começando a traçar o mapa de paisagens invisíveis e nos trazendo relatos que só podem ser comparados às histórias que os cronistas do Novo Mundo levaram para a Espanha em fins do século XV — histórias de deuses-insetos, naves estelares, sabedoria inimaginável, realidades sem fim.

Já me referi muitas vezes à experiência psicodélica como uma paisagem e como uma confidente — uma espécie de amiga que nos diz coisas. Mas o elemento erótico é uma faceta diferente. Só podemos chamá-lo de elemento erótico, porque ele inspira uma sensação de abertura e fusão que, em nosso condicionamento cultural, é associado a Eros. É o tipo de amor que se tem com o extraterrestre. E significa que se pode conceber a relação com o alienígena como sendo modelada segundo as relações com o Desconhecido que todos nós formamos em nosso relacionamento com outras pessoas. Assemelha-se à noção do Conunctio que encontramos em Jung — situação em que duas pessoas reunidas tentam funcionar como espelhos alquímicos uma da outra. Também as práticas sexuais do tantrismo e do taoísmo têm a ver com a fusão de diádes. Nessa situação, cada participante assume a qualidade do outro. Em um contexto não-erótico, chama-se a isso tornarmo-nos aquilo que vemos.

Somos singularmente suscetíveis a tornarmo-nos aquilo que vemos. É por isso que sempre somos impelidos para o futuro nas coisas que imaginamos — pois sonhamos e, depois, realizamos os nossos sonhos. Esta faceta de nossa qualidade simiesca, no contexto da relação com uma mente alienígena, significa que nos tornaremos o Desconhecido que vemos. De fato, acho que é isso que está acontecendo. Para mim, as curiosas sugestões de contato cada vez maior com o extraterrestre fazem parecer provável que estamos apaixonados, mas só lentamente vamos compreendendo isso porque nunca estivemos apaixonados antes. Assim, expressar esse tipo de idéia, uma pessoa manifestá-la a outra e discuti-la, é na verdade uma tentativa de conjurá-la para que ela passe a existir — invocá-la e fazer com que essa suposição se torne um fato. Uma vez que todos

os fatos são as suposições de grandes números de pessoas, o que está em jogo hoje é o destino desse arquétipo.

Além da conotação erótica, a idéia de disco voador causa tensão porque o OVNI representa um tremendo desafio à ciência, talvez o supremo desafio. O disco voador talvez seja tão desconcertante para a ciência quanto foi a ressurreição de Cristo para o empirismo grego e para o imperialismo romano. O OVNI é essencialmente um agente de reforma cultural. A nível de máquina, prenuncia desastre para todos os nossos mais caros esquemas explanatórios, mas, a nível do alienígena como carne, constitui um desafio muito mais básico e fundamental, pois o complexo erótico está sendo redefinido por esse fenômeno.

Muita gente toma LSD, mas é muito difícil obter números exatos a esse respeito, porque as pessoas não tocam no assunto. Por outro lado, os últimos quinze anos foram uma festa para os pesquisadores do sexo, porque as pessoas se tornaram muito dispostas a falar sobre suas extravagantes peculiaridades sexuais e fazer confidências a entrevistadores, de modo que hoje temos amplos conhecimentos acerca da sexualidade humana. Parece que está havendo uma mudança de tabus. Nossos tabus estão mudando, de modo que, enquanto nos tornamos mais sexualmente polimorfos e francos uns com os outros e o nosso ego passa a ser menos identificado com a nossa sexualidade, tornamo-nos muito apartados e reprimidos, discretos e religiosos quanto às nossas experiências psíquicas, especialmente experiências psicodélicas. Somos muito mais abertos uns com os outros sexualmente e no exame de nossos impulsos libidinosos, mas o tabu agora se transferiu para esse mundo interior, no qual temos a sensibilidade de um adolescente no tocante à nossa relação incipiente com o Desconhecido.

Essas atitudes constituem elementos do futuro humano que começa a surgir, um futuro humano que se vai acelerando exponencialmente. Não é uma mera propagação linear do presente; existem fatores peculiares que o influenciam. Substâncias alucinógenas, a capacidade de construir grandes estruturas no espaço sideral, a presença do Logos alienígena na mente coletiva, a presença da nova rede cibernética, a política do feminismo — tudo isso está levando a humanidade a liberar-se em termos de imaginação. Até hoje, os

arquitetos culturais ainda não enfatizaram bastante o fato de que o elemento erótico deve ser incluído no projeto do futuro humano.

Em suma, está surgindo um zeitgeist do hiperespaço. Chamo-o assim porque a cultura eletrônica acrescentará outra dimensão, cujos efeitos repercutirão em todos os níveis. Hoje vivemos em uma coletividade hiperdimensional, não só da Terra e do espaço, mas de informações sobre o passado e o futuro, sobre o consciente e o in-consciente. A culminação psicológica disso é a projeção da consciência humana em qualquer forma que ela deseje assumir. O novo zeitgeist do hiperespaço, inicialmente carregado de tecnologia e cibernética, exige que ela seja conscientemente ajustada a um ideal erótico. É importante articular, desde já, a presença desse ideal erótico do Desconhecido. Trata-se de uma oportunidade de nos apaixonarmos pelo alienígena, casarmos com ele e partirmos para as estrelas; mas trata-se apenas de uma oportunidade e não de uma necessidade evolutiva.

Se somente vivermos com o ideal do Desconhecido e nunca o encontrarmos ou nos fundirmos com ele, poderemos ainda assim evoluir ao longo dos caminhos que tenhamos pela frente. Mas, se aproveitarmos a oportunidade, se levarmos a sério a experiência dos últimos dez milênios e completarmos o moderno programa de realizar os ideais do Retorno à Cultura Arcaica, conscientes de que o século XX representa realmente um esforço de estabelecer e aperfeiçoar os ideais do extinto xamanismo paleolítico, então teremos agido com integridade no tocante a essa oportunidade e garantiremos para nós mesmos uma aventura histórica grandiosa e peculiar — que é o que eu espero.

P: Poderia discorrer mais um pouco acerca do papel da experiência psicodélica?

TM: Quando nos empenharmos na tarefa de descrever a experiência psicodélica, esta se tornará mais acessível, porque, se todos nós lhe emprestássemos as nossas melhores metáforas e, em seguida, usássemos essas metáforas para produzir uma metáfora ainda melhor, estaríamos dotando a nossa linguagem de novos instrumentos, de modo a podermos lidar com essas modalidades. E isso vai

acontecer. Historicamente, a experiência psicodélica é um objeto novo para as línguas ocidentais. Será muito interessante determinar o que a língua inglesa, o idioma de Milton, Chaucer e Shakespeare, conseguirá fazer com a experiência psicodélica. Em William Blake, tem-se a impressão de que o inglês é capaz de fazer coisas tremendas com ela. O mesmo fica implícito em certas passagens de Andrew Marvell.

A relação entre a experiência psicodélica e a literatura é todo um campo em si mesma; em certos momentos, a grande literatura se aproxima dela. A *Tentação de Santo Antônio*, de Flaubert, conseguiu expressá-la bem sucintamente. A *Contrapelo*, de Huysmans, é um romance estupendo sobre um homem de percepções tão sensíveis que não pode sair de casa. Mandou revestir de feltro as paredes e mantém as luzes bem baixas. Coleciona Redon, quando ninguém jamais ouvira falar de Redon. Compra tartarugas e manda engastar pedras preciosas em seus cascos. Depois, senta-se em uma sala pouco iluminada e fuma haxixe enquanto observa as tartarugas que se arrastam sobre os seus tapetes persas. Todos deveríamos ir para casa e fazer o mesmo.

P: Gostaria de saber se a indução química é necessária ou não. Venho explorando as visões que nos chegam através dos sonhos, e esse trabalho me parece promissor. Vemos muitas coisas durante o sono.

TM: Acho que o sonho e os estados de intoxicação psicodélica, possivelmente o estado que se segue à morte, possivelmente o estado pós-apocalipse para a coletividade, todos se relacionam uns com os outros. Certamente o sonho é o ponto de acesso natural, pois é parte da experiência de cada dia. Mas esses são lugares que chamamos de "restritos ao estado". É muito difícil trazer de volta informações — é preciso que a pessoa tenha certa inclinação natural ou aplique determinada técnica. Não importa que estejamos usando alucinógenos, ioga ou manipulação dos sonhos; trata-se apenas de explorar a mente por um meio que funcione. Já vi estudos que demonstram que a parte mais profunda do sono é o ponto mais alto da produção, no cérebro humano, de alucinógenos endógenos,

como DMT e betacarbolinas. Contudo, somente nos sonhos mais exóticos, que são necessariamente os mais difíceis de recordar, atingimos lugares semelhantes aos que vemos no êxtase induzido pelo DMT e pela psilocibina. A ioga afirma poder levar a pessoa a esses lugares, mas as pessoas têm diferentes inclinações para esses estados de alteração da consciência. É muito difícil tirar-me dos limites da consciência. Sou muito obstinado e apegado ao aqui e agora, de sorte que as plantas funcionam, em meu caso, melhor que qualquer outra coisa. Percorri a Índia e não cheguei a me convencer de que não se tratava de algum tipo de prestidigitação, ou que fosse mais real que os estados manipulados pelas várias escolas da psicoterapia da Nova Era.

Mas na Amazônia e em outros lugares nos quais as plantas alucinógenas são conhecidas e utilizadas, somos transportados para mundos estardaleiramente diferentes da realidade comum. Não é possível dizer quão vívidos são esses mundos. São mais reais que a realidade — fato que sentimos intuitivamente. Estabelecem uma prioridade ontológica. São mais reais que a realidade, e, uma vez que assimilamos esse fato e deixamos que ele vá ocupando a nossa mente, a agulha da bússola da vida começa a girar e percebemos que não somos nós que estamos inspecionando o alienígena; o alienígena é que nos está examinando. Isso é um tremendo desafio para as estruturas que nos acompanharam nestes últimos mil anos. Somos capazes de realizar truques com átomos, não há dúvida. Mas esses truques nos imolam. A estrutura superior das moléculas, para não falar de organelas etc., é terreno intelectual desconhecido para nós; não temos a menor noção de como essas coisas funcionam ou do que nelas se passa. No entanto, é a partir desses níveis que as modalidades constituintes da realidade estão sendo assentadas. O que quero dizer com isso? Quero dizer que podemos compreender toda essa sutil química nuclear do átomo, mas aonde isso o leva se você é um intelectual? A história que você conta a si mesmo acerca de como o mundo funciona não consegue explicar como o fato de que formulamos o desejo de fechar a mão em torno de um peixe faz com que isso aconteça. Esta é a verdadeira situação da ciência atual. Não é capaz de oferecer sequer uma sugestão acerca de como aquilo acontece. Os cientistas sabem como os músculos se contraem —

tudo isso eles sabem. Refiro-me ao fenômeno inicial, aquilo que decide: "Vou fechar a minha mão." A esse respeito, eles sabem tanto quanto, ou talvez menos que, a filosofia ocidental ou oriental sabiam no século XII.

E é esse nível, ao nível da experiência corporal e da experiência mental, que nós operamos. Você pode viver no sistema social e religioso da Grécia helênica, oferecendo sacrifícios a Demétrio, ou pode viver nos EUA do século XX e assistir ao noticiário da noite na televisão, mas isso não o autoriza a pensar que está sendo fielmente informado sobre a realidade. Esses são apenas contextos históricos que só podem ser transcendidos pela aquisição da gnose, conhecimentos que são sentidos como auto-evidentemente verdadeiros. Muitas pessoas terão dificuldade em até mesmo entender o que eu estou dizendo, porque acreditam que a eficácia de uma idéia deve ser julgada por sua coerência lógica ou sua capacidade de redução ao formalismo matemático. Foram noções desse tipo que nos trouxeram ao estado atual, extremamente alienado. Não exigimos que as histórias que contamos a nós mesmos sobre como o mundo funciona confirmem nossa experiência direta de como se dá, realmente, seu funcionamento. As substâncias psicodélicas, por focalizarem atenção nas interações entre a mente, o corpo e o cérebro, estão reformulando essas questões. E já não era sem tempo, porque as capacidades cibernéticas e técnicas de nossa sociedade exigem que tudo seja observado muito claramente, pois, do contrário, ultrapassaremos o limite moral das coisas e cairemos no abismo.

P: Poderia acrescentar alguns comentários sobre a interação entre as várias iogas sexuais e a experiência ou intoxicação psicodélica como instrumentos — de fato, como instrumentos em potencial — para levar-nos ao tipo de erotismo extraterrestre que você menciona?

TM: Certamente. Toda espécie de coisa acontece quando duas pessoas estão tendo relações sexuais. O estado fisiológico é um estado de ativação; há produção de feromônios. Sob o efeito da psilocibina, observei que há o desaparecimento da resistência normal em uma membrana, especialmente quando ocorre perspiração,

de modo que duas pessoas que estejam em contato através de grande extensão de pele tornam-se uma única entidade. Estou tão convencido disso que sugeriria a Masters e Johnson, ou a quem quer que tenha licença para esse tipo de coisa, que verifiquem esse fato, caso pretendam seriamente validar a telepatia. Trata-se de uma experiência muito simples.

As práticas sexuais taoístas dão muita ênfase à geração de substâncias incomuns nos órgãos genitais ou na perspiração. Trata-se de um tema ausente da ioga indiana, mas que surge no xamanismo da Amazônia, onde muito se discute acerca de formas mágicas de perspiração, de objetos mágicos que são gerados fora do corpo ou colocados no corpo de outras pessoas.

No que tange à alquimia taoísta, parece ter havido uma linguagem de controle erótico, de modo que muitas das aparentes receitas de práticas sexuais são, na verdade, receitas para combinações de plantas, pois certas palavras empregadas com conotações sexuais eram também palavras de código para plantas e fungos. Na mente taoísta, havia uma íntima associação entre os fungos e o órgão genital feminino. As palavras e os conceitos são os mesmos. Esse é um dos principais temas das chamadas escolas esotéricas do erotismo chinês. A presença de certas plantas e certos objetos em uma composição indica que esta é, na verdade, uma espécie de criptograma erótico.

P: Poderia ocorrer que os alucinógenos naturais existentes no planeta sejam uma espécie de dádiva amorosa do Desconhecido, com a qual, quando a aceitarmos, poderemos desenvolver o relacionamento que ele deseja?

TM: Ao falar sobre o contato extraterrestre e sua relação com os cogumelos que contêm psilocibina, mencionei que a psilocina, substância em que a psilocibina se transforma assim que entra em nosso metabolismo, é 4-hidroxi dimetiltriptamina. Trata-se do único indol com quatro substituições em toda a natureza orgânica. Pensem um pouco nisso. É o único indol que se conhece na Terra com quatro substituições. Acontece que a psilocibina é a substância alucinógena que ocorre em cerca de oitenta espécies de cogumelos,

a maioria das quais é nativa do Novo Mundo. A psilocibina tem uma característica química única que nos diz: "Sou artificial; vim do espaço." Sugerir que se tratava de um gene — um gene artificial — transmitido talvez por um vírus espacial ou algo que foi trazido artificialmente para este planeta, e que esse vírus insinuou-se na constituição genética desses cogumelos.

Um dos enigmas da botânica, não solucionados até hoje, é o fato de existir uma concentração tão grande de plantas alucinógenas no Novo Mundo — nas Américas do Norte e do Sul. A África, que é onde geralmente se acredita que o homem tenha surgido e passado por seu desenvolvimento cultural formativo, é, de todos os continentes, o mais pobre em alucinógenos. O Novo Mundo é muito, muito rico, e é por isso que o xamanismo alucinogênico é tão altamente desenvolvido nas Américas. Portanto, o fato de ser a psilocibina um composto quimicamente singular, capaz de produzir uma experiência semelhante à que se tinha com o Logos no passado, leva-me a, pelo menos, considerar a possibilidade de que essa experiência é um contato extraterrestre, e que a idéia que tínhamos dos extraterrestres, como seres vindos de muito longe em naves espaciais para entrar em contato conosco, é uma noção obsoleta.

Com o desenrolar da história humana, adquirimos a discriminação lingüística que nos permite reconhecer os extraterrestres já insinuados no meio planetário em que vivemos, alguns dos quais podem ter estado conosco há milhões e milhões de anos. Em outras palavras, o espaço não é uma barreira intransponível para a vida; esta segue lentamente à deriva. Certos materiais genéticos são transferidos através do espaço e do tempo, percorrendo enormes distâncias.

Operacionalmente, é assim que lido com o cogumelo. É bem possível que ele seja a sombra ou um fragmento da coletividade humana; mas, uma vez que se apresenta como alienígena, trato-o como alienígena. Às vezes, ele é como um colega, outras vezes, como um padrasto judeu; e outras ainda, algo como aquilo que Jung chamava de *soror mystica*, expressão que, na boca do meu irmão Dennis, virou *sore mistress*. Em uma palavra, trata-se de mudar as nossas noções preconcebidas das coisas, de modo que a idéia de que um cogumelo possa ser um extraterrestre inteligente, o que é

absurdo de certo ponto de vista, pode evoluir do possível para o altamente provável. Essa mudança de opinião ocorre mediante simples alteração da linguagem; a evidência permanece intata.

A evidência é igualmente complacente com ambos os pontos de vista, pois a evidência é impessoal — a ciência é totalmente impessoal. A evidência de que o cogumelo é um extraterrestre é tênue e circunstancial. Mas a experiência subjetiva dos que estabeleceram contato com ele confirma absolutamente essa idéia. Temos aqui, portanto, idéias conflitantes — pontos de vista que evoluem com o tempo. É por isso que digo que não devemos perder a oportunidade de travar um diálogo cultural sobre esse fenômeno, tanto entre nós mesmos quanto com a própria entidade que surge durante o êxtase induzido pelo cogumelo. Trata-se de uma oportunidade única.

P: Vou pedir-lhe que especule por um instante.

TM: Eu nunca especulo.

P: Faça um esforço. Dado que a nossa imaginação nos impele para o futuro e que todo fato é, na verdade, uma suposição aceita por um número suficientemente grande de pessoas, quantas pessoas seriam necessárias, em sua opinião, para que esses fatos fossem aceitos? Que tipo de rituais ou cerimônias seriam necessários para ajustar o nosso modo de pensar e levar-nos a concordar quanto a elementos específicos da paisagem invisível, ao ponto em que seria possível reequipar a nossa linguagem de modo a acomodar as novas visões e aproveitar essa oportunidade de aperfeiçoar os ideais paleolíticos do xamanismo?

TM: Não sei. Talvez haja um número crítico — uns 5% ou coisa parecida. As revoluções políticas são feitas por 10% da população. Os cogumelos que contêm psilocibina vêm-se disseminando por toda a sociedade. Nos últimos oito anos, tivemos o equivalente a uma segunda revolução neolítica. A primeira foi a invenção da agricultura; a segunda foi a invenção do cultivo doméstico de cogumelos. De repente, pusemos ao nosso alcance vinte ou trinta

a maioria das quais é nativa do Novo Mundo. A psilocibina tem uma característica química única que nos diz: "Sou artificial; vim do espaço." Sugerir que se tratava de um gene — um gene artificial — transmitido talvez por um vírus espacial ou algo que foi trazido artificialmente para este planeta, e que esse vírus insinuou-se na constituição genética desses cogumelos.

Um dos enigmas da botânica, não solucionados até hoje, é o fato de existir uma concentração tão grande de plantas alucinógenas no Novo Mundo — nas Américas do Norte e do Sul. A África, que é onde geralmente se acredita que o homem tenha surgido e passado por seu desenvolvimento cultural formativo, é, de todos os continentes, o mais pobre em alucinógenos. O Novo Mundo é muito, muito rico, e é por isso que o xamanismo alucinogênico é tão altamente desenvolvido nas Américas. Portanto, o fato de ser a psilocibina um composto quimicamente singular, capaz de produzir uma experiência semelhante à que se tinha com o Logos no passado, leva-me a, pelo menos, considerar a possibilidade de que essa experiência é um contato extraterrestre, e que a idéia que tínhamos dos extraterrestres, como seres vindos de muito longe em naves espaciais para entrar em contato conosco, é uma noção obsoleta.

Com o desenrolar da história humana, adquirimos a discriminação lingüística que nos permite reconhecer os extraterrestres já insinuados no meio planetário em que vivemos, alguns dos quais podem ter estado conosco há milhões e milhões de anos. Em outras palavras, o espaço não é uma barreira intransponível para a vida; esta segue lentamente à deriva. Certos materiais genéticos são transferidos através do espaço e do tempo, percorrendo enormes distâncias.

Operacionalmente, é assim que lido com o cogumelo. É bem possível que ele seja a sombra ou um fragmento da coletividade humana; mas, uma vez que se apresenta como alienígena, trato-o como alienígena. Às vezes, ele é como um colega, outras vezes, como um padraço judeu; e outras ainda, algo como aquilo que Jung chamava de *soror mystica*, expressão que, na boca do meu irmão Dennis, virou *sore mistress*. Em uma palavra, trata-se de mudar as nossas noções preconcebidas das coisas, de modo que a idéia de que um cogumelo possa ser um extraterrestre inteligente, o que é

absurdo de certo ponto de vista, pode evoluir do possível para o altamente provável. Essa mudança de opinião ocorre mediante simples alteração da linguagem; a evidência permanece intata.

A evidência é igualmente complacente com ambos os pontos de vista, pois a evidência é impessoal — a ciência é totalmente impessoal. A evidência de que o cogumelo é um extraterrestre é tênue e circunstancial. Mas a experiência subjetiva dos que estabeleceram contato com ele confirma absolutamente essa idéia. Temos aqui, portanto, idéias conflitantes — pontos de vista que evoluem com o tempo. É por isso que digo que não devemos perder a oportunidade de travar um diálogo cultural sobre esse fenômeno, tanto entre nós mesmos quanto com a própria entidade que surge durante o êxtase induzido pelo cogumelo. Trata-se de uma oportunidade única.

P: Vou pedir-lhe que especule por um instante.

TM: Eu nunca especulo.

P: Faça um esforço. Dado que a nossa imaginação nos impela para o futuro e que todo fato é, na verdade, uma suposição aceita por um número suficientemente grande de pessoas, quantas pessoas seriam necessárias, em sua opinião, para que esses fatos fossem aceitos? Que tipo de rituais ou cerimônias seriam necessários para ajustar o nosso modo de pensar e levar-nos a concordar quanto a elementos específicos da paisagem invisível, ao ponto em que seria possível reequipar a nossa linguagem de modo a acomodar as novas visões e aproveitar essa oportunidade de aperfeiçoar os ideais paleolíticos do xamanismo?

TM: Não sei. Talvez haja um número crítico — uns 5% ou coisa parecida. As revoluções políticas são feitas por 10% da população. Os cogumelos que contêm psilocibina vêm-se disseminando por toda a sociedade. Nos últimos oito anos, tivemos o equivalente a uma segunda revolução neolítica. A primeira foi a invenção da agricultura; a segunda foi a invenção do cultivo doméstico de cogumelos. De repente, pusemos ao nosso alcance vinte ou trinta

espécies de cogumelos que contêm psilocibina, todas as quais eram até então espécies raras, endêmicas das florestas, ou tipos coprofílicos de cogumelos — os que brotam do estrume do gado —, todas elas com zonas de ocupação restritas. Até a invenção do cultivo humano, o *Stropharia cubensis*, o mais ubíquo no estado natural, era um cogumelo tropical raro. Hoje, floresce desde o Alasca até a Terra do Fogo, em cada sótão, porão e garagem que existe. A estratégia empregada pelo cogumelo para conquistar a sociedade é exatamente a mesma estratégia pela qual o micélio se propaga em uma placa de Petri: simplesmente disseminando-se em todas as direções. Em 1975, o meu irmão e eu escrevemos um manual para o cultor de cogumelos, com o título de *Psilocybin: The Magic Mushroom Grower's Guide*, do qual foram vendidos cem mil exemplares. Tivemos concorrência por parte de Bob Harris, que também escreveu um livro sobre o mesmo assunto; assim como de Jonathan Ott, Gary Mense e Stephen Pollock. Surgiram firmas vendedoras de esporos. É muito difícil calcular o número de pessoas que hoje praticam esse cultivo.

Sou muito obstinado no tocante à psilocibina. Acho que a palavra “droga” é imprópria e que o modelo de substância alucinógena que herdamos de nossa experiência com o LSD é completamente inadequado — que o fato de o LSD ser o alucinógeno modelo para médicos e pesquisadores não passa de um acidente histórico. Foi descoberto primeiro, ou caracterizado primeiro, no laboratório, e, depois, milhões e milhões de pessoas o experimentaram. É ativo na faixa de cem milionésimos de grama, ao passo que a psilocibina é ativa a quinze miligramas. Milhões e milhões de pessoas puderam experimentar o LSD. Não creio que a ingestão de drogas por grandes quantidades de pessoas seja uma boa idéia. Mas acho que devemos ter uma minoria — digamos, uma classe xamanista profissional — cuja função seja ir buscar idéias nas águas profundas e turvas e apresentar-nos tais idéias. Essas pessoas exerceriam, em nossa cultura, algumas das funções culturais que os xamãs exerciam nas culturas pré-letradas.

Gosto das plantas alucinógenas. Acho que ocorre com elas uma verdadeira simbiose. O LSD foi criado em laboratório. A psilocibina é uma criatura das florestas e dos campos. Quando a propaga-

mos, quando a disseminamos, quando estamos sob os seus efeitos, há uma relação e uma troca de energia e informações — uma verdadeira simbiose. Ambos os lados saem ganhando; ninguém perde nada. Já domesticamos muitas plantas e animais; isso não é novidade. Mas o cogumelo não é um carvalho ou uma maçã; nem mesmo é um gato ou um cão; talvez seja mais inteligente que nós. Portanto, as implicações desse relacionamento devem ser enunciadas em termos pelo menos humanos, e é por isso que a metáfora erótica não é inadequada.

P: Se as substâncias alucinógenas fossem legalizadas e esta nossa reunião fosse parte de um curso introdutório sobre alucinógenos, qual o dever de casa que você pediria que fizéssemos?

TM: Eu? Acho que pediria que vocês plantassem algumas sementes e lessem um pouco de História. Uma vez lida a História e cultivadas as sementes (e não sei quais seriam estas — se sementes de ipoméias ou esporos de cogumelos), quando houvessem cuidado das plantas e elas tivessem atingido sua plena expressão da produção de alcalóides, então vocês estariam no limiar de sua carreira e eu encerraria o curso.

O conhecimento da História é muito importante para maior proveito da experiência psicodélica. A psilocibina nos mostra filmes de História, vê-nos como criaturas históricas. Tem um ponto de vista superior, que não enxerga somente o que se passa no momento. Quando nos olha, está vendo o fenômeno da evolução dos primatas no último milhão de anos. Podemos assimilar parte dos seus pontos de vista se não esquecermos os nossos ancestrais, todas as pessoas que estão mortas e as que morreram antes delas. O percurso feito pelo homem desde as pinturas rupestres de Altamira até a porta da nave espacial foi uma viagem muito estranha. E agora estamos no umbral dessa porta, de mãos dadas com esse novo companheiro alienígena; e das mudanças trazidas pela História surge o inesperado. O problema do Desconhecido, a presença do Desconhecido, a natureza do Desconhecido — estas são as questões e interesses que orientarão a nova ordem de conhecimento humano.

espécies de cogumelos que contêm psilocibina, todas as quais eram até então espécies raras, endêmicas das florestas, ou tipos coprofílicos de cogumelos — os que brotam do estrume do gado —, todas elas com zonas de ocupação restritas. Até a invenção do cultivo humano, o *Stropharia cubensis*, o mais ubíquo no estado natural, era um cogumelo tropical raro. Hoje, floresce desde o Alasca até a Terra do Fogo, em cada sótão, porão e garagem que existe. A estratégia empregada pelo cogumelo para conquistar a sociedade é exatamente a mesma estratégia pela qual o micélio se propaga em uma placa de Petri: simplesmente disseminando-se em todas as direções. Em 1975, o meu irmão e eu escrevemos um manual para o cultor de cogumelos, com o título de *Psilocybin: The Magic Mushroom Grower's Guide*, do qual foram vendidos cem mil exemplares. Tivemos concorrência por parte de Bob Harris, que também escreveu um livro sobre o mesmo assunto; assim como de Jonathan Ott, Gary Mense e Stephen Pollock. Surgiram firmas vendedoras de esporos. É muito difícil calcular o número de pessoas que hoje praticam esse cultivo.

Sou muito obstinado no tocante à psilocibina. Acho que a palavra “droga” é imprópria e que o modelo de substância alucinógena que herdamos de nossa experiência com o LSD é completamente inadequado — que o fato de o LSD ser o alucinógeno modelo para médicos e pesquisadores não passa de um acidente histórico. Foi descoberto primeiro, ou caracterizado primeiro, no laboratório, e, depois, milhões e milhões de pessoas o experimentaram. É ativo na faixa de cem milionésimos de grama, ao passo que a psilocibina é ativa a quinze miligramas. Milhões e milhões de pessoas puderam experimentar o LSD. Não creio que a ingestão de drogas por grandes quantidades de pessoas seja uma boa idéia. Mas acho que devemos ter uma minoria — digamos, uma classe xamanista profissional — cuja função seja ir buscar idéias nas águas fundas e turvas e apresentar-nos tais idéias. Essas pessoas exerceriam, em nossa cultura, algumas das funções culturais que os xamãs exerciam nas culturas pré-letradas.

Gosto das plantas alucinógenas. Acho que ocorre com elas uma verdadeira simbiose. O LSD foi criado em laboratório. A psilocibina é uma criatura das florestas e dos campos. Quando a propaga-

mos, quando a disseminamos, quando estamos sob os seus efeitos, há uma relação e uma troca de energia e informações — uma verdadeira simbiose. Ambos os lados saem ganhando; ninguém perde nada. Já domesticamos muitas plantas e animais; isso não é novidade. Mas o cogumelo não é um carvalho ou uma maçã; nem mesmo é um gato ou um cão; talvez seja mais inteligente que nós. Portanto, as implicações desse relacionamento devem ser enunciadas em termos pelo menos humanos, e é por isso que a metáfora erótica não é inadequada.

P: Se as substâncias alucinógenas fossem legalizadas e esta nossa reunião fosse parte de um curso introdutório sobre alucinógenos, qual o dever de casa que você pediria que fizéssemos?

TM: Eu? Acho que pediria que vocês plantassem algumas sementes e lessem um pouco de História. Uma vez lida a História e cultivadas as sementes (e não sei quais seriam estas — se sementes de ipoméias ou esporos de cogumelos), quando houvessem cuidado das plantas e elas tivessem atingido sua plena expressão da produção de alcalóides, então vocês estariam no limiar de sua carreira e eu encerraria o curso.

O conhecimento da História é muito importante para maior proveito da experiência psicodélica. A psilocibina nos mostra filmes de História, vê-nos como criaturas históricas. Tem um ponto de vista superior, que não enxerga somente o que se passa no momento. Quando nos olha, está vendo o fenômeno da evolução dos primatas no último milhão de anos. Podemos assimilar parte dos seus pontos de vista se não esquecermos os nossos ancestrais, todas as pessoas que estão mortas e as que morreram antes delas. O percurso feito pelo homem desde as pinturas rupestres de Altamira até a porta da nave espacial foi uma viagem muito estranha. E agora estamos no umbral dessa porta, de mãos dadas com esse novo companheiro alienígena; e das mudanças trazidas pela História surge o inesperado. O problema do Desconhecido, a presença do Desconhecido, a natureza do Desconhecido — estas são as questões e interesses que orientarão a nova ordem de conhecimento humano.

P: Você parece não excluir a possibilidade de que o anseio pelo Desconhecido seja apenas o anseio pelo Eu — que o Desconhecido seja, na verdade, um Eu que ainda desconhecemos.

TM: Não, não excluo. De fato, disse no início desta palestra que a natureza do arquétipo está hoje sendo determinada à luz do conhecimento científico quanto a uma outra inteligência no universo. O que está criando o fenômeno potencial do amor extraterrestre é uma combinação de nossa necessidade de conexão e a aprovação da ciência a essa forma de expressão de tal necessidade. Não sabemos o que é o Eu. O budismo diz que tudo o que existe faz parte de uma mente esclarecida; isto significa que podem existir extraterrestres, e, se é verdade que tudo o que existe é parte de uma mente esclarecida, então eles também são um aspecto do Eu. Essa palavra "Eu" é um mistério tão grande quanto a palavra "Desconhecido". Trata-se apenas de uma polaridade entre dois mistérios e os mitos, muito tênues, que são criados para nos manter suspensos entre eles, sem que percamos contato com a realidade. Os mitos da ciência, da religião e do xamanismo representam, todos eles, uma polaridade entre o mistério do Eu e o mistério do Desconhecido — e é bom lembrar que um mistério não deve ser confundido com um problema que ainda não foi resolvido; um mistério é, por natureza, misterioso e não é passível de solução. Não temos experiência com esse tipo de coisa. Costumamos pensar que, se há um mistério, certos especialistas sempre poderão resolvê-lo e emitir um relatório sobre o assunto. Mas isso só funciona com coisas banais. As coisas realmente importantes — nosso coração, nossa alma, nossas esperanças e expectativas — são completos mistérios para nós. E o que serão aos olhos do Desconhecido, se ele for mesmo um alienígena?

Precisamos cultivar um senso de mistério. O mistério não está somente no Desconhecido; está em nós mesmos. E isso nos traz de volta à idéia de que nos tornamos aquilo que vemos. Na fase pós-moderna, a natureza da História está subitamente se transformando na física pós-quântica; não se esperava isso. O século XIX e o começo do século XX não sabiam que estavam apontando nessa

direção, embora algumas pessoas, os paracientistas, os surrealistas, percebessem o que estava por vir. Mas agora estamos aqui.

P: A discussão anterior, de como o cogumelo provavelmente se originou do espaço, lembra-me a teoria da panspermia — a idéia de que a própria vida veio de fora, e que fomos todos enviados, juntos, para este planeta.

TM: Sim, e eu devia ter mencionado essa teoria porque é o melhor argumento que tenho em favor da idéia que eu estava expondo. A teoria da panspermia foi formulada por Cyril Ponnampuruma, que descobriu o DNA juntamente com James Watson e Francis Crick. Ponnampuruma e Crick propõem uma teoria muito mais radical que aquela que apresentei, pelo menos no tocante à biologia. Dizem eles que é no espaço sideral, e não na superfície dos planetas, que as moléculas pré-bióticas surgem em maior quantidade; que os planetas tornam-se biologicamente importantes somente em um estágio posterior do desenvolvimento de polímeros complexos e compostos pré-bióticos. Vocês certamente conhecem o adágio que diz sermos feitos de estrelas, que os átomos dos nossos corpos são átomos que arderam, em tempos idos, no coração das estrelas. Isso é verdade, mas implica necessariamente que deve haver em nosso corpo alguns átomos que não arderam no núcleo das estrelas, e sim eram parte dos planetas que orbitavam esses sóis antes que eles explodissem.

O que quero dizer é que nem todo esse material que circula pela galáxia passou por algo tão violento quanto uma fogueira nuclear no coração de uma estrela. Quando uma estrela explode e se transforma em nova, os seus planetas são despedaçados, e qualquer material biótico que se tenha desenvolvido nestes últimos é injetado no caldo cósmico geral de matéria circulante. Isto se aproxima mais da minha idéia da estratégia original dos esporos. O esporo desenvolveu-se em ambientes muito áspersos, onde nenhuma semente poderia sobreviver. Os esporos do cogumelo sobrevivem melhor em um ambiente que se assemelhe o mais possível ao espaço sideral. Para ele, o ideal é um vácuo total a sessenta graus centígrados abaixo de zero. Em tal ambiente os esporos sobrevivem prati-

camente para sempre. A lógica desse argumento é bem fundamentada. Muito mais duvidosa, naturalmente, é a noção de que o cogumelo seja uma forma inteligente de vida. É essa a minha obsessão especial e o meu campo de interesse — um campo de interesse que, aparentemente, não seduz a mais ninguém.

Em um livro intitulado *Scientific Perspectives on Extraterrestrial Communication*, de Cyril Ponnampertuma, há, curiosamente, um artigo do astrofísico R.N. Bracewell sobre a lógica da pesquisa de vida inteligente. Bracewell conclui que, independentemente de nossa forma de vida, independentemente da tecnologia de que dispomos, se vamos seriamente procurar vida no espaço através do envio físico de sondas de uma estrela para outra, então a única estratégia capaz de funcionar é o envio da chamada máquina de von Neumann, ou seja, uma máquina que se reproduz a si mesma. Quatro dessas máquinas seriam enviadas em quatro direções opostas, a partir de uma estrela. A certa distância da estrela, cada máquina se duplicaria, gerando oito máquinas. Ao dobro dessa distância, tornariam a duplicar-se, gerando dezesseis máquinas, e assim por diante. A idéia é que somente através desse processo de reprodução é possível exaurir todas as possibilidades. Essas máquinas levariam uma mensagem inicial, algo como: "Estamos procurando vida inteligente na galáxia, usando um meio que cobre todas as possibilidades. Se você ler esta mensagem, telefone para este número, a cobrar, e iniciaremos o contato." Somente assim poderíamos esperar fazer contato com todos os mundos habitáveis da galáxia. Fica claro, portanto, que é muito importante compreendermos a mensagem transmitida pelo cogumelo.

Os adeptos do mandeísmo, obscuro culto religioso dos gnósticos que sobrevive até hoje no Oriente Médio, acreditam que, no fim dos tempos, aquele que, para eles, é o Adão Secreto virá para a Terra. O Adão Secreto é uma figura messiânica, mas constrói uma máquina capaz de enviar todas as almas de volta à fonte oculta de onde vieram, situada fora do mecanismo do destino cósmico. A noção de um messias que constrói uma máquina é muito interessante. Se por acaso existe uma mensagem extraterrestre em nosso ambiente, é possível que seja uma mensagem no sentido de construirmos algum dispositivo que permita uma forma menos tênue de

comunicação. É o argumento de Bracewell; para ele, trata-se de algo inerente à lógica da situação.

Seria um ramo interessante da lógica — a lógica dos protocolos do contato extraterrestre. O que há de tão básico nesse contato que, qualquer que seja a forma de vida e inteligência que sejamos, ocorreria forçosamente através de tais artifícios? Embora esse campo permaneça incipiente a esta altura, o contato certamente é factível. É como uma física alternativa. Precisamos de teorias alternativas de contato social e do estabelecimento de contratos sociais, caso nos defrontemos com um extraterrestre. Este é um dos temas mais férteis da ficção científica — a lógica do contato, como estabelecer contato sem revelar demais e, no entanto, tirar dele algum proveito. É um tipo de pôquer, mas muita coisa está em jogo. Trata-se da sobrevivência, da viabilidade e do destino evolutivo de muitas espécies, senão de todo o planeta.

P: Que diferença você vê entre o que está fazendo na vida e aquilo que faria um xamã? Da última vez que assisti a uma palestra sua, você afirmou que não se considerava um xamã.

TM: A característica fundamental do xamã é que ele cura. Em outras palavras, exerce uma função médica. Eu não exerço qualquer função médica, ou, se o faço, deve ser de um tipo bastante estranho. É assim que estabeleço a diferença, porque respeito a atividade do xamã e porque muita gente costuma esquecer esse aspecto. As pessoas pensam nas plantas alucinógenas, na mágica e nos feitos de magia, mas esquecem o ato de curar. Ao longo de toda a obra de Carlos Castaneda, acho que ninguém; no entanto, clássica e estatisticamente, os xamãs são curandeiros. Acho que existe algo chamado de "ideais xamanistas vivenciados", e o que tento fazer é explorar a realidade com um espírito xamanista e por meios xamanistas. Mas o ato de curar é a condição *sine qua non* do xamanismo.

P: Qual a sua melhor interpretação do que é o espaço do ponto de vista psicodélico e qual a diferença entre espaço mental interior e espaço físico exterior? Qual a validade dessa diferenciação? Apenas a relação entre o espaço em geral e a consciência?

TM: O mundo é reconstruído em nossa mente através do insumo das sensações. A sensação é canalizada através dos sentidos, de modo que recebemos pelo menos três ou quatro linhas de insumos não correlatos, ou geralmente considerados não correlatos. Mas o corpo é a *interface* entre a mente e o mundo, e a linguagem parece ser o dado de saída da mente para o mundo e, inversamente, do mundo para a mente. Quanto ao espaço... bem, ocorre uma coisa curiosa na biologia. As primeiras formas de vida não tinham qualquer percepção do mundo. Se se deparavam com algum alimento, ingeriam-no. Mais tarde, com o desenvolvimento de olhos primitivos e elementos químicos sensíveis a pigmentos, concentrados em determinadas células, surge a diferenciação entre luz e treva. Depois surgem animais móveis e a evolução de olhos complicados, e assim por diante. Vemos, portanto, que a biologia é uma conquista de dimensões e que, se olharmos a cultura como uma extensão da evolução biológica, ela é também a conquista de uma dimensão. Trata-se da conquista de uma dimensão temporal na qual, mediante a invenção de alfabetos, sistemas de codificação e tradições orais, a experiência pode ser codificada. Hoje, parece que estamos chegando a um ponto em que codificamos o espaço e o tempo, mas a evolução da conquista do espaço através do movimento permite-nos traçar o mapa do mundo inteiro. A cultura está se transformando em uma entidade hiperdimensional que cumpre o programa biológico da vida. O que quer que ela seja, está se transformando através de uma série de dimensões, equipando-se à medida que passa de uma dimensão a outra. Convém notar que, atualmente, a cultura humana é muito bidimensional ou muito plana. Quanto mede o edifício mais alto do mundo? Trezentos metros? Mas a maioria das edificações não tem mais de sete metros de altura. Hoje, porém, estamos propondo construir colônias espaciais nas quais a noção da altura do edifício não existe, porque o mundo é o edifício, e o edifício tem um comprimento de cem ou duzentos quilômetros.

Podemos registrar essencialmente tudo o que desejarmos acerca de qualquer evento e, mais tarde, recuperar essa informação. Há uma síntese de tudo isso que leva à descoberta da dimensão interior, a qual pode ser concebida como uma dimensão superior ou inferior. A imaginação humana é a dimensão situada além do espaço e do

tempo, ou precede todas as dimensões. Em certo nível, tem características punctiformes; daí toda a discussão em torno do holograma, porque ele tem as características punctiformes da nova consciência. Tem a qualidade da imediação. Sua capacidade de estar em toda parte ao mesmo tempo fascina os observadores.

P: Você falou acerca do fim da distinção entre espaço interno e espaço externo. Poderia discorrer mais um pouco sobre isso?

TM: A distinção entre espaço interno e espaço externo tem a ver com a associação entre o Eu e o corpo. Acho que, à medida que o Eu passar a mover-se no oceano da consciência eletrônica — e, como vimos, nas dimensões eróticas com o Desconhecido que mencionei anteriormente —, essa identificação entre o Eu e o corpo se tornará secundária, da mesma forma que a identificação entre o rei e Eu se tornou bastante secundária nos últimos cinco mil anos. Hoje nem mesmo temos um rei; parece que podemos passar sem um rei. É concebível que possamos passar também sem um corpo. Estas são algumas das maneiras pelas quais a lealdade é transferida para formas de concrecência cultural validadas por línguas locais.

P: Mas estamos falando do fato de estar a humanidade no limiar de uma Nova Era, e que talvez o contato com alienígenas nos ajude a atravessar esse limiar.

TM: Eu positivamente acredito que exista um processo, iniciado há muito tempo, que vem ganhando ímpeto desde o começo. É o processo que formou o planeta, que fez a vida sair do oceano, que criou animais superiores a partir de animais inferiores, que produziu a humanidade a partir dos primatas, e a História a partir de uma existência tribal, ritual e acrônica. Esse processo está marchando em direção a alguma espécie de fusão transcendental e transformadora de tudo, algo situado além do nosso sistema linguístico. É o ponto central da existência, para onde tudo converge e, portanto, é muito difícil de descrever. Acho que toda a nossa ciência, religião e História são configurações projetadas por sobre um conjunto limitado de dimensões, pela presença hiperdimensional de certo objeto situado no fim

da História para o qual estamos indo e para o qual estamos sendo arrastados. Acho que há muito de mistério nos seres humanos e que o que está acontecendo conosco é misterioso. O desenvolvimento explosivo e repentino do neocórtex está completamente fora de contexto com o que sabemos acerca das taxas de evolução que ocorrem em outras espécies e que ocorreram com os primatas.

Uma atitude muito em voga nos últimos cinquenta anos é achar que tudo é muito trivial e monótono. No entanto, todo sistema ideológico que, até hoje, foi promovido a interpretação oficial da realidade sempre proclamou ter definido tudo — exceto os últimos 5%, os quais estariam sendo examinados por seus melhores pensadores. Estou convencido, porém, de que não sabemos praticamente nada. Não sou religioso — pelo menos para quase todos os efeitos —, mas acho que o pensamento religioso no tocante à transformação do mundo é mais acertado que a noção de que as leis da física são imutáveis, que as leis da biologia são imutáveis, que tudo o que fazemos é segui-las, e que as coisas ficarão cada vez piores, ou cada vez melhores, mas não haverá surpresas. Acho que não vemos o que está acontecendo.

Um dos motivos pelos quais gosto de apresentar os meus argumentos acerca do cogumelo e do extraterrestre é mostrar às pessoas como as coisas podem ser vistas de modo diferente. Se é possível olhá-las desse modo tão diferente, de quantos modos diferentes poderemos encará-las? Façamos com que as pessoas parem de esperar que o presidente do país as informe. Paremos de esperar que a História e o fluxo de eventos históricos fiquem claros para nós. Precisamos levar a sério a noção de que compreender o universo é nossa responsabilidade, porque o único conhecimento do universo que nos será útil é o nosso próprio conhecimento. De nada nos serve saber que, em algum lugar dentro de algum computador, existem equações capazes de representar, perfeitamente ou não, determinado evento. Sempre tendemos a render-nos a ideologias oficiais e dizer: "Bem, é possível que eu não compreenda, mas alguém compreende." O fato é que somente o nosso próprio conhecimento nos serve de alguma coisa. Porque é *consigo* mesmo que o homem vive, e é *consigo* mesmo que ele morre. Como diz a canção, sempre dançamos sozinhos a última dança.

Novos Mapas do Hiperespaço

No *Ulisses*, de James Joyce, Stephen Dedalus nos diz: "A História é o pesadelo do qual estou tentando despertar." Eu mudaria a frase e diria que a História é aquilo de que tentamos despertar para ingressar no sonho. O sonho é escatológico. O sonho é tempo zero e fora da História. Desejamos fugir para o sonho. O desejo de fuga é a principal acusação que se faz aos que se propõem a experimentar plantas alucinógenas. Quem faz essa acusação mal poderia conceber o quanto os alucinógenos são escapistas. Escapar. Escapar do planeta, da morte, do hábito e, se possível, do problema do Inexprimível.

Se deixarmos de lado os últimos trezentos anos de experiência histórica na Europa e na América, e examinarmos o fenômeno da morte e a doutrina da alma em todas as suas ramificações — neoplatônica, cristã, dinástica-egípcia etc. —, encontraremos repetidamente a noção de que existe um corpo leve, uma entelquia associada de alguma forma ao corpo humano durante a vida, e que a morte acarreta uma crise na qual os dois se separam. Uma das partes perde a sua *raison d'être* e entra em dissolução; o metabolismo pára. A outra vai não sabemos para onde. Talvez não vá para lugar algum, se não se acredita que ela exista; mas, então, tem-se o problema de achar uma explicação para a vida. E embora a ciência alegue saber muitas coisas e tenha conseguido explicar sistemas atômicos simples, a idéia de que os cientistas possam dizer alguma

Palestra pronunciada a convite de Ruth e Arthur Young, do Instituto para o Estudo da Consciência, de Berkeley, Califórnia, em 1984.

coisa acerca do que é a vida e de onde ela vem é, atualmente, absurda.

A ciência nada tem a dizer acerca de como uma pessoa decide fechar a mão para agarrar um peixe, e, no entanto, isso acontece. Trata-se de algo inteiramente fora do alcance da explicação científica, porque o que vemos nesse fenômeno é o espírito como causa primária. É um exemplo de telecinésia: a mente faz a matéria mover-se. Portanto, não devemos temer o escárnio da ciência na questão do destino ou da origem da alma. Minha forma de sondar o assunto sempre foi a experiência psicodélica, mas recentemente passei a investigar sonhos, porque os sonhos são uma forma muito mais generalizada de experimentar a hiperdimensão na qual a vida e a alma parecem estar imersas.

Observando o que as pessoas com tradições xamanistas dizem a respeito dos sonhos, chega-se à conclusão de que, para elas, a realidade do sonho é, experiencialmente, um contínuo paralelo. O xamã ingressa nesse contínuo através de alucinógenos e de certas outras técnicas, mas o meio mais eficaz são os alucinógenos. No caso de todos os outros, esse ingresso se faz através do sonho. Para Freud, os sonhos eram os "resíduos do dia", e a pessoa poderia encontrar a origem do conteúdo do sonho na distorção de algo que houvesse acontecido durante o estado de vigília.

Meu argumento é que é muito mais útil tentar construir uma espécie de modelo geométrico da consciência, encarar seriamente a idéia de um contínuo paralelo, e dizer que a mente e o corpo estão imersos no sonho e que este é uma ordem superior de dimensão espacial. Durante o sono, a pessoa se transfere para o mundo real, do qual o mundo da vigília é apenas a superfície no sentido geométrico literal. Existe um *plenum* — e certas experiências recentes de física quântica tendem a confirmá-lo —, um *plenum* holográfico de informação. Toda informação está em toda parte. A informação que não estiver ali não estará em parte alguma. A informação situa-se fora do tempo histórico, em uma espécie de eternidade — uma eternidade que não tem existência temporal, nem mesmo o tipo de existência temporal da qual se poderia dizer: "Sempre existiu." Não possui qualquer tipo de duração temporal. É eternidade. Nós não somos fundamentalmente biológicos, dota-

dos de uma alma que surge como uma espécie de iridescência, uma espécie de epifenômeno nos níveis mais elevados de organização da biologia. Somos objetos hiperespaciais de algum tipo, que projetam sua sombra sobre a matéria. A sombra na matéria é o nosso organismo físico.

Na morte, o objeto que projeta a sombra se retira; o metabolismo cessa. A forma material entra em colapso; deixa de ser uma estrutura dissipativa em uma área muito localizada, sustentada contra a entropia pelo processamento de matéria que entra, extraindo energia e eliminando rejeitos. Mas a forma que ordenou tudo isso não é afetada. Estas afirmações são feitas do ponto de vista da tradição xamanista, que tem a ver com todas as religiões superiores. Tanto o estado do sonho psicodélico quanto o estado do despertar psicodélico adquirem grande importância, pois revelam uma tarefa para a vida: familiarizar-nos com essa dimensão que causa a existência, para que estejamos familiarizados com ela no instante em que morreremos.

Várias tradições valem-se da metáfora do veículo — um veículo para após a morte, um corpo astral. O xamanismo e certas iogas, inclusive a ioga taoísta, afirmam claramente que a finalidade da vida é familiarizar-nos com esse corpo que iremos ter depois da morte, para que o ato de morrer não traga confusão à nossa psique. A pessoa reconhecerá o que está acontecendo. Saberá o que fazer e poderá separar-se ordeiramente. Contudo, parece haver a possibilidade de um problema no ato de morrer. Não é o caso de se ser condenado à vida eterna. A pessoa pode confundir-se por ignorância.

Aparentemente há, no momento da morte, uma espécie de separação, como no nascimento — a metáfora é trivial, mas perfeita. Há a possibilidade de dano ou de atividade incorreta. William Blake, poeta e místico inglês, dizia que, à medida que se começa a subir a espiral, há a possibilidade de se cair da trilha dourada para a morte eterna. Contudo, é apenas a crise de um momento — uma crise de transição —, e toda a finalidade do xamanismo e da vida corretamente vivida é fortalecer a alma e reforçar a relação entre o ego e a alma, para que essa transição possa ser feita ordenadamente. Essa é a posição tradicional.

Desejo incluir um abismo nesse modelo — um abismo menos conhecido dos racionalistas, porém familiar a todos nós, a um nível psíquico mais profundo, como herdeiros da cultura judeu-cristã. Trata-se da idéia de que o mundo vai acabar, que haverá um tempo final, que existe não só a crise da morte do indivíduo, mas também a crise da morte na história da espécie.

Aparentemente, trata-se de que, desde o tempo da conscientização da existência da alma até a resolução do potencial apocalíptico, decorreram aproximadamente cem mil anos. Do ponto de vista biológico, isso representa apenas um momento, mas é dez vezes mais do que toda a duração da História. Durante esse período, tudo é incerto, pois há uma corrida louca desde o homínido até o voo espacial. No pulo por sobre esses cem mil anos, há dispersão de energia, religiões se acendem como centelhas, filosofias nascem e morrem, surgem a ciência e a magia, como também surgem todos os interesses que controlam o poder com maior ou menor grau de respeito à ética. E há a onipresente possibilidade de que a transformação da espécie em uma entelquia hiperespacial venha a abortar.

Estamos hoje, sem sombra de dúvida, nos segundos históricos finais dessa crise — crise que envolve o fim da História, nossa partida do planeta, o triunfo sobre a morte, e a libertação do indivíduo em relação ao corpo. Estamos, de fato, nos aproximando do mais profundo evento com o qual uma ecologia planetária pode se deparar — o momento em que a vida se liberta da sombria crisálida da matéria. A velha metáfora da psique como a lagarta que se transforma por metamorfose é uma analogia que se aplica a toda a nossa espécie. Temos de passar por uma metamorfose a fim de sobreviver ao ímpeto de forças históricas que já foram deflagradas.

Os biólogos evolucionistas consideram que os humanos são uma espécie que cessou de evoluir. Em algum momento, nos últimos cinquenta mil anos, com a invenção da cultura, a evolução biológica dos seres humanos cessou e a evolução tornou-se um fenômeno epigenético e cultural. Os instrumentos, as línguas e as filosofias passaram a evoluir, mas o tipo somático humano permaneceu o mesmo. Somos, fisicamente, muito semelhantes a indivi-

duos que viveram em um passado distante. A tecnologia, porém, é a verdadeira pele da nossa espécie. A humanidade, encarada corretamente no contexto dos últimos quinhentos anos, é um agente extrusivo de material tecnológico. Tomamos matéria com baixo grau de organização, fazemo-la passar por nossos filtros mentais e a expelimos em forma de jóias, escrituras sagradas e ônibus espaciais. É isso o que fazemos. Somos como corais incrustados em um recife tecnológico de objetos psíquicos extrudados. Toda a nossa fabricação de instrumentos implica a nossa fé em um instrumento supremo. Esse instrumento é o disco voador ou a alma exteriorizada no espaço tridimensional. O corpo pode tornar-se um objeto holográfico interiorizado, inserido em uma matriz tridimensional, em estado sólido, que é eterna, de modo que todos passamos a viver em um verdadeiro Elísio.

Espécie de paraíso muçulmano, esse Elísio permite-nos gozar de todos os prazeres da carne, contanto que saibamos que somos uma projeção holográfica de uma matriz em estado sólido, micro-miniaturizada e supercondutora, a qual não se encontra em lugar algum: é parte do *plenum*. A finalidade de toda a história tecnológica é produzir protótipos dessa situação, cada vez mais próximos do ideal, de modo que os aviões, os automóveis, os ônibus espaciais, as colônias espaciais, as naves interestelares, feitas de parafusos e porcas e capazes de viajar à velocidade da luz, são, como disse Mircea Eliade, “imagens de voo que se autotransformam e que nos dizem muito a respeito das aspirações humanas de autotranscendência”.

Nosso desejo, nossa salvação e nossa única esperança é pôr fim à crise histórica, transformando-nos no alienígena, pondo fim à alienação, reconhecendo o alienígena como o Eu — de fato, reconhecendo o alienígena como a Supermente que conserva intatas todas as leis físicas do planeta, da mesma forma que conservamos intata uma idéia em nosso pensamento. Os dados que julgamos indelevelmente e para sempre escritos são, na verdade, apenas estados de ânimo da Deusa, da qual somos o reflexo. Todo o significado da história humana reside em recuperar essas informações perdidas, para que o homem possa ser dirigível ou, parafraseando Joyce em *Finnegans Wake*, ao referir-se a Moicane, a zona

de prostituição de Dublin: "Aqui em Moicane, se caímos na calçada, logo nos levantamos, reunimos as nossas forças e batemos as asas. De modo que, se você quiser renascer, venha sentar-se conosco." Como se vê, é muito simples, mas é preciso coragem para permanecer-se sentado quando a Morte se aproxima — a Morte que Joyce chama de "bênção disfarçada".

O que os alucinógenos encorajam — e aquilo que espero venha a merecer atenção assim que os alucinógenos sejam integrados à nossa cultura ao ponto em que grandes grupos de pessoas possam planejar programas de pesquisa sem receio de perseguição — é um modelo do estado que se segue à morte. Os alucinógenos podem fazer mais do que modelar esse estado; podem revelar a sua natureza. Podem mostrar-nos que é possível alterar as modalidades de aparência e conhecimento de modo a permitir que vejamos a nossa mente no contexto da Mente Única. A Mente Única contém todas as experiências do Desconhecido. Não há qualquer dicotomia entre o universo newtoniano, que se estende através de anos-luz de espaço tridimensional, e o universo mental interior. Ambos são reflexos da mesma coisa.

Se percebemos esses dois universos como dualismos irreduzíveis, isso se deve à má qualidade do código que costumamos usar. A linguagem que empregamos para discutir esse problema tem dualismos inerentes. Trata-se de um problema de linguagem. Todos os códigos têm as suas qualidades relativas, exceto o Logos. O Logos é perfeito e, portanto, não compartilha das qualidades de nenhum outro. Uso aqui o termo *Logos* no sentido em que esse termo é usado por Filon, o Judeu — o de Razão Divina que abrange o complexo arquetípico de ideais platônicos que servem de modelo à criação. Quando não usamos o Logos para traçar os nossos mapas, temos problemas de qualidade de código. O dualismo inerente à nossa linguagem faz com que a morte da espécie e a morte do indivíduo pareçam dois conceitos opostos.

Da mesma forma, há uma dicotomia entre os cenários criados pela biologia, a partir do exame do universo físico, e os mundos de anjos e demônios aos quais a psicologia se refere. A experiência psicodélica atua no sentido de resolver essa dicotomia. Para irmos além de um conhecimento acadêmico das plantas alucinógenas,

basta-nos experimentar o êxtase induzido pela triptamina. A molécula de dimetiltriptamina (DMT) tem a singular propriedade de libertar o ego estruturado para que este se reúna ao Superego. Todos os que tiveram essa experiência passaram por um mini-apocalipse, um mini-ingresso e mapeamento do hiperespaço. Para que a sociedade volte a sua atenção nesse sentido, basta que essa experiência se torne objeto do interesse geral.

Não quero dizer com isto que todos devam fazer experiências com cogumelos ou outras fontes de triptaminas psiquicamente ativas que ocorrem na natureza. Devemos procurar assimilar e integrar a experiência psicodélica, uma vez que se trata de um plano experiencial ao qual todos temos acesso direto. O papel que iremos desempenhar em nossa relação com ele determina como iremos nos apresentar naquela anunciada transformação final. Em outras palavras, há nessa noção uma espécie de preconceito teológico; há a crença de que existe um hiperobjeto chamado Supermente, ou Deus, que projeta uma sombra no tempo. A História é a nossa experiência grupal dessa sombra. À medida que nos aproximamos cada vez mais da fonte da sombra, os paradoxos aumentam, aumenta o coeficiente de mudança. O que acontece é que o hiperobjeto começa a ingressar no espaço tridimensional.

Uma forma de conceber isso é supor que o mundo da vigília e o mundo do sonho passam a fundir-se, de modo que, até certo ponto, aqueles críticos do OVNI que afirmam que os discos voadores são alucinações estão corretos, no sentido de que as leis que regem o sonho, as leis que regem o hiperespaço, podem às vezes funcionar no espaço tridimensional, quando a barreira entre as duas modalidades se dissipa. Nesse caso, a pessoa tem experiências curiosas, às vezes chamadas de falhas psicóticas, as quais sempre exercem tremendo impacto sobre o paciente, uma vez que parece haver um componente externo que absolutamente não pode ser subjetivo. Nessas ocasiões, as coincidências começam a se acumular, até que a pessoa finalmente admite não saber o que está acontecendo. Contudo, é absurdo afirmar que se trata de um fenômeno psicológico, pois o fenômeno é acompanhado de mudanças no mundo exterior. Jung deu a isso o nome de "sincronicidade" e construiu o

seu modelo psicológico, mas o que realmente sucede é que uma física alternativa começa a intervir com a realidade local.

Essa física alternativa é uma física da luz. A luz é feita de fótons, e os fótons não possuem antipartículas. Isso significa que não existem dualismos no mundo da luz. As convenções da relatividade dizem que o tempo se atrasa à medida que nos aproximamos da velocidade da luz; mas, se tentarmos imaginar o ponto de vista de uma coisa feita de luz, temos de reconhecer que o que nunca se diz é que, se viajarmos à velocidade da luz, o tempo deixa de existir. Experimentamos o tempo zero. Portanto, se imaginarmos por um instante que somos feitos de luz, ou que estamos de posse de um veículo capaz de mover-se à velocidade da luz, podemos ir de um a qualquer ponto do universo com uma experiência subjetiva de tempo zero. Ou seja, iremos a Alfa Centauro no tempo zero, enquanto o tempo decorrido no universo relativista é de quatro anos e meio. Mesmo que atravessemos distâncias muito grandes, se viajarmos ao longo de 250 mil anos-luz até Andrômeda, continuaremos a ter a experiência subjetiva de tempo zero.

A única experiência do tempo que podemos ter é a de um tempo subjetivo, criado por nossos próprios processos mentais; em relação ao universo newtoniano, o tempo não existe. Passamos a existir na eternidade, tornamo-nos eternos; em tal situação, o universo envelhece a uma velocidade espantosa à nossa volta, mas isso é percebido como um fato do universo — da mesma forma que percebemos a física newtoniana como um fato deste universo. A pessoa passa para a modalidade eterna; separa-se da imagem transitória; existe na perfeição da eternidade.

Acredito que é nessa direção que estamos sendo levados pela tecnologia. Não há contradição entre equilíbrio ecológico e migração espacial, entre hipertecnologia e ecologia radical. Todas essas questões são especulativas; a única entidade histórica que está se tornando iminente é a alma humana. O corpo do primata serviu para trazer-nos a este momento de liberação, e sempre servirá de foco de nossa auto-imagem, mas estamos passando a existir cada vez mais em um mundo feito de imaginação humana. É isto o que se tem em mente quando se fala do retorno ao Pai, a transcendência da *physis*, a libertação da prisão gnóstica universal, uma prisão de

ferro que detém a luz: nada menos que a transformação da nossa espécie.

Dentro de muito pouco tempo, haverá uma aceleração desse fenômeno sob a forma de exploração espacial e colônias espaciais. O animal chamado Homem, semelhante a um recife de coral, que vem extrudando tecnologia sobre a superfície do planeta, será libertado de todas as limitações, exceto das limitações dos materiais e da imaginação. Já se sugeriu que as primeiras colônias espaciais devem incluir um esforço de duplicar, como ideal, o idílico ecossistema do Havai. Esses exercícios de conhecimento ecológico demonstrarão que sabemos o que estamos fazendo. Contudo, assim que esses conhecimentos estiverem sob controle, passaremos ao domínio da arte. É isso o que sempre buscamos. Construiremos o nosso mundo — todos os nossos mundos —, e o mundo de onde viemos será mantido como um jardim. O que Eliade discutiu como metáforas de autotransformação através do vôo será realizado brevemente na tecnologia da colonização do espaço.

A transição da Terra para o espaço constituirá um filtro genético tremendamente rigoroso, mais rigoroso que qualquer fronteira jamais o foi no passado, inclusive o filtro genético e demográfico representado pela colonização do Novo Mundo. Já se disse que a vitalidade das Américas se deve ao fato de que somente os sonhadores, pioneiros e fanáticos cruzaram o oceano. Isto se aplicará ainda mais à transição para o espaço. A conquista tecnológica do espaço criará as condições iniciais; em seguida, para a internalização dessa metáfora, trará a conquista do espaço interior e o colapso dos vetores de estado associados a essa tecnologia no espaço newtoniano. Nesse ponto, a espécie humana ter-se-á tornado mais do que dirígível.

Uma tecnologia que interiorize o corpo e exteriorize a alma se desenvolverá paralelamente à transição para o espaço. *The Invisible Landscape*, livro que o meu irmão e eu escrevemos, faz um esforço no sentido de abreviar essa cronologia e, de certa forma, forçar o resultado. O livro é a história, ou melhor, as bases intelectuais da história de uma expedição à Amazônia que o meu irmão, eu e várias outras pessoas empreendemos em 1971. Durante essa expedição, o meu irmão formulou uma idéia que incluía o uso de harmina e

harmalina, compostos que ocorrem no *Banisteriopsis caapi*, a vinha silvestre que é a base do *ayahuasca*. Procuramos usar harmina em conjunto com a voz humana no que chamamos "a experiência de La Chorrera". Tratava-se de um esforço de carregar, através do som, a estrutura das moléculas de harmina que se metabolizavam no organismo, de tal forma que elas formassem ligações, preferencial e permanentemente, com estruturas moleculares endógenas.

Nosso candidato na ocasião era o DNA neural, embora Frank Barr, que vinha pesquisando as propriedades da melanina cerebral, me houvesse convencido de que há igual possibilidade de que a harmina atue ligando-se a corpos de melanina. Em ambos os casos, a farmacologia acarreta ligações com um local de armazenamento de informações, sendo estas, em seguida, transmitidas de tal forma que a pessoa passa a ter uma leitura mental da estrutura da alma. Nossa experiência foi um esforço no sentido de usar um tipo de tecnologia xamanista para, por assim dizer, colocar um sino no pescoço do gato, pendurar um dispositivo telemétrico supercondutor na Supermente para que houvesse uma leitura contínua de informações a partir daquela dimensão. Deixo a quem assim o desejar julgar o sucesso ou o fracasso dessa tentativa.

A primeira parte do livro descreve as bases teóricas da experiência. A segunda descreve a teoria da estrutura do tempo que resultou dos bizarros estados mentais que se seguiram à experiência. Não afirmo que tenhamos tido êxito, apenas que a nossa teoria quanto ao que aconteceu é mais plausível que qualquer teoria proposta pelos críticos. Quer tenhamos tido êxito ou não, esse tipo de raciocínio nos aponta o caminho a seguir. Por exemplo, quando falo da tecnologia da construção de espaçonaves, imagino que esta será obtida com voltagens bem inferiores à voltagem de uma lanterna comum de pilhas. Afinal, é nesse nível que ocorrem os fenômenos mais interessantes da natureza, como o pensamento e o metabolismo. O pensamento e o metabolismo são fenômenos desse tipo.

Uma nova ciência que coloque a experiência psicodélica no centro de seu programa de pesquisas deve buscar a realização prática desse objetivo — o objetivo de eliminar a barreira entre o ego e o Superego, para que o ego possa ver-se como uma expressão do Superego. Assim, a ansiedade de encarar uma tremenda crise

biológica como as crises do ecossistema, bem como a crise da limitação do espaço físico que a nossa situação terrena nos força a atravessar, poderá ser evitada através do cultivo da alma e da prática de um novo xamanismo que use plantas contendo triptaminas.

A psilocibina é, desses compostos, o mais facilmente encontrado e o mais experimentalmente acessível. Portanto, o apelo que faço aos cientistas, administradores e políticos que venham a ler as minhas palavras é este: voltem a examinar a psilocibina. Não a confundam com os outros alucinógenos, compreendam que ela é um fenômeno por si mesma, com enorme potencial de transformar os seres humanos — e não somente transformar as pessoas que a ingerem, mas transformar a sociedade, tal como um movimento artístico, um novo conhecimento matemático ou um progresso científico transformam a sociedade. A psilocibina tem a possibilidade de transformar espécies inteiras, simplesmente em virtude das informações que transmite. É uma fonte de gnose, e a voz da gnose foi silenciada na mente ocidental há pelo menos mil anos.

Quando os franciscanos e dominicanos chegaram ao México no século XVI, trataram imediatamente de eliminar a religião do cogumelo, ao qual os índios davam o nome de *teonanacatl*, "a carne dos deuses". A religião católica detinha o monopólio da teofagia, e não viu com bons olhos aquela maneira de abordar o assunto. Hoje, quatrocentos anos após esse contato inicial, acredito que Eros, que se retirou da Europa com o advento do cristianismo, refugiou-se na Sierra Mazateca. Finalmente, após sua reclusão nas montanhas, reemerge agora na consciência ocidental.

Nossas instituições, nossas epistemologias estão falidas e exauridas; temos de começar de novo e esperar que, com a ajuda de personalidades inspiradas no xamanismo, possamos cultivar mais uma vez esse antigo mistério. O Logos pode ser liberado; a voz que falou a Platão, Parmênides e Heráclito pode voltar a falar na mente do homem moderno. Quando o fizer, a alienação terminará, porque passaremos a ser o alienígena. Essa é a promessa que se nos apresenta; para alguns, pode parecer uma visão de pesadelo, mas todas as mudanças históricas de imensa magnitude trazem consigo uma carga emocional. Lançam a humanidade em um mundo completamente novo.

Acredito que essa tarefa tem de ser realizada através do uso de alucinógenos. Sempre se acreditou que existem muitos caminhos para o progresso espiritual. Nesse particular, valho-me de minha experiência pessoal. Nenhuma outra técnica me trouxe bons resultados. Passei algum tempo na Índia, pratiquei ioga, visitei vários *rishis*, *roshis*, *geysheys* e gurus que existem na Ásia, e acredito que eles devem estar falando de algo tão pálido, tão distanciado do contato com o pleno êxtase das triptaminas que realmente não sei o que pensar deles e das vagas revelações que fazem.

O tantrismo alega ser outro caminho nessa direção. Tantra significa "o caminho mais curto" e certamente pode estar no rumo certo. A sexualidade, o orgasmo, essas coisas possuem qualidades semelhantes às das triptaminas, mas a diferença entre a psilocibina e todos os outros alucinógenos é a informação — enormes quantidades de informação.

O LSD me pareceu ter muito a ver com a estrutura da personalidade. As visões que ele proporciona me pareciam, muitas vezes, ser meramente geométricas, a não ser que fossem sinergizadas por outro composto. A clássica experiência psicodélica relatada por Aldous Huxley foi feita com duzentos microgramas de LSD e trinta miligramas de mescalina. Essa combinação produz uma experiência visual, não uma experiência de alucinações. Em minha opinião, a qualidade especial da psilocibina é que ela revela não luzes coloridas ou configurações móveis, mas lugares — selvas, cidades, máquinas, livros, formas arquitetônicas de incrível complexidade. Não há qualquer possibilidade de confundir tais coisas com qualquer tipo de "estática" neurológica. Trata-se, de fato, da informação visual mais altamente organizada que se pode receber, muito mais altamente organizada que a visão normal do estado de vigília.

É por isto que é muito difícil a quem experimenta um composto alucinógeno trazer de volta informações. É muito difícil transformar essas informações em linguagem; é como tentar fazer uma reprodução tridimensional de um objeto quadridimensional. Somente através da visão pode-se perceber a verdadeira modalidade desse Logos. Por isso, é tão interessante o fato de a psilocibina e o *ayahuasca* — a poção aborígene que contém triptamina — produzirem telepatia e um estado de espírito do qual várias pessoas

podem compartilhar. A resultante alucinação em grupo é comparilhada em completo silêncio. É difícil provar isso a um cientista; mas, se várias pessoas participarem desse tipo de experiência, uma delas pode começar a descrever a visão, interromper-se, e outra retomar a descrição. Todos vêem a mesma coisa! É o fato de ser informação visual complexa que faz do Logos uma visão cuja verdade não se pode descrever.

Mas as informações assim transmitidas não se limitam apenas à modalidade visual. O Logos é capaz de passar de algo que se ouve para algo que se vê, sem qualquer transição perceptível. Isso parece uma impossibilidade lógica; no entanto, quando realmente se tem tal experiência, a pessoa vê — ah-ah! —, é como se o pensamento que a pessoa ouve se transformasse em algo que se vê. O pensamento que a pessoa ouve torna-se cada vez mais intenso, até que, finalmente, sua intensidade é tão grande que, sem transição, a pessoa passa a vê-lo em seu espaço visual e tridimensional. A própria pessoa comanda o fenômeno. Isso é muito típico da psilocibina.

Naturalmente, sempre que introduz algum composto no organismo, a pessoa deve ter cuidado e estar bem informada acerca de possíveis efeitos colaterais. Os pesquisadores profissionais da experiência psicodélica têm conhecimento desses fatores e reconhecem abertamente a importância fundamental de se estar bem informado.

Quanto a mim, posso dizer que não abuso dos alucinógenos. Levo muito tempo para assimilar cada experiência visionária. Nunca perco o meu respeito por essas dimensões. O medo é uma das emoções que sinto sempre que vou fazer uma experiência. Trabalhar com um alucinógeno é como navegar em um mar escuro em um pequeno barco. Pode-se ver a lua subindo serenamente por sobre a água escura e calma, ou algo do tamanho de um trem de carga pode passar rugindo, fazer virar o barco e deixar a pessoa na água, agarrada a um remo.

O diálogo com o Desconhecido é o que faz valer a pena repetir essas experiências. O cogumelo nos fala quando falamos com ele. Na introdução do livro que o meu irmão e eu escrevemos (e assinamos com pseudônimos), intitulado *Psilocybin: The Magic Mushroom Grower's Guide*, há o monólogo de um cogumelo que começa assim: "Sou velho, cinquenta vezes mais velho que o

pensamento é para a espécie a que você pertence, e vim das estrelas." Palavras textuais; eu vinha anotando tudo furiosamente. Às vezes ele é muito humano. Minha atitude com ele é hassídica. Esbravejo com ele e ele esbraveja comigo. Discutimos quanto ao que vai ou não vai revelar. Digo: "Eu sou um disseminador, você não pode se negar a me dizer coisas." E ele responde: "Mas se eu lhe mostrasse o disco voador durante cinco minutos, você ficaria sabendo como ele funciona." E eu digo: "Pois então me mostre." O cogumelo se manifesta de várias maneiras. Às vezes, é como a Dorothy de *O Mágico de Oz*; outras vezes é como uma espécie de agiota muito talmúdico. Certa vez, perguntei: "O que está fazendo na Terra?" E ele respondeu: "Quando se é um cogumelo, não custa nada ir para onde se quer. Além do mais, isto aqui era um lugar bastante bom, até que os macacos escaparam ao controle."

"Macacos que escaparam ao controle": é assim que o cogumelo vê a história humana. Para nós, a história é bem diferente: é a onda de choque da escatologia. Em outras palavras, vivemos um momento muito especial, de dez ou vinte mil anos de duração, no qual uma enorme transição está ocorrendo. O objeto que há no fim da História e além da História é a espécie humana em união tântrica e eterna com a Supermente/OVNI supercondutora. É esse o mistério cuja sombra se projeta de volta no tempo. Todas as religiões, todas as filosofias, todas as guerras, todos os extermínios e perseguições acontecem porque as pessoas não recebem adequadamente a mensagem. Há, ao mesmo tempo, a progressiva casuística do ser (determinismo causal) e o padrão de interferência que se lhe contrapõe a existência desse hiperobjeto escatológico que lança a sua sombra através da paisagem do tempo. Nós existimos, mas há muita interferência. Essa situação chamada História é totalmente singular; irá durar somente um momento; começou há apenas um instante. Nesse instante, há uma tremenda explosão de estática quando o macaco atinge a divindade, quando o objeto escatológico final mitiga e transforma o fluxo da circunstância entrópica.

A vida é fundamental para o processo de organização da matéria. Rejeito a idéia de que tenhamos enveredado por um desvio chamado existência orgânica, que o nosso verdadeiro lugar é a eternidade. Essa modalidade de existência é parte importante do ciclo. É um

filtro. Há a possibilidade de extinção, a possibilidade de cair para sempre na *physis*, e, nesse sentido, a metáfora da queda é válida. Há uma obrigação espiritual, uma tarefa a ser cumprida. Mas não é algo tão simples quanto seguir um conjunto de regras ditado por outra pessoa. O empreendimento noético é uma das obrigações primárias da existência. Dele depende nossa salvação. Nem todos precisam ler livros de alquimia ou estudar moléculas supercondutoras para fazer a transição. A maioria das pessoas consegue fazê-la ingenuamente, raciocinando com clareza sobre o presente, mas nós, intelectuais, estamos presos a um mundo onde há informações em demasia. Perdemos a inocência. Não podemos esperar atravessar a ponte estreita mediante um bom ato de contrição; isso não será suficiente.

Precisamos compreender. Whitehead disse: "O conhecimento é a percepção de um padrão como tal." Temer a morte é não compreender a vida. A atividade cognitiva é o fato definidor da humanidade. Linguagem, pensamento, análise, arte, dança, poesia, invenção de mitos — estas são as coisas que apontam na direção do reino do *éschatos*. Nós, humanos, podemos entrar em um reino de pura auto-engenharia. A imaginação é tudo. Foi isso o que Blake percebeu. É de lá que viemos. É para lá que estamos indo. E só podemos chegar lá através da atividade cognitiva.

O tempo é a noção que reforça noções como esta, pois elas implicam um novo conceito de tempo. Durante a experiência de La Chorrera, o Logos demonstrou que o tempo não é simplesmente um meio homogêneo no qual as coisas ocorrem, e sim uma densidade flutuante de probabilidade. Embora a ciência possa, às vezes, nos dizer o que pode e o que não pode acontecer, não temos uma teoria que explique por que, de tudo o que poderia acontecer, certas coisas passam pelo que Whitehead chama de "a formalidade de realmente ocorrer". Foi isto o que o Logos tentou explicar, o motivo pelo qual, de toda uma miríade de coisas que podiam acontecer, certas coisas passam pela formalidade de ocorrer. É porque existe uma hierarquia modular de ondas de condicionamento temporal, de densidade temporal. Determinado evento, considerado altamente improvável, é mais provável em certos momentos do que em outros.

Tomando essa simples percepção e guiado pelo Logos, pude construir um modelo fractal do tempo, passível de ser programado

em computador e produzir um mapa da introdução do que chamo "novidade" — a introdução da novidade no tempo. Como norma geral, a novidade está obviamente aumentando. Vem aumentando desde o começo do universo. Imediatamente após o "Big Bang", havia somente a possibilidade de interação nuclear; depois, quando as temperaturas caíram abaixo do ponto da resistência do núcleo, tornou-se possível a formação de sistemas atômicos. Mais tarde ainda, à medida que as temperaturas continuaram a cair, surgiram os sistemas moleculares. E, muito mais tarde, a vida se tornou possível; surgiram formas muito complexas de vida, o pensamento se tornou possível, a cultura foi inventada. Inventaram-se a imprensa e a transferência eletrônica de informações.

O que está acontecendo em nosso mundo é uma invasão de novidades, na direção daquilo que Whitehead chamava de "concrecência", uma espiral que se vai afunilando cada vez mais. Tudo flui e se une. A *lapis autopoeítica*, a pedra alquímica que está no fim do tempo, coalesce quando tudo flui e se une. Quando as leis da física são neutralizadas, o universo desaparece, e o que resta é o *plenum* fortemente unido, a mônada, capaz de se expressar por si mesma, em vez de apenas lançar a sua sombra na *physis* como reflexo de si própria. Neste ponto, eu me aproximo muito do pensamento clássico milenário e apocalíptico em minha noção da rapidez com que as mudanças vão se acelerando. Pela forma como a espiral vai se estreitando, prevejo que a concrecência se dará em breve — por volta do ano 2012 d.C. Será o ingresso de nossa espécie no hiperespaço, mas parecerá ser o fim das leis da física, acompanhado pela liberação da mente, que passará a existir na imaginação.

Todas essas imagens — a nave espacial, a colônia espacial, a *lapis* — são imagens precursoras. Seguem-se naturalmente da ideia de que a História é a onda de choque da escatologia. À medida que nos aproximamos do objeto escatológico, os reflexos que ele lança mais se assemelham ao próprio objeto. No último instante, o Inefável é revelado. Não há mais reflexos do Mistério. O Mistério é visto em toda a sua nudez, e nada mais existe. Mas o que ele é, mal podemos supor; não obstante, o prazer máximo do futurismo é tentar adivinhá-lo.

Ressonância Temporal

A descrição newtoniana-einsteiniana da natureza, mito de Ur de nossa civilização, diverge de nossas percepções em um aspecto importante. Refiro-me à descrição da dimensão temporal. Para Newton, o tempo podia ser representado por um plano; era pura duração, um domínio necessário à descrição dos eventos. Einstein acrescentou-lhe a possibilidade da ligeira e suave curvatura do contínuo espaço-tempo. Estes dois pontos de vista ignoram uma propriedade da realidade que o meu modelo do tempo levou muito a sério: o fenômeno da conservação da conexão. Verificamos que esse princípio está ativo desde o início do universo, e que as conexões continuam a ser conservadas e concentradas durante toda a história subsequente do espaço-tempo.

Um aspecto interessante dessa concatenação da conexão é que cada estágio de sua condensação ocorreu mais rapidamente que o anterior. Ao nascer, o universo era puro plasma; não havia sistemas atômicos; havia tanta energia dentro do sistema que os elétrons ou ainda não existiam ou não conseguiam estabelecer-se em órbitas estáveis. Depois, à medida que o universo esfriou, começaram a formar-se os sistemas atômicos; as estrelas condensaram-se e, através da química nuclear, fundiram elementos mais pesados, dos quais surgiu mais tarde uma química à base de carbono. Isto ofereceu a possibilidade de uma química molecular — novos domínios de conexão e nova proliferação de oportunidades de

Neste artigo, publicado em *Revision*, vol. 10, nº 1, verão de 1987, procuro expressar de forma sucinta as minhas idéias acerca do tempo e da onda do tempo.

novidade. Essa oportunidade conduziu à vida, aos animais superiores, à cultura e — mais tarde, em era relativamente recente — a sistemas de código culturais e epigenéticos tais como a linguagem e, mais recentemente, a escrita. O legado da conservação da conexão é a caostrofia metaconectada da cultura planetária do século XX. O modelo que construí procurei unificar todos esses diferentes fenômenos e tratá-los como manifestações de um único conjunto de leis: leis que descrevem a introdução da novidade no tempo e sua conservação e concentração no espaço-tempo comum e na experiência imediata comum.

Esta idéia difere da cosmologia ortodoxa na medida em que a física ortodoxa se preocupa muito com a história antiga do universo, a qual é imaginada como uma sucessão de épocas muito breves, cada uma delas com as suas limitações e fronteiras e sua própria espécie de física, declinações de uma singularidade que precede toda e qualquer física. Minha noção inverte esse procedimento; nele, as épocas comprimidas de ultraconexão levam a uma singularidade no fim do evento cosmológico, precisamente onde, segundo o modelo padrão, o universo decai para uma morte entrópica pelo calor. Para o modelo padrão, a biologia é tão epifenomenal que mal merece ser mencionada.

Ao buscar uma base para um novo modelo do tempo fora do modelo de “pura duração” da ciência ocidental, examinei naturalmente os conceitos orientais que pareciam mais sintonizados com as intuições subjetivas e com a experiência imediata. O modo pelo qual percebemos o tempo tem muito mais a ver com a descrição que herdamos de uma tradição como o taoísmo do que com a ciência. De fato, o *Tao Te Ching* começa com a observação: “O Caminho que pode ser ensinado não é invariável.”

A idéia de que o tempo é experimentado como uma série de elementos identificáveis e fluentes é altamente desenvolvida no *I Ching*. Com efeito, o modelo temporal do *I Ching* oferece a única alternativa bem desenvolvida do ponto de vista de “duração pura e simples”. O *I Ching* encara o tempo como um número finito de elementos distintos e irreduzíveis, da mesma forma como os elementos químicos compõem o mundo da matéria. Para os sábios taoístas da China anterior à dinastia Han, o tempo se compunha de

64 elementos irreduzíveis. Foi à base desses 64 elementos que eu procurei construir um novo modelo do tempo que incorporasse a idéia da conservação da novidade e reconhecesse o tempo com um processo de vir-a-ser.

A primeira configuração dos hexagramas do *I Ching* é a sequência King Wen. Foi essa a sequência que decidi estudar como possível base de um novo modelo da relação entre o tempo e a introdução e conservação da novidade. Ao estudar os tipos de ordem da sequência King Wen do *I Ching*, fiz várias descobertas notáveis. Sabe-se que os hexagramas da sequência King Wen ocorrem aos pares. O segundo membro de cada par é obtido invertendo-se o primeiro. Em qualquer sequência dos 64 hexagramas, existem oito hexagramas que permanecem inalterados quando invertidos. Na sequência King Wen, esses oito hexagramas formam pares com outros nos quais cada linha do primeiro hexagrama tornou-se o seu oposto (*yang* mudou para *yin*, e vice-versa).

Resta a questão de qual a norma ou princípio que rege o arranjo dos 32 pares de hexagramas que compõem a sequência King Wen. Intuí-me examinar a primeira ordem de diferença — isto é, quantas linhas mudam quando se percorre a sequência King Wen, passando-se de um hexagrama para o seguinte. A primeira ordem de diferença será sempre um número inteiro entre um e seis. Quando se examina a primeira ordem de diferença entre pares, verifica-se sempre que é um número par. Assim, todos os casos ímpares de primeira ordem de diferença ocorrem em transições de um par de hexagramas para o par seguinte. Quando se examina todo o conjunto de números inteiros de primeira ordem de diferença gerados pela sequência King Wen, verifica-se que esses números exibem uma proporção perfeita de três para um — três números inteiros pares para cada inteiro ímpar. A proporção de 3:1 não é uma propriedade formal da sequência completa, mas foi um artifício cuidadosamente construído, obtido pelo arranjo de transições de hexagramas entre pares, de modo a gerar quatorze incidências de três e duas incidências de um. O número cinco foi deliberadamente excluído. Os quatorze casos de três e dois casos de um constituem

dezesseis incidências de um número inteiro par que ocorrem dentre 64 incidências possíveis — exatamente uma proporção de 3:1.

Além disso, quando se constrói um gráfico da primeira ordem de diferença da sequência King Wen, esta parece aleatória ou imprevisível. Contudo, quando a imagem do gráfico recebe uma rotação de 180 graus dentro do plano e é sobreposta a si mesma, verifica-se que ela se fecha em quatro pontos adjacentes.

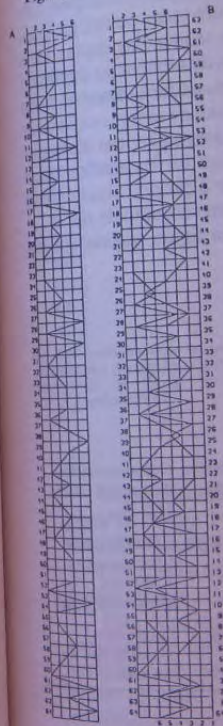
Embora esse fechamento possa ser logicamente esperado em qualquer ponto da sequência, ocorre no começo e no fim convencionais dela. E embora um arranjo com fechamento pudesse ter colocado dois hexagramas quaisquer em oposição um ao outro, o que de fato verificamos é que os hexagramas em oposição são tais que a soma dos números de suas posições na sequência King Wen é sempre igual a 64.

Mais de 27 mil sequências de hexagramas foram geradas aleatoriamente por computador (todas com a propriedade, possuída pela sequência King Wen, de que todo segundo hexagrama é o inverso ou o complemento do anterior). Dessas 27 mil e tantas sequências, somente quatro tinham as três propriedades da proporção de 3:1 entre transições pares e ímpares e o tipo de fechamento acima descrito; nenhuma delas tinha transições de valor cinco. Eram, portanto, sequências muito raras, ocorrendo em uma proporção de uma em 6.750.

Pelos motivos acima, fui levado a considerar a sequência King Wen como um arranjo profundamente artificial dos 64 hexagramas. Peço ao leitor que examine cuidadosamente a Figura 1. Reveja mentalmente os estágios da sequência King Wen que levaram até ela. Observe que se trata de um conjunto completo dos 64 hexagramas possíveis, indo sequencialmente em um sentido e outro. Uma vez que é composto de 64 hexagramas, cada um contendo seis linhas, tem ao todo 6×64 , ou 384 linhas, ou *yaos*. Pode-se fazer uma analogia e dizer que a Figura 1 é, para a sequência King Wen, o que o cubo é para um quadrado. A figura é composta dos mesmos elementos que a sequência King Wen, mas tem maior número de dimensões.

Minha premissa é que os chineses compositores de oráculos anteriores à dinastia Han, encaravam a dupla sequência da Figura

Figura 1



O gráfico da primeira ordem de diferença da sequência King Wen mostra uma singularidade: a primeira e as últimas três posições têm valores similares. Assim, o fechamento ocorre nas duas extremidades do gráfico, quando este sofre uma rotação em duas dimensões e as duas imagens são justapostas.

1B, que se estende nos dois sentidos, como uma única *yao*, ou linha, e que, portanto, pode ser tratada como as linhas o são no *I Ching*, ou seja, multiplicada por seis e 64. Como um hexagrama tem seis linhas, visualizei seis sequências duplas em ordem linear. Mas um hexagrama é mais do que linhas; contém também dois trigramas. Assim, sobrepos duas sequências duplas às seis sequências duplas,

cada uma delas três vezes maior que as seis seqüências duplas. Um hexagrama tem também a identidade de um todo; assim, projetei, sobre as seis seqüências duplas e as duas seqüências duplas, uma única seqüência dupla maior. Os conjuntos de seqüências duplas de cada nível têm um ponto de origem comum e todos retornam a um único ponto final. A figura resultante, demasiado complexa para ser incluída aqui, está para a seqüência dupla original como um tessarato está para um cubo, pois mais uma vez foram acrescentadas novas dimensões. Pode-se então imaginar a própria figura como um único hexagrama, mas pertencente a um conjunto de 64.

O fechamento no início e no fim dessa figura sugeria que ela

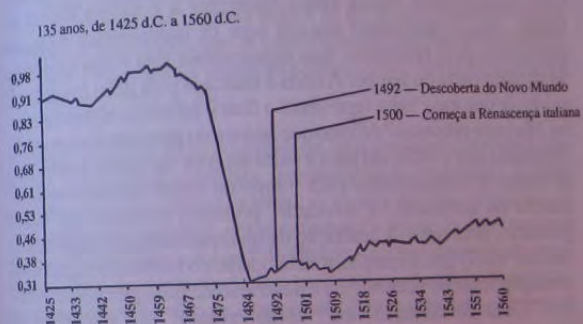
Figura 2

Permutações dos Hexagramas do I Ching

Base	Multiplicador	Multiplicando	Unidade astronômica
64 dias (número dos hexagramas no I Ching)	$\times 6$ (número de yaos em um hexagrama)	384 dias	13 lunações
384 dias	$\times 64$ (número de hexagramas em uma seqüência)	67 anos solares 104,25 dias	6 pequenos ciclos de manchas solares 11,2 anos
67 anos solares 104,25 dias	$\times 64$ (número de hexagramas em uma seqüência)	4.306 + anos solares	2 Eras Zodiais 1 por trigrama 2.200 anos aproximadamente
4.306 + anos solares	$\times 6$ (número de yaos em um hexagrama)	25.836 anos solares	1 precessão completa dos equinócios

poderia ser útil ao processo de elaboração do modelo. Suas 384 subunidades implicam um calendário. Seria coincidência o fato de que a duração de um mês lunar, de 29,53 dias, multiplicada por treze dê 383,89? Creio que o que temos aqui é um calendário lunar de 384 dias, com ressonâncias sobre outros fenômenos astronômicos observáveis a olho nu e sabidamente de interesse dos antigos chineses.

Figura 3*



Usando técnicas comuns, a hierarquia modular que construí a partir da Figura 1 pelo método acima descrito pode ser matematicamente reduzida a uma curva auto-similar ou fractal, a qual pode ser usada para o traçado de um mapa do desdobramento de variáveis temporais e suas ressonâncias em todos os níveis de duração.

Para demonstrar esta afirmação, era necessário escrever um programa de computador que permitisse a fácil manipulação da onda fractal do tempo e a rápida comparação de várias localidades dentro da onda. Isso foi feito com o auxílio, muito competente, do meu colega Peter Meyer, responsável pela implementação computadorizada de minhas idéias.

Vejamos uma tela, gerada por computador, que mostra um

*Os valores à esquerda de cada gráfico (figuras 3-8) são quantificações numéricas da novidade. A situação máxima de novidade tem o valor zero; assim, os valores tendem para zero à medida que a data final se aproxima. Nestes gráficos, supõe-se que a data final seja 21 de dezembro de 2012 d.C.

período conhecido da maioria de nós — fins do século XV e começo do século XVI — época marcada pela invenção da imprensa e pela descoberta do Novo Mundo.

Telas como essa constituem os instrumentos básicos e o resultado experimental destas idéias referentes à estrutura fractal do tempo. Não é necessário discutir aqui os instrumentos e opções oferecidos pelo programa, mas examinemos esta pequena porção da própria onda do tempo. A onda é indicada pela linha irregular. É evidente que essa linha representa o fluir e refluir de algum processo. Mas que processo? Afirmo que se trata do processo da novidade. À medida que a linha cai para a parte inferior da figura, a novidade aumenta; o deslocamento para o topo da figura indica uma diminuição da novidade. A novidade, portanto, constitui um termo primário, necessário à descrição de qualquer sistema temporal, do mesmo modo que a rotação, a velocidade e o momento angular são termos primários necessários à descrição de qualquer sistema físico. "Grau de conexão" ou "complexidade" são sinônimos de "novidade". Note-se que não há qualquer julgamento moral nesses termos. A novidade não é "boa" nem a entropia é "má". A novidade é simplesmente uma situação de maior conexão e complexidade de organização, ao passo que a entropia é o oposto dessas qualidades: é menos organizada, menos integrada e menos complexa.

Optei deliberadamente pelo uso do termo "novidade" para designar esse conceito, a fim de apoiar minhas idéias na metafísica de Alfred North Whitehead, apresentada em seu livro *Process and Reality*. Whitehead diz o seguinte:

A criatividade é o princípio da novidade. Introduce a novidade no contexto da pluralidade de coisas, contexto esse que é o universo disjuntivamente. O avanço criativo é a aplicação desse supremo princípio da criatividade a cada nova situação que ela gera. O supremo princípio metafísico é o avanço a partir da disjunção para a conjunção, quando uma nova entidade é criada, diferente das que são dadas na disjunção. A nova entidade é, ao mesmo tempo, a reunião da pluralidade que ela encontra e um dos muitos elementos disjuntivos que deixa atrás de si; é uma nova entidade, disjuntivamente entre as muitas entidades que ela sintetiza. Os muitos tornam-

se um só e registram um aumento de um. Por sua natureza, as entidades são disjuntivamente "plurais" no processo de transição para a unidade singular. Assim, a "produção de uma nova reunião" é a noção suprema incorporada ao termo "concrecência". Essas noções supremas de "produção de novidade" e "reunião concreta" são inexplicáveis, seja em termos de universais superiores ou em termos dos componentes que participam da concrecência. A análise dos componentes abstrai da concrecência. Apela unicamente à intuição. (1929, p. 26)

Essa noção do fluxo e refluxo de uma qualidade invisível que integra e desintegra entidades, introduzindo-as no mundo, é parte integrante do pensamento oriental: é a idéia do Tao. O que há de incomum, senão singular, nesse enfoque é a tentativa de fazer uma descrição matemática formal do fluxo e refluxo dessa qualidade. Eu poderia tê-la chamado de Tao, mas preferi chamá-la de novidade, para salientar o fato de que se trata de um processo que leva à concrecência.

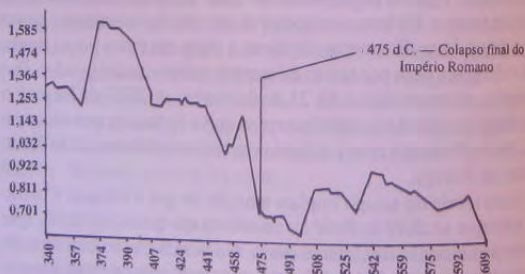
Vários "pontos de ressonância" são reconhecidos dentro da onda do tempo. Podemos conceber os pontos de ressonância como áreas da onda graficamente idênticas à onda em outro ponto desta, mas diferentes dela por terem diferentes valores quantificados. Por exemplo, se tomarmos o dia 21 de dezembro de 2012 d.C. como a data final ou data zero, verificaremos que a época em que vivemos está em ressonância com o final da era romana e o começo da Idade Média na Europa.

Essa teoria do tempo implica a noção de que a duração é como um tom que se deve atribuir ao momento em que a oscilação, que vinha diminuindo, finalmente cessa. Na ocasião, escolhi a data de 21 de dezembro de 2012 d.C. porque, nesse caso, a onda parecia situar-se na configuração que mais se ajustava aos fatos registrados do fluxo e refluxo do avanço histórico na direção da conexão. Mais tarde vim a saber, para meu assombro, que a mesma data, 21 de dezembro de 2012, era a do fim do calendário maia clássico — tendo sido os maias uma das culturas mais obcecadas pelo tempo na história do mundo. Contudo, o programa de computador que dá

Figura 4



Figura 5



respaldo à idéia da onda do tempo pode aceitar qualquer data zero e ajustar correspondentemente a escala da onda.

Para compreender por que acredito que 21 de dezembro de 2012 d.C. é uma data plausível como tempo zero, peço ao leitor que observe a conformação da onda referente a duas durações de tempo bastante longas. Atente especialmente para a congruência dos epi-

Figura 6

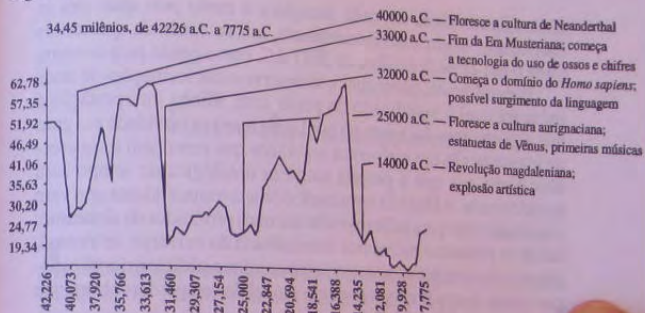


Figura 7

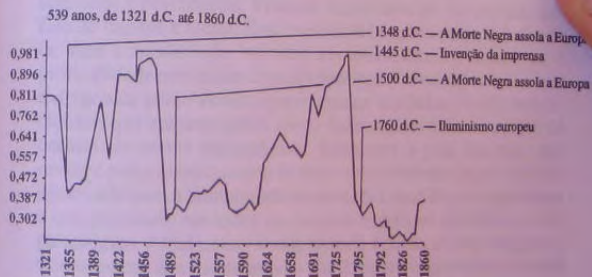
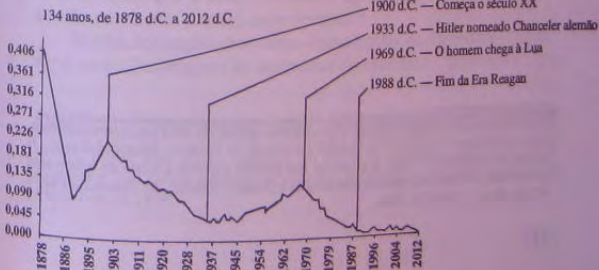


Figura 8



sódios de novidade em cada duração e o modo pelo qual eles se encontram, muito convincentemente, em ressonância quando se toma o dia 21 de dezembro de 2012 d.C. como ponto zero comum.

Naturalmente, quem quer que observe essas formações de onda indagará qual o significado do ponto zero. Minha interpretação é que o ponto zero é o ponto no qual o ingresso na novidade e o grau de interconexão dos elementos separados que compõem a concrecência são tais que a própria natureza ontológica do tempo será transformada. A História terminará; o objeto transcendente que vem impelindo o ser para reflexos cada vez mais profundos de si mesmo, desde os primeiros momentos da existência do universo, se tomará, afinal, inteiramente condescendente no contínuo tridimensional espaço-tempo. Nesse ponto, a imagem móvel do tempo descobrirá que ela própria é a Eternidade*.

*Se esta exposição, necessariamente breve, aguçou o apetite do leitor por maiores informações, aconselho-o a ler o livro *The Invisible Landscape*, de Terence e Dennis McKenna. Os leitores interessados em obter o programa que permite explorar a teoria do tempo aqui apresentada, devem pedir maiores informações à Dolphin Software, 48 Shattuck Square # 147, Berkeley, CA 94704, USA.

Entre *Ayahuasqueros*

As informações fluem através do contínuo da existência em busca de equilíbrio. Paradoxalmente, porém, trazem imagens de como o fluir na direção da entropia é invertido localmente por um ser, por uma sociedade ou por um fenômeno. Essas imagens tornam-se conceitos e descobertas. Vivemos imersos em um oceano holográfico de lugares e idéias. Esse oceano de imagens e a complexidade de suas conexões são infinitos; compreendemos o oceano até a profundidade que somos capazes de atingir. Talvez seja por isso que todo grande gênio avança aparentemente aos pulos. A idéia revolucionária que inspira o gênio chega-lhe completa e inteira a partir do oceano da mente especulativa. Buscamos o pulo intuitivo que revela o próprio mecanismo de uma outra dimensão. A necessidade desse pulo para a humanidade aumentará à medida que esgotarmos a complexidade em todos os campos, exceto no microfísico e no psicológico. Atualmente, o meu método é a imersão nas imagens e o auto-exame dos fenômenos — isto é, ingerir cogumelos contendo psilocibina e ponderar sobre o possível significado de tudo isso, confiante em que o tempo ao menos aprofundará o conhecimento, se não responder a todas as perguntas.

Minha aceitação provisória dessa noção da dimensão "vista" no transe alucinógeno se aproxima do conceito "primitivo", en-

Do livro *Gateway to Inner Space*, editado por Christian Ratsch (Nova York: Prism Books, 1989). Este trecho constitui um diário de reflexões sobre a busca do *ayahuasca* que minha mulher Kat Harrison McKenna e eu empreendemos na Amazônia em 1976.

contrado em todo o mundo, de que, de certa forma, convivemos com um "mundo de espíritos".

Será o acesso a outra dimensão, proporcionado pelo cogumelo que contém psilocibina, tão singularmente peculiar a esse fungo que seja razoável associar o fenômeno especificamente a uma única espécie de cogumelo? Ou será esse mundo estranho algo peculiar à psilocibina, onde quer que esse produto químico ocorra na natureza? Albert Hoffman, em seu *LSD: My Problem Child*, diz que, ao apresentar comprimidos de psilocibina à xamã Maria Sabina, de Huatla, que trabalhava com cogumelos, a velha curandeira admitiu que "o espírito do cogumelo estava naquele comprimido" (1983, p. 142).

Em meus confrontos com a personificação do Desconhecido que reside no cogumelo, parte da mensagem que recebi foi que a sua singularidade era qualidade única de sua espécie e que havia nele o desejo de uma relação simbiótica com os seres humanos. Em outras ocasiões, ele se apresentava menos como personagem do que como uma rede gigantesca, usada por muitas espécies de seres, em diferentes partes do universo, para seus próprios fins. Senti-me como uma criança de dois anos que se faz a pergunta: "Existem homenzinhos dentro do rádio?" Talvez a dimensão revelada pela psilocibina seja um tipo de rede de informações e imagens, ou algo ainda mais substancial.

Pareceu-me que, para responder a tais perguntas, seria necessário estudar outra planta alucinógena que não tivesse qualquer relação taxonômica com os fungos que contém psilocibina, mas que fosse quimicamente semelhante à psilocibina no que diz respeito à estrutura molecular. A droga que eu visava e que satisfaz plenamente esses critérios é o *yagé*, ou *ayahwasca*. Trata-se de uma bebida cujo principal ingrediente é uma enorme liana silvestre, parasita que atinge dimensões gigantescas na Bacia Amazônica, no Novo Mundo. As bebidas preparadas com essa *Banisteriopsis* são conhecidas da ciência há mais tempo que os cultos do cogumelo do México, mas nem por isso menos misteriosas, mesmo no mundo superexplorado de hoje.

Em 1851, o botânico e explorador inglês Richard Spruce, amigo de Alfred Russel Wallace, percorreu a bacia superior do Rio Negro, no interior do Estado do Amazonas. Lá, constatou que os

índios tucanos, do Rio Vaupés, usavam uma estranha droga a fim de provocar transe e adivinhações proféticas. Diziam eles que os efeitos da droga, chamada *caapi*, eram caracterizados por alucinações coloridas e apavorantes. Spruce teve o cuidado de coletar espécimes da planta e, mais tarde, escreveu: "Verifiquei, não sem surpresa, que ela pertencia à ordem das malpighiáceas e ao gênero *Banisteria*. Deduzi que era uma espécie ainda não descrita e, portanto, chamei-a *Banisteria caapi*" (Schultes, 1968, p. 318).

Relatos fantásticos têm caracterizado a droga preparada à base da *Banisteriopsis* desde a sua descoberta. A primeira descrição dos misteriosos efeitos da droga foi feita em 1858, quando o explorador Villavincencio bebeu-a entre as tribos que habitam as cabeceiras do Rio Napo, na Amazônia equatoriana. Essa região é freqüentemente mencionada em relatos de misturas de outras plantas, as quais são acrescidas à poção básica de *Banisteriopsis* a fim de intensificar as alucinações.

Os químicos que fizeram as primeiras tentativas de isolar os alcalóides contidos na *B. caapi* deram ao composto o nome romântico de telepatina, em alusão à fama de que goza o *yagé* na floresta amazônica de ser uma droga genuinamente telepática. Recentemente, essa idéia foi reforçada por F. Bruce Lamb, em seu livro *Wizard of the Upper Amazon*, no qual o seu informante descreve detalhadamente certas sessões de transe coletivo, cujos participantes recebiam todos as mesmas visões. Portanto, o *yagé* tem a sua gnose própria. Tem a fama de ser uma panacéia curativa e poderoso alucinógeno, capaz de trazer visões de cidades estranhas, animais selvagens e viagens xamanísticas ao coração da Via Láctea.

O grande etnobotânico Richard Evans Schultes inspirou-me a decisão de ir procurar o *ayahwasca* e comparar a sua dimensão experiencial com a da psilocibina, ao escrever: "Estamos apenas no limiar de nossas investigações quanto à botânica, etnologia, história, farmacologia, química e terapêutica desse complexo de intoxicantes conhecido pelos nomes de *ayahwasca*, *caapi* e *yagé*" (Schultes, 1968, p. 12).

Nossa expedição ao Peru consistiria em apenas três pessoas: eu, Kat, que era a nossa fotógrafa, linguísta e artista botânica, e

Richard, um velho amigo e historiador da medicina, especialmente interessado em medicina popular e curas xamanistas. Kat e Richard nunca haviam estado antes na selva equatorial, mas nos preparamos com todo cuidado e esperamos ansiosamente o dia em que rumaríamos para o sul, de encontro ao que esperávamos ser o calor da selva e uma grande aventura.

Finalmente, a realidade superou a nossa apreensão. Na manhã de 6 de março de 1976, chegamos a Lima. Ao voarmos de Los Angeles na noite anterior, o cometa West estava impressionantemente visível a 29 mil pés de altura, o que me pareceu um bom augúrio para a nossa viagem. A chegada foi tipicamente desagradável: fomos forçados a permanecer vários dias na cidade enquanto registrávamos uma arma — amolação necessária, pois percorrer a floresta desarmado é procurar problemas.

Dias depois de chegarmos a Iquitos, atingimos a foz do Rio Napo, em Loreto, no Peru. Daí por diante, os eventos se precipitaram. Encontramos inesperadamente um sujeito conhecido como Lord Dark, assim apelidado em virtude do seu olhar penetrante. Velho conhecido meu da Colômbia, era agora dono de um barco que ele mesmo pilotava no rio. Aceitamos sua oferta de carona ao longo do Napo. Nós, ele, sua mulher e três jovens alemães viajamos durante três dias, até chegarmos à foz do Rio Napo, esperando atingir Atun Cocha, aldeia *yagua* em um lago formado à margem do rio, no fim daquele mesmo dia.

Nossa situação era um abismo de ambigüidade. A simples estranheza de estarmos na Amazônia, combinada com o encontro "casual" com Lord Dark, contribuiu para um romance inteiro de possibilidades. Aceitei a situação porque, a cada hora, subíamos mais o Rio Napo, aprofundando-nos na região do *ayahwasca* e aproximando-nos do objetivo de nossa viagem. Mas eu esperava que pudéssemos nos separar de forma agradável daquele estranho barqueiro (meu) que me acompanhara a mim e aos meus outros companheiros, quase até La Chorrera em nossa viagem anterior selva adentro. Finalmente, dissemos adeus ao nosso desgredado Caronte — um adeus pacífico, embora tenso, tão imerso estava ele em uma discussão financeira com os seus passageiros alemães. O barco desceu o Napo, deixando-nos pela primeira vez a sós e sem

transporte imediato para prosseguirmos viagem. Estávamos em uma pequena aldeia chamada Fancho Playa, a cerca de seis horas de Masán, que ficava mais acima no rio. Lá secamos as nossas roupas e recuperamo-nos da provação de haver passado cinco dias em um barco apertado. Os aldeões nos levaram a uma casa, com bom teto e cozinha anexa, e lá permanecemos em razoável conforto, enquanto nos adaptávamos e familiarizávamos com os arredores. Desapontou-me o grau de aculturação entre as populações ribeirinhas. Embora aquela não fosse uma rota de comércio, o modo de vida tradicional havia desaparecido ou se transferido selva adentro.

A Amazônia é cheia de reveses e surpresas. Nossa permanência em Fancho Playa foi difícil. Éramos atormentados por mosquitos, micuins e mutucas. Dias inteiros sob o ataque desses insetos faziam-nos passar longas noites febris, como se sonhássemos acordados. Apesar das dificuldades, que eram realmente grandes e nos forçaram a mudar de planos, ficamos sabendo que era comum naquela região a existência de *brujos* conhecedores do *ayahwasca*, e capazes de matar e curar. Eram tão conhecidos que o nosso informante foi uma criança de seis anos, encontrada quando caminhávamos no mato em companhia de um dos homens da aldeia, procurando exemplares de *cumala*. *Cumala* é um termo genérico que inclui a espécie conhecida como *Virola* e gêneros afins. Nossa incerteza acerca da situação nos impedia de indagar diretamente acerca do *ayahwasca*.

Nossos problemas com os insetos e a disenteria nos forçaram a reexaminar nossa primeira aventura no Rio Napo. Faltavam-nos muitas coisas de que precisávamos. Embora houvésssemos localizado um verdadeiro ninho de supostos *ayahwasqueros*, não podíamos trabalhar sem equipar-nos contra os insetos que acompanhavam as persistentes chuvas extemporâneas. Assim, fizemos planos de sair de Fancho Playa um pouco antes do amanhecer do dia seguinte, embarcando em uma lancha que estava indo para Iquitos. Na véspera de nossa partida, soubemos que havia na aldeia uma velha que conhecia o *ayahwasca*. Além disso, descobrimos que várias pessoas com quem havíamos tomado *aguardiente* eram conhecidas na aldeia como usuárias de *ayahwasca*. Os aldeões nos

afirmaram que cada povoado naqueles rios tinha os seus próprios *ayahuasqueros*.

Tendo voltado para Iquitos debaixo de chuva e passado vários dias tratando de nossas mazelas, chegamos ao nosso ponto mais baixo. O dinheiro que havíamos trazido escasseava e mal tínhamos alguma idéia de onde encontrar alguém que conhecesse o *ayahuasca*. Finalmente, após várias tentativas inúteis, encontramos quem nos indicasse a casa de Manuel Córdova Ríos, cuja história é contada em *Wizard of the Upper Amazon*. Era um homem de 92 anos de idade que aparentava sessenta, com exceção das cataratas que lhe toldavam os olhos. Insistiu veementemente em que os *ayahuasqueros* de Iquitos eram quase todos charlatães. E explicou-nos que as pessoas que dominam o conhecimento do *ayahuasca* não são necessariamente os índios da floresta — é tudo uma questão de encontrar alguém que saiba como prepará-lo. Recomendou que fizéssemos nossa busca na região de Pucallpa e deu-nos o nome de uma mulher que havia aprendido o seu ofício com ele, havia muitos anos. Chamava-se Juana Gonzales Orbi, uma leprosa que havia curado a si própria com remédios da selva, não sem antes perder grande parte das mãos e dos pés. O Sr. Ríos garantiu-nos que ela gostava de preparar *ayahuasca* para outras pessoas e já havia ajudado vários *gringos*. Uma vez que todas as outras pistas se tinham mostrado infrutíferas, nosso encontro com o Sr. Ríos imprimiu novo rumo à nossa busca. Decidimos ir de avião a Pucallpa, na esperança de encontrarmos aquela mulher e sermos aceitos por ela como observadores.

Esperávamos que o fato de nos transferirmos várias centenas de quilômetros mais para o sul trouxesse algum otimismo à nossa busca, tão perturbada por doenças e despesas. Em meio ao esforço e corre-corre da viagem, era difícil manter em mente a estranheza do objeto de nossa pesquisa e da visão que certamente teríamos, caso fôssemos bem-sucedidos. Nosso encontro com Córdova Ríos parecera decisivo, uma vez que ele havia descrito transe telepáticos coletivos — exatamente uma das coisas que desejávamos comprovar.

Chegamos a Pucallpa pouco depois do anoitecer. Nossa primeira impressão foi a de uma cidade típica de fronteira, mais rústica e

improvisada que Iquitos, desordenada e grosseira demais para ter muito encanto. Era pouco mais que um amontoado de tijolos, argamassa e tetos de zinco. Exceto pelo tamanho, assemelhava-se a qualquer aldeia ribeirinha da Amazônia. Nenhuma companhia de petróleo se estabelecera ainda ali, de forma que o confronto entre o dinheiro e a tradição era menos perceptível que em Iquitos. As ruas não eram pavimentadas; e, na manhã seguinte, quando acordamos, caía uma chuva fria (fora de estação, segundo nos disseram) que transformava a cidade em um mar de lama vermelha. Nossas primeiras investigações foram inteiramente infrutíferas — ninguém parecia saber quem era e onde estava Juana Gonzales.

Aparentemente, nossa viagem tinha sido, até então, uma sequência de passos em falso e esforços inúteis. Mesmo em Pucallpa, não podíamos ter certeza de que encontraríamos o que procurávamos. No entanto, decidimos continuar enquanto tivéssemos dinheiro, mesmo que não tivéssemos êxito. Continuávamos esperando encontrar um *ayahuasquero* e informar-nos a respeito do seu ofício.

Após dois dias de procura inútil, nosso ânimo estava ainda mais baixo. Havia sido impossível localizar Juana Gonzales, mas, ao procurar por ela, indagávamos quanto a outros *ayahuasqueros* que pudessem saber onde encontrá-la. Indicaram-nos o Huallaga, bar de beira de estrada e armazém do interior, situado no quilômetro doze da estrada de Lima, onde encontramos Don Fidel Mosombite, homem caladão mas emotivo, que morava em uma chácara próxima — na verdade, um roçado onde cultivava cereais. Ao descermos do ônibus, por volta do meio-dia, presenciamos uma cena que se desenrolava em uma varanda de terra batida, à entrada do armazém. Um homem mais velho, embriagado, gritava; primeiro nos cumprimentou, depois passou a elogiar Don Fidel, seu amigo, um verdadeiro mestre, o qual permanecia sentado na varanda, sem nada dizer. "Eu e ele somos como irmãos, um sangue só. Foi ele quem me devolveu à vida. Em Chiclayo, onde moro, o *ayahuasca* não me trouxe visões, mas com este homem..." E continuava por aí afora, numa algaravia que me era difícil entender.

O homem que procurávamos nada dizia, mas volta e meia balançava a cabeça, concordando. Tinha um ar de serena inteligência e não escondia o seu desdém por aquela bebedeira. Devia ter

cerca de quarenta anos, era forte e corpulento, e tinha os olhos imensamente negros. A impressão geral que me deu foi de inteligência e autocontrole — nada teatral ou estudado. O velho bêbado falou de viagens de *ayahuasca* feitas por Don Fidel em companhia de médicos argentinos e outros estrangeiros. Mencionou a diferença entre as bebidas preparadas em várias partes do Peru, e eu indaguei se era necessário acrescentar *chacrana* como ingrediente a fim de produzir visões. Don Fidel disse que sim. *Chacrana* é o nome local de um tipo de *Psychotria*, a *Psychotria viridis*, planta cujo DMT produz fortes alucinações quando misturado com harmina e outras betacarbolinas.

Uma conversa puxou outra, e aos poucos fui-me convencendo de que estava diante de alguém cujas características pareciam adequadas ao mistério que ele dizia conhecer. Raciocinei que, vivendo na periferia de Pucallpa e sendo uma espécie de intelectual e profissional respeitado por seus concidadãos, ele se encaixava no perfil típico de um xamã. Saímos do pequeno bar de estrada e seguimos com o *ayahuasquero* em direção a uma casa próxima, onde morava a velha vendedora de ervas em cuja quitanda, no mercado de Pucallpa, tínhamos sido aconselhados inicialmente a procurar Don Fidel. No caminho, ele ia comentando abertamente as plantas que víamos. "São especialidades da velha. Ela planta todas elas em seu terreiro." Ao lado da casa havia um barraco de madeira tosca onde, segundo nos disseram, bebia-se *ayahuasca* todos os sábados à noite. O interior lembrava uma pequena capela ou escola — e, de fato, era ambas as coisas. Conversamos longamente com a velha dona da casa e com o *ayahuasquero*. Naquela noite, dormimos no pequeno auditório, ouvindo os sons típicos do interior e da mata próxima, e o ronco de um ou outro caminho que passava na estrada. A convite de Don Fidel, decidimos beber *ayahuasca* com o grupo. A repetida menção de visões trouxe-me a esperança de estarmos nos aproximando das experiências que buscávamos ao vir ao Peru. No entanto, dadas as recentes decepções, sentíamos certa expectativa, de mistura com o nervosismo que precede o uso de qualquer alucinógeno potente. Se tudo corresse bem, permaneceríamos com aquele novo círculo de pessoas

e trataríamos de colher todo o material e informações que pudessemos — e esta passou a ser a nossa firme intenção.

Finalmente, chegou a noite em que, na casa da vendedora de ervas e em companhia de Don Fidel e de outro xamã, seu sobrinho, tivemos a nossa primeira experiência com o *ayahuasca*. Chegamos ao fim da tarde, descansamos e conversamos até as oito horas, quando já era noite fechada. Foi então que o xamã passou a fumar um cachimbo, de um tipo fora do comum, cheio de tabaco, soprando a fumaça para dentro de uma garrafa escura que continha o *ayahuasca*, o sopro silvando por entre os dentes. A garrafa andou de mão em mão em nossa volta, e fomos informados de que iríamos nos sentir enjoados dentro de meia hora. Mas, além de um leve mal-estar, nenhum de nós teve qualquer problema de estômago. Elogiaram-nos por sermos tão limpos de corpo que podíamos reter o *ayahuasca*. Don Fidel e o velho que estava com ele em nosso primeiro encontro vomitaram — o velho em cerca de meia hora e Don Fidel muitas horas depois. Dentro de trinta minutos, senti-me cair em ligeiro torpor. Meus sentidos estavam atentos, e eu me sentia bem, muito à vontade naquele ambiente estranho e desconhecido. O canto começou dali a dez minutos, ondas sonoras entremisturadas mediante as quais o cantor dirigia e desenvolvia as alucinações. Passaram-se horas enquanto éramos embalados pelo canto, às vezes em quéchua, às vezes em espanhol, e outras ainda apenas um trautear monótono.

Meu ânimo oscilava entre a apreensão causada por um alucinógeno que eu não conhecia, e que era tido como poderoso, e a decepção pelo fato de que a dose parecia não ter sido suficiente para provocar a esperada enxurrada de visões. Fez-se uma pausa na cantilena, e discutimos o nosso estado de espírito com os mestres. Falamos das dificuldades de um primeiro "vão", de diferenças de dieta e de produtos químicos nocivos que pudessem estar interferindo com *la purga*. Don Fidel quis saber quais as drogas que costumávamos usar. Conhecíamos a maconha? Falamos de nossa devoção pela *Cannabis sativa*, assim como pelos cogumelos, e ele elogiou o nosso hábito de consumir somente drogas extraídas de plantas. Bebemos mais *ayahuasca*. Alguém sugeriu que talvez a *marijuana* nos ajudasse a concentrar-nos no *ayahuasca*, da mesma

forma que o tabaco os tinha ajudado. Até então, não tínhamos nos sentido suficientemente seguros para fumar, mas logo saquei o nosso pólen de Oaxaca e passei-o em volta. Don Fidel absteve-se, o sobrinho, Don José, com água nos olhos após uma tragada, confessou que a droga era realmente forte. Apagamos a vela e novamente fomos envolvidos pelas ondas de som visíveis, indizadas pelo canto. Horas após o começo da viagem, minha mente, tranqüilizada pelo gosto familiar da maconha, ingressou em um espaço cheio de alucinações. Aparentemente, o efeito sinérgico de fumar a maconha é necessário à afluência mais profunda de imagens visionárias com doses menores de *ayahuasca*, como sucede com outros alucinógenos. O som do canto indicava-nos o caminho em meio àquela vaga hipnagógica. Vaguei nesse espaço como um peixe apanhado em um vórtice, dentro de um mar de imagens de triptamina, no qual o mundano e o inimaginável competiam por minha atenção.

Vale a pena relatar um momento curioso, entre os muitos daquela primeira noite de *ayahuasca*. Na escuridão quase absoluta do nosso lugar de reunião, o canto era acompanhado, vez por outra, por um estranho ruído, como se alguém estivesse expulsando ar pela boca. Em certo momento, ouvi um desses ruídos e senti nitidamente cócegas em minha mão direita. Olhei para baixo e tive a sensação visual e tátil de um círculo tremulante de luz azul sobre minha mão. Estendi minha outra mão, esperando encontrar ali uma peça de madeira ou pena de ave. O pensamento de curar me correu, provocando um ligeiro alarme, que logo dissipei. Mas a sensação perdurava e aumentava: um disco giratório de metal azul flutuava, incandescente, no escuro, crescendo de tamanho, e depois desapareceu gradualmente. É claro que era uma visão, mas não é impossível que a sensação tenha sido causada por algo como um *tsentsek*, um veículo de energia psicofísica movido pela vontade, e talvez pela respiração, do xamã.

Como xamãs, Don Fidel e o sobrinho sabiam que os alucinógenos vegetais são meios de explorar e compreender a mecânica da mente. Don Fidel, principalmente, parecia destituído de qualquer elitismo ou desejo de ocultar os seus conhecimentos. Ambos respondiam, sem hesitar, sempre que fazíamos alguma pergunta. "On-

de podemos encontrar as plantas silvestres do *ayahuasca* na mata virgem?" "Nos quilômetros 29 e 32", responderam eles prontamente. E as outras plantas que são acrescentadas, além da *chacrana*? Don José reconheceu a descrição que lhe fiz da *Diploteris cabrerana*. Não a chamava de *oco-yagé*, mas conhecia-a como *puca huasca*, e prometeu trazer-nos um pouco. O fato de que as nossas alucinações não eram claras e definidas o preocupava. "Devemos concentrar-nos em Jesus Cristo", disse ele. "Concentrem-se na fecunda pedra branca, cheia de luz." Conhecia uma mulher em Yarina Cocha que tinha *puca huasca*, planta que mais tarde iríamos explorar a fim de aprendermos a arte da cura.

Os cânticos duraram várias horas — canções que diziam que o xamã pressentia que nós, como ele, éramos pessoas sadias, adequadas ao uso do *ayahuasca*. Outras falavam de pessoas ausentes que tinham problemas; uma canção por uma jovem presente, destinada a eliminar os efeitos maléficos de certo ato dúbio, não especificado; canções sobre *marijuana*, sobre outra planta curativa a explorar; canções de oração e de invocação. Havia até canções que pediam ao Senhor que abrandasse o coração de antigos pacientes, fazendo-os pagar suas contas — estas últimas por parte de Don José, sobrinho de Don Fidel.

Pagamos trezentos soles, ou seis dólares, pelas canções dos médicos e pelo próprio *ayahuasca*. Em Yarina Cocha, o quilo do *ayahuasca* cru custava 250 soles, e o da *chacrana*, 150 soles. Sentimos prazer em passar o nosso dinheiro às mãos de pessoas do campo, e não dos hospedeiros exploradores de Pucallpa. Aquelas pessoas compreendiam a nossa sinceridade e nossas limitações. Havia um senso de trabalho em conjunto e de diferentes tipos de conhecimento que se reforçavam mutuamente. "O conhecimento que vem do conhecimento" foi uma frase que ouvi muitas vezes em minha mente naquela primeira noite de contato com o *ayahuasca*. É uma descrição da gnose proporcionada pelos alucinógenos vegetais: o estar dentro das coisas e, no entanto, situado além delas, uma redução eidética que transcende sujeito e objeto. O caminho do conhecimento oferecido pelo *ayahuasca* estava aberto diante de nós. Embora naquela noite houvéssimos tido apenas uma ligeira amostra do poder do *ayahuasca*, senti mais tarde, depois de relaxa-

forma que o tabaco os tinha ajudado. Até então, não tínhamos nos sentido suficientemente seguros para fumar, mas logo saquei o nosso pólen de Oaxaca e passei-o em volta. Don Fidel absteve-se, o sobrinho, Don José, com água nos olhos após uma tragada, confessou que a droga era realmente forte. Apagamos a vela e novamente fomos envolvidos pelas ondas de som visíveis, induzidas pelo canto. Horas após o começo da viagem, minha mente, tranqüilizada pelo gosto familiar da maconha, ingressou em um espaço cheio de alucinações. Aparentemente, o efeito sinérgico de fumar a maconha é necessário à afluência mais profunda de imagens visionárias com doses menores de *ayahuasca*, como sucede com outros alucinógenos. O som do canto indicava-nos o caminho em meio àquela vaga hipnagógica. Vaguei nesse espaço como um peixe apanhado em um vórtice, dentro de um mar de imagens de triptamina, no qual o mundano e o inimaginável competiam por minha atenção.

Vale a pena relatar um momento curioso, entre os muitos daquela primeira noite de *ayahuasca*. Na escuridão quase absoluta do nosso lugar de reunião, o canto era acompanhado, vez por outra, por um estranho ruído, como se alguém estivesse expulsando ar pela boca. Em certo momento, ouvi um desses ruídos e senti nitidamente cócegas em minha mão direita. Olhei para baixo e tive a sensação visual e tátil de um círculo tremulante de luz azul sobre minha mão. Estendi minha outra mão, esperando encontrar ali uma lasca de madeira ou pena de ave. O pensamento de curar me ocorreu, provocando um ligeiro alarme, que logo dissipei. Mas a sensação perdurava e aumentava: um disco giratório de metal azul flutuava, incandescente, no escuro, crescendo de tamanho, e depois desapareceu gradualmente. É claro que era uma visão, mas não é impossível que a sensação tenha sido causada por algo como um *tsentsek*, um veículo de energia psicofísica movido pela vontade, e talvez pela respiração, do xamã.

Como xamãs, Don Fidel e o sobrinho sabiam que os alucinógenos vegetais são meios de explorar e compreender a mecânica da mente. Don Fidel, principalmente, parecia destituído de qualquer elitismo ou desejo de ocultar os seus conhecimentos. Ambos respondiam, sem hesitar, sempre que fazíamos alguma pergunta. "Or-

de podemos encontrar as plantas silvestres do *ayahuasca* na mata virgem?" "Nos quilômetros 29 e 32", responderam eles prontamente. E as outras plantas que são acrescentadas, além da *chacrana*? Don José reconheceu a descrição que lhe fiz da *Diploteris cabrerana*. Não a chamava de *oco-yagé*, mas conhecia-a como *puca huasca*, e prometeu trazer-nos um pouco. O fato de que as nossas alucinações não eram claras e definidas o preocupava. "Devemos concentrar-nos em Jesus Cristo", disse ele. "Concentrem-se na fecunda pedra branca, cheia de luz." Conhecia uma mulher em Yarina Cocha que tinha *puca huasca*, planta que mais tarde iríamos explorar a fim de aprendermos a arte da cura.

Os cânticos duraram várias horas — canções que diziam que o xamã pressentia que nós, como ele, éramos pessoas sadias, adequadas ao uso do *ayahuasca*. Outras falavam de pessoas ausentes que tinham problemas; uma canção por uma jovem presente, destinada a eliminar os efeitos maléficos de certo ato dúbio, não especificado; canções sobre *marijuana*, sobre outra planta curativa a explorar; canções de oração e de invocação. Havia até canções que pediam ao Senhor que abrandasse o coração de antigos pacientes, fazendo-os pagar suas contas — estas últimas por parte de Don José, sobrinho de Don Fidel.

Pagamos trezentos soles, ou seis dólares, pelas canções dos médicos e pelo próprio *ayahuasca*. Em Yarina Cocha, o quilo do *ayahuasca* cru custava 250 soles, e o da *chacrana*, 150 soles. Sentimos prazer em passar o nosso dinheiro às mãos de pessoas do campo, e não dos hospedeiros exploradores de Pucallpa. Aquelas pessoas compreendiam a nossa sinceridade e nossas limitações. Havia um senso de trabalho em conjunto e de diferentes tipos de conhecimento que se reforçavam mutuamente. "O conhecimento que vem do conhecimento" foi uma frase que ouvi muitas vezes em minha mente naquela primeira noite de contato com o *ayahuasca*. É uma descrição da gnose proporcionada pelos alucinógenos vegetais: o estar dentro das coisas e, no entanto, situado além delas, uma redução eidética que transcende sujeito e objeto. O caminho do conhecimento oferecido pelo *ayahuasca* estava aberto diante de nós. Embora naquela noite houvésemos tido apenas uma ligeira amostra do poder do *ayahuasca*, senti mais tarde, depois de relaxa-

do, que, dado um número suficiente de oportunidades, poderíamos chegar a aprofundar-nos naquele mistério.

No dia seguinte, colhemos várias outras plantas medicinais. Dois dias depois, no sábado, fotografamos todos os estágios do preparo de uma nova porção de *ayahuasca*, com a qual tomaríamos a viajar à noite. Aos poucos, foram surgindo várias possibilidades. Esperávamos fazer uma peregrinação pela floresta, para ver uma vetusta planta silvestre. Faríamos a tentativa de colher e experimentar várias plantas que serviam de aditivos ao *ayahuasca*. O xamã disse estar familiarizado com o uso do cogumelo, embora preferisse o *ayahuasca*. Seria o uso do cogumelo que contém psilocibina uma tradição popular na região de Pucallpa? Ou seria algo aprendido recentemente, através de visitantes que conheciam o uso de cogumelos pelos índios mexicanos? Há quanto tempo os cogumelos vêm sendo utilizados no Peru? Seria esse uso anterior à introdução da *Stropharia* no Novo Mundo? Ou anterior à conquista espanhola? Neste último caso, aquela seria a primeira vez que se detectava, na América do Sul ou em qualquer país além do México, o antigo uso de cogumelos contendo psilocibina. Eram perguntas fascinantes, para as quais é possível que venham a ser encontradas respostas concretas. Há muito trabalho e muitas experiências a fazer; mas, uma vez encontrado o caminho do *ayahuasca* e tendo sido considerados dignos de percorrê-lo, desejávamos ver e aprender as muitas coisas que nos aguardavam nas semanas seguintes. Cabíamos aperfeiçoar os nossos poderes de observação, de modo a tirar o maior proveito possível daquela oportunidade.

Muito mais do que Iquitos, Pucallpa é um posto avançado do homem em plena selva. Grande parte da população de Iquitos era de mestiços, ao passo que Pucallpa foi construída pelos indígenas como o seu centro habitacional próprio. Isso explica a sobrevivência de costumes da selva em um ambiente urbano moderno. A arte de curar pelo *ayahuasca* é profundamente arraigada e respeitada pela cultura local. Floresce entre os que conhecem e preservam o antigo culto do *ayahuasca* no Novo Mundo, e é por eles praticada de modo experimental e inteligente.

É possível que o complexo *yagé/ayahuasca* da América do Sul seja o maior culto psicodélico do mundo. Desde o Panamá até a

Bolívia, desde a costa do Pacífico até o interior do Brasil, grande parte do povo procura ter estas visões, sendo que a reputação dos xamãs depende da qualidade de suas bebidas, canções e curas. Como todas as práticas xamanistas, o culto do *ayahuasca* é altamente individualizado. Por isso, a mera análise da droga em laboratório não destruirá a aura de verdadeiro mistério que existe em torno do *ayahuasca*.

A qualidade do *ayahuasca* depende da meticulosidade e do capricho de quem o prepara. A cultura das regiões rurais do Peru inclui um passado em ruínas e um futuro turbulento. O destino que aguarda o mistério do *ayahuasca* pende, como que por um fio, entre essas duas forças, enquanto que, ao nível coletivo, a cultura hesita entre reprimir e fortalecer a instituição do xamanismo alucinógeno.

Um conhecimento profundo do *ayahuasca* levaria anos, pois existem tantas formas da droga quanto existem variedades de *Banisteriopsis* e de plantas adicionais. As variantes locais de ingredientes e processos devem ser sistematicamente estudadas. Trata-se de uma tarefa importante, reservada a quem pretenda introduzir ordem em um conjunto especialmente desordenado de questões etnofarmacológicas. O meu interesse tem a ver com o estado visionário e a dimensão do contato em si. Proponho-me investigar esses compostos como um meio para esses dois fins. Para isso, os alucinógenos à base de triptamina continuam a ser os instrumentos de pesquisa mais eficazes e impressionantes que conheço. Com eles, mergulhamos em um pólo de energias onipresentes e ao nosso alcance, mas normalmente invisíveis — pura imagem e imaginação, isentas de quaisquer limitações. As alucinações não se limitam a visões de determinado tipo, cor ou tom; constituem uma modalidade tão variada quanto se pode, literalmente, imaginar.

Em seus melhores momentos, nosso relacionamento com o xamã Don Fidel assemelhava-se a um coleguismo mútuo. Don Fidel demonstrava reverência ante a *lux natura* que o seu mistério revelava, mas era de opinião que a base operacional da experiência era bioquímica, sujeita à manipulação e aberta à elaboração de teorias e à comprovação coletiva. Os *ayahuasqueros* são verdadeiros técnicos da natureza sacra dos alucinógenos. Os métodos que eles usam — a reverente experiência da droga em seu próprio corpo

e o acúmulo de técnicas validadas pela prática — não são diferentes dos nossos. Qualquer abordagem que não tenha estas qualidades será tão distanciada da questão que se verá incapaz de oferecer uma descrição útil. É por isso que os antropólogos, muitas vezes, não chegam a compreender o que realmente se passa. Devemos admitir que, tanto quanto qualquer outra cultura, ignoramos a topologia do inconsciente coletivo. Ninguém pode saber mais a respeito de tais coisas do que uma pessoa sincera, qualquer que seja a sua origem. Trata-se de personalidades xamanistas, grandes espíritos inquisitivos, que chegam a sobrepor-se ou a transcender um conjunto universal de valores, explorando as águas profundas do nosso ser coletivo. São eles que nos guiam, e estar perto deles é estar na vanguarda. O xamanismo peruano é como a alquimia européia, na medida em que utiliza o envolvimento psíquico com a matéria. Mas a alquimia européia deteve-se no fascínio com os metais e com elementos purificados. Mais afortunado, o xamanismo psicodélico concentra sua atenção na matéria viva, especialmente plantas, nas quais se encontram alcalóides e outros elementos compatíveis com o sistema nervoso dos primatas. O *ayahuasca* é feito de uma dessas plantas, e a sua alquimia, a alquimia da selva, é uma imensa panacéia para quem a usa regularmente.

Na esperança de observar o cozimento de uma partida de *ayahuasca*, combinamos visitar Don Fidel certa manhã, bem cedo. Embora chegássemos com uma hora de atraso, ele demonstrou inesperada surpresa pelo fato de termos chegado tão cedo em sua casa. “Seja como for”, disse ele, “não nos foi possível obter *chacrana*, de modo que não haverá cozimento.” Não chegou a ser brusco, e aparentemente a sessão de *ayahuasca* daquela noite seria realizada com a beberagem preparada anteriormente. Depois de preparado, o *ayahuasca* supostamente pode ser conservado durante seis meses, sendo que a liana permanece viva quando enterrada em areia úmida. Don Fidel mostrou-nos um pedaço da liana, coberta de brotos e areia, que o seu filho lhe trouxera. Indagamos quanto à *puca huasca*, que supúnhamos ser *Diploteris cabrerana*, e ficamos surpresos quando Don Fidel qualificou-a de “comida de cachorro”. Perguntamos por que, e ele respondeu que era uma planta “muito esquisita” e “imprópria para um cristão”. Ao mencionar a planta

a Don José, ele havia dito apenas que conhecia uma mulher em Yarina que podia fornecê-la. Seria essa mulher a misteriosa Juana Gonzales Orbi? Ao conversarmos com Don José, ele concordou basicamente com a opinião de Don Fidel, de que a *puca huasca* (*D. cabrerana*) era forte demais para ser usada em curas. E chamou-a igualmente de *comida del perro*, embora não tenha ficado claro se se tratava de uma expressão de desdém ou referência a alguma crença popular.

Minha atitude em relação ao que estávamos e ainda estamos tentando descobrir não era diferente da de um detetive. Simplesmente tínhamos de seguir até o fim todas as pistas, todas as possibilidades, separando o joio do trigo. Seria aquela cena rural de cura pelo *ayahuasca* marcada pela presença de praticantes que realmente compreendiam, controlavam e viajavam pelo mundo fronteiriço que o xamanismo clássico afirma existir e cujos parâmetros estávamos procurando definir? Uma conclusão possível e inesperada que hoje posso tirar de nossa viagem ao Peru é que, embora possamos descobrir — e mesmo, até certo ponto, penetrar em — certos sistemas rurais de cura psicodélica, verificaremos ser muito difícil encontrar pessoas que enxerguem além do poder de cura e se perguntem qual a sua base e qual o significado das visões induzidas pelos alucinógenos em geral. Em suas visões, os que tomam *ayahuasca* observam outros mundos no espaço e no tempo, mas têm um envolvimento diferente quando se trata de compreender o que isso possa significar, ou de testar e validar suas crenças. No limite, quando ocorrem as visões realmente intensas provocadas pelo DMT, é difícil ao xamã evitar que a sua personalidade se dissolva em uma reação mais primitiva e impensada de espanto e medo. O xamã que vai curar não tenta investigar aquelas paisagens titânicas, e o explorador e pesquisador do xamanismo deve avançar com cuidado, testando o seu equipamento epistemológico a cada passo. É difícil encontrar esse tipo de explorador; geralmente, ele adota alguma teoria da atividade, e as teorias, especialmente quando se trata de assuntos tão arcanos, são difíceis de traduzir de uma língua a outra.

Sou forçado a concluir que devemos guiar-nos a nós mesmos nessas impalpáveis dimensões, as quais continuam mais inexplora-

das do que imaginávamos. É o que venho fazendo há anos, pois até hoje não foi possível encontrar uma tradição preexistente, capaz de imprimir completo sentido à dimensão xamanista tal como pessoalmente a conheço. Talvez a posse de produtos químicos puros, em combinação com a coleta de plantas vivas e dos dados etnográficos disponíveis, nos dê melhores condições de compreender a importância geral das visões psicodélicas do que os detalhes recebidos de um informante, necessariamente limitado pela adaptação a uma única abordagem. O que realmente desejo saber é se estamos a sós no limiar desses mistérios ou se existe uma tradição das hiperdimensões da gnose. Se existe, o que acontece a quem é admitido a tais mistérios?

Uma quente e abafada manhã equatorial encontrou-nos à espera ansiosa de nossa segunda oportunidade de tomar *ayahuasca*. Tínhamos nos mudado para a casa da senhora idosa, a mesma casa onde se havia realizado a nossa primeira sessão. Dado que o nosso dinheiro escasseava, foi com prazer que aceitamos acomodações, evitando assim os preços tremendamente inflacionados dos hotéis de Pucallpa. A hospitalidade da gente local era infinita, mas não era possível evitar o calor e as mordidas dos insetos que continuavam a abater o nosso ânimo.

A costureira sessão de sábado à noite foi cancelada porque os nossos amigos não conseguiram encontrar *chacrana*, a *Psychotria* que era um dos ingredientes do *ayahuasca*. Isso desapontou muitas pessoas, algumas das quais tinham vindo de ônibus de Lima. Essa decepção gerou uma conversa, durante a qual se afirmou que era possível obter *chacrana* no quilômetro 29 — a mesma região na qual, segundo Don José, cresciam velhas lianas silvestres da *Banisteriopsis caapi*. Decidimos ir até lá.

Passamos um dia à procura da planta. Tomamos um ônibus até o quilômetro 34 e combinamos comprar boa quantidade no domingo seguinte. Depois, esperando encontrar uma pequena quantidade que nos suprisse até lá, caminhamos seis quilômetros, saindo da estrada principal e tomando a de Nueva Requena, até a casa de Don Juan, tio de Don Fidel. Don Juan é o tio mais velho de Don Fidel, da mesma forma que Don Fidel é o tio mais velho de Don José. Em casa de Don Juan, pudemos ver e fotografar vários pequenos pés

de *chacrana*, cultivados a partir de renovos, que não aparentavam muito viço. Talvez estivessem em local seco demais, uma vez que, segundo os dois “Dons”, a *chacrana* se dá melhor na terra úmida dos pântanos. Aquelas amostras eram pequenas e tardavam a crescer. Don Juan posou para uma foto ao lado de um pedaço da liana de *ayahuasca* de um metro de comprimento, quase tão alto quanto ele, que havia sido apanhado na floresta, a pouca distância de sua casa; as plantas mais antigas, criadas no mato, são as preferidas.

Depois de partirmos da casa de Don Juan, paramos no Bar Huallaga para tomar uma cerveja, e Don Fidel discorreu sobre muitos assuntos: o pecado que é provocar abortos, as relações de alguns curandeiros com Deus e de outros com o diabo. Manifestou com certa veemência uma espécie de visão maniqueísta do bem e do mal, na qual o mundo é uma mistura de coisas, algumas das quais pertencem a Deus e outras, ao diabo. O homem possui dois corpos, dizia ele, um deles visível e associado ao mundo físico, e outro invisível e associado à mente e ao pensamento. Esse segundo corpo não é destruído pela morte, e constitui a parte do xamã que cura e vê. Que estranha semelhança entre essas idéias e a noção do *Corpus Hermeticum*!

Certa manhã, após uma noite bem-dormida, fomos a Yarina, esperando ver como Don José preparava o *ayahuasca*. Encontramo-lo recostado ao lado de duas pacientes. Possivelmente estavam fumando maconha ao chegarmos, pois houve certo rebuliço quando entramos, sob o olhar inquieto do macaco de Don José. O *ayahuasca* fervia em um galpão ali perto.

Don José nos deu algumas folhas de *chacrana* que ele havia obtido para Don Fidel, e foi assim que finalmente vimos a folhagem da *chacrana* plenamente desenvolvida. Era claro que se tratava de uma rubiácea; os grãos, de um verde lustroso, tal como Schultes os tinha descrito, mediam cerca de meio centímetro de diâmetro. Obtivemos alguns espécimes como amostra. Don José chamou-nos a atenção para uma característica taxonômica que ele considerava exclusiva da *chacrana*: uma fileira dupla de pequenos botões ou nodos na face inferior de cada folha desenvolvida. Talvez esse detalhe não tenha sido observado antes.

Os eventos eram pontuados por discussões sempre que estáva-

mos com Don Fidel. Naquele dia, ele parecia cheio de metáforas e cosmologia. Falamos novamente da *puca huasca*, e fiquei sabendo que nem todas as visões são visões humanas; algumas que não têm sentido para seres humanos são destinadas a animais. A *puca huasca* produzia o tipo de visão que os cães entendem melhor. Embora seja possível que Don Fidel troçasse um pouco conosco a esse respeito, é curioso que a *Diploteris cabrerana* seja tradicionalmente evitada. Enquanto isso, o mercado de *chacrana* prospera — um pacote de quilo custa 250 soles. Aparentemente, a *chacrana* só se desenvolve bem em terras baixas e úmidas, e os que têm a sorte de possuir uma fonte de suprimento vendem a planta a bom preço a *ayahuasqueros* menos afortunados.

Foi durante essa mesma excursão a Yarina que desistimos de procurar por Juana Gonzales Orbi. Indagamos a seu respeito em uma parte de Yarina onde, em uma visita anterior, nos haviam dito que ela morava, mas não vimos sinal dela. A boa mulher estava ausente havia quatro meses e não era esperada para breve. Falamos com o irmão dela, um homem de meia-idade, e ficamos sabendo que ela agora trabalhava em Tingo María, viajando entre esse povoado e Lima. Tudo indicava que não iríamos encontrar Juana Gonzales Orbi durante nossa viagem.

No dia 7 de abril, experimentamos novamente o *ayahuasca* de Don José. Mais uma vez, embora sentíssemos aumentar o potencial alucinógeno, não houve visões profundas. Várias pessoas se queixaram de que a bebida era fraca. Com essa sessão, resolvemos riscar Don José de nossa lista, uma vez que ele aparentemente não era capaz de preparar bem o *ayahuasca*, embora possuísse a receita e os materiais tradicionais. Don José representa a perversão da tradição. O sucesso financeiro, ou melhor, a busca desse sucesso, levou-o a esquecer os requisitos básicos. Em grande parte, a força do *ayahuasca* depende do ritmo suave e regular do preparo. Don José é descuidado, e por isso o seu *purga* é *el poco purga*, como dizia Don Fidel. Segundo Don Fidel, quando o *ayahuasca* é devidamente preparado, não há qualquer dificuldade em começar a “viagem”. Estávamos ansiosos por experimentar a bebida preparada por Don Juan. Tínhamos bebido apenas um gole durante nossa

visita à sua casa, e a *purga* nos pareceu certamente mais forte que qualquer outra que havíamos provado até então.

Enquanto isso, íamos nos aproximando cada vez mais de Don Fidel e do seu tio, e afastando-nos cada vez mais do sobrinho, Don José, que, sendo mais moço, era impaciente e, como dizia Don Fidel, “ambicioso”. Pouco depois, Don José foi para Lima, onde pretendia ganhar fama, de sorte que desapareceu tão naturalmente quanto Juana Gonzales. Ficamos, assim, limitados aos *ayahuasqueros* mais velhos, mais pobres e mais rurais com os quais havíamos travado conhecimento. Tanto Don Fidel quanto Don Juan nos davam uma sensação de solidez e confiabilidade. Na verdade, ainda não conhecíamos realmente Don Juan, que durante a nossa primeira visita à sua casa nos havia mostrado sua colheita de *ayahuasca* e de pequenos pés de *chacrana*. Com Don Fidel, mantínhamos longas conversas inquisitivas. Para ele, o ambiente imediato em que vive foi “transformado”. Vive em um “paraíso terrestre”, e a estrada lamacenta que serpenteia em frente à sua casa de sapé é “o caminho que Jesus percorreu na Terra”. Afirma viver uma vida limpa e que é capaz de curar — é o seu dom. O verdadeiro objeto do seu interesse é o corpo invisível que perdura depois da morte e que é o veículo mental dos que “viajam” com a ajuda do *ayahuasca*. Essa é uma idéia que eu associo à noção moderna dos OVNIIs.

Passamos um dia com Don Fidel em sua casa, observando e fotografando o seu método de preparar o *ayahuasca*. A *chacrana* é colocada no fundo de uma panela de metal esmaltado, com capacidade para uns sete ou oito litros, e coberta com pedaços de *ayahuasca*, previamente esmagados por pancadas de um bastão de madeira de lei de encontro a uma tora de madeira. Os pedaços esmagados, alguns dos quais com um diâmetro de quase cinco centímetros, são arrumados em camadas até encherem a panela; em seguida, o material é coberto com água e fervido, em fogo bastante alto, até que o volume de água seja reduzido à metade. Retira-se então a parte vegetal, e o líquido que fica, talvez um litro e meio, é transferido para uma panela menor, onde vai esfriar, enquanto a panela maior, agora vazia, é novamente carregada com *chacrana*, *ayahuasca* e água, exatamente como antes. Essa segunda partida é fervida do mesmo modo que a primeira. As duas frações líquidas

são depois combinadas na panela esmaltada, e a fervura continua até que se obtenha cerca de um litro de líquido, cor de café com leite. Às vezes, o *ayahuasca* é reduzido a pasta. A beberagem preparada por Don Fidel é duas vezes mais escura que a de Don José, que é bem mais fraca.

Em certo dia de abril, Kat e eu percebemos, ao acordar, haver contraído salmonela. Nossa esperança era poder controlar os intestinos o suficiente para provar o *ayahuasca* a cujo preparo tínhamos assistido na véspera, em casa de Don Fidel. Como a bebida era duas vezes mais escura que as outras poções de *ayahuasca* que tínhamos visto até então, eu esperava que fosse duas vezes mais forte. Pedimos que nos preparassem dois litros de *ayahuasca*, esperando que a análise daquela poção e das outras amostras que levávamos nos desse uma idéia, ao voltarmos para os Estados Unidos, de como cada uma se aproximava do ideal etnofarmacológico. Apesar de nossas duas experiências ambíguas, eu conservava a esperança de que encontraríamos uma forte dimensão psicodélica na próxima experiência com o *ayahuasca*.

Enquanto Don Fidel preparava a poção, um homem chegou para consultar-se com ele. Quando se mencionou o *ayahuasca*, o visitante confessou havê-lo experimentado sem "ver coisa alguma". Uma vez que o *ayahuasca* é considerado um restaurador da saúde, além de alucinógeno, a ocorrência de visões parece ser a "sobremesa" de muitas pessoas que tomam *ayahuasca* vez por outra — ao passo que para nós as alucinações eram indispensáveis.

Os fatores que antes haviam impedido esse efeito eram talvez secundários: a dose pode ter sido insuficiente ou nós podíamos ter oferecido resistência à droga, rejeitando involuntariamente a vulnerabilidade psíquica que acompanharia o fato de nos mostrarmos completamente intoxicados em uma sala cheia de gente. Quanto a mim, preferia pensar que a dose tinha sido insuficiente, e os eventos posteriores demonstraram que eu tinha razão.

Tomamos *ayahuasca* cinco vezes com os xamãs de Pucallpa. Da terceira vez, usamos *ayahuasca* preparado por Don Fidel e servido por ele. Dessa vez, Kat e Richard sentiram todo o efeito psicodélico. Segundo disseram, a droga funcionou. Eu, por outro lado, passei toda uma noite quente e chuvosa meditando no limiar

de uma intensa experiência psicodélica. Em virtude do rígido controle da dose, exercido pelos xamãs, é quase impossível a uma pessoa de grande estatura tomar uma dose eficaz. Nada há que se possa fazer em tal situação, mas não deixa de ser irônico que eu, sem querer, fosse um mero espectador da experiência para a qual tinha ido ao Peru e da qual esperava participar.

No dia seguinte, fomos com Don Fidel ao quilômetro 29 para colher *ayahuasca*, na esperança de levar amostras das plantas com que a bebida era preparada. Encontramos o *ayahuasca*. Era um espécime grandioso — várias lianas retorcidas formavam uma corda de quase vinte centímetros de diâmetro. Mas estava tragicamente danificado. Uma seção de uns três metros tinha sido removida, desde o ponto em que a planta emergia do solo até a altura que se podia alcançar com um facão. Quase toda aquela enorme quantidade de *ayahuasca* acima do corte havia secado e parecia inútil. Não obstante, conseguimos encher um saco de estopa com esse material de baixa qualidade. Tínhamos localizado a vetusta *Banisteriopsis*, mas a encontráramos semidestruída.

Dados o tamanho e as condições de crescimento da *Banisteriopsis*, é muito difícil introduzi-la em novas regiões e até mesmo preservá-la em seu hábitat natural. Uma vez que o preparo da bebida requer certa quantidade de biomassa, as espécies de *Banisteriopsis* são especialmente suscetíveis de serem colhidas em excesso, de modo que se tornam freqüentemente escassas. Essas velhas e enormes lianas vêm, sem dúvida, se tornando cada vez mais raras nas proximidades de centros populacionais. Os que as usam têm de ir buscá-las cada vez mais longe, e em futuro não muito distante a escassez das lianas poderá ameaçar a sobrevivência dos cultos do *ayahuasca*.

Creio que muitos dos primeiros relatos negativos quanto à eficácia do *ayahuasca* se devem ao fato de que os exploradores eram bem mais corpulentos e resistentes que a população local. Das misturas que tomamos, somente a de Don Fidel mostrou-se realmente eficaz. Todos os outros tipos inferiores de *ayahuasca* que chegamos a ver eram líquidos opacos, semelhantes a café com muito leite, e não chegavam a sedimentar; a bebida preparada por Don Fidel tinha um colorido mais escuro, e depois de um dia ou

dois estava límpida e transparente, como um chá forte, cor de âmbar. Não sei por que aqueles outros eram tão diferentes, uma vez que o método de preparo empregado por Don Fidel era muito simples e direto. Pode ser que, como o *ayahuasca* é vendido aos litros, nem todos os que o preparam têm o cuidado de deixá-lo ferver longamente, evaporando a água a fim de obter a concentração adequada. Talvez o preparo correto do *ayahuasca* seja uma arte em extinção.

O que vimos no Peru foi uma tradição que se tornava viciada e estéril. A gente local prepara e bebe *ayahuasca* regularmente, mas a poção não é feita com o devido cuidado nem na concentração adequada para que o paciente entre em transe, especialmente com a dose servida em uma sessão de cura. Assim, muitos se queixam de que há um mínimo de eficácia e muito exagero em torno do *ayahuasca*. As dificuldades são ainda maiores para uma pessoa que seja mais corpulenta que a média. O resultado é que os relatos feitos por estrangeiros variam muito quanto à eficácia do alucinógeno.

Coisas misteriosas ocorriam até mesmo ao nível mais corriqueiro. Don Juan visitou-nos, certo fim de tarde, esperando provar conosco da garrafa de *ayahuasca* que preparara para nós, a bom preço, e que tínhamos trazido como reserva para nossa última sessão com a bebida de Don Fidel. A precaução foi desnecessária, e a garrafa permaneceu intata. Desde aquela noite, porém, ninguém mais a tinha visto. Pensamos que Don Fidel a tivesse levado para casa, mas esse não era o caso. Forte suspeita recaiu então sobre o sobrinho, Don José, que havia chegado tarde à sessão, portando-se com descaso e cantando em voz alta e em dissonância com os outros, e partira de manhã cedo, sem despedir-se de ninguém. Don Juan tinha certeza de que o sobrinho roubara a garrafa e foi ter com Don Fidel, a quem reprovou o fato de admitir a presença do sobrinho nas sessões de *ayahuasca*. Mas nem por isso Don José foi expulso das sessões, e nem a garrafa foi encontrada.

Depois de narrar-nos sua visita a Don Fidel, Don Juan nos prometeu preparar, na sexta-feira seguinte, que era a sexta-feira santa, uma nova partida de *ayahuasca*. Naturalmente, concordamos, pois nunca perdíamos uma oportunidade de experimentar o alucinógeno. Kat desejava conhecê-lo melhor; e eu, embora não

tivesse grandes expectativas, ainda esperava sentir o pleno efeito do *ayahuasca* antes de deixar o Peru.

Na casa de Don Fidel, preparamos dois quilos de xarope concentrado de *ayahuasca*, para nosso uso nos Estados Unidos. A tarefa levou quase três dias. Don Fidel cozinhou os ingredientes durante três horas, usando quatro painéis enormes, até reduzir todo o líquido a dois litros. Quando terminou, tínhamos um material do qual, como verificamos mais tarde, bastavam duas colheres de sopa para provocar visões. Meu ânimo melhorou durante aquele preparo; embora ainda estivesse fraco, finalmente me recuperara do ataque de salmonela.

Naquele intervalo mais calmo entre a doença e as experiências com o *ayahuasca*, fiz um levantamento do progresso alcançado até então. Tínhamos sido admitidos em um círculo de usuários de *ayahuasca* e provado suficientemente da bebida para saber que a sua eficácia dependia inteiramente do cuidado empregado em seu preparo e dos conhecimentos e personalidade do químico-xamã. O melhor preparador da bebida era aquele com quem nos mantínhamos em contato mais estreito. Don Fidel não nos escondia onde e como localizar e identificar as plantas, ou como preparar o *ayahuasca*. Para ele, o segredo de *la ciencia* residia no mistério das canções e das curas, questões em que éramos inteiramente ignorantes. Mas podíamos voltar quando quiséssemos, para aprender tanto quanto desejássemos. Don Fidel conhece a maneira correta de preparar o *ayahuasca*, arte que hoje é um grande segredo; e sem dúvida sabe muito mais do que pôde revelar durante o tempo em que estivemos juntos.

Mesmo naquela ocasião, sem ter ainda sentido todo o efeito do *ayahuasca*, eu tinha observado coisas que o diferenciavam de outros alucinógenos. Quando começa a atuar, é ligeiramente anestésico, de sorte que o efeito final não é seguido de inquietação ou de qualquer sensação de energia ao longo da espinha do paciente. Geralmente, as visões surgem sem que haja qualquer efeito somático. Geralmente, a não ser pelo vômito que às vezes provoca, o *ayahuasca* parece muito suave, deixando a pessoa revigorada ao invés de exausta. De início, é como o DMT; depois, provoca as visões longas e coerentes que o caracterizam. A capacidade de curar, as vastas

paisagens das visões e a comunicação a distância são efeitos que deram fama ao *ayahuasca*.

Don Fidel tinha dito que procurássemos fazer bom uso do *ayahuasca* que ele estava preparando e que iríamos levar conosco. Se, depois de trinta ou mais "viagens", chegássemos a um ponto em que desejávamos aprender mais, devíamos tornar a visitá-lo. Seu bom senso nos aconselhava a explorar os efeitos do *ayahuasca* no contexto de nossa cultura e de nossas expectativas. Por mais interessantes que fossem as exibições xamanistas a que tínhamos assistido, nossa posição era, forçosamente, a de espectadores; no entanto, o devido conhecimento do *ayahuasca* requer verdadeira participação, e esta só pode ocorrer após repetidas e cuidadosas observações, em um ambiente no qual se é livre para fazer experiências com a dosagem e outros parâmetros.

Don Fidel terminou de cozinhar a enorme partida de *ayahuasca* que lhe havíamos encomendado, e reservamos nossa passagem de volta para a Califórnia, encerrando assim o nosso período de exploração *in loco* do fenômeno do *ayahuasca*. Na Califórnia, poderíamos examinar os efeitos da poção, longe do ambiente que é o seu hábitat natural e no ambiente onde morávamos. Os puristas podem objetar, mas repetidos ataques de salmonela e várias febres endêmicas da selva peruana quase haviam dado cabo de nossa saúde. São coisas que o visitante não pode evitar quando adota o modo de vida local. E, naturalmente, não tínhamos qualquer resistência adquirida através de longa exposição a tais doenças. A situação na Amazônia peruana é tão precária quanto a que eu tinha visto em 1969 no Nepal, país que antes detinha o recorde nesse particular. Don Fidel parecia concordar com a nossa decisão de partir. Sabia que poderíamos melhor avaliar a importância pessoal do *ayahuasca* depois de quinze ou vinte "viagens", dentro do ritmo e da estrutura normais de nossa existência.

Muitos outros dos que nos rodeavam eram bem menos cordiais com os *gringos* do que Don Fidel. Este havia realmente adquirido um humanismo universal em seu trato com as pessoas. Convidou-nos a voltar e chegou a jactar-se de saber como preparar bebidas fortes e estranhas. Os poucos detalhes que colhemos não nos permitiram identificar qualquer droga conhecida, o que as tornava

especialmente misteriosas. "Falarei disso da próxima vez", disse Don Fidel, "quando vocês estiverem familiarizados com o *ayahuasca* e trouxerem o gravador."

Era nossa esperança reproduzir o *ayahuasca* na Califórnia, a partir de exemplares de *Banisteriopsis* que lá cultivávamos. Mas se, como afirmam os *ayahuasqueros*, as plantas devem ter pelo menos cinco anos de idade para produzir o efeito desejado, era ingenuidade nossa imaginar que tal reprodução fosse possível. Como exemplares de cultivo em estufa em países de clima temperado, é possível que essas plantas jamais passem de meras curiosidades científicas, incapazes de produzir qualquer grande quantidade de *ayahuasca*. A experiência fora da região em que elas são endêmicas provavelmente só será possível através da reprodução sintética do *ayahuasca*, com os percentuais corretos de DMT e betacarbolinas.

Os alucinógenos revelam à psique humana imagens holográficas de toda parte do nosso contínuo. Embora a humanidade como um todo possa ainda não ser capaz de receber essas imagens através de ondas evolucionárias de progresso, o nosso papel como investigadores é participar da revelação de imagens atemporais. Precisamos fazer profundas "viagens" no espaço mental para contemplar a fonte desses mistérios. Foi isso o que não conseguimos durante a nossa viagem ao Peru, pois a turbulência da viagem física tornava mais distantes as dimensões mentais cristalinas que buscávamos. No Peru, vivemos a vida local, vimos as plantas, conhecemos as pessoas e participamos de todas as alegrias e desconfortos — mas isso, embora até possa parecer, não é trabalho de campo. Para nós, trabalho de campo significa experimentar o êxtase do alucinógeno, caminhar pelos campos do Senhor em busca da dimensão xamanística, na qual é possível fazer contato com o Desconhecido.

Uma vez de volta ao nosso ambiente e às coisas que nos são familiares, poderíamos fazer comparações e distinções com maior clareza. Os alucinógenos constituem um conjunto finito de compósitos; e, adquirindo experiência com os efeitos dos vários alucinógenos que são quimicamente possíveis, cada um de nós pode identificar aqueles que melhor reagem com os receptores de drogas, altamente individualistas, do corpo humano. Assim, podemos len-

tamente aprender o caminho químico para chegar exatamente ao conjunto de efeitos que nos parecem, pessoalmente, mais úteis e belos. É óbvio que isso não pode ser ensinado; tem de ser aprendido através da persistente tentativa de definir o ego na dimensão alucinógena. É provável que não existam dois caminhos iguais — e diferentes pessoas adotam métodos diferentes, ainda que usem a mesma planta ou substância. Finalmente, é a própria pessoa, bem como a sua singela posição na natureza e no tempo, que determina a profundidade da visão obtida. Muitos já procuraram descobrir como as pessoas e famílias desenvolvem receptores especiais de drogas e, conseqüentemente, relações especiais com certas drogas vegetais. Selecionar um aliado significa encontrar uma maneira fisiologicamente neutra de provocar repetidamente o estado de espírito extático no qual é possível entrar em contato com a modalidade alienígena.

Esperávamos algo especial da reunião da noite de sábado de aleluia. Don Fidel e Don Juan iriam trazer garrafas de *ayahuasca*, e o sobrinho não estaria presente. Haveria poção suficiente para que todos tomassem uma dose adequada. Aquela seria nossa última oportunidade de ingerir *ayahuasca* em seu ambiente nativo. A decepção de dez dias antes cederá lugar a uma calma espera daquela última sessão. Eu havia desistido de prever o conteúdo dessas experiências. Estava interessado, quase como uma pessoa de fora, em se teríamos ou não visões antes de partirmos de Pucallpa.

Nossa quarta "viagem" com o *ayahuasca* esclareceu muitas coisas, mas deixou outras ainda mais obscuras. Kat e eu conseguimos "viajar", embora o efeito fosse, para ela, menor que da última vez. O meu mergulho mais profundo na alucinação ocorreu naquela noite, uma alucinação que preenchia todo o meu campo visual, sob a forma do fluir de um líquido cor de carmim. Parecia promissor, mas logo desapareceu tão depressa quanto havia surgido. Alguns minutos depois, saí da sala para respirar um pouco de ar fresco e, para minha surpresa, senti-me subitamente tonto. Pensei que isso seria certamente seguido de intensa onda de alucinações, mas nada se repetiu que fosse tão forte quanto a primeira onda de carmim. Sentia-me agradavelmente, somaticamente tonto. Quando disse isso a Don Fidel, ele pareceu satisfeito. Não havia dúvida de que

era possível "viajar" com o *ayahuasca* de Don Fidel, contanto que se pudesse aumentar a dosagem até "fazer a conexão".

Naquela noite, vislumbrei uma série de questões que não podem ser explicadas pelo contexto no qual a poção é tomada — sugestões da idéia de que existe vasta diferença entre os alucinógenos naturais, produzidos por uma única planta e de amplo espectro, e os alucinógenos preparados, ainda que somente de matéria vegetal local. A droga natural, não preparada, é um mistério, estabilizada no componente genético da própria planta. A composição do princípio ativo permanece virtualmente inalterada durante milhões de anos — não sendo perturbada nem comprometida pelas migrações, epidemias e vicissitudes que ocasionalmente abalam a sociedade dos praticantes à sua volta.

O caso de uma droga misturada e difícil de preparar é muito diferente. Para que a tradição permaneça intata, é preciso preservar e passar adiante os conhecimentos corretos. Nesse caso, as próprias plantas perdem parte do seu mistério, o qual é transferido às pessoas que preparam a droga e controlam a sua força. Assim, permite-se a intromissão de certo culto da personalidade entre o alucinógeno e o seu praticante. A eficácia do preparo pode limitar-se ao tempo de vida do praticante, e o mistério se transforma em impostura vazia caso a droga não seja corretamente preparada.

As imagens que vislumbrei naquela noite foram passageiras e incoerentes, em comparação com os efeitos de pequena quantidade de mescalina. O *ayahuasca* parecia ser um alucinógeno menos dotado daquela qualidade de organização interna que caracteriza a psilocibina do cogumelo, o que parece demonstrar que a experiência da psilocibina é menos uma auto-investigação que um encontro com um Desconhecido organizado. Não sei se esta é uma distinção que a maioria das pessoas em minha situação faria, ou se o meu longo e intenso envolvimento com os cogumelos me permitiu desenvolver, quase inconscientemente, uma empatia tão profunda que a psilocibina se tornou para mim como que outra personalidade, e não apenas uma substância química. Embora essa questão dependa de vários fatores subjetivos, é importante que possamos encontrar a resposta. Tem implicações para uma outra questão: se estamos buscando um fenômeno singularmente pessoal e, portanto, para

sempre privado, ou se existe uma experiência mental especial encontrada a grande profundidade na experiência psicodélica que é qualitativamente diferente e realmente hiperdimensional.

O encontro com o Desconhecido parece ocorrer em águas bastante profundas. Os xamãs, pelo menos os xamãs do *ayahuasca*, bastante profundas. Os xamãs, pelo menos os xamãs desses complexos apressam-se em qualificar de maus ou demoníacos esses complexos de poder autônomos. Costumam lidar com o *ayahuasca* ingerindo doses que apenas ultrapassam ligeiramente o limiar alucinógeno. Formas mais profundas e desorientadoras de intoxicação são evitadas nas cerimônias a que assistimos, provavelmente porque as sessões são eventos sociais, e os participantes procuram preservar certo tipo de ambiente coletivo. E certamente são estranhos os estados atingidos — não o mero desfile de fantasmas diante de olhos fechados, mas a total imersão em experiências e complexos topológicos superiores, potencialmente incompreensíveis ou apavorantes. Há, talvez, quem procure adquirir poder pessoal através da exploração ousada e até mesmo imprudente de tais experiências; acontece, porém, que, embora sejam o ponto central do xamanismo, as dimensões atingidas são demasiadamente transcendentais e carregadas de energia para se tornarem acessíveis mediante simples rituais. É preciso que cada um as descubra individualmente, nas profundezas da alma intoxicada pelo alucinógeno. Explorar sem vacilações essa região requer quase que uma mentalidade moderna — ou simplesmente grande coragem —, pois se trata dos alicerces da existência, onde residem numes e demônios.

Nossa viagem ao Peru e nossas experiências com o *ayahuasca* convenceram-me de que, mesmo com os nossos modernos métodos de análise científica, será preciso coragem para compreender o que essas plantas nos mostram. Chegamos ao ponto em que temos de aceitar responsabilidade pelo rumo que escolhemos, e depois prosseguir sozinhos, sem a doce ilusão de que o que estamos tentando definir não é singular e sem precedentes. Estamos diante do reino do caos, e nele não podemos penetrar mais fundo do que a nossa compreensão nos permite. Cada um de nós tem a sua capacidade diferente de compreender as diferentes forças que nos atraem para esses mistérios ou nos afastam deles; quando finalmente atingimos o limite daquilo que sabemos e até mesmo o limite do que todos

sabem, então talvez tenhamos chegado ao ponto em que o verdadeiro contato começa.

A imensa novidade não é algo guardado por uma corporação de xamãs que compreendem aquilo que guardam. Ao contrário, todo grupo que proclama conhecer alguma coisa é um grupo de impostores. A ciência e a religião são imposturas desse tipo. A novidade não é guardada porque o seu domínio está em toda parte. De modo geral, torna-se mais premente e flagrante quando quem a procura está mais distante dos segredos tão ansiosamente buscados por outros. A força do Desconhecido é magnífica e nos subjugamos, mas, como não pode ser transformada em poder mundano, não atrai os que são sacerdotes por ofício. É o “conhecimento jogado fora” dos índios Luis Senyo, da Baixa Califórnia. Não é mais que ver e saber. Informa os bem-aventurados e com eles permanece. É o Logos, o vago contorno da Supermente do homem em evolução, projetando a enorme onda de choque da sua sombra sobre os séculos caóticos que precedem o seu renascer a partir da longa noite cósmica das esperanças humanas para pôr fim à história profana.

Sob o efeito do *ayahuasca*, vi-me muitas vezes refletindo sobre a fenomenologia do estado alucinatório em geral. Embora a literatura afirme que os efeitos das drogas alucinógenas duram horas, minha experiência indica que, na verdade, são apenas os efeitos periféricos que duram tanto. O período de intensa atividade visual por trás de pálpebras fechadas não dura mais que quarenta minutos ou uma hora, quase como se o episódio da alucinação correspondesse à perturbação temporária de algum subsistema cerebral, provocada pela presença do composto psiquicamente ativo. Assim que o cérebro consegue reagir enzimaticamente à perturbação induzida pela droga, o episódio da alucinação termina, embora outros efeitos somáticos possam persistir durante algum tempo. Em parte, as alucinações são fenômenos neurais que acompanham uma flutuação interna do estado cerebral de um organismo. Essa flutuação interna é de natureza extraordinária, uma vez que é tão delicada, do ponto de vista quantum-mecânico, que pode ser parcialmente influenciada pela vontade e pela cognição.

Poucos dias antes de partirmos do Peru, e por insistência de Rosabina, mulher de Don Fidel, perguntamos a este se seria possí-

vel tomarmos *ayahuasca* mais uma vez. Ele não se opôs, de modo que marcamos o evento para a noite seguinte. Usaríamos a mesma garrafa utilizada na última sessão.

Aquela seria a nossa quinta "viagem" com *ayahuasca* em três semanas — frequência especialmente intensa no caso da maioria dos alucinógenos; mas o *ayahuasca*, à parte certa ânsia de vômito, aparentemente não provocava efeitos colaterais adversos. De fato, nos dias seguintes a uma sessão, eu me sentia como que purificado e revitalizado. Isso não acontece com o uso frequente de outros alucinógenos. O *ayahuasca* parece benigno para o corpo, embora talvez não o seja tanto em doses mais elevadas. A psilocibina também é benigna nos estágios iniciais, mas, ingerida com a frequência com que vínhamos tomando *ayahuasca*, até mesmo ela provocaria dores nos músculos e irritação nervosa no dia seguinte.

Nossa quinta "viagem" ocorreu na mesma situação das outras; semipública e no barraco ao lado da casa da Sra. Angulo. Nada podíamos esperar que fosse radicalmente diferente — havia ali todas as limitações das sessões anteriores. Mas, nessa última "viagem" com o *ayahuasca*, aconteceu algo que não me sai da lembrança. Pela segunda vez, estive conosco nessa última noite um homem que era um aficionado do *ayahuasca*. Tinha vivido algum tempo na parte colombiana do Rio Negro e depois no Brasil, sempre à procura de uma poção melhor. Entoou uma canção — que disse ser brasileira —, a qual me parecia quase como um milagre. Através da rima e do ritmo, cada palavra parecia conter uma galáxia de relações com todas as outras. Longos trechos modulados alternavam-se com pausas súbitas e caprichosas. Certos idiomas indígenas se assemelham mais à glossolalia provocada pela triptamina do que qualquer outra coisa que conheço. Era pura arte — uma ruptura com o plano mundano.

Ao que me parece, essas experiências com o *ayahuasca* transformaram-se em uma série de desilusões que ampliaram minhas perspectivas. No decorrer de minha última "viagem" com Don Fidel, não me senti mal, e sim quase tão intoxicado quanto nas duas anteriores. A dose continuou a fazer efeito sobre mim durante toda a noite, mas, como nas outras vezes, o período de alucinação, por brando que fosse, não pode ter durado mais do que quinze minutos.

Após nosso retorno a Berkeley, iríamos constatar que uma dose maior de *ayahuasca* provocaria a experiência que procurávamos obter com a droga em seu habitat selvagem natural. Talvez o contexto xamanista de cura não seja ideal para determinar os parâmetros de qualquer alucinógeno.

Imediatamente antes de voltar à Califórnia, despedimo-nos dos participantes daquele círculo de *ayahuasca*. Quando fomos partir, Don Juan apareceu com uma garrafa destinada à sessão regular daquela noite, de modo que obtivemos uma amostra para análise do seu tão controvertido preparado. E, quando fomos dar adeus a Don Fidel, ele também nos ofereceu um pouco mais da *esencia*, o xarope que finalmente sedimenta no fundo de uma garrafa de *ayahuasca* bem preparada. Tínhamos aprendido muita coisa e coletado muito material alucinógeno.

As cidades passam como cartazes de beira de estrada na noite da lembrança — uma noite, Lima; na outra, já estávamos em casa. Ao sobrevoar os Andes, não pude deixar de pensar no pequeno círculo de pessoas na casa da Sra. Angulo, que assobiavam e cantavam. Parecia-me estranho o fato de termos partilhado do mistério com essas pessoas e estarmos retornando à nossa sociedade histórica que nada sabe a respeito do *ayahuasca*. O homem, uma criatura muito estranha: usando religião, intoxicação, sonho e poesia, tentamos avaliar os vários patamares do ser e do mundo. Trata-se de um grande empreendimento, revestido por uma camada protetora de tautologia, mas nem por isso menos grandioso. Minha esperança era que a noção do valor especial de todos os alucinógenos vegetais, noção que aquela viagem tinha reforçado tão inesperadamente, não se perdesse após a nossa volta para um mundo cuja familiaridade não deveria ser confundida com o meramente mundano.

Mal haviam passado sete semanas desde que o cometa West brilhara no céu, através da janela do avião que nos levara a Lima, no sul, e mal fazia um mês que Lord Dark tinha nos deixado em Fancho Playa, no Rio Napo. Todo um mundo de coisas parecia ter acontecido, e, no entanto, para os amigos que havíamos deixado nos Estados Unidos era como se tivéssemos partido ontem — o que demonstra a espantosa densidade de experiências que todo viajante

adquire e consegue guardar consigo mesmo. Podíamos ser comparados ao "viajante" psicodélico, que se priva da companhia dos amigos durante uma noite e, no entanto, preenche essa noite com odisséias que duram anos, em mundos estranhos e encantados, talvez explorando estranhos tempos e mundos de possibilidades alternativas em um único e longo silêncio.

Com o nosso retorno aos Estados Unidos, o *ayahuasca* que trouxéramos iria constituir a base das experiências que lançaram luz sobre a possibilidade de usá-lo para sinergizar a psilocibina. Ao emprendermos essas experiências, estávamos conscientes do lugar que lhes cabia no contexto dos alucinógenos em geral. Precisávamos refletir sobre a estranheza das possibilidades que tínhamos descoberto nas plantas mágicas. Precisávamos traçar novos rumos de pesquisa, rumos que mergulhassem em águas profundas, embora minimizando os riscos.

Na Amazônia, há quem insista na importância do canto como veículo de expressão quando se usam alucinógenos à base de triptamina. Trata-se de um detalhe vital, uma vez que, de certa forma, o som é capaz de controlar a topologia das alucinações. Devemos deixar de lado nossas inibições e fazer experiências com o uso do som e da tonalidade na presença desses compostos. Essa era uma crença que eu alimentava havia muito tempo, embora não soubesse exatamente como proceder; o estilo da cantilena dos *ayahuasqueros* é um bom começo.

Como eu tinha previsto, consegui, durante a visita ao Peru, penetrar no mistério do *ayahuasca* assim que pude experimentar com a dosagem e com a ambientação. Após nosso regresso da Amazônia peruana, Kat e eu tomamos o preparado de Don Fidel em duas ocasiões. Nenhuma dessas "viagens" foi tão intensa para Kat quanto a mais intensa de suas experiências na Amazônia. No meu caso, porém, consegui ir mais fundo que antes.

A primeira dessas duas experiências foi passageira e insatisfatória. Ingerimos, cada um, cinqüenta mililitros de *ayahuasca*, o que nos pareceu ser aproximadamente a dose que nos haviam servido no Peru. Experimentei um breve surto de alucinações, mas de uma espécie muito banal, quase como a sensação de estar perdido em um supermercado. Concluímos dessa experiência que havíamos de

alguma forma sido contaminados com o "ruído de fundo" telepático da comunidade de classe abastada em que vivíamos. Por isso, relutamos em repetir a experiência, uma vez que um encontro psicodélico com a vulgaridade subliminar de nossa cultura era algo muito mais perturbador do que as sessões periódicas que havíamos mantido com pessoas que falavam uma língua e tinham uma visão do mundo bem diferentes das nossas.

Durante essa primeira "viagem", o tema do fluxo de imagens era inconstante e me pareceu impessoal e distante; foi pensando no aspecto impessoal dessas imagens encontradas dentro de mim mesmo que compus o aforismo: "Vou singrando o oceano do ser, e cada onda fendida por minha proa sou eu mesmo." Havia certa tendência de manter um envolvimento emocional com as cenas mais remotas. Duas vezes adverti-me de que não devia sentir frustração quanto ao rumo que estavam tomando as imagens, e que devia aceitar o que me era mostrado, por mais que fosse diferente daquilo que eu esperava. Como sempre, Kat foi mais afetada do que eu. Experimentou alucinações auditivas — uma voz estranha falando em um tipo futurista de inglês musical. Quase no fim da "viagem", viu um grupo de pessoas em condições de pobreza e abandono, o que pode ter sido devido à ação do DMT, pois as experiências subliminares provocadas pelo DMT costumam, no fim, dissolver-se em imagens esquálidas ou banais.

Algumas semanas mais tarde, na companhia de um amigo que, como nós, tinha considerável experiência com agentes psicodélicos, decidimos tentar novamente. Dessa vez, tomamos, cada um, sessenta mililitros inicialmente, e, cerca de uma hora depois, outros vinte mililitros. Finalmente, o êxito foi completo. Era uma dimensão muito semelhante ao estado provocado pelo cogumelo portador de psilocibina, o que me levou a firmar ainda mais a minha opinião de que os compostos ativos da *Stropharia cubensis* precisam transformar-se, no metabolismo, em algo muito semelhante aos compostos de dimetiltriptamina para que o efeito se produza. Em certo ponto, me foi dada uma espécie de *slogan*, sem que eu esperasse: "A mente extrai milagres do Tempo." Era como um *koan* do zen-budismo, indicativo da natureza da realidade. Houve longos surtos de imagens, associadas à ficção científica, e belas alucina-

ções contra um fundo negro, aparentemente uma das características das visões provocadas pelo *ayahuasca*. A mensagem que me veio dessa "viagem", como uma profunda percepção do gestaltismo, foi que o Desconhecido está dentro do homem. Senti isso mais claramente do que nunca. Diferentemente do êxtase da psilocibina, que se apresenta como uma inteligência alienígena, o *ayahuasca* parecia possuir uma espécie de presença psiquiátrica que insistia no reconhecimento de que todas as imagens e poderes do Desconhecido provêm do confronto do homem consigo mesmo. Tal como os cogumelos portadores de psilocibina, o *ayahuasca* oferecia uma malha de informações que parecia tornar acessíveis as experiências e imagens de muitos mundos, mas insistia em que, em certo sentido ainda não revelado, esses mundos eram, em última análise, humanos.

Cogumelos e Evolução

Há talvez dezenas de milhares de anos, os seres humanos vêm utilizando cogumelos alucinógenos para fins de adivinhação e indução do êxtase xamanista. Pretendo demonstrar que a interação entre os homens e os cogumelos não é uma relação simbiótica estática, e sim dinâmica, através da qual pelo menos uma das partes consegue atingir níveis culturais mais elevados. O impacto das plantas alucinógenas sobre o aparecimento e a evolução dos seres humanos é um fenômeno que até agora não foi examinado, mas que promete esclarecer não só a evolução dos primatas, mas também o surgimento das formas culturais peculiares ao *Homo sapiens*.

Primatologistas que trabalhavam no Parque Nacional de Gome, na Tanzânia, verificaram que determinada espécie de folhas aparecia, nas fezes dos chimpanzés, em estado não digerido. Constataram que, a intervalos de alguns dias, os chimpanzés decidiam variar a costumeira dieta de frutos silvestres e caminhavam, durante vinte minutos ou mais, para o local onde crescia uma espécie de *Aspilia*. Repetidamente, levavam aos lábios uma folha de *Aspilia* e inseriam-na na boca. Alguns chimpanzés foram vistos arrancando uma folha, colocando-a na boca, mastigando-a durante alguns minutos e, depois, engolindo-a inteiramente. Dessa forma, chegavam a comer até trinta folhas pequenas.

Este artigo foi publicado em *Revision*, vol. 10, nº 4, primavera de 1988. Considere-o potencialmente importante, já que propõe uma nova teoria radical da evolução humana.

O bioquímico Eloy Rodríguez, da Universidade da Califórnia, em Irvine, isolou o princípio ativo da *Aspilia* — um óleo avermelhado que recebeu o nome de tiarrubrina-A. Trabalhando com a mesma substância, Neil Towers, da Universidade da Colúmbia Britânica, verificou que esse composto é capaz de matar bactérias comuns em concentrações de menos de uma parte por milhão. Registros botânicos estudados por Rodríguez e Towers (1985) demonstraram que os povos africanos usavam as mesmas folhas para tratar ferimentos e dores do estômago. Das quatro espécies de *Aspilia* nativas do continente africano, os indígenas utilizavam somente três — as mesmas três espécies utilizadas pelos chimpanzés.

Essas descobertas mostram claramente como uma planta benigna, uma vez descoberta por um animal ou pessoa, pode vir a ser incluída na dieta e, com isso, proporcionar vantagem adaptativa. O animal ou pessoa deixa de ser ameaçado por certos fatores ambientais, tais como doenças que, anteriormente, limitavam a duração da vida de indivíduos ou, talvez, todo o crescimento populacional. É fácil entender esse tipo de vantagem adaptativa. Menos fácil de compreender é como os alucinógenos vegetais podem ter proporcionado vantagens adaptativas similares, embora diferentes. Esses compostos não fazem aumentar a atividade dos sistemas imunológicos, embora esse aumento possa ser um efeito secundário. Em vez disso, catalisam a consciência, aquela atividade peculiar e auto-reflexiva que aparentemente atingiu sua mais alta expressão nos seres humanos. É difícil duvidar do fato de que a consciência, como a capacidade de resistir a doenças, confere imensa vantagem adaptativa a qualquer indivíduo que a possua.

A consciência, que já foi chamada de “percepção das percepções” (Guenther, 1966), é caracterizada por novas conexões entre vários dados experimentais. A consciência é como uma super-reação imunológica não-específica. Não existem limites evolucionistas quanto ao montante de consciência que uma espécie pode adquirir. E é infinito o grau de vantagem adaptativa que a aquisição de consciência confere ao indivíduo ou espécie no qual ela passa a existir.

Há motivos para questionar o cenário que os antropólogos físicos nos apresentam, no qual o surgimento da consciência humana decorre de primatas binoculares e bípedes. O tempo atribuído a essa transformação ontológica de organização animal é breve demais. A evolução nas espécies superiores exige muito mais tempo. Por exemplo, o biólogo que estuda a evolução dos primeiros anfíbios trabalha com períodos de tempo raramente inferiores a um milhão de anos, e geralmente fala em termos de dezenas de milhões de anos. No entanto, o surgimento de seres humanos a partir de primatas superiores é algo que ocorreu em menos de um milhão de anos. Fisicamente, parece que os seres humanos mudaram muito pouco no último milhão de anos. Mas a espantosa proliferação da consciência, de instituições sociais, de práticas de codificação e de culturas surgiu tão rapidamente que é difícil aos biólogos evolucionistas modernos explicá-la. A maioria deles nem mesmo se aventura a uma explicação.

Há um fator oculto na evolução dos seres humanos que não é nem o “elo perdido” nem uma finalidade imposta pelos céus. Minha teoria é que esse fator oculto na evolução dos seres humanos e que trouxe à tona a consciência humana em um primata bípede dotado de visão binocular tem a ver com um laço de realimentação com alucinógenos vegetais. Trata-se de uma noção que ainda não foi amplamente explorada, embora uma forma muito conservadora dela apareça em *Soma: Divine Mushroom of Immortality*, de R. Gordon Wasson. Ainda que não comente o surgimento da natureza humana nos primatas, Wasson sugere que os cogumelos alucinógenos foram o agente causal do aparecimento de seres humanos espiritualmente conscientes e da gênese da religião. Em sua opinião, os seres humanos onívoros, colhedores de plantas, teriam, mais cedo ou mais tarde, encontrado cogumelos alucinógenos ou outras plantas psiquicamente ativas no meio ambiente.

A estratégia desses primeiros onívoros humanos era comer de tudo e vomitar o que não lhes apetecia. Através desse método, selecionavam as plantas que verificavam ser comestíveis e incluíam-nas em sua dieta. Os cogumelos, particularmente, eram notados devido à forma e ao colorido. O estado de consciência

induzido pelos cogumelos ou outros alucinógenos seria um motivo para que esses humanos comedores de folhas voltassem repetidamente a provar dessas plantas, a fim de saborearem mais uma vez a fascinante novidade que elas proporcionavam. Esse processo iria criar o que C.H. Waddington (1961) chamou de um “*creode*”, um padrão de atividade de desenvolvimento (em outras palavras, um hábito).

A experiência tornou-se um hábito simplesmente por ser extática. Não é preciso definir a palavra “extática”, a não ser operacionalmente: uma experiência extática é do tipo que a pessoa deseja repetir muitas vezes. Já se demonstrou em laboratório que, quando se cria uma situação na qual a substância N,N-dimetiltriptamina (DMT) é servida a um macaco a pedido deste, grande número de macacos expostos à experiência terminam preferindo DMT aos alimentos ou à água. Usou-se DMT nessas experiências por ser um alucinógeno de efeito muito rápido, encontrado em muitas espécies botânicas diferentes (Jacobs, 1984). Embora não possamos analisar o estado mental dos macacos no laboratório, é evidente que algo na experiência os induz a repetir muitas vezes o mesmo estímulo.

A idéia de Wasson, de que a religião surgiu quando um proto-humano onívoro encontrou alcalóides no meio ambiente, foi contestada por Mircea Eliade, o mais brilhante expositor da antropologia do xamanismo e autor de *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy*. Eliade considera decadente o que ele chama de xamanismo “narcótico”. Acredita que, se uma pessoa não consegue atingir o êxtase sem drogas, a cultura em que ela vive está provavelmente em fase de decadência. O emprego da palavra “narcótico” — termo geralmente usado em relação a soporíficos — para descrever essa forma de xamanismo revela uma inquietante ingenuidade botânica e farmacológica. A noção de Wasson, da qual sou partidário, é exatamente o oposto: a presença de um alucinógeno em uma cultura xamanista indica que o seu xamanismo é autêntico e vivo. É a fase posterior e decadente do xamanismo que é caracterizada pelos rituais e ordálios complicados e pela presença de personalidades patológicas. Quando esses últimos fenômenos adquirem importância crucial, o xamanismo está a ponto de tornar-se mera “religião”.

Uma das maneiras de conceber os alucinógenos vegetais é vê-los como feromônios ou exoferomônios atuantes entre duas ou mais espécies diferentes. Os feromônios são compostos químicos exsudados por um organismo com a finalidade de levar mensagens de um organismo a outro, dentro da mesma espécie. O significado da mensagem não é intrínseco à estrutura química do feromônio, e sim à convenção estabelecida pela evolução. As formigas, por exemplo, produzem várias secreções que possuem significados muito específicos para outras formigas. Contudo, essas “linguagens” químicas atuam somente dentro de determinada espécie; uma formiga de espécie diferente não consegue “ler” os feromônios de outra espécie. De fato, sabe-se de um caso no qual um feromônio significa uma coisa para uma espécie de formigas e outra inteiramente diferente para outra espécie de formigas, da mesma forma que a palavra “no” significa “não” em inglês e “sim” em grego.

Se os alucinógenos atuam como exoferomônios, então a relação simbiótica dinâmica entre o primata e as plantas alucinógenas é, na verdade, uma transferência de informação de uma espécie para outra. O primata adquire maior acuidade visual e acesso ao Desconhecido transcendental, ao passo que os benefícios para o cogumelo resultam da domesticação, pelo primata, do gado que até então era selvagem e, conseqüentemente, da expansão do nicho ocupado pelo cogumelo. Nas regiões desprovidas de alucinógenos vegetais, esses processos não podem ocorrer; mas, na presença de alucinógenos, a cultura é lentamente exposta a informações, insumos sensoriais e comportamentos cada vez mais novos, e assim vai-se capacitando para atingir estados cada vez mais altos de auto-reflexão.

É razoável supor que a linguagem humana teve sua origem na sinergia entre o potencial organizacional do primata e os alucinógenos vegetais. De fato, essa possibilidade foi brilhantemente visualizada por Henry Munn em seu ensaio “The Mushrooms of Language” (1973). Diz ele:

A linguagem é uma atividade extática de significação. Intoxicado pelo cogumelo, o ser humano se surpreende com a fluência, a facilidade, a adequação da forma de expressão de que se torna capaz, e espanta-se com as palavras que resultam do contato da

intenção de articulação com a matéria da experiência. A espontaneidade liberada pelos cogumelos é não só perceptual, mas também lingüística. Para o xamã, é como se a existência estivesse se expressando através dele.

Outros autores perceberam a importância dos alucinógenos como catalisadores da organização psíquica do homem. Julian Jaynes, em seu controverso livro *The Origins of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind* (1977), argumenta que, mesmo em tempos históricos, pode ter havido importantes alterações na autodefinição humana. Propõe que, nos tempos homéricos, as pessoas não possuíam o tipo de organização psíquica interior que hoje nos parece natural. O que chamamos de ego era, para o homem pré-homérico, o que eles chamavam de "deus". Diante de uma súbita e inesperada ameaça de perigo, a voz do deus se fazia ouvir na mente do indivíduo, uma espécie de metaprograma para a sobrevivência ao qual ele recorria em momentos de grande tensão. Essa função psíquica integrativa era percebida pelos que a experimentavam como sendo a voz direta de um deus, ou a voz direta do líder da sociedade (ou rei), ou ainda a voz direta do rei morto (vinda do Além). Mercadores e comerciantes, indo de uma sociedade a outra, trouxeram consigo a má notícia de que os deuses diziam coisas diferentes em diferentes países, e, com isso, lançaram as primeiras sementes da dúvida. Houve um ponto em que as pessoas integraram (no sentido usado por Jung) essa função antes autônoma, e cada uma tornou-se deus e reinterpretou a voz interior como sendo o "eu" ou, como mais tarde veio a ser chamada, o "ego".

As plantas alucinógenas podem ter sido as catalisadoras de tudo o que nos distingue dos outros primatas, exceto talvez a perda dos pelos do corpo. Todas as funções mentais que associamos à qualidade humana, inclusive a memória, a imaginação projetiva, a linguagem, os nomes das coisas, a fala da magia, a dança e um senso de religião, podem ter surgido da interação com plantas alucinógenas. Nossa sociedade, mais que outras, pode ter dificuldade em aceitar essa teoria, porque criamos um tabu em torno do êxtase produzido por meios farmacológicos. A sexualidade é um tabu pelo mesmo motivo: são coisas que, consciente ou inconscientemente,

vemos como aparentadas aos mistérios de nossa origem e de como viemos a ser o que somos. A teoria das plantas alucinógenas como fator crucial da origem da mente sugere um cenário como o que descrevemos a seguir.

Sabe-se que em época recente — há uns quatro ou cinco mil anos — o Saara foi muito mais úmido do que é hoje. O historiador romano Plínio referia-se à África do Norte como o "celeiro de Roma". Pressupõe-se que, ao longo dos últimos 150 mil anos, o Saara tornou-se gradualmente mais seco, passando de floresta subtropical a prados e, recentemente, a deserto.

Logo que surgiram os prados, a adaptação dos primatas à vida arbórea deixou de servir-lhes como esquema de sobrevivência. Os primatas abandonaram as árvores e passaram a colher alimento nos prados. Seu repertório de sinais coletivos, desenvolvido na existência arbórea que levavam, foi forçado a expandir-se. Já se disse que foi a geração de sinais empregados por grupos de caça, como ocorre entre lobos e cães, que serviu de base à linguagem. Mas outro resultado da renúncia à vida nas árvores e a transferência para os prados foi a probabilidade de os primatas encontrarem os excrementos de herbívoros ungulados, e neles os cogumelos coprófilos (que se desenvolvem nas fezes). Várias espécies de cogumelos que contêm psilocibina são coprófilas; a *Amanita muscaria*, que mantém uma relação simbiótica com videiros e abetos, não o é.

O número muito menor de espécies de plantas que caracterizam os prados, em comparação com as florestas, torna altamente provável que os primatas tenham testado o potencial alimentar de qualquer planta neles encontrada. O eminente geógrafo Carl Saur (1973) acredita que não existem prados naturais. Sugere que todo prado é produto da ação humana, resultado da queima de vegetação, e baseia seu argumento no fato de que todas as espécies vegetais existentes nos prados podem ser encontradas sob o tapete vegetal das florestas, próximo à orla dos prados, mas um elevado percentual das espécies silvícolas não se encontra nos prados. Conclui ele que as espécies silvícolas não se encontram nos prados. Conclui ele que os prados são tão recentes que devem ser vistos como contemporâneos do aparecimento de grandes populações humanas.

O próximo passo da evolução cultural dos primatas bípedes que caçavam em grupos foi a domesticação de alguns dos herbívoros

que se alimentavam de vergôntas e brotos. Com esses animais e seus excrementos, vieram os cogumelos, e a relação entre seres humanos e cogumelos foi reforçada e aprofundada.

No sul da Argélia encontram-se indícios em favor dessas especulações. Existe lá uma curiosa formação geológica conhecida como Platô de Tassili. Trata-se de um verdadeiro labirinto, uma vasta região árida de escarpas de pedra desgastadas pelo vento, que hoje formam uma série de corredores perpendiculares e estreitos, quase como uma cidade abandonada. E em Tassili existem pinturas rupestres que datam desde fins do período neolítico até cerca de dois mil anos antes de nossa era. Essas pinturas constituem as mais antigas representações de xamãs, lado a lado com grandes quantidades de animais de pasto — especificamente, gado (Lhote, 1959; Lajoux 1963). Os xamãs, dançando e com as mãos cheias de cogumelos, exibem também cogumelos que lhes brotam ao longo do corpo*. Imagens semelhantes ocorrem em artefatos têxteis do Peru pré-colombiano, nos quais o xamã é representado segurando um objeto identificado como um cutelo ou cogumelo. Encontraram-se instrumentos cortantes que se assemelham ao objeto representado. Diferentemente das imagens peruanas, os afrescos de Tassili são claros. Neles vemos os xamãs dançando, com seis, oito, dez cogumelos brotando nas mãos e no resto do corpo.

Os povos pastores que produziram as pinturas de Tassili emigraram da África durante um longo intervalo de tempo, talvez de vinte mil até cinco mil anos atrás. Aonde quer que fossem, levaram consigo o seu modo de vida pastoril. Na época, o Mar Vermelho era cercado de terra por todos os lados. A ponta inferior da península da Arábia unia-se ao continente africano. Através dessa ligação terrestre, alguns desses pastores africanos penetraram no crescente fértil e, mais tarde, na Ásia Menor, onde se misturaram às populações locais e se radicaram por volta de 10000 a.C. Esse povo pastoril rendia culto ao gado e a uma Grande Deusa, como se constata em vários locais do sul da Anatólia, dos quais o mais

*Esta conexão entre a arte de Tassili e o uso de cogumelos foi descoberta e trazida ao meu conhecimento por Jeff Gaines, etnomicologista e historiador de arte que vive em Boulder, no Colorado. Foi ele quem reconheceu as implicações das imagens de Tassili para o papel do uso de cogumelos na pré-história humana.

pesquisado é Çatal Hüyük, que data de oito mil a nove mil anos. Çatal Hüyük, que só agora começa a ser escavado, abriga vários templos surpreendentes, com baixos-relevos de gado cujas cabeças são cobertas de desenhos em ocre — obras de arte muito complexas de uma civilização muito complicada (Mellaart, 1965, 1967).

Na confluência do culto da Grande Deusa com o culto do gado, é possível discernir o reconhecimento do cogumelo como terceiro e fantasmagórico membro de uma espécie de trindade adorada em fins do período neolítico. Pois o cogumelo, considerado produto do gado, como o leite, a carne e o estrume, constituía o meio através do qual se chegava à presença da Deusa. Recentemente, Riane Eisler, em seu importante trabalho de revisão da História, intitulado *The Chalice and the Blade*, expôs a importante noção de um modelo social de “participação” em concorrência e sob a opressão de formas “dominadoras” de organização social. Estas últimas são hierárquicas, paternalistas, materialistas e dominadas pelos membros do sexo masculino. A opinião da autora é que a nossa alienação se deve à tensão entre essas duas formas de organização social e à proeminência do modelo dominador. Concordo inteiramente com ela. De fato, uma pergunta feita neste artigo é uma extensão do seu argumento: que fator manteve o equilíbrio das sociedades participativas de fins do período neolítico, e que fator desapareceu e, ao desaparecer, fez surgir o modelo dominador, que é evolutivamente mal adaptado?

Acredito que é a intensidade da relação de um grupo humano com a gnose da mente vegetal, ou seja, com a coletividade da vida orgânica da Mãe Terra, que determina a força da conexão do grupo com o arquétipo da Deusa e, portanto, com o modelo participativo de organização social. A última vez que a corrente principal do pensamento ocidental foi revigorada pela gnose da mente vegetal ocorreu no final da Era Helênica, quando os mistérios eleusinos foram finalmente suprimidos por bárbaros cristãos superzelosos (Wasson *et al.*, 1978).

A Igreja que em fins da Idade Média condenou à fogueira os feiticeiros e feiticeiras tinha grande interesse em que os episódios de magia e perturbação mental fossem atribuídos ao diabo — e, assim, suprimiu o conhecimento de plantas como a *datura*, a

beladona e o acônito, bem como do papel que elas desempenhavam nas reuniões e atividades noturnas dos praticantes de feitiçaria. Afinal, não podemos admitir um diabo tão insignificante que tenha de recorrer a meras plantas para fazer suas artes. O diabo tem de ser um adversário digno do Cristo e, portanto, quase tão poderoso quanto ele (Duerr, 1985).

Minha conclusão é que, visando ao próximo passo no caminho da evolução, o Retorno à Cultura Arcaica, o renascimento da Deusa e o fim da História profana são agendas que contêm implicitamente a noção do reatamento de nossa relação com a mente vegetal e o ressurgimento desta última. Aquela mesma mente que nos persuadiu a adotar a linguagem auto-reflexiva nos oferece agora os espaços ilimitados da imaginação. Sem um relacionamento com os exoferomônios psicodélicos capaz de regular a nossa relação simbiótica com o reino vegetal, ficaremos privados da compreensão da finalidade planetária. E o conhecimento da finalidade planetária talvez seja a maior contribuição que podemos fazer ao processo da evolução. Retornar ao seio da participação planetária significa trocar o ponto de vista do ego pelo conhecimento translinguístico e intuitivo do útero materno.

O povo de Çatal Hüyük e outros povos da Mesopotâmia viveram tranquilos no antigo Oriente Médio durante muito tempo, praticando a religião da Deusa Mãe. Depois, há cerca de cinco mil ou sete mil anos, uma espécie diferente de homens, com os seus carros de guerra dotados de rodas, seu patriarcado e um ritual que incluía o sacrifício de cavalos, desceu de uma região ao norte do Mar Cáspio e adentrou a Turquia, a Anatólia e a região onde hoje existem o Irã e o Iraque, encontrando os pastores que habitavam as terras baixas e que eram adeptos do uso de cogumelos. Esses invasores eram o povo que, segundo Wasson, foi o portador do soma. Acredita ele que o soma, a planta inebriante dos hinos védicos, pode ter sido o cogumelo *Amanita muscaria*. Um culto de mistérios no qual se usavam cogumelos foi trazido das florestas da Ásia Central por povos arianos que mais tarde se estabeleceram na Índia.

A dificuldade apresentada por essa hipótese é que o *A. muscaria* não é um alucinógeno visionário confiável. Tem sido difícil obter uma intoxicação extática sistemática com o *A. muscaria*. Muito já

se escreveu sobre esse problema. Houve quem sugerisse que o *A. muscaria* deve ser moído com leite coalhado, a fim de eliminar as moléculas da muscarina, a toxina ativa, e transformá-la em muscosecar ou torrar e envelhecer o *Amanita*, para que ele perca sua toxidez e seja eficaz. O fato é que o muscamol não é um alucinógeno profundo, mesmo quando ingerido como composto puro. Wasson do *Amanita muscaria* de induzir sentimento e êxtase religiosos, mas não levou em conta a imaginação e o estímulo linguístico introduzidos pelos cogumelos africanos que contêm psilocibina na evolução da micolatria do Velho Mundo.

Sabe-se que pelo menos um cogumelo, o *Psilocybe cubensis* ou *Stropharia cubensis*, é de distribuição circuntropical, ocorrendo nos trópicos quentes e úmidos sempre que o gado da espécie *Bos indicus* está presente. Esse fato suscita várias perguntas. Será o *P. cubensis* produzido somente no excremento do *Bos indicus*, ou pode ocorrer no excremento de outros tipos de gado? Em que época recente chegou aos seus vários habitats? O primeiro espécime do *Psilocybe cubensis* foi recolhido por Earle em Cuba em 1906, mas a teoria botânica atual situa na Campuchêa o verdadeiro local de origem da espécie. Em escavação arqueológica feita em Non Nak Tha, na Tailândia, em local que data de 15 mil anos atrás, ossos do *Bos indicus* foram encontrados concomitantemente com sepulturas humanas. Alguns desses ossos têm o núcleo calcinado, indicando terem sido usados como espécie de cachimbo para queimar e fumar matéria vegetal. Cachimbos primitivos do tipo de Non Nak Tha são usados ainda hoje pelos *sadhus* da ioga em toda a Índia, e o *Psilocybe cubensis* é hoje comum nas terras em torno de Non Nak Tha.

Em que época, então, o *P. cubensis* chegou ao Novo Mundo? No sul do México, em regiões onde predomina a cultura maia, os nativos usam diversos cogumelos que contêm psilocibina: *Psilocybe mexicana*, *P. aztecorum*, *P. maztecorum* e outros que constituem o complexo de cogumelos descoberto por Valentina e Gordon Wasson em início da década de 1950. O *Psilocybe cubensis* ocorre também nessas áreas, sendo especialmente abundante em Palen-

que, local das ruínas de uma das mais requintadas cidades construídas no auge da cultura maia. Muitas pessoas que comeram cogumelos de Palenque tiveram a impressão de estarem ingerindo o sacramento religioso do povo que construiu essa fabulosa cidade maia do século VII, mas essa noção é contestada pelos botânicos modernos. Não há certeza de que o *P. cubensis* tenha sido o cogumelo do sacramento dos maias. Botânicos mais ortodoxos afirmam que o *P. cubensis* entrou no México com a conquista espanhola, levado pelos invasores e pelo gado que traziam consigo. Enquanto não se decifrar a escrita maia, não será fácil confirmar ou refutar essa questão. Em minha opinião, dada a grande viabilidade dos esporos e a direção geral dos ventos que prevalecem ao longo do equador, a distribuição circuntropical do *P. cubensis* é provavelmente um fato muito antigo da ecologia do planeta.

O que me parece razoável sugerir é que o povo indo-europeu que veio da Ásia Central entrou em contato com culturas pastoris participativas que habitavam o vale e delas assimilou o culto do cogumelo coprófilo portador de psilocibina, levando-o em direção ao Oriente, até a Índia. Não há forte evidência disto, mas, por outro lado, pouco se tem procurado uma evidência. Afinal, o atual clima de deserto da região que abrange o Irã, o Iraque, o sul da Turquia, a Jordânia e a Arábia Saudita torna-a pouco atraente como local onde procurar provas arqueológicas de um culto de cogumelos. Contudo, o livro *Food for Centaurs*, de Robert Graves, observa como um tabu geralmente indica um antigo envolvimento histórico com a coisa proibida no inventário da cultura. E os cogumelos, muito pouco encontrados no ambiente contemporâneo em que essas religiões são praticadas, são completos tabus no substrato do antigo zoroastrismo, do mandeísmo e dos vários cultos que os precederam. O mandeísmo proíbe especificamente a ingestão de cogumelos, segundo Wasson (Wasson, Hoffmann e Ruck, 1978).

Em *The Sacred Mushroom and the Cross*, John Allegro, ao abordar o judaísmo pós-exílio na Palestina, apresenta um argumento controvertido cujo mérito só pode ser julgado por filólogos sumerianos. Propõe ele que existem palavras, expressões e símbolos relacionados com os cogumelos, cuja origem pode ser encontrada, através do acadiano, no acadiano antigo e no sumeriano, e

que os cogumelos foram usados em tempos muito remotos nessa região. Meu método tem sido investigar a partir dos vedas, hinos milenares em território da Índia. Especialmente, a nona mandala do *Rig Veda* descreve em detalhes o soma, afirmando que ele se situa acima dos deuses. O soma é a entidade suprema. O soma é a lua, e é masculino. Tem-se aqui um fenômeno raro: uma deidade lunar masculina. A conexão entre o feminino e a lua é tão arraigada e óbvia que uma deidade lunar masculina chama atenção, tornando fácil identificar sua história tradicional na região.

Reexaminei as mitologias do Oriente Próximo, tentando encontrar um deus lunar que provasse que a Índia importou essa idéia do Ocidente. Verifiquei que o posto avançado mais setentrional da civilização sumeriana era uma cidade chamada Harran, tradicionalmente associada ao advento da astrologia. Inventada em Harran, a astrologia disseminou-se, chegando à China, depois ao Egito e, finalmente, espalhando-se por todo o mundo antigo. O padroeiro da cidade de Harran era um deus lunar, chamado Sin ou Nannar. Sin era masculino e usava um capacete cuja forma lembrava um cogumelo. Nenhuma outra deidade daquele panteão possuía adorno semelhante. Encontrei três exemplos de Sin ou Nannar em tampas de cilindros, e em todos eles o capacete era proeminente. Havia um cujo texto, composto por um erudito do século XIX, mencionava que esse tipo de adorno para a cabeça era o detalhe que identificava o deus (Maspero, 1894).

Por que a deidade ariana associada ao cogumelo era vista como masculina? Embora esta seja uma questão a ser resolvida por folcloristas e mitólogos, certos aspectos são óbvios. O folclore alemão sempre associou a lua ao sexo masculino, enquanto o cogumelo é representado como masculino ou feminino com igual facilidade. Sua conexão com a lua é óbvia: tem uma aparência lustrosa e prateada em certas espécies, e parece surgir à noite, quando a lua domina os céus. Por outro lado, pode-se mudar de ponto de vista e, de repente, ver o cogumelo como masculino: é solar na cor, fálico na aparência e transmite grande energia. O cogumelo é, de fato, uma deidade andrógina, de formato mutável, capaz de assumir várias formas, dependendo da predisposição da

cultura que o encara. Quase se pode dizer que ele reflete as expectativas culturais. É por isso que, para os indo-europeus, o cogumelo assume uma qualidade masculina, ao passo que, em outras situações, parece ter uma qualidade muito lunar. De uma forma ou de outra, trata-se de um alucinógeno que não é silvestre, e sim associado à domesticação de animais e à cultura humana. A associação com animais domesticados estabelece um vínculo entre os cogumelos e o desenvolvimento cultural dos indo-europeus, o povo que escreveu os vedas.

Esses mesmos indo-europeus foram responsáveis por uma marcante revolução no campo da ontologia religiosa. Para eles, não existiam rios sagrados, árvores sagradas ou montanhas sagradas. Sua noção de deidade transcendia a geografia. Faziam uma fogueira, e o local onde se erguia a fogueira tornava-se o centro do universo. Haviam descoberto a transcendência do tempo e do espaço. Uma planta alucinógena sacramental, associada ao excremento de animais domesticados, significava que o sacramento era tão nômade quanto o povo e os animais que constituíam o seu ambiente favorito.

A teoria ressent-se de vários problemas, um dos quais é a falta de confirmação da presença, na Índia, do *Psilocybe cubensis* ou de outros cogumelos que contenham psilocibina. O *Amanita muscaria* também é raro na Índia. Acredito, porém, que uma cuidadosa pesquisa da flora indiana revelará que o *P. cubensis* é um componente indígena do bioma do subcontinente. E afirmo que a desertificação de toda a região que se estende do norte da África até o Tarr, nas proximidades de Délhi, distorceu nossa concepção do que ocorreu na evolução pré-histórica da ontologia religiosa quando essas civilizações estavam ainda em seus estágios iniciais e a área era muito mais úmida. Sugiro que a religião dos cogumelos é, realmente, a religião genérica dos seres humanos e que todos os vislumbres religiosos posteriores derivam do culto da ingestão ritual de cogumelos para a indução do êxtase.

Um reexame do papel exercido pelas plantas e fungos alucinógenos na promoção do surgimento do homem a partir dos substratos da organização dos primatas talvez contribua para lançar a base do conhecimento da singular confluência de fatores responsável e

necessária à evolução dos seres humanos. A intuição, muito difundida, da presença do Desconhecido como companheira feminina imersão do homem na mente vegetal, creio eu, ser atribuída à nou o contexto ritual no qual a consciência humana veio à luz da Deusã.

Em meu livro *O Alimento dos Deuses* (publicado no Brasil pela Record/Nova Era), discuto mais longamente a relação entre os cogumelos alucinógenos e a evolução humana.

Entrevista à Rádio New Dimensions

M: Há milênios, os homens procuram conhecer melhor a si mesmos, num esforço que assume muitas formas diferentes. Em nossa moderna cultura de informações técnicas, na corrida desordenada rumo a um fim desconhecido, não raro perdemos de vista o significado maior do que buscamos. Questões de valores, ética e significado pessoal são suprimidas em nome da prática e da necessidade de vivermos no mundo real. John Naisbitt, autor de *Megatrends*, diz que estamos afogados em informações, mas sedentos de conhecimento, e certo pesquisador calcula que 80% do público busca algum tipo de auto-realização. São dois paradoxos que merecem ser examinados, pois ambos podem ser verdadeiros. A busca da liberação é uma viagem através de paradoxos; e, se observarmos como outras culturas e meios sociais empreenderam essa busca, poderemos aprender mais acerca da nossa. Vivemos em tempos agitados, nos quais a realidade externa que percebemos nos leva, com ímpeto novo, a explorar a nossa realidade interna.

Nosso convidado de hoje, Terence McKenna, que escreve sobre assuntos culturais, merece a nossa atenção, não tanto pelas respostas que encontra, mas pelas perguntas que faz. Em parceria com o irmão Dennis, escreveu *The Invisible Landscape: Mind, Hallucinogens, and the I Ching* e atua como escritor *free-lancer*,

Michael Toms me entrevistou em seu programa na Rádio New Dimensions, em 1985. Esta é uma transcrição editada da entrevista.

conferencista e pesquisador. Meu nome é Michael Toms, e irei entrevistá-lo durante os próximos sessenta minutos. Bem-vindo ao nosso programa, Terence.

TM: Obrigado. É um prazer estar aqui.

MT: É sua opinião que a humanidade está em estado de transição, que estamos a caminho de uma nova cultura?

TM: Sem dúvida estamos em estado de transição. Atingimos nada menos que o fim da História. Mas não é nada que deva deixar-nos alarmados. Acredito que é apenas a situação normal que ocorre quando uma espécie se apronta para seguir rumo às estrelas.

MT: Acha que estamos nos aprontando para seguir rumo às estrelas?

TM: Em uma escala de cem ou mil anos, creio que essa conclusão é inevitável. Em termos geológicos, tal intervalo de tempo é um mero piscar de olhos. De fato, desse ponto de vista, toda a história humana se assemelha a um preparo para que a humanidade transcenda a sua existência planetária.

MT: Estamos querendo sair deste planeta?

TM: Acho que devemos adotar a noção de que este planeta é certamente o berço da humanidade, mas ninguém pode permanecer no berço para sempre. A imaginação humana, de mãos dadas à tecnologia, tornou-se uma força tão potente que já não é seguro liberá-la na superfície do planeta. A imaginação humana adquiriu um poder tão grande que o único ambiente que lhe é propício é o vácuo do espaço interplanetário. É lá que poderemos erigir os sonhos arquitetônicos que nos levam a produzir uma cidade como Los Angeles ou Tóquio, e fazê-lo de tal maneira e em tal escala que ela seja satisfatória, em vez de degradante. Sim, acho que não podemos avançar em termos de conhecimento sem aceitar, como consequência, que temos de abandonar nosso planeta. Já não somos

os macacos bípedes que fomos no passado. Tornamo-nos quase como uma força nova na natureza. Vejo a linguagem e a cibernética como uma amálgama de computadores, cérebros humanos e estruturas sociais, dotada de um ímpeto tão grande que o único lugar em que ela pode se expressar sem se destruir é, como diz James Joyce, "lá em cima".

MT: Portanto, é possível que o nosso futuro seja uma sociedade tipo *Guerra nas Estrelas*, como a que pode ter existido há muitos e muitos anos em alguma galáxia distante?

TM: Acho que esse já é o nosso presente. Nosso futuro é provavelmente quase unimaginável. Acredito que a transformação que ocorrerá quando deixarmos este planeta incluirá também uma transformação de nossa consciência. Não estaremos indo como seres humanos estilo anos 50; teremos de transformar a nossa mente para que possamos deixar o planeta com um mínimo de dignidade. É aí que entram as substâncias psicodélicas, pois elas são antevistas do futuro. Parecem trazer-nos informações que não podemos obter através das leis da causalidade normal, de modo que a experiência é realmente a de uma dimensão profética — temos um vislumbre do potencial dos séculos futuros através desses compostos. E uma transição cultural dessa magnitude é forçosamente problemática. A própria idéia de que nós, como espécie, vamos deixar a Terra para trás deve ser tão aflitiva quanto a de uma criança que vai abandonar o lar. Obviamente, é o abandono de algo que, uma vez deixado para trás, jamais pode ser resgatado. Contudo, esta é a forma de avançarmos na escala da existência: uma série de autotransformações, um senso de transição de um nível para outro. E acontece simplesmente que agora chegou o momento de elevar-mo-nos a outro nível, o momento de abandonarmos fisicamente a superfície do planeta e restabelecermos a conexão com o que há de coletivo no inconsciente de nossas mentes. Essas duas coisas ocorrerão simultaneamente. Parece-me que é este o significado da última metade do século XX.

MT: De modo geral, as substâncias psicodélicas não chegaram a ser aceitas em nossa cultura. Acha que essa situação vai mudar?

TM: Não exatamente. Essas substâncias exercem certo fascínio sobre uma minoria persistente e, assim, fazem o seu trabalho de catálise na sociedade, trabalho esse que é introduzir novas idéias e liberar certo tipo de energia criativa. Eu certamente não gostaria de ver uma repetição da histeria psicodélica dos anos 60. Acho muito bom que essas coisas sejam hoje o foco de interesse de um grupo muito menor de pessoas, mas talvez um grupo de pessoas mais dedicadas, que têm uma idéia melhor do que essas substâncias realmente são. Na verdade, as pessoas são as mesmas; acontece que agora o grupo é menor, e vem acumulando experiências nos últimos vinte anos, embora eu certamente não acredite que todas as fronteiras psicodélicas tenham sido conquistadas.

Um dos assuntos de que trato em meus escritos e palestras é o fenômeno que ocorre com muita gente que experimenta alucinógenos da família da psilocibina, substância que ainda não foi incluída no modelo padrão dos alucinógenos. Refiro-me ao fenômeno, semelhante ao que era o Logos para os antigos, de uma voz interior que parece ser quase um agente sobre-humano — uma espécie de *genus loci*. Em minha opinião, trata-se de uma inteligência alienígena — uma entidade tão estranha à estrutura normal do ego que, se não é extraterrestre, bem poderia ser. Sua extravagância e seu distanciamento daquilo que normalmente se espera da realidade são tão grandes que, se amanhã chegasse aqui um disco voador vindo das Plêiades, o fenômeno dessa voz interior continuaria sendo extraordinário. Parece-me divertido o fato de que a comunidade científica tenha decidido assumir a busca de inteligência extraterrestre, definindo-a ao seu modo e usando radiotelescópios para procurar sinais dela na galáxia. O maior radiotelescópio do mundo está instalado em Arecibo, em Porto Rico, e à sombra dessa instalação crescem cogumelos psicodélicos nos campos, enquanto as vacas pastam tranquilamente ao sol. Há aí um maravilhoso casamento entre o muito próximo e o muito distante. Acredito que deveríamos procurar extraterrestres na dimensão psíquica, onde o problema não é a ausência de comunicação e sim uma abundância

de sinais que precisam ser filtrados, pois o fato é que os xamãs, os místicos e os videntes vêm ouvindo vozes e falando com deuses e demônios desde os tempos paleolíticos e até mesmo antes. Não devemos excluir esse método de comunicação. Parece-me bem mais provável que uma civilização avançada se comunicaria interdimensionalmente e telepaticamente. No universo, alguma espécie inteligente deve ter tido tempo suficiente para desenvolver tais modalidades de comunicação.

Acho muito interessante, portanto, que as triptaminas, a psilocibina e o DMT, em doses eficazes, provoquem, de modo muito confiável, o que só pode ser descrito como fenômenos de contato — não só a voz que se ouve dentro da cabeça, mas também o tema clássico do disco voador que gira no céu, o objeto voador em forma de lente, o contato alienígena. Essas coisas parecem ser algo arraigado na psique humana, e eu gostaria de descobrir por quê. Em minha opinião, trata-se de um fato muito estranho da psicologia humana, e não aceito nenhuma das teorias atuais, desde as que dizem que nada está acontecendo até as que afirmam que, na verdade, uma espécie proveniente de um mundo que gira em torno de outra estrela está entrando em contato conosco. Acho que essa inteligência alienígena é algo tão bizarro que se disfarça de extraterrestre de modo a não nos alarmar com as verdadeiras implicações do que ela é.

MT: Sua afirmação implica que se trata de algo externo em relação a nós, e eu me pergunto se isso é verdade.

TM: Talvez seja preciso acabar com esse dualismo de interior e exterior. O fenômeno obviamente transcende o indivíduo. Mas desconfio que seja algo como uma Supermente da espécie, e que a forma mais elevada de organização humana não é realizada no indivíduo democrático. É realizada em uma dimensão que nenhum de nós jamais visitou — a mente da espécie. É a mão que guia o leme da História. Não se trata de um governo ou de um grupo religioso, mas, na verdade, daquilo que chamamos de consciência humana; não é o inconsciente, nem tampouco um mero repositório cibemético de mitos e lembranças. É algum tipo de entelquia

organizada e, embora a história humana seja a assinatura que ela deixou nos primatas, é muito diferente dos primatas. É como uma criatura de pura informação. É feita de linguagem. Solta idéias na corrente da História de modo a elevar os primatas a níveis cada vez mais altos de auto-reflexão. Hoje, chegamos ao ponto em que as máscaras estão começando a cair e estamos descobrindo que existe um anjo dentro do macaco, procurando libertar-se. É isso que constitui a crise da História. Quanto a mim, sou muito otimista. Vejo isso como um caos necessário que irá levar a uma ordem nova e mais atraente.

MT: Terence, enquanto você me fala de realidades extraordinárias, ocorre-me que existe um mundo de preconceito contra as substâncias psicodélicas e o uso de alucinógenos, quase como se houvesse um medo desmedido de abrir a caixa de Pandora que essas substâncias revelam. O que diz desse preconceito? Como eliminá-lo? Como resolver esse problema?

TM: Acho que se trata de algo mais complicado que um preconceito. É um preconceito ditado pelo respeito, pois a maioria das pessoas sente que é bem provável que esses compostos realmente causem o que os seus adeptos dizem que eles causam. É possível ver todo o movimento de desenvolvimento humano dos anos 70 como um desejo de continuar a pesquisa interna sem que a pessoa tenha de se expor ingerindo 250 microgramas de LSD. Acho que todos esses outros métodos são eficazes, mas é o simples poder dos alucinógenos que afasta as pessoas. Ou você os ama ou os odeia, e isso porque eles dissolvem opiniões a respeito do mundo. Se você gosta da experiência de ver toda a sua estrutura ontológica desaparecer sob os seus pés — se acha isso emocionante —, provavelmente adorará as substâncias psicodélicas. Para outras pessoas, essa é a coisa mais horrível que elas podem imaginar. Elas vêem a realidade através de várias formas de fé, ao passo que, com as drogas psicodélicas, as portas da percepção são escancaradas e vemos tudo com muita, muita clareza.

Durante o tempo que passei na Índia, costumava visitar os *sadhus* de maior reputação. Encontrei muitos que possuíam o que

chamo de “sabedoria dos velhos”, mas a sabedoria dos velhos não chega a ser um Tao sobre como se deve viver. Essa sabedoria nada nos diz a respeito das dimensões que as substâncias psicodélicas revelam. Para isso, você tem de ir a lugares onde se pratica o xamanismo alucinógeno, especificamente à Bacia Amazônica, e lá você descobre que, além da sabedoria que nos ensina a conviver com a realidade comum, há uma gnose de como conviver com a realidade incomum. Essa realidade é tão extraordinária que não se pode manter uma atitude de superioridade quando se observa o que eles fazem, pois sabemos tanto quanto eles sobre o funcionamento da mente humana. As crenças de um xamã da tribo uito e as de um fenomenologista de Princeton têm as mesmas chances de estarem corretas, e não existem árbitros para dizer quem está certo. Trata-se de um assunto que não assimilamos. Estivemos na Lua, exploramos as profundezas do mar e o núcleo do átomo, mas temos medo de olhar para dentro de nós mesmos porque sentimos que é lá dentro que residem todas as contradições. O tipo de preconceito que existe contra as substâncias psicodélicas existia contra a psicanálise, nos anos 20 e 30, quando se achava que a teoria freudiana era coisa supérflua ou algum tipo de moda passageira.

As drogas psicodélicas mexem com um nervo muito sensível. Mexem com a questão da natureza humana, e certas pessoas não se sentem à vontade com isso.

MT: Qual o mérito de explorar realidades extraordinárias?

TM: Acho que o mesmo mérito de explorar realidades comuns. Na alquimia, havia um ditado que nos mandava ler os livros mais antigos, escalar as montanhas mais altas e visitar os maiores desertos. Acho que a existência impõe ao ser a obrigação de saber o que está acontecendo, e, como toda informação primária acerca do que acontece nos vem através dos sentidos, qualquer planta ou composto que altere esse insumo sensorial deve ser examinado com muito cuidado. Costumo dizer que, quimicamente falando, pode-se tomar uma molécula que é completamente inócua como substância psicodélica, substituir um único átomo dos seus anéis e ter, de repente, um poderoso alucinógeno. Isso, ao meu ver, demonstra perfeita-

mente a interpenetração da mente e da matéria. A mudança de um único átomo de uma posição conhecida para outra posição conhecida faz com que a experiência mude de zero para infinito. Isso significa que, no nível quantum-mecânico, a mente e a matéria se entrelaçam. Em certo sentido, significa que a expressão *realidade extraordinária* não é correta se implica uma nova categoria em relação à realidade comum. O que sucede é que existem mais, mais e mais realidades, sendo que parte delas está dentro de nossa cabeça, e parte se encontra dispersa no espaço newtoniano tridimensional.

MT: Creio que a maioria de nós simplesmente aceita a realidade do dia-a-dia como a única que existe. Você fala de incursões em regiões situadas muito além da concepção e do desejo da maioria das pessoas.

TM: Acho que existe um temperamento xamanista que se caracteriza pela sede de conhecimento — conhecimento no sentido grego de gnose. Em outras palavras, não o tipo de conhecimento adquirido por quem assina a *Scientific American* para saber se a revista confirma aquilo em que ele acredita, e sim cosmologias formuladas através de experiências imediatas que podemos repetir sempre que desejarmos. Sabe, eu não acredito que o mundo seja feito de *quarks* ou de ondas eletromagnéticas, de estrelas, planetas ou coisa parecida. Acredito que o mundo é feito de linguagem, e que este é o mais fundamental dos fatos que têm sido ignorados. A construção do disco voador não é tanto um dilema de engenharia quanto um desafio poético. As pessoas têm muita dificuldade em imaginar exatamente as coisas que eu digo. O que eu quero dizer é que a ponta-de-lança da realidade é a mente, que a mente é o substrato fundamental do ser. Nós, no Ocidente, adotamos o ponto de vista oposto há mais de um milênio. Mas, quando isso for claramente compreendido, usando-se o que aprendemos em nossa pequena excursão pelo espaço e pela matéria tridimensionais, criaremos um novo conceito de humanidade que será uma fusão entre Oriente e Ocidente.

MT: Você diz que o mundo é feito de linguagem, e, no entanto, ocorrem-me realidades extraordinárias que são totalmente inexpressíveis,

em qualquer sentido comum, em qualquer linguagem que usamos.

TM: Sim, há realidades que se situam além da linguagem comum. O que me faz lembrar o que Filon, o Judeu, escreveu acerca do Logos. Ele se faz a pergunta: "Como seria um Logos ainda mais perfeito?" E ele próprio responde, dizendo que seria um Logos que não se ouve, mas que se vê. Imaginou uma forma de comunicação na qual os olhos, e não os ouvidos, são os principais receptores. Uma linguagem na qual o significado não é construído em cima de um dicionário de palavras faladas, mas na qual objetos tridimensionais são realmente produzidos com uma espécie de hiperlinguagem, de modo a haver perfeito entendimento entre as pessoas. Isto pode parecer estranho na realidade comum, mas essas formas de sinestesia e de glossolalia sinestésica são comuns nos estados psicodélicos.

MT: Por favor, identifique Filon para nós. Quem foi ele?

TM: Filon era um judeu de Alexandria, do século II de nossa era, que se ocupava em percorrer o mundo helênico para discutir os principais cultos, teorias religiosas e cosmologias de sua época. Portanto, é para nós uma importante fonte de dados sobre o helonismo.

MT: Como você vê o conceito socrático do mundo?

TM: Acho que nos é difícil rejeitar o platonismo, mas talvez o platonismo seja algo a que devemos resistir ou, pelo menos, tentar modificar. Creio que sou uma espécie de adepto do platonismo à moda de Whitehead. A noção platônica central, a noção das *Idéias* — formas arquetípicas situadas fora do tempo —, é confirmada pela experiência psicodélica. Os adeptos do neoplatonismo — escola de Plotino e Porfírio — são filósofos psicodélicos. O conceito neoplatônico de uma hierarquia ascendente de estados cada vez mais rarefeitos é uma apresentação sofisticada da cosmologia

xamanista que descobrimos experimentalmente quando lidamos com substâncias psicodélicas.

MT: Acho que a maioria de nós não se dá conta de que a cultura grega e os mistérios eleusinos incorporavam o uso de algo muito parecido com as substâncias psicodélicas. A civilização ocidental baseia-se essencialmente em uma cultura em cujo cerne havia uma experiência e um ritual que incluíam o uso de substâncias psicodélicas.

TM: Realmente, durante mais de dois mil anos, toda gente que era "alguém" no mundo antigo ia a Elêusis para ter a experiência que Gordon Wasson e Carl Ruck afirmam, de modo bastante convincente, que era uma intoxicação alucinógena produzida pela ergotina. Naturalmente, porém, assim que a Igreja consolidou o seu poder, fechou essas academias platônicas e tratou de combater o chamado conhecimento pagão e herético. Não só o platonismo, mas todas as seitas gnósticas e escolas de mistérios foram reprimidas. Gosto de pensar que essa repressão terminou de modo muito estranho quando, em 1953, Gordon Wasson e a esposa, Valentina, descobriram o culto do cogumelo portador de psilocibina na aldeia de Huatla de Jiménez. Era como se Eros, que havia sido martirizado no Velho Mundo, fosse encontrado adormecido nas montanhas do México e ressuscitasse. A experiência do cogumelo é muito semelhante à experiência de um *genus loci*, um deus à moda grega — não o deus que fez as estrelas do céu, mas um deus local, o estranho poder natural das bacanais pré-cristãs que, no entanto, corresponde às expectativas que alimentamos acerca dessa experiência.

MT: É interessante notar que o cogumelo é, em nossa cultura, um símbolo de morte e destruição — o símbolo da explosão nuclear.

TM: O meu irmão frisou esse ponto, indagando: "Qual o cogumelo que irá brotar no fim da História? O cogumelo de Fermi, Oppenheimer e Teller, ou o cogumelo de Wasson, Albert Hofmann e Humphrey Osmond?"

MT: Parece-me que o segundo é menos perigoso.

TM: Talvez não seja apenas menos perigoso, talvez abra o caminho para escaparmos ao primeiro. Um dos trocadilhos da física é que a força da liberação e a força da destruição possam assumir a mesma forma. É o que os alquimistas chamam de *coincidentia oppositorum*.

MT: A sincronicidade me parece espantosa. Em uma conversa interessante que tive com Andy Weil, autor de *The Natural Mind*, mencionamos o surgimento de um novo gênero de cogumelos portadores de psilocibina que nunca tinham sido vistos antes. É quase como se estivessem aparecendo agora por algum motivo.

TM: É surpreendente que muitas espécies novas tenham sido descobertas desde que as pessoas passaram a interessar-se pelos cogumelos alucinógenos. Fala-se de cogumelos portadores de psilocibina encontrados na Inglaterra e na França, onde, ao que nos consta, não existe uma história cultural de uso de cogumelos. Contudo, é interessante o fato de que o uso cultural parece surgir bem cedo na história humana. Não se pode dizer que os alucinógenos tenham sido bem-vindos nas sociedades agrícolas. Acho que foi Weston La Barre que observou que, assim que o homem aprende a cultivar plantas, os deuses deixam de ser os deuses extáticos dos alucinógenos para se transformarem no deus do milho e no deus dos alimentos, e a vida deixa de ser uma questão de adivinhar a caça e o tempo através do uso extático de alucinógenos. Em vez disso, torna-se uma questão de poder acordar cedo pela manhã e ir trabalhar no campo. Você mencionou há pouco o preconceito contra os alucinógenos. Acho que a supressão cultural dos alucinógenos data do começo da agricultura, quando a concorrência entre os deuses do mundo vegetal indicava estilos de vida estranhos um ao outro.

MT: A psilocibina é ilegal?

TM: É. Foi incluída bem no topo das drogas mais perigosas, juntamente com o LSD, embora a questão tenha sido apresentada ao público como se fosse o LSD que estava sendo proibido. De fato, na época vários compostos foram declarados ilegais, ainda que não

tenha havido qualquer debate público. Todas as substâncias psicodélicas foram encaradas da mesma forma, sendo o LSD utilizado como modelo. Na verdade, esses compostos são muito diferentes entre si. Há todo um espectro de efeitos psicodélicos, e certos compostos provocam alguns deles. Mas é verdade, a psilocibina é ilegal.

MT: Os cogumelos são ilegais?

TM: São, uma vez que contêm psilocibina.

MT: Você deve estar lembrado de que Andy Weil conta que, certa vez, caminhando por uma rua residencial no centro de Seattle, apanhou cogumelos portadores de psilocibina nos jardins fronteiros de várias residências.

TM: Na Inglaterra, a lei adotou a atitude de que seria absurdo proibir uma planta que ocorre na natureza. Somente o composto químico foi banido, o que me parece uma posição sensata. Recentemente, porém, o Canadá optou pela interpretação norte-americana, rejeitando a inglesa.

MT: Esses conhecimentos e informações que você está transmitindo não se encontram em toda parte. Não é o tipo de coisa que a gente leria nos livros acadêmicos comuns, e, no entanto, são informações que parecem estar se expandindo e difundindo. Certamente não fazem parte do currículo normal de nossas instituições culturais. Em sua opinião, por que é assim? É claro que há uma resposta lógica a essa pergunta, mas como você vê o futuro desses conhecimentos e informações?

TM: Acho que, em certo sentido, tal situação assinala o renascimento da instituição do xamanismo no contexto da sociedade moderna. Os antropólogos sempre afirmaram que os xamãs eram catalisadores sociais muito importantes dentro dos grupos a que pertenciam, embora permanecessem na periferia — na periferia do poder político e, de fato, quase sempre na periferia física da comunidade, residindo a certa distância das aldeias. Acho que o

xamã eletrônico — a pessoa que se dedica à exploração desses espaços — existe para informar os outros a respeito deles.

Estamos — ou esperamos estar — atingindo uma fase de maturidade como espécie. Não podemos mais aceitar a proibição de certas áreas da mente humana nem máquinas culturais destituídas de conteúdo mental. Depois de adquirir todo o poder que adquiriu, a humanidade deve procurar saber o que ela é. Não será possível fazer muito progresso com as definições do homem que herdamos da tradição judeu-cristã. Precisamos explorar realmente o problema da consciência, porque, à medida que os seres humanos adquirem mais poder, tornam-se um fator de definição no planeta. As perguntas mais importantes que hoje temos diante de nós são: “O homem é bom?” E, se a resposta for afirmativa: “Para que serve o homem?” Os xamãs nos apontam o caminho porque são visionários, poetas, arquitetos culturais, prognosticadores — todos esses papéis, que conhecemos em termos mais convencionais, reunidos em um só e elevados à enésima potência. São modelos culturais para o restante do grupo. O xamã sempre teve acesso a certa dimensão e certa condição sobre-humanas, e assim confirma que todos podemos transcender-nos a nós mesmos. O xamã é um exemplo, por assim dizer, e a nova atenção que vem sendo dada a essas coisas significa, para mim, que a sociedade começa a perceber que devemos retornar a esses modelos. É por isso, por exemplo, que, em *Guerra nas Estrelas*, o nome do personagem central, Skywalker, é uma tradução direta da palavra “xamã” na língua dos tungues, povo que habita a região onde surgiu o xamanismo siberiano. Portanto, esses heróis que estão sendo introduzidos no seio de nossa cultura são heróis xamanistas; controlam a força, maior que todas as outras, que mantém a galáxia unida — o que, de fato, é verdade. À medida que formos verificando o quanto isso é verdade, veremos quão limitada é a noção do mundo que acalentávamos anteriormente. Acho que foi J.B.S. Haldane quem disse: “O mundo pode não só ser mais estranho do que supomos, mas também ser mais estranho do que podemos supor.”

MT: Parece-me que o personagem Yoda é um personagem xamanista.

TM: Exatamente.

MT: E, por falar em xamãs e xamanismo, isso nos leva novamente a certas correntes interculturais. Em sua opinião, o xamanismo vem assumindo nova forma?

TM: Acredito, como Gordon Wasson e outros, mas especialmente como acreditava Mircea Eliade, um dos principais cronistas do xamanismo, que a forma básica do xamanismo é a alucinógena. Sempre que as técnicas xamanistas são empregadas sem a ingestão de plantas alucinógenas, o xamanismo tende a ser corrompido; torna-se mera encenação ritual daquilo que realmente é. A forma futura do xamanismo está surgindo entre pessoas, em nossa cultura, que se sentem à vontade com as plantas psicodélicas e que, pelo fato de transporem esses espaços e voltarem com obras de arte, relatos poéticos ou idéias científicas, estão de fato mudando o aspecto de nossa cultura. Para mim, a dimensão psicodélica está ligada à dimensão da inspiração e do sonho. Acho que a História sempre progrediu através da absorção de idéias, vindas das profundezas dessas dimensões, pela mente de homens e mulheres receptivos. Acontece apenas que, agora, com os alucinógenos, temos a maneira de acionar o botão. Já não dependemos de determinados fatores que antes controlavam a introdução da novidade na história humana. Assumimos nós mesmos essa função, e isso fará com que a crise cultural chegue mais rapidamente ao seu fim.

MT: Quer dizer que, à medida que prosseguirmos na exploração desses espaços, podemos esperar transformação social em decorrência de transformação pessoal?

TM: Tremenda transformação social. Na verdade, o que está havendo é uma tendência na direção daquilo que eu chamo de “virar o corpo pelo avesso”. Através da mídia e da cibernética, estamos chegando ao ponto em que é possível experimentar consciência em um estado de separação em relação ao corpo.

O homem mudou. Já não somos macacos bípedes. Somos uma espécie de recife de coral cibernético, feito de componentes orgâ-

nicos e componentes tecnológicos inorgânicos. Tornamo-nos uma força que, tomando matérias-primas desorganizadas, excreta objetos técnicos; transcendemos as definições normais do que é o homem. Somos hoje como que um enorme organismo coletivo, com os nossos bancos de dados, as nossas agências de previsões, as nossas redes de computadores e os muitos níveis aos quais mantemos nossas conexões com o universo. A imagem que fazemos de nós mesmos está mudando; o macaco ficou praticamente para trás, e dentro em pouco terá ficado definitivamente para trás.

Repito, o disco voador é uma imagem da condição futura da humanidade. É uma espécie de transformação milenarista do ser humano, na qual a alma é exteriorizada como a apoteose da tecnologia. É esse evento escatológico que está projetando sombras enormes, de volta através do tempo, sobre a paisagem histórica. É a sereia que canta no fim do tempo, chamando para si toda a humanidade através dos últimos cem milênios, conclamando-nos a descer das árvores e ingressar na História. E, através dessa série de transições culturais de um nível para outro, vamos chegando ao ponto em que aquela coisa que existia nos macacos — a criatura de pura linguagem e pura imaginação, cujas aspirações são inteiramente titânicas em termos de auto-transformação — começa a emergir, e emergirá finalmente quando a humanidade abandonar o planeta. Não se trata de algo quantificado ou claramente definido. Não obstante, essa é a essência dos próximos cinquenta e poucos anos. Ao fim desse tempo, a espécie estará fora do planeta, transformada e inteiramente conectada, desde as profundezas até as alturas.

MT: Estamos falando de uma outra versão da noção cristã de morte, ressurreição e ascensão aos céus?

TM: Sim, exceto que isso se transformará em História. O que está acontecendo é que o paraíso prometido à alma do homem ingressará na História. O homem tecnológico levou tão a sério as aspirações apocalípticas do cristianismo que, agora, vamos realizá-las. Elas se tornaram a imagem norteadora daquilo que desejamos que aconteça. O que me lembra o poema “Sailing to Byzantium”, de William Butler Yeats, no qual ele fala do artifício da eternidade e diz:

Quando eu estiver exilado da natureza,
A forma do meu corpo não se assemelhará a qualquer coisa natural,
E sim às formas que os ourives gregos esculpem em ouro batido
Para distrair um imperador sonolento;
Ou assentam em um ramo dourado
Para dizer à nobreza de Bizâncio
As coisas do passado, do presente ou do futuro.

Tem-se aqui a imagem do corpo humano transformado em um objeto cibernético indestrutível. No entanto, dentro desse objeto cibernético indestrutível vive uma versão holográfica do corpo que se desprende para ingressar no sonho. É a imagem do ser humano transformado, que adentrou o hiperespaço da informação, onde o homem é um objeto feito de circuitos eternos e, no entanto, parece estar caminhando ao longo de uma praia no Paraíso. Encontraremos a força para realizar as nossas mais profundas aspirações culturais. É por isso que devemos descobrir quais são as nossas aspirações culturais mais profundas.

MT: E a idéia de que é possível atingir os espaços de que estamos falando sem o uso de substâncias psicodélicas?

TM: Percorri a Índia, e, em minha humilde opinião pessoal, essa idéia é altamente improvável. Sempre que encontro pessoas com algum grau de realização espiritual, faço a pergunta: "O que você pode me mostrar?" A sabedoria dos velhos é uma coisa, mas o xamã da Amazônia que usa alucinógenos parece ir muito além disso. Podem existir técnicas físicas destinadas a imitar o efeito psicodélico, mas a eficácia e a confiabilidade dos alucinógenos fazem deles a opção mais óbvia. Somente uma série de tabus culturais poderia levar alguém a inventar uma imitação do xamanismo alucinógeno. Este último é o caminho óbvio para a transcendência. Precisamos encarar o fato de que, a certo nível, somos máquinas químicas. Isso não quer dizer que somos máquinas químicas em todos os níveis, mas há um nível químico no qual podemos intervir para alterar as imagens que recebemos e transmitimos a níveis mais altos.

MT: Você está sugerindo que as pessoas devam fazer isso por si mesmas?

TM: Ingerir alucinógenos? Bem, fazê-lo por si mesmas, não sei — embora eu sempre prefira fazê-lo por mim mesmo. O que sugiro é que os alucinógenos devem ser ingeridos em situações de mínimo insumo sensorial. A melhor maneira é estar deitado no escuro, de olhos fechados. Há pessoas que querem música, querem caminhar ao ar livre etc. A música e a natureza são, em si, muito belas, sem dúvida alguma; são resquícios da experiência psicodélica que nos chegam através da realidade comum. Mas, em comparação com a experiência psicodélica profunda, essas coisas não passam de obstáculos. Quando estamos deitados no escuro, em silêncio, coisas muito interessantes se passam na treva que há atrás de nossas pálpebras, e é lá que reside todo o mistério.

MT: Minha pergunta tinha a ver com o fato de se usar ou não um guia.

TM: Bom, não acho que se deva fazer isso sem um guia, a não ser que a pessoa tenha adquirido suficiente confiança, através de longa experiência, para dispensar um guia.

MT: Terence, foi uma conversa fascinante. Acho que poderíamos continuá-la durante horas, se dispuséssemos do tempo.

TM: Para mim, foi um prazer conversar com você sobre esse assunto. Gosto de expor minhas idéias. Acho importante discutirmos essas coisas abertamente, o que só hoje é possível, visto o que aconteceu nos anos 60. Devemos voltar os olhos para o passado e para o futuro, procurando chegar a uma opinião amadurecida sobre a nossa cultura, à base dos verdadeiros fatos.

MT: Obrigado por sua presença, Terence.

TM: Obrigado a você.

O Manuscrito Voynich

Já se disse que o Manuscrito Voynich é o livro mais misterioso do mundo. Datando de, pelo menos, 1586, o documento é redigido em uma linguagem diferente de tudo o que se conhece. A escrita é alfabética, mas se compõe de um alfabeto que, segundo alguns, tem dezenove letras e, segundo outros, 28, nenhuma das quais tendo qualquer relação com o sistema alfabético inglês ou europeu. Seu formato é pequeno, 15x25cm, mas o livro é volumoso, tendo, aproximadamente, 170 páginas. O texto é denso, em escrita cursiva, e copiosamente ilustrado com estranhos desenhos a bico-de-pena, coloridos a aquarela: desenhos de plantas, desenhos de pequenas mulheres nuas que aparentemente se banham usando um estranho sistema hidráulico (identificado às vezes como órgãos do corpo e outras vezes como um conjunto primitivo de bebedouros) e desenhos astrológicos — ou o que se julga serem desenhos astrológicos. Mantido na Sala Beinecke de Livros Raros, em Yale, pode ser consultado por qualquer estudioso sério.

O livro *The Most Mysterious Manuscript*, contendo vários artigos reunidos por Robert Brumbaugh, reproduz diversas páginas do Manuscrito Voynich, as quais nos dão uma boa idéia da esquisitice do todo. Trata-se de algo sobrenatural, que não se harmoniza com os manuscritos medievais dos alquimistas ou com qualquer outro tipo de manuscrito medieval. Sabe-se muito pouco acerca

Partes deste artigo foram citadas em uma resenha no número 7 da revista *Gnosis*, publicada na primavera de 1988.

desse documento. Historicamente, veio à luz pela primeira vez em 1586, na corte de Rodolfo II, da Boêmia, que foi um dos monarcas europeus mais excêntricos daquela época ou de qualquer outra.

Rodolfo colecionava anões e mantinha em seu exército todo um regimento de gigantes. Vivía rodeado de astrólogos, e era fascinado por jogos, códigos e música. Era um típico representante dos nobres protestantes daquele período, voltado para as ciências ocultas — o protótipo do príncipe liberal do norte da Europa. Foi um dos protetores da alquimia, patrocinando a publicação de literatura alquimista. A conspiração dos rosa-cruzes (de que falei adiante) estava sendo silenciosamente engendrada durante esse mesmo período. Certo dia, chegou à corte de Rodolfo um desconhecido que lhe vendeu o tal manuscrito, ao preço de trezentos ducados de ouro. Isso, em unidades monetárias modernas, equivale a cerca de quatorze mil dólares — quantia fantástica a ser paga pelo original de um livro naquela época, o que indica que o imperador deve ter ficado altamente impressionado. Acompanhava o manuscrito uma carta onde se lia que o autor era o inglês Roger Bacon, eminente astrônomo anterior a Copérnico e que viveu no século XIII.

Praga, sede da corte de Rodolfo II, era um viveiro de alquimistas que veneravam Roger Bacon. Dois anos antes do surgimento do Manuscrito Voynich, John Dee, o grande navegador, astrólogo, mágico, agente de espionagem e ocultista inglês, havia pronunciado em Praga várias palestras sobre Bacon. A permanência de John Dee em Praga tinha sido mais longa do que ele previa, porque o seu companheiro, Edward Kelley, anunciara publicamente ser capaz de realizar o *opus alquímico* — a transmutação de metais em ouro —, e o imperador praticamente manteve os dois em prisão domiciliar, pedindo-lhes que realizassem tal feito diante dele, em retribuição à sua generosa acolhida.

Quando ficou claro que os dois não seriam capazes de fazer o que alegavam, Dee conseguiu salvar a pele, argumentando que o principal responsável pela alegação tinha sido Kelley. Kelley foi detido e morreu quando o teto de ardósia de um alto parapeito do castelo ruiu sob seus pés, em noite enluarada, durante uma deses-

perada tentativa de fuga, fazendo dele um dos raros mártires da alquimia.

Demonstrarei adiante por que o relacionamento entre Dee, Kelley e Rodolfo tem a ver diretamente com o mistério do Manuscrito Voynich, pois sou de opinião que Dee esteve envolvido na venda do manuscrito. Ainda hoje, o Manuscrito Voynich permanece acompanhado da carta que o atribui a Roger Bacon. Nenhum dos melhores astrólogos e criptógrafos de Rodolfo conseguiu decifrar coisa alguma do documento, que passou a integrar uma vasta coleção de artefatos e curiosidades esquisitas, colhida por Rodolfo em todos os cantos do mundo e que passou a muitas mãos diferentes após a sua morte. Por conter ilustrações de botânica, o Manuscrito Voynich foi entregue ao botânico de Rodolfo, um homem chamado Marceci, que o manteve em seu poder durante vinte anos. O dono seguinte, de nome desconhecido, manteve-o consigo durante outros vinte anos, até a década de 1620. Então, o manuscrito chegou às mãos de Athanasius Kircher, um dos grandes polímatas de meados do século XVII.

Kircher, intelectual católico e alquimista, foi o primeiro a dedicar-se ao estudo sistemático de línguas artificiais. Antes de ter o livro em seu poder, escreveu várias cartas a diferentes pessoas, indagando sobre o Manuscrito Voynich. Chegou a receber reproduções de pequenas partes do documento, as quais tentou decifrar. Uma vez de posse do manuscrito, porém, jamais o mencionou em seu diário. Cinco anos depois, publicou *A Universal Study of Artificial Languages*, livro que não cita o Manuscrito Voynich.

Quando decidiu fazer-se jesuíta, por volta de 1660, Kircher teve de desfazer-se de todas as suas posses terrenas. Doou todos os seus livros, inclusive o Manuscrito Voynich, a um seminário jesuíta, localizado ao sul de Roma. Durante mais de 250 anos, o manuscrito foi conservado em uma das prateleiras do seminário, até que Alfred Voynich, vendedor de livros raros de Nova York, comprou toda a biblioteca durante uma viagem à Europa em 1912. De volta à América, ao examinar os livros, encontrou, em meio àquelas obras teológicas de fins da Renascença italiana, todas facilmente catalogáveis, um livrinho completamente estranho.

Mesmo na década de 1580, quando surge o primeiro dado

histórico acerca do Manuscrito Voynich, o acervo de imagens à disposição dos europeus era muito limitado. Naquele tempo, as pessoas mais educadas da Europa tinham acesso a ilustrações de apenas dez ou quinze diferentes tipos de ervas, e nenhum dos desenhos do Manuscrito Voynich podia ser identificado como uma das espécies ilustradas nas obras publicadas ou disponíveis até então. Não obstante, as seções de biologia do Manuscrito Voynich continham mais de 120 desenhos de plantas. Acontece ainda que o próprio manuscrito não tinha precedentes e jamais foi imitado.

Os códigos empregados na Europa, de princípios do século XVI em diante, derivavam todos de uma obra intitulada *Stenographica*, de Johannes Trethemius, Bispo de Sponheim, alquimista que escreveu sobre a arte de cifrar mensagens secretas. Em seu livro, Trethemius oferecia um número limitado de métodos, e nenhum código militar, alquimista, religioso ou político foi composto daí por diante por outros métodos, até meados do século XVII. No entanto, o Manuscrito Voynich não parece ter qualquer relação com os códigos derivados de Johannes Trethemius, Bispo de Sponheim.

Direi agora por que acho óbvio ver em John Dee o fornecedor, senão o autor, do Manuscrito Voynich. Em primeiro lugar, a obra de Trethemius não circulou como livro impresso antes da década de 1580, mas circulou sob a forma de manuscrito a partir de 1530. Quando Dee, ainda bastante jovem, visitou o continente, registrou em seu diário o fato de ter passado três dias copiando a mão os capítulos relevantes de um manuscrito da *Stenographica* que lhe havia sido exibido em Paris. Assim, em época de formação intelectual, ele já estava de posse do mecanismo de codificação inventado pelo Bispo Trethemius.

O segundo evento mais importante em sua vida ligado ao Manuscrito Voynich, e um dos eventos mais enigmáticos de toda a história da ciência, ocorreu em uma tarde de julho de 1582. Dee estava em seu estúdio, em Mortlake, quando avistou, através da janela, uma luz brilhante lá fora e saiu para receber de uma criatura, que ele descreveu como o anjo Gabriel, uma lente polida, feita de obsidiana trazida do Novo Mundo, a qual ele passou a descrever em seu diário como "a Pedra da Proposição". Meditando na presença dessa pedra, pôde induzir visões e diálogos com espíritos,

capacidade que aparentemente foi perdendo nos meses seguintes, até que um estranho personagem entrou em sua vida na primavera de 1584. Tratava-se de Edward Kelley.

Kelley era muito mais jovem que Dee, e Dee era casado com uma mulher muito mais jovem que ele, chamada Ann. Kelley era um tipo velhaco; um dos relatos dá conta de que ele não tinha orelhas, as quais lhe tinham sido cortadas como punição por algum crime ordinário cometido nas províncias. Chegou à casa de Dee, em Mortlake, de olhos esbugalhados e quase sem fôlego, contando que havia adormecido em uma sepultura violada em certo mosteiro do País de Gales. Ao acordar, encontrara sob o corpo, na sepultura, um frasco de pó vermelho com o qual os alquimistas preparavam o elixir transmutador de metais, e um livro escrito em língua indecifrável, que ele chamava de *O Evangelho de São Dunstable*. Disse Kelley ter sido informado na aldeia próxima de que o livro estava escrito em galês cifrado. *O Evangelho de São Dunstable* não é mencionado por mais ninguém; mas, uns trinta anos depois, Arthur Dee, filho de John Dee, escrevendo acerca do pai, diz que, a partir do dia em que Dee conheceu Kelley, passou muito tempo tentando decifrar um livro "escrito inteiramente em hieróglifos". Talvez se tratasse de *O Evangelho de São Dunstable*, e talvez *O Evangelho de São Dunstable* e o Manuscrito Voynich fossem um livro só.

Seja como for, o atrativo que Dee viu em Kelley foi o conjunto de manuscrito indecifrável e poção alquímica. Dentro em pouco, Dee contou-lhe acerca da Pedra da Proposição, e os dois organizaram uma sessão espírita, durante a qual Kelley exibiu inesperado talento como cristalomante. Desde o início, passou a descrever grande número de peças de teatro e a declamar todas as falas dos personagens. (A Pedra da Proposição encontra-se hoje no Museu Britânico, onde pode ser vista pelos visitantes.)

O encontro entre John Dee e Edward Kelley deu início a uma nova fase nos diários de Dee, os quais foram publicados em 1658 por Meric Casaubon, com o título de *A True and Faithful Relation*, etc. Na série de anotações feitas nos dez anos seguintes, são registradas centenas de conversas com espíritos, inclusive a transmissão, a Dee e Kelley, de uma linguagem angelical chamada

enoquiano, composta de caracteres não ingleses, mas que uma análise computadorizada revelou recentemente ter uma curiosa relação gramatical com a língua inglesa. Conhecem-se cerca de quatro mil palavras em enoquiano, transmitidas pelas aparições que Kelley canalizava para Dee. Algumas das mensagens eram de natureza teológica ou política, e foram recebidas enquanto os dois viajavam pela Europa, visitando locais como a corte de Rodolfo. Essas mensagens foram responsáveis pela disseminação da fama do alquimista Roger Bacon, tendo criado o ambiente de relações públicas que possibilitou a venda do Manuscrito Voynich a preço elevado.

O manuscrito, que teria sido redigido no século XIII se Roger Bacon fosse o autor, tem todas as características físicas de obra do século XVI. Calculo que tenha sido escrito por volta de 1540, o que indicaria que Kelley o obteve em algum lugar. Se o próprio Kelley o escreveu, teria sido composto mais tarde — em meados da década de 1580. Se o autor foi John Dee, deve ser possível comprová-lo, mediante comparação com os seus outros escritos. Os vários grupos que estudaram o Manuscrito Voynich desconheciam o amplo material cifrado contido nos diários de Dee: mais de 92 páginas de combinações de números e letras. Se o método empregado por Dee para cifrar textos pudesse ser identificado de alguma forma com o método usado no Manuscrito Voynich, o problema da autoria deste estaria resolvido.

No auge de sua criatividade, Dee escreveu um estranho livro, cujo título era *A Mônada Hieroglífica (Monas Hieroglyphicam)*, contendo 36 teoremas pseudogeométricos. O livro menciona certo tipo de doutrina mística, mas permanece inteiramente obscuro. No início da década de 1580, circulou sob a forma de manuscrito, tendo sido publicado alguns anos mais tarde.

Em 1604, e novamente em 1608, os documentos básicos dos rosa-cruzes, *Fama e Confessio*, circularam anonimamente na Europa. Eram panfletos distribuídos nas esquinas, altas horas da noite, vindos não se sabe de onde. Diziam: "Somos uma sociedade secreta, e não podemos revelar nossa identidade, mas, se estiveres pronto, entraremos em contato contigo e te convidaremos a aderir a nós." Robert Fludd, herdeiro da tradição de Dee no ocultismo e

na ciência ingleses, praticamente publicou um anúncio que dizia: "Se eu não sou digno dessa adesão, ninguém o é. Por que não entraram em contato comigo?" O fato é que os rosa-cruzes, ou os autores de *Fama e Confessio*, jamais fizeram contato com quem quer que fosse. O que eles proclamavam era basicamente falso: que o túmulo de Christian Rosenkrantz, grande cavaleiro que participara da última cruzada no século XIV, tinha sido descoberto. Era como apelar para Roger Bacon, invocar um personagem mítico que tinha vivido dois séculos antes. Constava que, dentro do túmulo, tinham sido encontrados livros de alquimia com foros de política, definitivamente favoráveis à corte de Frederico V, o Eleitor Palatino. Tudo isso era disseminado como evangelho, numa espécie de renascimento alquimista protestante.

Curiosamente, os dois textos, *Fama e Confessio*, tinham muitas semelhanças doutrinárias com a *Mônada Hieroglífica* de John Dee, de sorte que, aparentemente, a obra de Dee, que precedera os panfletos dos rosa-cruzes, servira de modelo aos autores destes. Embora os nomes desses autores não fossem mencionados, desconho que um deles foi o alquimista boêmio Johannes Andreä. Andreä e seu colega alquimista, Michael Maier, tinham idade suficiente para tomarem conhecimento das visitas anteriores de Dee a Praga, e provavelmente eram intelectualmente muito ativos quando ocorreu o episódio do Rei e da Rainha do Inverno, em 1620, trazendo Frederico, o Eleitor, e a mulher para breve permanência em Praga como monarcas alquimistas.

Ao morrer em 1608, muitos anos após a venda do Manuscrito Voynich, Dee era um velho arrasado. Jaime I era o rei da Inglaterra. Dee tinha sido o astrólogo da corte da Rainha Elisabete e amigo de Sir Philip Sidney, o homem mais ilustrado do país até Jaime subir ao poder. Jaime tinha horror ao lado mágico da corte elisabetana. Não queria astrólogos à sua volta. Era um racionalista cujo antitolicismo incluía profunda suspeita contra toda a tradição do ocultismo.

Mencionei acima que, quando Rodolfo morreu e sua corte entrou em colapso, o Manuscrito Voynich foi ter às mãos do seu botânico. O velho imperador morreu em idade muito avançada e estava, sem dúvida, completamente louco. Enquanto isso, a oeste

de Praga, em Heidelberg, Frederico, o Eleitor, casou-se com Isabel, filha de Jaime I da Inglaterra, o rei que arruinara a vida de Dee. Frederico era tudo o que um príncipe protestante e alquimista poderia ser: um jovem brilhante e ardiloso que exercia total controle sobre os seus lordes. Frederico interpretou a decisão do rei, de dar-lhe a filha em casamento, como aprovação tácita do seu plano de estabelecer um reinado alquimista protestante na Europa Central. Na realidade, Jaime — conservador dado a conspirações — tinha em mente um fim muito mais maquiavélico ao ceder a filha a Frederico. Pretendia também casar um dos filhos com uma princesa espanhola católica, da linhagem dos Habsburgos, e preferia manter a aparência de neutralidade. Quando Frederico e Isabel partiram para a corte em Heidelberg, onde iriam proteger alquimistas e astrólogos como Michael Maier, Gerhart Dorn e Johannes Andreä, Jaime ficou alarmado; a essa altura, porém, era tarde demais para voltar atrás, e Jaime convenceu-se de que Frederico era um adversário difícil.

Quando Rodolfo finalmente morreu, os príncipes da Liga do Norte reuniram-se para escolher o sucessor mediante voto secreto. Frederico ganhou, e, assim, em fins do outono de 1619, ele e Isabel transferiram a corte para Praga, onde reinaram durante um inverno, até maio de 1620, o mesmo ano em que o *Mayflower* iniciou sua viagem. Em maio, os Habsburgos usaram o seu exército para esmagar o chamado Reino do Inverno.

Em certo sentido, esse incidente pode ser visto como o primeiro disparo da Guerra dos Trinta Anos. Um dos soldados franceses do exército dos Habsburgos que sitiava a cidade era um jovem de dezenove anos, chamado René Descartes. Alguns meses depois, inspirado por um sonho, Descartes tornar-se-ia o grande proponente do materialismo francês. Michael Maier, um dos últimos grandes sintetizadores da visão máxima da alquimia medieval, morreu durante o sítio da cidade. Frederico foi morto, e Isabel fugiu para Haia, onde viveu durante muitos anos no exílio.

O Manuscrito Voynich foi esquecido. A Europa ingressou na era moderna, e o segredo do manuscrito virou coisa do passado. A criação de uma união política e alquimista na Europa Central foi, no contexto do que se seguiu (a Guerra dos Trinta Anos e os tempos

modernos), um canal que o rio da História preferiu evitar. Não seguiu esse caminho, mas, se as coisas tivessem tomado outro rumo — por exemplo, se o rei da Inglaterra houvesse apoiado a união —, os eventos poderiam ter sido bem diferentes.

Minha interpretação da parte desconhecida da história é a seguinte: No tempo em que entretinham o Imperador Rodolfo com as suas narrativas dos feitos alquímicos de Roger Bacon, Dee e Kelley tinham em mente o Manuscrito Voynich. Ou o haviam escrito ou estavam de posse dele. Se a segunda hipótese é a verdadeira, a história se torna mais interessante, pois então é possível que não fossem os seus autores. Mas se *são*, então isso meramente revela a complexidade gramatical das mentes perturbadas de dois magos elisabetanos e explica até certo ponto o motivo pelo qual o texto jamais pôde ser decifrado.

Se Dee e Kelley não o escreveram e eram apenas os donos temporários do manuscrito, então o mistério continua. Onde o obtiveram e o que era esse manuscrito? É verdade que Dee estava sob a proteção do Duque de Northumberland, que, quando Henrique VIII rompeu relações com Roma, saqueou os mosteiros ingleses, nos quais havia grande acervo das obras de Roger Bacon. Sabe-se que na biblioteca de Dee, em Mortlake, existiam 53 manuscritos de Bacon, dos quais somente 41 chegaram até os nossos tempos. Hoje, essas 41 obras são conservadas na Biblioteca Bodleian, em Oxford, e no Museu Britânico.

Em seu extenso volume, *A True and Faithful Relation, etc.*, Dee narra as sessões espíritas que ele e Kelley realizavam diariamente enquanto percorriam a Europa. No mesmo mês em que o imperador pagou os trezentos ducados de ouro pelo manuscrito, Dee registrou em seu diário que ele e Kelley haviam recebido trezentos ducados de ouro de fonte misteriosa.

Alguns biógrafos opinam que Dee não acreditava em magia e era um agente de espionagem da coroa britânica que se fazia passar por ocultista. Segundo essa versão, visitava as cortes europeias como astrólogo, necromante e alquimista, enquanto remetia ao seu país cartas cifradas, contendo dados muito sucintos de natureza militar, estratégica e diplomática. Dada a sua capacidade de compor os melhores horóscopos da Europa, ganhou acesso à intimidade da

nobreza. Sem dúvida, a verdade deve estar entre os dois extremos. Dee foi agente da coroa britânica, mas foi também a fina flor do espírito medieval. Shakespeare tomou-o como modelo de Próspero, em *A Tempestade*, e Christopher Marlowe inspirou-se nele para compor o Dr. Fausto da peça do mesmo nome.

Muita gente destruiu sua reputação por alegar ter decifrado o Manuscrito Voynich. Vários eruditos fizeram afirmações muito ousadas. Na década de 1920, William Romaine Newbold, famoso conhecedor dos clássicos, especialista em assuntos medievais e, ao que tudo indica, homem muito brilhante, anunciou ter descodificado inteiramente o manuscrito. Dizia ele que a chave eram pequenos sinais taquigráficos que compunham as letras do texto. Afirmava que quem usasse uma boa lente de aumento veria que cada letra continha resquícios de um antigo sistema romano de taquigrafia, perdido havia cerca de seiscentos anos. Newbold apresentou surpreendentes trechos por ele decifrados, que faziam referência a Roger Bacon. Outras passagens tinham a ver com as revoltas estudantis ocorridas em Oxford, no Natal de 1291, quando os conflitos entre os Frades Negros e a cidade não eram incomuns. C problema, porém, é que ninguém conseguia chegar à mesma interpretação através do método do professor Newbold. Eram tantas as alternativas entre conjuntos de letras, ao longo de todo o livro, que diferentes mensagens podiam ser deduzidas dos mesmos trechos. Newbold morreu na miséria, arruinado e desprezado por todos. Tinha ido longe demais, e o Manuscrito Voynich fizera sua primeira vítima.

O próximo a propor uma descodificação do Manuscrito Voynich foi Robert S. Brumbaugh, também da Universidade de Yale. Sua versão é, de certa forma, tão enigmática quanto o conteúdo cifrado. Segundo ele, o Manuscrito Voynich diz coisas como “matéria contendo cério líquido, mais cério siciliano, mais sal de cério europeu sueco siciliano mais cério, mais sal russo asiático siciliano, sal de cério asiático italiano líquido líquido, sal líquido italiano siciliano mais siciliano mais sal”, e assim por diante. Quem procurou reproduzir o mesmo texto usando o método proposto por Brumbaugh não chegou a parte alguma. Hoje, esse segundo esforço tampouco é levado a sério.

Outra tentativa de decifrar o manuscrito, menos importante, talvez, que as duas anteriores, mas que levou a um incidente interessante, foi feita por um homem chamado Strong, da Universidade da Califórnia, em San Diego. O Dr. Strong alegou ter decifrado algumas das legendas das ilustrações do Manuscrito Voynich. Quando Paul Lee formou um grupo de trabalho para examinar o manuscrito, o Dr. Strong era uma das pessoas a serem entrevistadas. O meu amigo Ralph Abraham, que fazia parte do grupo e ensinava matemática da Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, possuía cópias fotostáticas de certas folhas do Manuscrito Voynich e enviou-as ao Dr. Strong, juntamente com cartas muito detalhadas, solicitando coisas como: “Consta que, na folha 9B, o senhor traduziu certa palavra como ‘útero’. Aqui está uma cópia da folha 9B. Por favor, circule a palavra que o senhor traduziu.” A secretária de Strong respondeu, dizendo que o Dr. Strong estava muito velho, com mais de noventa anos de idade, e não se sentia capacitado para escrever uma carta que atendesse àquelas solicitações; mas, se Ralph quisesse ir a San Diego, teria prazer em atendê-lo por completo. Isso foi numa quinta-feira. Ralph marcou passagem de avião para a segunda-feira seguinte. No domingo à noite, a secretária telefonou para dizer que o Dr. Strong acabara de morrer de um ataque cardíaco. O Manuscrito Voynich tem-se mostrado fatal à carreira de muita gente, e aqueles que dizem tê-lo decifrado morrem sem nos transmitir os seus segredos.

Os serviços de espionagem dos Estados Unidos dedicaram bastante tempo ao exame do Manuscrito Voynich, simplesmente porque não podiam conceber que um documento do século XVI resistisse aos métodos modernos de descodificação de mensagens cifradas. O estudo mais interessante, de autoria de Mary D’Empirio, foi publicado pelo Departamento de Comércio sob a forma de livro, intitulado *The Voynich Manuscript: An Elegant Enigma*. Trata-se de um resumo, encomendado pelo governo norte-americano, de tudo o que se sabe a respeito do manuscrito.

Muita coisa interessante foi apurada, e é possível que o manuscrito venha a ser decifrado algum dia. Uma análise feita por computador indica a existência de duas caligrafias. Teria sido escrito por Dee e Kelley? Em caso afirmativo, podemos ter uma

idéia do papel de cada um deles na criação do documento, comparando a escrita com a caligrafia de Dee e Kelley? A autora discute grande número de alfabetos mágicos, muitas formas diferentes de estenografia e alfabetos especiais usados para anotações na Europa durante a Idade Média. Nenhum deles tem qualquer semelhança especial com o alfabeto do Manuscrito Voynich. Ralph Abraham especula que o alfabeto do Voynich teria alguma relação com os primitivos sistemas numéricos bramânicos; talvez se trate de um conjunto de números que precisaria ser decodificado, sendo necessário decifrar o resultado a fim de produzir a mensagem literal.

É possível que nós, modernos, tenhamos sobrestimado a sofisticação de nosso equipamento de decifração de códigos. Talvez existam maneiras simples de codificar textos que simplesmente jamais tenham ocorrido à CIA, e, quando o código do Voynich for decifrado, constatemos que a solução é trivial, embora inesperada. Por exemplo, Ralph me disse que pode ter havido o uso de matrizes com furos. Colocadas sobre a página, essas matrizes separariam as partes do texto que constituem a mensagem das partes que não fazem sentido.

Se a matriz tiver sido trocada a cada página e as trocas não houverem obedecido a qualquer sistema racional, nenhum programa de computador concebível será capaz de resolver o enigma. Nenhuma fórmula matemática pode deduzir uma variável cujo valor muda aleatoriamente, e isso impediria qualquer esforço de decifrar o manuscrito com o uso de equipamento eletrônico. O emprego de matrizes é um método bastante comum de ocultar uma mensagem, inserindo-a em meio a longas passagens truncadas, e seria do agrado de pessoas imaginosas como Dee ou Kelley, ou de qualquer um dos ocultistas eruditos do seu tempo. Em tal caso, talvez seja possível encontrar, em algum lugar, as matrizes ou as instruções para confeccioná-las.

Na conclusão do seu livro, Mary D'Empirio sugere idéias para novas pesquisas. O Manuscrito Voynich nunca foi fisicamente analisado, o que determinaria, de uma vez por todas, pelo menos o século em que foi composto. Uma busca deveria ser feita em todas as bibliotecas do mundo, a fim de determinar a existência ou não de outros exemplares do alfabeto do Voynich. Afinal, temos certeza

de que não existem outros espécimes dessa estranha escrita? Uma análise de computador, método empregado pelo grupo de Santa Cruz, poderia determinar o alfabeto padrão do documento e, em seguida, catalogar cada letra, o número de vezes que ela ocorre no texto e em que combinações com outras letras. A partir desses dados, talvez fosse possível deduzir uma gramática preliminar.

Nenhuma das ilustrações jamais foi satisfatoriamente interpretada. O que chamamos de ilustrações astrológicas são apenas nominalmente astrológicas. Parecem conter estrelas e círculos mas, de resto, não se referem ao céu. Os desenhos da chamada seção farmacêutica, que mostram pequenas vasilhas e minúsculas mulheres nuas que se banham em meio a curiosas tubulações espiraladas, podem representar qualquer coisa — uma forma obscura de hidroterapia do interior da Alemanha ou os rabiscos de uma imaginação ensandecida. Quando se tem somente um exemplar de cada coisa, é difícil localizá-la no devido contexto da história da cultura, especialmente quando se considera que, naquela época, havia muito sigilo, muita falsificação de documentos e adulteração de autorias, muito uso de linguagens secretas, comunicação em códigos secretos e conspirações de sociedades secretas.

Se a minha análise do Manuscrito Voynich como obra de Dee e Kelley pareceu superficial demais, confesso ao leitor que ela realmente o é, e que tal teoria não explica todos os fatos. O que me fascina no manuscrito, acima do enigma histórico que ele representa e além do quão interessante seria saber o que ele diz, é a idéia de um livro ilegível. Trata-se de um conceito digno de Borges — a idéia de que, em algum lugar, deva existir um livro ilegível —, e talvez o manuscrito seja esse livro. O livro ilegível nos leva à idéia de que o mundo é informação. Tomamos conhecimento do mundo ordenando toda a informação que encontramos através de um cotejo com informações que já possuímos — comparando modelos. Um livro ilegível em um alfabeto estranho, desacompanhado de um dicionário, é algo muito enigmático. Deixa-nos quase como ostras lingüísticas: secretamos nossos humores em torno dele, assimilamo-lo em nossa metafísica. Mas não sabemos o que ele diz, e sempre resta a possibilidade de que ele diga algo que altere a nossa concepção das coisas ou que a sua verdadeira mensagem seja a sua

ilegibilidade. Um tal livro nos aponta a natureza desconhecida da informação, e é o que, no estruturalismo, se chama um “texto limite”.

Sem dúvida, o Manuscrito Voynich é o texto limite do ocultismo ocidental. É realmente um livro ocultista — um livro que ninguém consegue ler. É uma versão literal do livro mítico mencionado por H.P. Lovecraft em *The Necronomicon*, a obra de Alhazrad, o árabe louco; de fato, em seu livro *The Philosopher's Stone*, Colin Wilson estabelece uma conexão entre o Manuscrito Voynich e *The Necronomicon*, e entre a Pedra da Proposição, usada por Dee em suas sessões espíritas, e a pedra filosofal.



E o assunto ficou por aí até 1987, e aí teria morrido, se não fosse a insistente curiosidade de um homem. Entra em cena o Dr. Leo Levitov, autor de *Solution of the Voynich Manuscript*, um homem que diz dominar inteiramente a dinâmica do Voynich e a tradução do manuscrito. A boa notícia vem no subtítulo do livro: *Manual Litúrgico do Rito da Endura na Heresia dos Cátaros, o Culto de Ísis*. A tese de Levitov é que o Voynich é nada menos que o único documento básico que chegou até nós da Grande Heresia surgida na Itália e que floresceu no sul da França, até ser impiedosamente esmagada pela Cruzada Albigena por volta de 1230.

Sabe-se muito pouco a respeito das crenças dos cátaros, e tudo o que sabemos é de segunda mão, obtido a partir dos registros da Inquisição, cuja tarefa era destruir a sociedade dos cátaros. A tradução de Levitov, se comprovada, lançaria nova luz sobre o misterioso surgimento e extermínio do maior desafio herético jamais enfrentado pela Igreja de Roma.

Há várias dificuldades inerentes às idéias de Levitov, mas há também triunfos. Ele faz diversas alegações surpreendentes, mas explica-as muito bem. As pequenas mulheres ao lado das instalações hidráulicas, que intrigaram tanta gente, representam para Levitov um sacramento cátaro, a Endura, ou “morte por venisseção [corte das veias] e sangria em um banho quente”. Os desenhos de plantas que ninguém pôde identificar como espécies conhecidas

não representam problema para Levitov: “Todas as chamadas ilustrações botânicas contêm algum símbolo cátaro ou o símbolo de Ísis.” Os desenhos astrológicos são também fáceis de explicar: “As inúmeras estrelas representam as estrelas do manto de Ísis.”

O forte de Levitov é a tradução. Afirma ele que o motivo pelo qual foi tão difícil traduzir o Manuscrito Voynich é que não se trata absolutamente de um texto cifrado, mas simplesmente escrito em um alfabeto especial. A linguagem do manuscrito é “a adaptação de uma língua oral poliglota para uma língua literária, capaz de ser entendida por pessoas que não sabiam latim e para as quais o texto podia ser lido”. Especificamente, trata-se de uma forma altamente poliglota de flamengo medieval, com grande número de palavras do francês e do alemão antigos. Ótimo. Agora ficamos sabendo.

O perigo que ameaça Levitov reside no conteúdo da tradução. Levitov admite abertamente que a tradução o convenceu de que o catarismo era um culto de Ísis, uma religião da Grande Deusa. Aparentemente, ninguém mais pensa assim, embora A.E. Waite tenha dito, em sua discussão dos cátaros e do Santo Graal (1961): “O mito do graal é ... como o manto de Ísis: ninguém pode erguê-lo e tolerar a idéia de que, por trás dele, existam essas crenças apavorantes.” Com exceção de Waite, nenhum comentarista, antigo ou moderno, jamais mencionou o culto de Ísis em conexão com os cátaros. Houve época em que os cátaros atraíram a atenção dos ocultistas, mas nem mesmo a literatura do ocultismo menciona Ísis.

Levitov é quase displicente na apresentação do seu trabalho. Chega a questionar, agora que descobriu como traduzir o manuscrito, se valeu a pena fazê-lo. “Uma tradução completa das mais de duzentas páginas ainda está por vir — tarefa longa, árdua e, possivelmente, ingrata.” Para Levitov, o problema era apenas como traduzir a língua do manuscrito; agora, porém, surgem problemas maiores, se, de fato, tivermos de encarar o Voynich como fonte fundamental, mostrando os cátaros sob uma luz inteiramente diferente. Os estudiosos do gnosticismo, do paganismo e da Grande Deusa terão de digerir essa nova versão do papel dos cátaros.

Quanto ao conteúdo, o manuscrito é obra sombria e repetitiva, especialmente em virtude da decisão de Levitov de apresentar sem

floreios um texto que exige interpretação erudita. Em seus trechos mais líricos, a tradução é bastante interessante:

A pessoa que conhece a arte da cura sabe que só há um modo de tratar a dor da agonia. Trata os que dela sofrem submetendo-os à Endura. É a única maneira de ajudar a Morte. Nem todos sabem como ajudar esses pacientes. A pessoa que está com a Morte, mas não morre, sente dor. Mas os que padecem da dor da Morte precisam da ajuda dela. Ela compreende essa necessidade. Sabe também que os que precisam de ajuda não sabem que precisam dela. Todos sabemos que eles precisam de ajuda e estamos prontos a ajudá-los.

O trecho refere-se ao sacramento cátaro oferecido aos moribundos, uma forma de eutanásia na qual *perfecti* especialmente treinados ajudavam os crentes cátaros a morrer.

Levitov diz ter pesquisado intensamente todo o material sobre os cátaros, mas não cita autor algum. Não posso saber se ele leu *The Albigensian Heresy*, de H.J. Warner, ou *Heresy, Crusade and Inquisition in Southern France*, de W.L. Wakefield. Afirma que o Manuscrito Voynich é o único documento cátaro básico que existe. Contudo, A.E. Waite menciona, em *Holy Grail*, que “felizmente, sobreviveu até nós um registro fragmentário da crença albigense. ... Refiro-me a *Cathar Ritual of Lyons*, que hoje sabemos ter sido publicado em 1898 por F.C. Conybeare”. Em seguida, menciona um trecho do Códice de Lyons que contém “certas orações pelos moribundos”. O códice foi escrito em provençal. Há alguma semelhança entre o códice e o material do Voynich? Não somos informados.

Se Levitov está certo, nós, modernos, simplesmente sobrestimamos a sofisticação de nosso equipamento de decifração de códigos e não levamos em conta a possibilidade de que o manuscrito não fosse codificado. Levitov não menciona as características físicas do manuscrito. No entanto, parece óbvio que uma das primeiras medidas a serem tomadas seria tentar confirmar a origem do manuscrito no século XIII. Se o Voynich foi escrito antes de 1250, então é mais antigo do que diziam até mesmo os adeptos da teoria de que Roger Bacon era o seu autor. Certamente deve ser

possível determinar se o documento foi escrito no século XIII ou no século XVI! Se é obra do século XIII, meus esforços de ver em sua composição a mão de John Dee ficam imediatamente anulados, muito embora ainda seja possível que Dee tenha tido a ver com a sua introdução na corte de Rodolfo. Até Levitov, a maioria dos eruditos não tinha dúvida em datar o manuscrito de começos do século XV.

Portanto, Levitov merece os nossos parabéns. Seus argumentos são persuasivos e ele os apresenta com modéstia. Agora precisamos ouvir a opinião dos peritos, dos medievalistas, lingüistas e estudiosos da heresia, pois mediante o consenso e o julgamento da comunidade de eruditos é que a afirmação de Levitov, de haver traduzido o manuscrito mais misterioso do mundo, será aceita como verdadeira ou não.

Os Precusores Literários de Wasson

Não há dúvida quanto ao fato de que a era moderna da etnomicologia começou com o trabalho de Gordon e Valentina Wasson. O saudoso Sr. Wasson foi o Abraão do despertar da consciência, na civilização ocidental, da presença do cogumelo que torna possível o trabalho dos xamãs. Contudo, como todos os grandes pensadores inovativos, os Wassons tiveram os seus precursores. Antes deles, houve quem chegasse por acaso à percepção do potencial visionário dos fungos. Suas experiências e descobertas não se tornaram *cause célèbre* ou disciplina acadêmica. Muitos simplesmente preferiram manter em segredo o que haviam descoberto — reação sensata ao antigo preconceito da sociedade ocidental contra esses cogumelos, reforçado pelos espantosos relatos de “intoxicação por cogumelo”, nos quais jamais se mencionava algo salutar a respeito da experiência. Um bom exemplo, que vem no número de 18 de setembro de 1914 da revista *Science*, é fornecido por A.E. Merrill, da Universidade de Yale. Merrill descreveu os efeitos alucinógenos da ingestão acidental do *Panaeolus papilionaceus* originário de Oxford, no Estado de Maine. Embora a identificação do cogumelo possa estar errada, os efeitos descritos são provavelmente devidos à psilocibina. Robert Graves faz um resumo do incidente em seu livro *Food for Centaurs*:

Uma versão abreviada deste artigo surgiu inicialmente em *The Divine Mushroom Seeker*, coleção de artigos reunida por Tom Riedlinger em homenagem a Gordon Wasson, publicada em 1990 pela Dioscorides Press.

O Sr. W. reuniu cerca de meio quilo dos cogumelos *Panaeolus papilionaceus* e cozinhou-os em manteiga para si mesmo e sua sobrinha. O efeito imediato foi que ambos se sentiram um pouco tontos, e logo depois o ambiente em que estavam parecia assumir cores brilhantes, com predominância de um verde vivo. Em seguida, ambos sentiram um desejo irresistível de correr e pular, o que fizeram alegremente, rindo até o ponto de histeria ante as observações espirituosas que faziam um ao outro. ... Ao saírem de casa para caminhar, perderam todo o senso de tempo — um longo período parecia curto e vice-versa; o mesmo ocorria com as distâncias... Os desenhos do papel de parede pareciam sair de onde estavam para rastejar em torno da sala, embora de início permanecessem bidimensionais; depois, passaram a crescer, estendendo-se em sua direção com movimentos sobrenaturais. O Sr. W. olhou um buquê de grandes rosas vermelhas, todas da mesma espécie, que estavam sobre a mesa, e outro sobre a escrivaninha. Imediatamente, a sala pareceu encher-se de rosas de vários tons de vermelho e de muitos tamanhos, em profusos buquês, festões e guirlandas.

Sentindo um súbito influxo de sangue na cabeça, deitou-se. Julgou então ver todo tipo de rostos horríveis, que se estendiam em filas ao longo de distâncias sem fim, todos fazendo-lhe caretas e trejeitos rápidos e hediondos, com as cores que se costumam ver em explosões de foguetes — vermelhos, púrpuras, verdes e amarelos intensos. (1960, pp. 277-78)

Realmente, qualquer usuário voluntário de cogumelos alucinógenos teria dificuldade em afirmar que tais efeitos fossem desejáveis, mesmo para fins de inspiração artística. A inclinação do *cognoscente* do cogumelo era, portanto, manter-se em silêncio.

No entanto, parece que alguns encontraram meio de divulgar o seu conhecimento pessoal de cogumelos psiquicamente ativos, sob o disfarce de ficção literária. Hoje em dia, é útil, na arena intelectual mais ampla que a etnomicologia criou para si mesma, examinar esses bravos futuristas do passado que previram aquilo que Gordon Wasson explicitou — isto é, a presença de um tremendo poder espiritual residente nos fungos visionários, ou seja, na psilocibina.

Os Wassons reconheceram alguns desses “precursores literários” em *Mushrooms, Russia and History*. Um deles foi Lewis Carroll, cuja obra-prima, *Alice no País das Maravilhas*, datada de 1865, inclui uma passagem interessante na qual Alice come pedaços de um cogumelo que faz com que ela, alternadamente, encolha e cresça. Os Wassons observaram:

Todas as distorções subseqüentes de Alice, atenuadas pela ironia afetuosa da imaginação de Lewis Carroll, retêm o sabor de alucinações provocadas por cogumelos. Não há algo de curioso na introdução desse cogumelo na história de Alice? O que levou o pacato professor de Oxford a escolher um meio tão adequado, mas ao mesmo tempo tão sinistro para os leitores iniciados, quando fez a heroína iniciar sua viagem? Teria ele ido buscar essa curiosa, surpreendente e até mesmo espantosa informação em algum poço profundo da sabedoria popular semiconsciente? (1957, pp. 194-95)

Os Wassons não admitem a possibilidade de que Carroll tenha se valido de experiência pessoal com cogumelos psiquicamente ativos. Em vez disso, passam a desenvolver convincentemente a tese de que o autor de *Alice* foi buscar inspiração em outra fonte: o livro *Plain and Easy Account of British Fungi*, de Mordecai Cooke (1862). O livro inclui aquilo que os Wassons chamam de “horrorosos relatos de koryaks [povo da Sibéria] que comiam amanitas”. Tendo ingerido esse tipo de cogumelos (*Amanita muscaria*), os koryaks passavam a ter “impressões errôneas de tamanho e distância”, entre outros efeitos psíquicos.

É curioso que os Wassons tenham ignorado certa evidência significativa que reforça consideravelmente a tese dos dois. Essa evidência se encontra no início da cena em que Alice se depara com o cogumelo mágico:

Viu diante de si um grande cogumelo, um pouco mais alto que ela; e, depois de olhar o que havia embaixo do cogumelo, e em ambos os lados e atrás dele, ocorreu a Alice que poderia também ver o que havia em seu topo.

Pondo-se nas pontas dos pés, olhou por cima das bordas do cogumelo e deu de cara com uma grande lagarta azul que ali estava sentada, de braços cruzados, fumando calmamente um comprido narguilé, inteiramente indiferente a Alice e a tudo mais. (Carroll, 1960, p. 66)

Na época em que escreveram *Mushrooms, Russia and History*, os Wassons não conheciam outro livro, ainda mais relevante, de autoria de Mordecai Cooke, *The Seven Sisters of Sleep* (1852), que abordava sete importantes variedades de substâncias psiquicamente ativas — entre elas o *Amanita muscaria* e a maconha, dois alucinógenos que Carroll reuniu na impressionante imagem de uma lagarta que fuma um narguilé, sentada em um cogumelo de propriedades mágicas.

Também em *Mushrooms, Russia and History*, os Wassons mencionam um interessante relato de cogumelos psiquicamente ativos, escrito por H.G. Wells em fins do século XIX. “The Purple Pileus” narra a história, supostamente fictícia, de certo Sr. Coombes, homem humilde e dominado pela esposa, que tenta matar-se ingerindo o que ele julga ser um cogumelo venenoso encontrado na floresta. Esse cogumelo, escreve Wells, tinha “uma cor púrpura de coisa muito venenosa; era viscoso, lustroso e exalava um cheiro acre” (1966, pp. 191-200). Quando Coombes parte-o ao meio, sua carne branca como leite assume, “como mágica, no espaço de dez segundos, uma cor verde-amarelada”. O gosto é tão picante que Coombes quase o cuspe fora. Dentro de alguns minutos, o seu pulso se acelera e ele sente um formigamento nos dedos das mãos e dos pés. E, antes que consiga apanhar outros cogumelos idênticos em uma moita que vê adiante, passa a sentir o pleno efeito da planta. Durante várias horas, produz-se forte mudança em sua psicologia. Coombes deixa de ser o homem pacífico que era, transformando-se em verdadeiro leão. Segue para casa, cantando e dançando alegremente, disposto a enfrentar a esposa. Diz Wells que, ao entrar em casa, seus olhos “brilhavam e pareciam maiores que antes”. E, depois de expulsar o amiguinho da mulher e ganhar o respeito perene dela, cai em “sono profundo e reparador”.

Ao analisar a história de Wells, os Wassons deixam claro que

o cogumelo ingerido por Coombes não era o *Amanita muscaria*, e concluem que Wells havia “atendido às necessidades de determinado enredo, inventando o cogumelo necessário” (1957, pp. 50-51). Não mencionam, e aparentemente não consideraram, a possibilidade de que o “píleo púrpura” tenha sido um *Psilocybe* disfarçado. Tal como o *Psilocybe*, o cogumelo citado por Wells muda de cor quando fragmentado; tem um gosto especialmente pungente quando ingerido em estado natural; costuma crescer em moitas; provoca rapidamente profundos efeitos psicológicos e somáticos, inclusive dilatação das pupilas; e causa sono profundo como efeito secundário. Vale ainda notar que, mais tarde, em 1978, Wasson salientou a cor púrpura de um fungo psiquicamente ativo em *The Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries*, no qual ele e os seus co-autores, Albert Hofmann e Carl A.P. Ruck, argumentam que a bebida sacramental preparada em Elêusis continha o *Claviceps purpurea*, fungo psiquicamente ativo. Segundo eles, a cor púrpura dos mantos dos sacerdotes que conduziam os mistérios era idêntica à desse fungo e, portanto, simbólica do mesmo, o qual pode ser encontrado em toda a Europa.

Estaria Wells pessoalmente familiarizado com os efeitos do *Psilocybe*, do *Claviceps* ou de alguma outra espécie de cogumelo alucinógeno? Em outras histórias suas, encontramos detalhes que podem perfeitamente resultar de experiência pessoal. Em “The Platter Story”, por exemplo, um certo Sr. Platter é transportado para um “Outro Mundo” sobrenatural e alucinante, no qual o sol é verde e onde o seu lado direito passa a ser o esquerdo, e vice-versa. A luz verde coincide com a experiência do Sr. W., citada anteriormente por Graves, na qual “o ambiente... parecia assumir cores brilhantes, com predominância de um verde vivo”, depois que ele ingere o que o autor nos diz ser o *Panaeolus papilionaceus*. A transposição dos lados do corpo de Platter lembra-nos as aventuras de Alice no País do Espelho, uma vez que os espelhos provocam transposição semelhante; teoriza-se hoje que os alucinógenos transferem a ênfase do lado esquerdo para o lado direito do cérebro. Igualmente interessante, esse “Outro Mundo” coexiste com o nosso e nos é acessível quando os nossos poderes de percepção aumentam. “É possível”, escreve Wells, “que certas pessoas, dotadas de visão

especialmente desenvolvida, possam, de vez em quando, avistar esse Outro Mundo que existe em torno de nós" (1966, pp. 141-157). Outra história de Wells, "The New Accelerator", nos fala de um homem que ingere uma droga capaz de acelerar o seu metabolismo a tal ponto que o mundo em torno de si parece estar imóvel. A impressão de "parar o mundo" é outro efeito provocado pelos alucinógenos, embora Wells prefira compará-lo ao efeito do óxido nítrico: "Conhece aquele estado de aparente inexistência em que a gente cai quando aspira 'gás'?", diz o protagonista. "Pois durante certo tempo foi isso o que senti." (pp. 165-176). Há, portanto, grande possibilidade de que Wells tenha experimentado substâncias psiquicamente ativas.

A evidência é mais forte ainda no caso de John Uri Lloyd, contemporâneo de Wells. É quase certo que Lloyd travou conhecimento pessoal com a ativação psíquica produzida pelos cogumelos que contêm psilocibina. Sua críptica discussão da psilocibina, intitulada *Etidorhpa*, foi publicada pela primeira vez em 1895, quase sessenta anos antes da primeira viagem de Wasson a Huatla.

Existem amplos indícios, tanto circunstanciais quanto *prima facie*, de que Lloyd havia experimentado em si próprio a intoxicação pela psilocibina. Lloyd era um homem de *fin de siècle*, ao mesmo tempo um competente químico farmacêutico e um apaixonado da literatura e da especulação ocultistas. Segundo Neal Wilgas, que escreveu a introdução das duas edições posteriores de *Etidorhpa* (1976, 1978)*, Lloyd nasceu em West Bloomfield, Nova York, em 19 de abril de 1849. Era o filho mais velho de um engenheiro civil e descendente do Governador John Webster, de Massachusetts. Sua família transferiu-se para Kentucky, mudando-se depois para Cincinnati. Foi em Cincinnati que, aos quinze anos de idade, Lloyd e seus irmãos editaram uma publicação trimestral, *Drugs and Medicines of North America*. Mais tarde, Lloyd participaria da criação da Biblioteca Lloyd de Botânica e Farmácia. Até

*O leitor encontrará as datas das três edições de *Etidorhpa* na bibliografia deste livro. A introdução de Neal Wilgas, intitulada "O Farmacêutico Alquimista", que acompanha as duas últimas edições, é erudita e informativa, e analisa os interesses psicodélicos de Lloyd.

hoje, no campo da fitoquímica, a preeminência da publicação *Lloydia* é um testemunho da paixão do irmão de Lloyd pela farmacologia e pela farmacognose.

O irmão de John Uri, Curtis Gates Lloyd, é identificado, em uma das fontes por mim consultadas, como o principal botânico de fungos do seu tempo. C.G. Lloyd colecionou enorme quantidade de fungos nos estados americanos banhados pelo Golfo do México e nos estados do extremo sul; sem dúvida, se uma espécie de cogumelo como o *Stropharia cubensis* ocorria na época em um desses lugares, mesmo com a metade da frequência com que ocorre hoje, Curtis Gates Lloyd o teria conhecido e colecionado. As suas coleções, hoje guardadas pelo Smithsonian Institute, compreendem vários milhares de espécimes. Talvez um exame das coleções levasse a espécimes psiquicamente ativos e a anotações de campo feitas por Lloyd.

Seja como for, é óbvio que o bizarro romance *Etidorhpa*, no qual John Uri Lloyd descreve uma Terra oca, foi para o seu autor uma espécie de labirinto em cujo centro ele desejava colocar a apoteose que viera a conhecer pessoalmente em suas peregrinações no reino dos fungos gigantes. Ao longo de 41 páginas (da página 235 a 276, na edição do próprio autor, datada de 1895), Lloyd delira. Não só narra o seu encontro com a anagramática deusa-mãe *Etidorhpa* (cujo nome é "Aphrodite" escrito de trás para diante), mas expõe também uma teoria do tempo que tem a marca inconfundível do *philosophe* do cogumelo. Ao fim de sete capítulos dedicados a uma iniciação ao estilo dos psicopompos da Grécia antiga, através de fungos causadores de visões, Lloyd escreve ao pé da página uma nota extremamente reveladora:

Se, no decorrer de suas experiências, o químico se depara com um composto que, mesmo em doses mínimas, é capaz de lhe subjugar a mente e levar sua pena a registrar as idéias extravagantes contidas nas alucinações aqui descritas, ou a formar palavras e sentenças que escapam às regras normais e vão além de sua capacidade natural, sem que, no entanto, ele saiba qual a finalidade de tal droga, não seria o seu dever ocultar dos outros o que descobriu, esconder da humanidade a existência de um fruto tão nocivo da ciência química

ou farmacêutica? Beber um ou dois goles desse líquido potente e, em seguida, escrever acerca do seu poder talvez não seja danoso a um homem prevenido, mas a humanidade como um todo jamais deve possuir uma essência tão penetrante. Se introduzirmos um tóxico dessa natureza e o deixarmos fermentar no sangue da humanidade, ele pode espalhar-se de uma pessoa a outra, até que, antes que o mundo seja avisado de seus possíveis resultados, a potência crescente possa chegar ao ponto de destruir ou degradar a nossa civilização, e até mesmo exterminar a humanidade. (1895, p. 276)

E quais são as idéias extravagantes e alucinações a que John Uri Lloyd se refere? No final do capítulo 23, o herói de *Etidorhpa* é instado a beber o suco de "certo cogumelo". O guia que o instrui não é de muitas palavras: "Disse apenas 'Beba', e eu bebi." Os três capítulos seguintes constituem um virtual monólogo a respeito dos métodos de intoxicação adotados pela humanidade em todo o mundo e no decorrer de toda a História. O horror da embriaguez e da dependência de tóxicos é graficamente descrito e atinge o clímax no capítulo 39, "Entre os Bêbados". Se esses capítulos representam a experiência infernal obrigatória dos relatos de drogas do século XIX, o capítulo 40 é a apoteose paradisíaca. É também o clímax do livro e contém o incidente do encontro do herói com Etidorhpa, além de uma bela gravura da deusa, de autoria de J. Augustus Knapp. A aparição de Etidorhpa e seu séquito é descrita pelo autor em um dilúvio de prosa vitoriana florida (e psicodélica):

Quem poderia prever tal cena, a partir dos dados de minhas experiências anteriores? Nada havia nelas que lembrasse uma presença feminina, que sugerisse a existência do sexo frágil naqueles espaços silenciosos. Agora a cena mudava; desapareciam as figuras grotescas e os gritos horríveis dos anteriores ocupantes daquela mesma caverna, para dar lugar a uma concepção do belo e do artístico que só um espírito poético poderia ter em um sonho extravagante acerca de um país de fadas. Olhei para cima; o grande edifício estava revestido de cores brilhantes, a rocha nua havia desaparecido, a cúpula projetava-se a uma altura incomensurável, decorada com todas as cores do arco-íris. Bandeiras e flâmulas ondulavam na

brisa, uma brisa que agitava também as vestes da multidão angelical ao meu redor, mas que eu não sentia em minha pele.

A multidão de espíritos ou formas encantadas atingiu a rocha aos meus pés, mas não sei quanto tempo levou para fazer isso; pode ter sido um segundo, pode ter sido uma eternidade. Para mim, esse detalhe não importava. Um único momento da existência que me estava sendo dada valia um século de qualquer outro prazer. (1895, p. 253)

Após a aparição da deusa, o autor logo retorna ao tema de sofrimento e terror; o herói imagina-se perdido, vagando durante dias em uma terra árida e deserta, de início atormentado pelo sol, depois pelo frio intenso da noite. Ao fim dessa alucinação:

O cenário de gelo desapareceu, o meu vulto entanguido sumiu ao longe, a areia dissolveu-se e, com o meu corpo natural e em meu estado normal, vi-me de volta à caverna, de joelhos ao lado do curioso cogumelo invertido, de cujo fruto eu havia comido em obediência às instruções do meu guia. (1895, p. 270)

No começo do capítulo 42, o herói discute com o guia a natureza de sua experiência. O psicopompo é o primeiro a falar:

— Você ingeriu o fungo narcótico; esteve intoxicado.

— Nada disso — retruquei. — Estive naquelas malditas cavernas e no inferno que há além delas. Durante a vigem, fui consumido pela maldição eterna, gozei de prazeres celestiais e sofri uma eternidade de dor.

— Pelo contrário, o tempo decorrido desde que você bebeu o suco daquele cogumelo foi apenas o necessário para cair de joelhos no chão. Bebeu o líquido que eu lhe ofereci nesta pequena taça, caiu de joelhos e imediatamente acordou. Veja — disse ele —, para confirmar o que digo, o resto do líquido que você não bebeu ainda está escorrendo da taça. O que aconteceu é que o tempo foi aniqui-

lado. Sob a influência do poderoso narcotóxico desse cogumelo, o seu sonho começou dentro da eternidade; você não precisou entrar na eternidade." (1895, pp. 272-73)

Estes trechos são mais do que suficientes para convencer qualquer leitor de mente aberta de que John Uri Lloyd, erudito do século XIX, farmacêutico, ocultista e escritor, havia descoberto as propriedades dos cogumelos portadores de psilocibina no tocante à expansão da consciência, experimentara em si mesmo essas propriedades e, em seguida, decidira ocultar sua descoberta. Dada a óbvia ambigüidade de Lloyd em relação ao estado visionário, evidenciada por suas diatribes contra a intoxicação, e o seu gosto pelo jogo de palavras, evidenciado pela inversão das letras do nome Aphrodite para criar o título de sua obra-prima, sou levado a apresentar um fato que parece indicar que Lloyd tinha em mente determinada espécie de cogumelo, provavelmente bem conhecida de seu irmão Curtis.

Oposta à página 116 da edição do autor, publicada em 1895, há uma magnífica ilustração de página inteira que mostra o herói e o seu guia em uma floresta de enormes cogumelos. Diz a legenda: "Encontrava-me em um bosque de fungos colossais." Examinando essa ilustração e refletindo sobre o emprego de uma inversão de letras para formar o título do livro, pensei que talvez a chave da identidade do tóxico que Lloyd tanto pretendia ocultar pudesse estar escondida, sob a forma de algum anagrama, nas legendas das ilustrações de página inteira.

E ocorreu-me um pensamento, vindo não sei de onde: "Se esse for o caso, talvez a legenda da próxima ilustração de página inteira possa ser manipulada de modo a produzir o nome da fonte secreta desse tóxico." A ilustração oposta à página 130 mostra igualmente o herói e o guia, agora examinando a encosta de um penhasco feito de blocos de certo mineral cristalino. A legenda diz: "Monstruosos Cristais Cúbicos" (no original: "*Monstrous Cubical Crystals*"), onde, sem necessidade de manipulação anagramática, os grupos de letras STRO e CUB saltam aos olhos de qualquer pessoa que se interesse por etnomicologia). *Stropharia cubensis* é a espécie de

cogumelos que mais provavelmente seria do conhecimento dos irmãos Lloyd, praticantes de botânica!

Significa isto que o mistério foi desvendado? Que as peças do quebra-cabeça estão agora todas no devido lugar? Pelo contrário. Consta que o *Stropharia cubensis* só recebeu esse nome quando foi descoberto em Cuba pelo botânico Earle, em 1906. Onze anos depois da primeira publicação de *Etidorhpa*!

Trata-se de um exemplo de visão profética ou de estranha e improvável coincidência? Poderia uma pesquisa indicar que os irmãos Lloyd conheciam o trabalho de Earle, conheciam até mesmo o nome que ele iria propor mais tarde para designar certa nova espécie de cogumelos que floresciam nos pastos da América do Sul e das ilhas do Caribe? É o tipo de mistério que leva os pesquisadores ao campo da micolatria, o tipo de mistério que Gordon Wasson adorava.

O interesse de Wasson pela obra de Lloyd é bem documentado, embora, ao que eu saiba, ele nunca tenha mencionado Lloyd em seus livros. Há um arquivo na Coleção Etnomicológica Valentina e Gordon Wasson, no Museu Botânico de Harvard, no qual Wasson guardava recortes de jornal, cartas, notas e outras informações para uma segunda edição de *Mushrooms, Russia and History* que nunca veio à luz. Nesse arquivo existe uma carta de um certo Sr. Bernard Lentz, com data de 16 de maio de 1957, recomendando a Wasson a leitura de *Etidorhpa*. Igualmente arquivada está uma cópia da resposta de Wasson, datada de 4 de junho do mesmo ano. Diz, em parte: "Vou tentar examinar o assunto, assim que tiver tempo. John Uri Lloyd — nome bem conhecido." Anos mais tarde, em seu prefácio a um catálogo de livreria, Wasson (1979) escreveu o seguinte:

Há [neste catálogo] um item que me interessa de perto: *Etidorhpa* ("Aphrodite" lido de trás para diante), de J.U. Lloyd, estranho romance, ou melhor, estranha fantasia publicada pela primeira vez em 1895, livro que Michael Horowitz (o responsável pelo catálogo) tem razão de chamar "uma história acerca de cogumelos psiquicamente ativos". Onde foi o autor buscar suas idéias? Lloyd deve ter lido cuidadosamente o *Scatologic Rites of All Nations*, do Capitão

John G. Bourke, publicado em 1891, que é uma imensa e espantosa coleção de matéria escatológica. É óbvio que os cogumelos de Lloyd não são *Amanita muscaria*. Estaria ele de posse de um exemplar daquele raríssimo livro enteogênico, de autoria do famoso micólogo inglês M.C. Cooke, *The Seven Sisters of Sleep*, livro ao qual Cooke jamais se referiu em suas obras micológicas posteriores? De fato, o livro é um manual de drogas psiquicamente ativas, publicado há quase 130 anos! Tampouco foi incluído na bibliografia de suas obras, publicada quando ele morreu. Como ocorreu a Lloyd essa fantasia acerca de cogumelos? Existirá, latente em nossa sociedade, uma memória do uso de cogumelos em tempos muito antigos, memória subliminar que vem à tona na história de Lloyd, como ressurgiu em Alice no País das Maravilhas? As formas sugestivas e as cores delicadas e mutáveis dos cogumelos, a maneira como elas aparecem e desaparecem subitamente, a infinita diversidade de seus odores, um para cada espécie — tudo dá respaldo a uma mitologia fúngica que é reforçada, quando dela se tem conhecimento, pela irresistível potência enteogênica que reside em alguns deles. (1979, p. 6)

Tal como Carroll e Wells, Wasson não chega a admitir a possibilidade de que o conhecimento de Lloyd tenha por base a experiência pessoal. Mas tampouco elimina essa possibilidade. Assim, a questão fica para ser resolvida por uma nova geração de etnomicólogos — ou arqueólogos literários.

Finalmente, voltamos para uma obra do século XX que Wasson não menciona. No número de maio de 1915 do *Irish Ecclesiastical Record*, aparece um artigo, assinado por um certo A. Newman, com o título de “Monsieur Among the Mushrooms” (Monsieur Entre os Cogumelos). Esse artigo pretende ser uma recordação não-fictícia de alguém que o autor conhecia. “Monsieur Entre os Cogumelos” foi reproduzido em 1917, como apenas um artigo entre muitos, em um livro intitulado *Unknown Immortals — In the Northern City of Success*, de autoria de um certo Herbert Moore Pim, aparentemente um obscuro ensaísta e jornalista da época. Em seu prefácio, Pim agradece aos editores do *Irish Ecclesiastical Record* pela permissão de reproduzir “Mon-

sieur”, de sorte que podemos deduzir com certeza que Pim era o próprio Newman*.

Embora o cogumelo descrito em “Monsieur” não produza efeitos declaradamente psíquicos (exceto, talvez, na imaginação de seus adeptos), a história é do interesse de nossa discussão por ser (1) o registro de um conhecedor de cogumelos em escala cósmica e (2) o primeiro relato que se conhece de um culto moderno de usuários de cogumelos. Pim diz em seu prefácio:

O verdadeiro “Monsieur Among the Mushrooms” está vivo e rico. Trata-se de uma pessoa inteiramente surpreendente, homem de considerável fortuna que, creio eu, já foi recolhido a um asilo em várias ocasiões. Dirige uma grande firma comercial durante o dia; mas pode ser encontrado às quatro ou cinco da manhã discursando brilhantemente na rua fria e fazendo com que as pessoas se detenham involuntariamente para escutá-lo. O seu cérebro funciona com tal rapidez que ele construiu uma linguagem própria, mediante a qual apenas a idéia absolutamente essencial é apresentada ao ouvinte. Sei de homens calmos que se puseram furiosos ao se verem simplesmente esmagados pelos argumentos do meu modelo.

Em “Monsieur” eu o descrevo exatamente como ele é, exceto no tocante à aparência física. Afora isso, o relato não contém exageros; e o debate entre Monsieur e os membros do comitê é tão verdadeiro quanto pode ser uma descrição de debate semelhante. Nele o leitor verá a imagem do meu modelo e o método que ele usa. (1917, p. 604)

“Monsieur Among the Mushrooms” é a reminiscência da notável personalidade, diríamos da personalidade obcecada, de um homem que foi internado em um asilo em virtude de suas idéias inusitadas a respeito dos fungos. No relato, Monsieur afirma, perante o comitê do asilo que decide quais os pacientes que podem

*Na bibliografia deste livro, cito as duas vezes em que “Monsieur Among the Mushrooms” foi publicado, pois ambas as publicações são obscuras e difíceis de obter. A versão de 1915 contém longas notas de pé de página, que foram eliminadas na reprodução de 1917. Agradeço especialmente a Michael Horowitz, da Flashback Books, de Petaluma, Califórnia, por ter trazido à minha atenção o trabalho de Herbert Moore Pim.

receber alta, estar em pleno gozo de suas faculdades mentais. Antes disso, porém, Pim nos informa quanto à notável filosofia e à história do seu modelo, como ele o chama:

Foi aqui que Monsieur ficou sabendo como persuadir o cogumelo a crescer; e foi aqui que, ao longo de muitos dias, trabalhou em solidão, devidamente vestido de preto, de coração leve e bolsa ligeiramente aliviada. E, no frescor desses primeiros dias de atividade, encontrou tempo para apresentar sua teoria a outros, como um medicamento que é administrado em pequenas doses enquanto o doador retém alguma coisa consigo, nem que seja o frasco. E assim foi que, dentro em pouco, surgiu uma respeitável coletividade de crentes.

— Que coisa maravilhosa é o cogumelo! — exclamava Monsieur. — Habita o mundo inteiro; e, quando o homem constrói as suas cidades de pedra, ele exige que, mesmo no coração das cidades, lhe seja dado espaço onde possa expressar-se em silêncio.

Mas o mundo não podia ser ignorado, e logo deitou as garras em cima de Monsieur e de seus discípulos, exigindo que lhe dissessem o motivo da apreciação estética de uma mercadoria cujo interesse residia apenas em seu valor comercial. (1915, p. 588)

Não é preciso dizer que foi convocada uma audiência, cujas conclusões já era de se prever:

Não há como esquecer o sorriso benévolo e superior que iluminou o rosto dos juízes. O cogumelo era a exceção todo-poderosa? Claro, meu bom amigo. Quem poderia duvidar de tal fato? Mas a sociedade sabia onde colocar os que acreditavam em tais coisas.

— Mas como — exclamou Monsieur — poderei levar adiante as minhas investigações?

Garantiram-lhe pacientemente que, embora colocado *extra muros*, ele teria “todas as facilidades”, “ampla liberdade” e que, acima tudo, haveria a esperança de se recuperar.

— Mas para quê? — interrompeu Monsieur.

— Para que o senhor volte a estar em harmonia com a maioria — foi o que lhe disseram.

— Mas a maioria neste mundo são os cogumelos! O homem, joguete dos cogumelos, não está em parte alguma. O homem é que está *extra muros*! (1915, p. 590)

Virtualmente prisioneiro, Monsieur passa os seus dias no asilo refletindo sobre a ironia de sua situação, até que finalmente concebe um plano de fuga. Seus pensamentos no asilo giram em torno de um único tema:

Com o seu conhecimento dos cogumelos, ele era todo-poderoso. Por trás do material que indicava a existência de uma força supremamente forte, havia a energia mental que guiava e dirigia, a tudo vencendo e conquistando. E no próprio cogumelo havia uma inquebrantável unidade. O cogumelo era, de fato, um corpo gigantesco arrancado e atirado sobre a terra. Havia o fungo do cabelo. Havia outro cuja forma demonstrava claramente a existência do cérebro. Havia outra que tornava certo que o ovo era a origem do que nele se continha. Havia a manifestação daquilo que gera. E havia uma espécie destinada aos animais inferiores. Havia ainda muitas outras coisas: os olhos que eram como astros, dos quais o sol e a lua recebiam o seu brilho; as grandes massas de corpo e membros; os dedos e os traços do rosto; a boca que devora. Havia o guerreiro de cujas feridas o sangue jorrava. Havia aquele que indicava a estrutura celular do corpo humano e, de fato, de todas as coisas vivas. E no entanto tudo isso era incalculavelmente forte, e tudo inexplicavelmente unido. (1915, p. 592)

Finalmente, com a ajuda dos cogumelos, Monsieur empreende uma fuga ousada. Diz-nos o autor em uma nota ao pé da página:

Monsieur viveu durante algum tempo sob a proteção do encarregado de um viveiro de plantas, cuja fervorosa crença na doutrina do cogumelo levou-o a pintar as vidraças das estufas com uma tinta

negra que impedia a entrada de luz, de modo a poder ali cultivar reverentemente o cogumelo. De fato, um culto primitivo já havia surgido quando Monsieur foi devolvido aos seus seguidores. Tenho motivos para crer que ele resolveu estimular esse culto e até mesmo modificá-lo sob certos aspectos. Mas o mundo interferiu. Tenho diante de mim um jornal que me fala de freqüentes ataques contra o viveiro de plantas; e há referências a equipes de busca enviadas pelo asilo. Ouvi falar da compra de um navio pelo encarregado do viveiro e do embarque de Monsieur e de seus seguidores nesse navio, em cujo porão havia uma carga de esporos de cogumelo. Depois disso, não disponho de dados merecedores de confiança. (1915, p. 605)

À parte a data em que foi escrito, "Monsieur Among the Mushrooms" torna-se ainda mais interessante por pretender ser o relato verídico de um grupo de pessoas conhecedoras do poder transformador do cogumelo, unidas em torno de um líder e de um culto em formação. É difícil acreditar que Pim pudesse atribuir aos cogumelos um papel filosófico tão importante se não conhecesse a experiência visionária propiciada pela espécie portadora de psicocibina.

Talvez Pim tivesse lido *Etidorhpa*. O livro foi muito popular na época, tendo influenciado gente importante como Howard Phillips Lovecraft, inventor da ficção científica do "horror cósmico" e do mito de Chthulu. Lovecraft refere-se a *Etidorhpa* nos textos de suas *Cartas Escolhidas* e *Marginalia*, observando, por exemplo, que sua visita às Intermináveis Cavernas da Virgínia lembrou-o "antes de mais nada, de um antigo romance, intitulado *Etidorhpa*, que passara de mão em mão em nosso círculo de Kleicomolo".

Ao cabo de tudo isto, restam-nos algumas perguntas sem resposta. Quem era o misterioso Monsieur e onde e como ele descobriu as propriedades psicodélicas dos cogumelos? Seria ele o próprio Herbert Moore Pim*? Existem outros registros de sua notável carreira? Em que asilo foi internado? Quais os jornais que,

*William James estabeleceu respeitável precedente deste truque literário quando publicou uma descrição de seus profundos ataques de melancolia, atribuindo-os a outra pessoa, em *Varieties of Religious Experience* (1902).

segundo Pim, descreveram os ataques ao viveiro de plantas do benfeitor de Monsieur? E, finalmente, o que foi feito de Monsieur, de seus escritos e de seus discípulos? São, todas elas, questões fascinantes cujas respostas ajudariam a esclarecer o verdadeiro nível de conhecimento da psicocibina na época anterior a Wasson.



Por fim, chegamos à questão daqueles precursores que privaram da companhia de Wasson. Pois ninguém desenvolve o seu raciocínio em um mundo completamente destituído de reflexos de si mesmo. Quem mais influenciou Gordon Wasson, levando-o a iniciar-se nos segredos dos cogumelos, foi certamente a sua esposa e associada Valentina, co-participante de suas descobertas:

De repente, antes que eu pudesse me dar conta do que estava acontecendo, minha esposa soltou bruscamente a minha mão e entrou correndo no bosque, emitindo gritinhos de alegria. Tinha avistado os cogumelos, muitas espécies de cogumelos. Somente na Rússia, em 1917, ela vira tantos cogumelos juntos. Delirava de satisfação, e se pôs a colhê-los, metendo-os a torto e a direito na camisa. Eu, parado no caminho, adverti-a a não fazer aquilo: tratava-se de cogumelos, cogumelos venenosos. ... Agi como o perfeito matuto anglo-saxão que se deparasse pela primeira vez com uma ninfa dos bosques. (Wasson *et al.*, 1986, p. 17)

Quem influenciou Valentina e Gordon Wasson na direção de seus estudos sobre os cogumelos foi Robert Graves, que já citei acima. Graves fala de Wasson em vários artigos reunidos em *Difficult Questions, Easy Answers*. Em um deles, "The Two Births of Dionysus", Graves diz:

Wasson iniciou sua carreira de jornalista sem jamais ter freqüentado uma universidade (o que talvez explique por que conseguiu conservar-se genial), tornou-se repórter especializado em economia, foi contratado pela J.P. Morgan & Co. como representante de imprensa, e logo promovido a vice-presidente quando o seu

extraordinário conhecimento do ramo se tornou evidente. Da mesma forma, em sua segunda profissão, tornou-se micologista amador e, de lá para cá, foi aclamado fundador dessa vasta e imensamente importante ciência, a etnomicologia. Sempre que me chega alguma informação estranha a respeito de cogumelos, encaminho-a para o seu arquivo. Foi um pequeno dado fortuito que lhe passei em início da década de 50 que o levou a investigar os oráculos mexicanos consumidores de cogumelos. (1964, pp. 108-9)

Os escritos de Robert Graves sobre cogumelos, poesia e mitologia merecem um público maior. Seu pensamento segue um curso paralelo ao de Wasson, e os dois se iluminam mutuamente. Dois livros de Graves, *Food for Centaurs* e *Difficult Questions, Easy Answers* estão cheios de reflexões e imagens dirigidas ao conhecimento da experiência psicodélica.

A última frase de Graves na citação acima é fascinante. "Foi um pequeno dado fortuito que lhe passei em início da década de 50 que o levou a investigar os oráculos mexicanos consumidores de cogumelos." Graves refere-se assim, de passagem, ao incidente mais importante do ressurgimento, na civilização ocidental, da descoberta do êxtase visionário induzido pela psilocibina. O leitor não pode deixar de indagar-se onde Robert Graves tinha obtido esse "pequeno dado fortuito". Por pura coincidência, deparei-me com uma passagem, em fonte inesperada, que talvez possa esclarecer esse ponto. Ao discutir as técnicas sufistas de jogo de palavras em seu livro *The Sufis*, Idris Shah faz os seguintes comentários:

A palavra árabe que designa os fungos alucinógenos vem da raiz GHRB. As palavras derivadas dessa raiz indicam um conhecimento da estranha influência dos cogumelos alucinógenos. (1964, p. 129)

Em seguida, Shah cita o extático sufista Mast Qalandar. Depois de analisar o texto, conclui:

O emprego dessas palavras, embora não seja incorreto, é tão inco mum (pois quase sempre existe uma palavra convencional mais

adequada ao contexto) que não há absolutamente dúvida alguma de que uma mensagem está sendo transmitida no sentido de que os alucinógenos químicos derivados de cogumelos produzem uma experiência inegável, porém falsa. (1964, p. 129)

No mundo da etnomicologia, a notícia de um culto de cogumelos árabe ou sufista, antigo ou moderno, seria de grande interesse. Shah nega a possibilidade de que os sufistas usassem cogumelos, mas essa mesma negativa constitui a primeira vez em que ouvi mencionar tal coisa. Havia ali algo que me lembrou de uma passagem, em "The Two Births of Dionysus", artigo de Graves citado acima, no qual ele menciona o seu conhecimento pessoal do *Stropharia*:

[Wasson] e sua esposa russa me haviam falado do *Stropharia*, um cogumelozinho [*sic*] que brota no excremento de vacas e possui aproximadamente as mesmas propriedades. E ouço dizer que esse fungo ainda hoje é utilizado para fins religiosos na Índia, onde cresce no excremento de vacas sagradas. (1964, p. 107)

Parece-me que Graves veio a saber dos cogumelos através de Idris Shah. De fato, a introdução do livro de Shah, *The Sufis*, é escrita por Robert Graves! Em certo ponto, Graves diz: "Escrevi a Idris Shah e ele respondeu" (1964, p. xiii). Em outro local, ao falar de certo emblema, ele observa: "Idris Shah Sayed explicou-me o que ele simboliza" (1964, p. xv).

Acontece que Idris Shah Sayed pertence à linha masculina principal dos descendentes do Profeta Maomé, tendo herdado os mistérios secretos de seus ancestrais, os califas. É, de fato, um Grande Xequê da *Tariqa* sufista.

Encerro aqui esta reminiscência erudita, tendo demonstrado que os nossos queridos Gordon e Valentina Wasson, ao viajarem para o México em busca de cogumelos mágicos, talvez estivessem agindo à base de uma sugestão feita a um poeta irlandês por um bisneto de Maomé. Com isso, os Wassons conferiram significado às descobertas de John Uri Lloyd e Herbert Moore Pim, as quais, do contrário, seriam incompreensíveis e prematuras. E mais do que isso: doaram a psilocibina ao mundo moderno.

Entrevista à *Critique*

DB: É um prazer estar com você mais uma vez, Terence. Para começar, gostaríamos de saber como você veio a interessar-se pelo xamanismo e pela investigação da consciência.

TM: Descobri o xamanismo através de minhas pesquisas sobre as religiões populares do Tibé. Bon-Po, a religião pré-budista do Tibé, é uma espécie de xamanismo. Indo do particular para o geral a esse respeito, estudei o xamanismo como fenômeno geral. Tudo começou como o interesse de um estudioso da história da arte pela iconografia pré-budista dos *thankas*.

DB: Há quanto tempo foi isso?

TM: Foi em 1967, quando eu era apenas um segundalista na universidade. Meu interesse pelos estados de alteração da consciência surgiu simplesmente nessa época. Não sei se eu era um garoto precoce ou o que, mas ingressei muito cedo no círculo literário de Nova York, e, embora morasse em uma pequena cidade do Colorado, assinava o *Village Voice* e *The Evergreen Review*, que publicavam propaganda do LSD, da mescalina e de todas essas experiências em que os *beatniks* se envolviam. Depois, li *As Portas da Percepção* e *Céu e Inferno*, e a coisa veio com naturalidade. Foi o

Esta entrevista, conduzida por David Jay Brown e Rebecca McClen, foi publicada no número de verão de 1989 da revista *Critique*. De lá para cá, a revista mudou de nome: hoje chama-se *Sacred Fire*.

que realmente me lançou nesse rumo. Eu respeitava Huxley como romancista, vinha lendo tudo o que ele tinha escrito, e, quando cheguei a *Portas da Percepção*, disse comigo mesmo: "Rapaz, aqui tem coisa."

DB: Há pouco tempo, você pronunciou uma conferência no John Anson Ford Theater, em Los Angeles, que atraiu perto de duas mil pessoas. A que você atribui sua crescente popularidade, e que papel acha que virá a desempenhar na esfera social?

TM: Bom, sem cinismo algum, a única coisa a que posso atribuir minha crescente popularidade é um trabalho melhor de relações públicas. Quanto ao papel que virei a desempenhar, não sei. Suponho que qualquer pessoa que tenha algo a dizer quanto ao nosso relacionamento com substâncias químicas, naturais ou sintéticas, terá uma função a cumprir, porque o problema das drogas vai ocupar um lugar cada vez mais importante na agenda social até que encontremos uma solução — e, quando digo solução, não quero dizer supressão ou simples recusa. Prevejo que haverá nova liberalização por parte do *establishment*, provocada pelo desespero. As drogas fazem parte da experiência humana, e temos de encontrar uma maneira de lidar com elas, uma maneira mais sofisticada do que a exortação à abstinência, que não deu certo.

RM: Você disse certa vez que a expressão "Nova Era" subestima a importância da próxima fase da evolução humana, e referiu-se à emergência de um "Retorno à Cultura Arcaica". Que diferença vê entre essas duas expressões?

TM: Essencialmente, a Nova Era é psicologia humanista ao estilo dos anos 80, com a adição do neoxamanismo, canalização, cristais e cura pelas ervas, esse tipo de coisa. O Retorno à Cultura Arcaica é um fenômeno muito maior e mais global, que pressupõe estarmos retornando às formas sociais de fins do período neolítico, sem renunciar ao que temos no século XX, como Freud, o surrealismo, o expressionismo abstrato, ou mesmo um fenômeno como o

nacional-socialismo, que é uma força negativa. Mas a ênfase no ritual, na atividade organizada, na raça/consciência ancestral são temas que foram explorados durante todo o século XX, e o Retorno à Cultura Arcaica é uma expressão disso.

RM: No livro que você e seu irmão Dennis escreveram, *The Invisible Landscape*, e em recentes palestras e workshops, você mencionou um novo modelo do tempo e os esforços que fez no sentido de representar a evolução da novidade à base do antigo sistema oriental de adivinhação, o *I Ching*. Pode explicar resumidamente como desenvolveu esse modelo, e como uma pessoa pode utilizar esse sistema para moldar a sua própria perspectiva da natureza do tempo?

TM: Não é fácil explicar. Um resumo mínimo seria dizer que essa nova noção de tempo afirma que o tempo é holográfico, fractal e se move na direção de uma conclusão definitiva, ao contrário do modelo histórico do tempo, que é aberto, destituído de tendências e, para todos os fins práticos, infinito. O que se propõe é um modelo espiralado da História, um modelo que vê a História como um processo que leva a uma conclusão. Os detalhes, porém, são muito complexos.

DB: Segundo o seu modelo de ondas do tempo, a novidade atinge sua expressão máxima e a História parece chegar a um fim no ano 2012. O que você quer dizer com isso, e quais são as implicações globais ou evolucionistas do que você chama "fim do tempo"?

TM: O que quero dizer é o seguinte. A teoria descreve o tempo como feito daquilo que chamo de ondas de novidade. Como toda onda tem o seu comprimento, é preciso determinar um ponto final da onda de novidade, de sorte que o fim do tempo nada mais é que o ponto do contínuo histórico designado como ponto final da onda de novidade. A novidade é algo que vem sendo lentamente maximizado ao longo da vida do universo, algo que atinge densidade infinita — ou contração infinita no ponto em que a onda é gerada.

Tentar imaginar o que seria o tempo próximo à singularidade temporal é difícil, porque estamos longe dela, em outro domínio das leis da física. É preciso que haja maior quantidade de fatos em jogo para que possamos conceber corretamente o fim do tempo, mas o que podemos dizer acerca dessa singularidade é que se trata da supressão da vida no espaço tridimensional; tudo o que conhecemos chega ao fim, tudo o que pode ser descrito no espaço euclidiano é substituído por modalidades de existência que exigem uma descrição mais complicada que as que existem atualmente.

DB: Da leitura dos seus escritos, deduzo que você acredita que os cogumelos que contêm psilocibina são uma espécie de alta inteligência, que veio ter a este planeta sob a forma de esporos que migraram através do espaço exterior e está tentando estabelecer uma relação simbiótica com os seres humanos. Em uma perspectiva mais holística, como você vê essa noção no contexto da teoria de Francis Crick, de uma panspermia dirigida, a hipótese de que toda a vida existente no planeta, inclusive sua evolução dirigida, foi semeada, ou talvez fertilizada, por esporos criados por uma inteligência superior?

TM: Em minha interpretação, a teoria da panspermia, de Crick, é uma teoria de como a vida se disseminou no universo. O que eu estava sugerindo (e não acredito tanto nessa teoria como você dá a entender, embora a aceite como uma possibilidade) é que a inteligência — não a vida, mas a inteligência — pode ter chegado à Terra sob essa forma de vida portadora de esporos. Trata-se de uma versão mais radical da teoria da panspermia de Crick e Ponnampertuma. De fato, acredito que essa teoria venha a ser comprovada algum dia. Dentro de cem anos, se ainda existirem, os biólogos acharão tolo o fato de que houve tempo em que as pessoas não acreditavam que os esporos poderiam ser impelidos de um sistema estelar a outro pelo vento solar. Quanto ao papel do cogumelo que contém psilocibina ou de sua relação conosco e com a inteligência, isso é algo que devemos levar em conta. Na verdade, não é importante que eu diga que se trata de um extraterrestre; é preciso que haja um grupo

de pessoas que afirmem isso ou um grupo de pessoas que o neguem, porque estamos tratando da experiência do cogumelo. Poucas pessoas estão em condições de julgar o potencial extraterrestre do cogumelo, porque poucas pessoas no campo das ciências ortodoxas chegaram a experimentar toda a gama de efeitos psicodélicos que ele provoca. Não se pode descobrir se existe ou não uma inteligência extraterrestre dentro do cogumelo quando não se está disposto a ingerir o cogumelo.

DB: Você tem uma teoria singular sobre a função dos cogumelos que contêm psilocibina no processo da evolução humana. Poderia falar-nos a esse respeito?

TM: Quer os cogumelos tenham vindo do espaço ou não, a presença de substâncias psicodélicas na dieta dos primeiros seres humanos provocou várias alterações na situação evolucionista. Quando as pessoas ingerem pequenas doses de psilocibina, adquirem maior acuidade visual, passam realmente a enxergar melhor. Isso significa que um animal que permitisse a introdução de psilocibina em sua corrente sanguínea teria maior sucesso como caçador, ou seja, disporia de uma provisão maior de alimentos, ou, ainda, teria maior capacidade de reprodução, e este é o nome do jogo da evolução. O organismo bem-sucedido é o que consegue propagar-se numericamente. A presença de psilocibina na dieta de primatas que caçavam em grupos fazia aumentar a acuidade visual dos que ingeriam essa dieta. Em doses ligeiramente maiores, a psilocibina provoca excitação sexual, ereção e tudo o mais que acompanha o aumento de atividade do sistema nervoso central — e isso levaria também a um maior sucesso reprodutivo.

DB: Não é verdade que a psilocibina inibe o orgasmo?

TM: Não. Nunca ouvi dizer isso. Não nas doses a que me refiro. Em dose psicodélica, talvez, mas em doses ligeiramente acima do nível que faz com que a pessoa diga “estou sentindo os efeitos”, a psilocibina age como estimulante. Excitação sexual significa atenção, significa suscetibilidade, indica certo nível de energia no

organismo. E, naturalmente, em doses ainda maiores, a psilocibina provoca aquela atividade na capacidade cerebral de formação de linguagem que se manifesta sob a forma de canto e visão. É como se houvesse uma enzima capaz de estimular a visão, o interesse sexual e a imaginação. E a presença desses três fatores ao mesmo tempo produz primatas capazes de utilizar uma linguagem. A psilocibina pode ter atuado como agente sinérgico de formas superiores de organização psíquica, a partir de animais proto-humanos primitivos. Pode ser vista como uma espécie de enzima evolutiva, um catalisador da evolução.

DB: No decorrer de suas viagens xamanistas, como diferencia — se é que diferencia — o diálogo literal do metafórico, do tipo “tu e eu”, que parece ocorrer em certos estados de consciência? Em outras palavras, como diferencia entre a possibilidade de estar se comunicando com uma entidade alienígena, dotada de existência independente em outro mundo, e a possibilidade de estar se comunicando com certos feixes de neurônios dentro do seu próprio cérebro?

TM: A diferenciação é muito difícil. Agora mesmo, como posso estabelecer essa distinção? Como saber que estou falando com você? Apenas suponho, por um instante, que você é suficientemente comum para que eu não duvide de sua existência; mas, se você tivesse duas cabeças, eu duvidaria de sua existência. Procuraria saber se você é realmente aquilo que parece ser. É muito difícil definir essa relação “tu e eu”, porque é difícil definir o lado do “eu” e mais ainda o lado do “tu”. Ainda não encontrei uma maneira de forçar, por assim dizer, a revelação de que se trata de um extraterrestre ou apenas do lado posterior do meu cérebro.

DB: Mas, normalmente, podemos distinguir através de confirmação mútua, e obter informações através de vários sentidos. Você pode me tocar. Pode me ver. Pode me ouvir.

TM: No caso, trata-se apenas de uma voz, como quando se recebe um telefonema misterioso. Se você desperta no meio da noite com um chamado telefônico, apanha o fone e alguém diz

“Alô”, sua primeira reação não é perguntar “Há alguém aí?”, pois você acabou de ouvir um “alô”. Isso prova que há alguém lá, alguém que você não pode ver; ou talvez não seja uma pessoa, talvez seja o chamado de uma secretária eletrônica. Já recebi telefonemas de secretárias eletrônicas. Você atende e a voz diz: “Alô, aqui é da Sears. Estamos telefonando para dizer que o seu pedido, número 16.312, está pronto para entrega.” E você diz: “Ah, sim, obrigado”. “Não há de quê.” De modo que essa questão de identificar definitivamente o outro é complicada, mesmo em nosso relacionamento diário.

RM: Existe hoje muito interesse a respeito da antiga arte da tecnologia do som. Em artigo recente, você declarou que, em certos estados de consciência, você é capaz de criar uma espécie de ressonância visual e de manipular um “aparelho topológico” usando vibrações sonoras. Pode falar-nos acerca dessa técnica, suas origens étnicas e possíveis aplicações?

TM: Sim, tudo isso tem a ver com o xamanismo à base do uso de plantas que contêm DMT. O DMT é um neurotransmissor que, quando ingerido e acumulado em grande quantidade nas sinapses do cérebro, permite que a pessoa veja o som, de modo que se torna capaz de usar a voz, não para produzir composições musicais, mas composições pictóricas e visuais.

Isso, em minha opinião, indica que estamos às vésperas de certo tipo de transição evolutiva no campo da formação de linguagem, que nos levará de uma linguagem que se ouve para uma linguagem que se vê, através de uma troca de processamento interno. A linguagem continuará sendo feita de som, mas será processada como onda portadora de impressões visuais. É o que vem sendo feito, de fato, por xamãs da Amazônia. Se as canções por eles cantadas soam como soam, é que se destinam a criar determinada aparência. Não são composições musicais no sentido comum. São arte pictórica produzida por sinais de áudio.

DB: Terence, muita gente o considera um dos grandes exploradores do século XX. Já percorreu as selvas da Amazônia, sobrevoou

regiões desconhecidas de nosso cérebro, mas talvez sua viagem suprema esteja no futuro, quando a humanidade houver dominado a tecnologia espacial e a viagem no tempo. Quais, em sua opinião, as possibilidades de viajar nesses dois campos e como essas novas tecnologias irão afetar a evolução futura da espécie humana?

TM: Uma pergunta e tanto. Suponho que a maioria das pessoas acredita que a viagem espacial é coisa do futuro imediato. Espero que sim. E é bom que tratemos de aprender russo, pois parece que o governo dos EUA é incapaz de manter um programa espacial. A questão da viagem no tempo é mais interessante. É possível que o mundo esteja passando por uma compressão de novidade tecnológica, compressão essa que irá levar a uma série de eventos bem parecidos com o que imaginamos seja a viagem no tempo. Estamos nos aproximando da capacidade de transmitir informações para o futuro e criar um domínio informativo de comunicações entre vários momentos do tempo. É difícil imaginar como isso será feito, mas certas coisas como a matemática fractal, a supercondutividade e a nanotecnologia oferecem meios novos e originais de realizar esses velhos sonhos. Não devemos pressupor que é impossível viajar no tempo pelo mero fato de que ninguém nunca o fez. As leis da física quântica dão margem a que se possam transferir informações através do tempo de várias maneiras. Aparentemente, a transferência pode ser feita, contanto que os dados não viajem a uma velocidade superior à da luz.

DB: Por que isso?

TM: Não tenho a menor idéia. Quem sou eu? Einstein?

DB: Em sua opinião, Terence, qual o objetivo supremo da evolução humana?

TM: Talvez uma boa festa.

DB: Já teve algum dia a experiência de estar lúcido durante um sonho — quando a pessoa, enquanto sonha, se mantém consciente

de que está sonhando? E, em caso afirmativo, como isso se compara com as suas outras experiências xamanistas?

TM: Não, nunca tive tal experiência. A lucidez durante o sonho é uma das coisas que me interessam profundamente. Mas sou cético a esse respeito. Espero que seja possível, pois seria uma coisa maravilhosa.

DB: Nunca teve um “sonho lúcido”?

TM: Já, já tive, mas não disponho da técnica para repeti-los sempre que quero. O estado onírico é possivelmente uma antevisão da fronteira cultural para a qual estamos caminhando. Estamos rumando para algo muito parecido com o sonho eterno, com a passagem para a imaginação e a permanência na imaginação, o que seria como um sonho lúcido que não termina nunca — mas que solução elegante e simples! Uma das coisas que me interessam acerca dos sonhos é esta: já sonhei que estava fumando DMT e a substância funcionava. Para mim, isso é extremamente interessante, pois parece implicar que você não precisa fumar DMT para que tenha a experiência. Basta convencer o seu cérebro de que você fumou, e o cérebro se põe no estado tremendamente alterado provocado pelo DMT.

DB: É espantoso.

TM: Quantas pessoas, que já usaram DMT, sonham, de vez em quando, que estão fumando DMT e a coisa funciona? Poderia alguém que nunca usou DMT ter esse tipo de experiência em um sonho? Aposto que não. Aposto que é preciso que o tenha feito na vida real, a fim de criar o conhecimento da existência dessa experiência e a imagem de que ela é possível. Mas a experiência pode ocorrer sem que haja intervenção química. Trata-se de algo mais poderoso que qualquer ioga, de modo que o controle do estado onírico certamente seria vantajoso e nos ajudaria muito a atingir o tipo de transformação cultural de que estamos falando. Não sei ao certo, porém, como fazê-lo. As substâncias psicodélicas, a expe-

riência de pessoas que chegam perto da morte, o sonhar lúcido, os devaneios da meditação — todas essas coisas são peças do quebra-cabeça de como criar uma nova dimensão cultural na qual possamos todos viver em maior sanidade do que vivemos hoje, nas atuais dimensões.

DB: Você tem alguma opinião sobre o que acontece com a consciência humana após a morte biológica?

TM: A questão já me ocorreu, e sempre que penso no assunto tenho a impressão de estar só. O Logos não deseja ajudar-me nesse particular; nada tem a dizer-me sobre a morte biológica. Imagino que o que acontece é que, para o ego, o tempo parece fluir para trás, mesmo antes da morte; o ato de morrer é um ato de reviver toda uma vida, e, ao fim do processo de morrer, a consciência se divide entre a consciência dos pais e a consciência dos filhos de quem morre, e torna a dividir-se. Vai para o futuro através dos que ele deixa atrás de si e vai para o passado através dos que o precederam. Quanto mais longe do momento da morte, mais rapidamente a consciência se move, de sorte que, depois de certo tempo — 42 dias, segundo os tibetanos —, a pessoa restabelece sua conexão com tudo o que já existiu, e a existência egocêntrica anterior se dissolve e retorna ao oceano, ao campo morfogenético ou à Unidade de Plotino — escolha você o termo que achar melhor. Todo indivíduo é uma ilusão de existência centralizada, e a morte ocorre quando a ilusão já não pode ser mantida; nesse momento, tudo flui para fora e para longe do estado de desequilíbrio que é a vida. A vida é um estado de desequilíbrio que se mantém durante décadas, mas finalmente, como todos os estados de desequilíbrio, tem de ceder à Segunda Lei da Termodinâmica e entra em colapso; o caráter específico da existência do indivíduo desaparece em meio ao caráter geral do mundo que o rodeia, e retorna ao vazio/plenum.

DB: E se a pessoa não tem filhos?

TM: Nesse caso, a consciência flui para o passado, para os pais, para os avós, para os bisavós, até o protozoário primevo. É um fato

interessante que, na celebração dos mistérios eleusinos, por ocasião do sacramento, o que o deus dizia era: "Procriai, procriai." É estranho como a História é determinada por quem se une a quem, quem nasce, quais as linhagens promovidas, quais as tendências que se aceleram. A maioria das pessoas sente aquilo que chamam de magia somente na dimensão da busca de um parceiro sexual, e é aí que certas coincidências espantosas e incríveis acontecem até mesmo às pessoas mais embotadas — quase como se alguém, lá de cima, estivesse puxando os cordões. Há uma tradição esotérica que diz que é a partir dos genes, da reprodução, que tudo é comandado. É como eu imagino que um superextraterrestre interviria: sem intervir. Controlando a sincronicidade e a coincidência em torno da escolha do parceiro sexual, faria com que fôssemos as pessoas que ele quisesse.

RM: Recentemente, Rupert Sheldrake aperfeiçoou a teoria do campo morfogenético — um campo de memória coletiva, imaterial e organizador, que afeta todos os sistemas biológicos. Pode-se conceber esse campo como um reservatório hiperespacial de informações que, ao atingir a sua massa crítica — ou um ponto chamado ressonância mórfica —, transborda e se espraia por uma região de influência muito maior. Em sua opinião, essa ressonância mórfica pode ser vista como possível explicação do fenômeno dos espíritos e de outras entidades metafísicas? Seria o método de evocar entidades do mundo dos espíritos apenas um caso em que o código mórfico é decifrado?

TM: Parece-me que sim. Deve ser algo parecido. Se você está querendo saber se eu acho que os campos morfogenéticos são uma boa coisa, ou se acredito que eles existem, a resposta é sim. Acho que uma teoria desse tipo vem-se tornando evidentemente necessária, e que o próximo grande passo a ser dado na conquista intelectual da natureza, por assim dizer, é uma teoria de como, entre todas as coisas possíveis, só determinadas coisas acontecem.

RM: Acha que isso pode ter relação com o fenômeno dos espíritos?

TM: Os espíritos são a presença do passado, especificamente expressa. Quando você visita certas ruínas como as de Angkor Wat ou Tikal, sente essa presença. O observador teria de ser muito insensível para não ver como aquilo era, onde ficavam as barracas da feira, as pessoas e os seus animais, os montes de mercadorias. É muito esquisito. Nossos pressupostos lingüísticos nos ligam ao presente apenas convencionalmente; mas, quando conseguimos silenciar o nosso mecanismo lingüístico, a mente se irradia no tempo e comporta-se de modo muito pouco convencional.

DB: Como você encara a crescente onda de substâncias psicodélicas projetadas em laboratório, bem como as máquinas aperfeiçoadoras do cérebro, no contexto da teoria de campos morfogenéticos de Rupert Sheldrake?

TM: Com alguma esperança e um pouco de suspeita. Acho que as substâncias psicodélicas devem vir da natureza e ser usadas experimentalmente por culturas voltadas para o xamanismo; assim, terão um profundo campo morfogenético, pois terão sido usadas, durante milhares e milhares de anos, no contexto da magia. Uma droga produzida em laboratório, e que de repente é distribuída no mundo inteiro, simplesmente faz aumentar o volume de dados espúrios, o "ruído de fundo" presente na crise histórica. E há também o aspecto, muito prático, de que não é possível prever os efeitos a longo prazo de uma droga produzida em laboratório. O haxixe, as ipoméias e os cogumelos vêm sendo usados há muito tempo sem conseqüências sociais perniciosas. Sabemos disso. Quanto à tecnologia, às máquinas de estímulo cerebral etc., desejo-lhes boa sorte. Estou disposto a testar qualquer coisa que me seja enviada, mas adoto a atitude do cético. Desconfio que sejam como a máquina de escrever operada pela voz. São conquistas que ficarão cada vez mais distantes. Veremos que os problemas são bem mais complexos do que supúnhamos inicialmente.

DB: É interessante o modo como você antevê essas questões. O recente desenvolvimento de imagens fractais parece implicar que as visões e alucinações podem ser reduzidas a um código matemá-

tico preciso. Tendo isso em mente, você acha que a capacidade da imaginação humana pode ser reproduzida em um supercomputador?

TM: Sim. Dizer que os componentes da alucinação podem ser reduzidos e duplicados mediante códigos matemáticos em nada diminui a importância de tais componentes. A realidade pode ser desmontada e duplicada através desse mesmo código matemático — é isso que torna tão importante a idéia dos fractais. É possível datilografar um código de meia página e fazer surgir na tela sistemas fluviais inteiros, cordilheiras, desertos, samambaias, recifes de coral, tudo gerado por meia página de código de computador. Isso parece implicar que estamos finalmente descobrindo regras matemáticas realmente poderosas que existem por trás das aparências visuais. E, é claro, acredito que os supercomputadores, as aplicações gráficas dos computadores, a simulação de ambientes — tudo isso é muito promissor. Quando o mundo for comandado por máquinas, estaremos todos dentro de um cinema. Que bom!

RM: Ou fazendo cinema.

TM: Ou *sendo* cinema.

RM: Parece que a linguagem vem-se desenvolvendo muito mais lentamente que a capacidade da mente humana de atingir níveis de realidade mais complexos e profundos. Como você acha que a linguagem deveria desenvolver-se e evoluir para tornar-se um dispositivo transceptor mais sensível que permita a partilha de experiência consciente?

TM: Na verdade, a consciência não pode evoluir mais rapidamente que a linguagem. A velocidade com que a linguagem evolui determina a velocidade da evolução da consciência; do contrário, ficaríamos simplesmente perdidos naquilo que Wittgenstein chama o inefável, o que não pode ser expresso. Podemos senti-lo, mas não podemos descrevê-lo, de modo que se trata de uma realidade inteiramente pessoal. Já notou como é pobre o nosso vocabulário

de emoções? Eu te amo, eu te odeio — e ficamos basicamente nisso, com as suas variantes: eu te amo muito, eu te odeio muito.

RM: Como vai você? Vou bem, obrigado.

TM: Exato: “Como vai?” “Vou bem.” E, no entanto, temos milhares e milhares de palavras referentes a tecidos e peças de máquina e coisas materiais, de sorte que precisamos criar uma linguagem muito mais rica para as emoções. Houve épocas — e este seria um campo de estudos fascinantes —, houve épocas em que se faziam referências em nossa língua a emoções que não existem mais, porque as palavras se perderam. E isso tem muito a ver com a afirmação de que a realidade é feita de linguagem. Pode-se reaver uma emoção perdida criando-se uma palavra para ela? Certas cores não existem mais porque as palavras se perderam. Ocorre-me a palavra *jacinto*, que é um certo tom de laranja. Uma vez que você conheça a palavra *jacinto*, pode sempre reconhecer essa cor; mas, se não a conhece, pode apenas dizer que é um tom de laranja um pouco mais escuro do que outro. Jamais tentamos conscientemente desenvolver a nossa linguagem; deixamos que ela evolua por si mesma. Agora, porém, chegamos a um nível de consciência em que há necessidade de planejar a geração de palavras novas. Existem áreas em que é preciso eliminar palavras que induzem o tipo de raciocínio político pernicioso. Os responsáveis pela propaganda fascista sabem disso; sabem que quando uma coisa se torna inexprimível torna-se impensável, de modo que ela não nos incomoda mais. Portanto, planejar a evolução da linguagem é a maneira de levá-la mais rapidamente às fronteiras da consciência.

DB: Ocorre-me às vezes que o que você concebe como uma simbiose entre os seres humanos e as plantas psiquicamente ativas talvez seja, de fato, o controle de nossa vida pelas plantas, que nos fariam agir como elas desejam. Qual a sua opinião a respeito?

TM: Bem, simbiose não é parasitismo; simbiose é uma situação mutuamente benéfica, vantajosa para ambas as partes, de modo que devemos supor que as plantas se beneficiam com ela tanto quanto

nós. O que as plantas nos dão são informações provenientes de um outro nível espiritual; apresentam-nos o seu ponto de vista. O que lhes damos é atenção, cuidado, alimentos, possibilidade de propagação e sobrevivência, de modo que elas nos oferecem o seu ponto de vista muito diferente. Retribuímos, tornando-lhes a vida mais fácil no mundo físico, o que me parece um intercâmbio razoável. É claro que elas enfrentam dificuldades no mundo físico; as plantas não se locomovem muito. Falamos do Tao; pois as plantas têm o seu Tao. Uma planta não derruba árvores para fazer lenha nem desperdiça água.

RM: As previsões do futuro geralmente se baseiam no estudo de tendências e padrões de comportamento, os quais são projetados e extrapolados, como as curvas de nível de um mapa, de modo a determinar a forma do que está para vir. Por outro lado, pode-se conceber o futuro como uma interação dinâmica e criativa entre o passado e o presente — a interpretação corrente de eventos passados serve para formular as tendências e padrões futuros. Você já conseguiu reconciliar essas duas perspectivas, de modo que a humanidade seria capaz de aprender com a experiência sem ater-se aos hábitos da História?

TM: As duas perspectivas são antitéticas. Não nos devemos ater aos hábitos da História se desejarmos aprender com a experiência. Foi Ludwig von Bertalanffy, o inventor da teoria dos sistemas gerais, que fez a famosa afirmação de que “os homens não são máquinas mas, sempre que podem, comportam-se como máquinas”, de modo que é preciso perturbá-los constantemente para que eles não se atenham à rotina. Assim, os padrões históricos são basicamente cíclicos — havendo um ponto em que o padrão atinge o seu nível mais alto, ponto esse que não se repete e é responsável pelo advento da verdadeira novidade.

RM: Esse ponto não se repete, então? Os futuristas positivos tendem a dividir-se em dois grupos. Para alguns, o futuro se tornará mais promissor a cada dia, sendo que o iluminismo global ocorrerá como resultado dessa progressão. Para outros, haverá um período

de retrocesso — uma espécie de idade das trevas — que a consciência humana terá de atravessar antes de atingir estágios mais avançados. Em sua opinião, qual das duas situações é a mais provável, e por que pensa assim?

TM: Acho que sou partidário da idade das trevas. Acredito que haverá um tempo de trevas moderadas — não como a Idade Média, que durou mil anos. Essa nova idade de trevas durará talvez cinco anos, e será um tempo de retração econômica, fundamentalismo religioso, retorno a comunidades fechadas por parte de certos segmentos da sociedade, guerra feudal entre pequenos estados, escassez de recursos, esse tipo de coisa. Mas acredito que, em fins da década de 90, esse período dará lugar ao futuro global pelo qual todos ansiamos. Depois haverá um período de quinze anos no qual esses problemas serão resolvidos com um grau de sofisticação sempre crescente, do mesmo modo que a ciência moderna e as filosofias cresceram, com sofisticação cada vez maior, em uma única direção desde a Renascença. Por volta de fins de 2012, tudo isso se fundirá em uma espécie de destilação alquímica da experiência histórica, dando lugar à vida da imaginação.

RM: A ressonância mórfica de Rupert Sheldrake, a teoria do caos de Ralph Abraham e o modelo de ondas do tempo que você concebeu, todos parecem conter padrões complementares que obedecem a princípios básicos semelhantes — ou seja, que os sistemas de energia armazenam informações até certo nível, após o que as informações são transduzidas para um sistema de referência maior, como a água que passa de um patamar a outro em uma fonte escalonada. Você já chegou a reunir essas teorias em uma metateoria totalmente abrangente do funcionamento do universo?

TM: Não, mas estamos trabalhando nisso. A verdade é que nós três — e eu gostaria de acrescentar o nome de Frank Barr, que é menos conhecido mas que também possui uma das peças do quebra-cabeça — somos complementares. A teoria de Rupert é, a esta altura, uma hipótese. Não dispõe de equações nem de equipamento para previsões; é um modo de falar acerca de métodos experimen-

tais. Minha teoria das ondas do tempo é como um exemplo extremamente formal e específico daquilo a que ele se refere de modo geral. E Ralph estabelece uma ponte entre o tipo de coisa que Ralph e eu fazemos e o ramo pioneiro da matemática comum, que é a modelagem dinâmica. Quanto a Frank, especializa-se na repetição do processo fractal. Frank é capaz de mostrar-nos a mesma coisa acontecendo em muitos e muitos níveis, em muitas e muitas expressões diferentes. De sorte que eu chamo o nosso grupo de Compressionistas, ou Compressionistas Psicodélicos. O compressionismo afirma que o mundo está se tornando cada vez mais complexo, comprimido e coeso, e, portanto, holograficamente completo em todos os pontos; essa é basicamente, creio eu, a nossa opinião, embora tenhamos diferentes pontos de vista.

DB: Fale-nos a respeito da Botanical Dimensions e de outros projetos em que esteja trabalhando atualmente.

TM: A Botanical Dimensions é uma fundação sem fins lucrativos que visa a resgatar plantas tradicionalmente usadas no xamanismo e por seres humanos nas zonas tropicais, bem como resgatar informações acerca de como essas plantas são utilizadas, armazenar esses dados em computadores e transferir as plantas para um local de quase oitenta mil metros quadrados no Havaí, em um cinturão de floresta pluvial, razoavelmente semelhante ao ambiente amazônico. Lá as manteremos à espera do dia em que alguém decida pesquisá-las com seriedade. Como fundação sem fins lucrativos, solicitamos doações, publicamos um boletim, ajudamos diversas pessoas que fazem trabalho de coleta no campo, e realizamos uma tarefa à qual ninguém mais se dedica. Há por aí muito trabalho de conservação, mas pouco esforço no sentido de preservar a sabedoria popular dos povos nativos. Na Amazônia, muita gente está indo trabalhar em serrarias e aprendendo a consertar motores de popa, e todo o conhecimento acerca de plantas pode vir a se perder na próxima geração. Estamos preservando esse conhecimento e conservando as plantas em um jardim botânico no Havaí.

Plano/Planta/Planeta

Nunca houve na História crise mais profunda que a atual, de sorte que as nossas soluções devem ser igualmente drásticas. Proponho que adotemos a planta como modelo organizacional da vida no século XXI, tal como o computador parece ser o modelo mental/social dominante de fins do século XX, e como o motor a vapor foi a imagem norteadora do século XIX. Isto significa retornar no tempo a modelos que se mostraram bem-sucedidos há quinze ou vinte mil anos. Feito isso, torna-se possível ver as plantas como alimento, abrigo, vestimenta e fonte de educação e religião.

Para iniciar o processo, declaramos legítimo o que vimos negando há tanto tempo. Declaramos legítima a natureza. Todas as plantas e, por sinal, todos os animais são declarados legais. A noção de plantas e animais ilegais é odiosa e ridícula.

Restabelecer canais de comunicação direta com o Ser planetário, o espírito que anima a natureza, através do uso de plantas alucinógenas constitui a nossa última esperança de derrubar as muralhas de inflexibilidade cultural que aparentemente nos levam à verdadeira ruína. Precisamos de um novo par de óculos para enxergar o caminho que trilhamos neste mundo. Quando o mundo medieval mudou de ponto de vista, a sociedade européia secularizada buscou salvação no renascimento das noções clássicas greco-

Este artigo foi publicado no número de outono de 1989 da *Whole Earth Review*, dedicado à "inteligência alienígena das plantas".

romanas de lei, filosofia, estética, planejamento urbano e agricultura. Agora, o dilema que enfrentamos nos projetará ainda mais longe no tempo em nossa busca de modelos e respostas.



Grande parte do mal-estar moderno, inclusive a dependência em relação a substâncias químicas, bem como psicoses e neuroses reprimidas, pode ser resolvida mediante conhecimento direto das verdadeiras dimensões do risco representado pelo uso de plantas psicodélicas. A posição da planta pró-psicodélica é claramente antidrogas. A dependência em relação a drogas resulta de um comportamento habitual, impensado e obsessivo — precisamente as tendências de nossa formação psicológica que as substâncias psicodélicas atenuam. Os alucinógenos contidos nas plantas dissolvem hábitos e submetem as motivações a inspeção, a partir de um ponto de vista mais amplo, menos egocêntrico e mais abalizado dentro do indivíduo. Seria tolice dizer que não há risco, mas é igualmente desinformado dizer que não vale a pena correr tal risco. O que é preciso é validar experimentalmente uma nova imagem orientadora, uma metáfora dominante capaz de servir de base a um novo modelo social e individual.

A relação entre plantas e seres humanos sempre constituiu a base de nossa existência individual e grupal no mundo. O que eu chamo de Retorno à Cultura Arcaica é o processo de redespertar a consciência de atitudes tradicionais com relação à natureza, inclusive as plantas e o nosso relacionamento com elas. O Retorno à Cultura Arcaica significa a eventual quebra do padrão de domínio e hierarquia masculinos, baseado na organização animal, algo que não pode ser alterado da noite para o dia por uma mudança súbita da consciência coletiva. Ao contrário, seguir-se-á naturalmente do reconhecimento gradual de que o tema dominante que rege a recuperação da Cultura Arcaica é a idéia ou o ideal de uma Deusa da vegetação, a própria Terra sob a forma de Géia — fato bem documentado por antropólogos do século XIX, notadamente Frazer, mas que recentemente ganhou nova respeitabilidade graças a Riane Eisler, Marija Gimbutas, James Mellaart e outros.

Quanto mais próximo um grupo humano estiver da gnose do espírito vegetal — a coletividade telúrica da vida orgânica —, mais íntima será a sua conexão com o arquétipo da Deusa e, portanto, com a forma de organização social à base de participação. A última vez que o pensamento ocidental foi revigorado pela gnose do espírito vegetal se deu em fins da era helênica, antes da supressão final das religiões dos Mistérios por bárbaros cristãos superzelosos.

Minha conclusão é que, para darmos o próximo passo evolutivo na direção da retomada da Cultura Arcaica, do renascimento da Deusa e do fim da história profana, teremos de incluir em nossa agenda a noção do reenvolvimento com o espírito vegetal e do ressurgimento deste. Aquele mesmo espírito que nos conduziu a uma linguagem auto-reflexiva nos oferece agora as infinitas paragens da imaginação. Sem esse tipo de relacionamento com os exoferomônios psicodélicos que regulam a nossa relação simbiótica com o reino vegetal, ficamos privados do conhecimento da finalidade planetária. E o conhecimento da finalidade planetária talvez seja a principal contribuição que podemos fazer para o processo evolutivo. Retornar ao seio da participação planetária significa trocar o ponto de vista do ego, criado pela História, por um estilo mais maternal e intuitivo.

Creio que a intuição generalizada da presença de um Desconhecido, sob a forma de companhia feminina na viagem humana através da História, data da primeira vez em que o homem mergulhou no espírito vegetal. Foi essa imersão que propiciou o contexto ritual no qual a consciência humana veio à luz da autopercepção, da auto-reflexão e da auto-expressão: a luz da Grande Deusa.

O que significa aceitar as soluções das formas vegetais de vida como metáforas da condução da vida humana no mundo? Duas mudanças importantes seguir-se-iam à adoção de tal hipótese:

- *A feminização da cultura.* A cultura seria feminizada a um ponto que ainda não foi totalmente explorado. A Consciência Verde significa reconhecer que a divisão real entre o masculino e o feminino não é uma divisão entre homens e mulheres, e sim uma

divisão entre nós mesmos, como animais conscientes — guerreiros onívoros e desbravadores da terra, suprema expressão do *yang* —, e o manto de vegetação que envolve o globo — o antigo elemento *yin* metaestável que constitui, de longe, a maior parte da biomassa do planeta.

• *Uma busca interior de valores.* A interiorização é a característica do estilo vegetal de existência, e não do estilo animal. O animal caminha, migra e forma novas comunidades, ao passo que as plantas permanecem onde estão. As plantas vivem em uma dimensão caracterizada pelo estado sólido, por aquilo que é fixo e resistente. Se há movimento na consciência das plantas, deve ser o movimento do espírito e da atenção no nível da imaginação vegetal. Talvez seja este o verdadeiro fim apontado pelo restabelecimento da conexão com a Deusa da vegetação, através das plantas psicodélicas e do Retorno à Cultura Arcaica: que a vida do espírito é a vida que adquire acesso aos reinos visionários existentes em nossas mestras vegetais mágicas. Esta é a verdade que os xamãs sempre souberam e praticaram. A percepção do estado de espírito verde foi chamado de *Veriditas* por Hildegard von Bingen, visionário do século XII.

Um novo paradigma capaz de trazer a esperança de um meio que nos arranque da areia movediça de nossa atual cultura deve oferecer uma agenda voltada para o mundo real e para os crescentes problemas enfrentados pelo planeta.

Em diversas áreas, uma maior conscientização da *Veriditas* pode ajudar a adiar o Apocalipse:

Desintoxicação do meio ambiente. O processo de desintoxicação é compreendido pela natureza mediante a ação combinada da atmosfera, da matriz biológica e dos oceanos. Este sistema planetário mostrou-se capaz de eliminar até mesmo os rejeitos industriais

urbanos, até que a tecnologia industrial moderna se tornou um fenômeno realmente global. O plantio de espécies de datura, plantas que já fizeram parte dos ritos religiosos dos índios do sul da Califórnia, e de outras plantas que eliminam metais pesados contidos no solo transferindo-os para os seus tecidos celulares, é um exemplo de um processo natural capaz de limpar o nosso meio ambiente. O reconhecimento das muitas maneiras pelas quais a matriz biológica da Terra funciona para evitar a intoxicação, e que a natureza trabalha para sustentar a vida, pode contribuir em muito para estabelecer um consenso político no sentido de participar ativamente para salvar essa mesma vida.

Conexão e simbiose. Tal como as plantas, precisamos maximizar as qualidades de conexão e simbiose. Os métodos empregados pelas plantas para moldar o mundo em que vivem incluem a percepção da natureza fractal e ramificada da ação comunitária. Hoje, uma estrutura de relações simbióticas, semelhante a uma árvore, pode substituir o modelo de evolução que herdamos do século XIX. O modelo primitivo, em que lutamos com unhas e dentes pela existência e no qual o sobrevivente domina os que ficam para trás, é um modelo baseado na observação ingênua do comportamento animal. No entanto, foi levemente aplicado ao reino das plantas a fim de explicar as interações evolutivas que, segundo a crença geral, causavam a distribuição das espécies no mundo botânico. Mais tarde, observadores mais sofisticados (como C.D. Waddington e Erich Jantsch) encontraram não a Guerra da Natureza de que os darwinistas nos davam conta, mas uma situação na qual não era a capacidade de concorrer e sim a *capacidade de maximizar a cooperação com outras espécies* que contribuía mais diretamente para que qualquer organismo funcionasse e perdurasse como membro de um bioma. As plantas interagem umas com as outras através do intrincado colchão de raízes que as ligam mutuamente e com a fonte de nutrientes do solo.

O chão atapetado das florestas pluviais tropicais é um ambiente de grande diversidade química; a topologia lembra, em sua com-

plexidade, a dos tecidos do cérebro. Dentro da estrutura de raízes interligadas, complexos sinais químicos são constantemente transmitidos e recebidos. Todo esse sistema é regulado pela evolução coadaptativa e por um conjunto de relações simbióticas, cuja ubiquidade nos convence da importância fundamental dessas estratégias de cooperação do ponto de vista evolutivo. Por exemplo, no exterior das raízes das plantas, fungos micorrizos vivem em simbiose com elas, promovendo o balanceamento e a dosagem da água, contendo sais minerais, que flui através deles para as raízes da planta anfitriã.



Aperfeiçoamento de sistemas. Dado um maior conhecimento dos fenômenos associados à harmonia e à ressonância biológicas, seria possível administrar melhor certos sistemas de grande porte, como a organização bancária mundial ou a produção e distribuição de alimentos em escala global. Os biólogos voltados para o culto de Géia — Lovelock, Margulies e outros — têm apresentado argumentos persuasivos no sentido de que todo o planeta foi auto-organizado através de seres microscópicos e planctônicos, os quais o transformaram em um regime biológico favorável e o conservam assim há mais de dois bilhões de anos. A Grande Deusa Géia que existe nas plantas vem mantendo o equilíbrio através do tempo e do espaço — e isso apesar do constante bombardeio da Terra por matéria proveniente de asteróides, em quantidade suficiente para romper o equilíbrio planetário. Não podemos deixar de admirar — e deveríamos procurar imitar — esse senso taoísta do equilíbrio multidimensional e homeostático do planeta. Como? Sugiro que olhem para as plantas — mais atentamente, mais profundamente e com maior abertura de espírito do que o fizemos até agora.



Reciclagem. Da mesma forma que as plantas, precisamos nos reciclar. Em escala cósmica, não somos mais móveis que as plantas. Até hoje, os nossos sistemas econômicos que mais prosperaram

foram moldados à base de predação animal. Os animais têm o potencial de passarem a consumir outro recurso quando esgotam aquele que vinham utilizando. Uma vez que podem transferir-se para novas fontes de alimentos, dispõem de recursos potencialmente ilimitados. As plantas são fixas. Não podem facilmente transferir-se para locais onde os nutrientes são mais ricos ou abandonar uma área que poluíram ou esgotaram. Precisam reciclar, e reciclar bem. A promoção de uma ética baseada no exemplo vegetal, capaz de imitar a maneira pela qual o mundo botânico utiliza e substitui recursos, é condição *sine qua non* para a sobrevivência do planeta. Todos os modelos capitalistas pressupõem quantidades ilimitadas de recursos exploráveis, inclusive mão-de-obra, premissa que hoje não podemos admitir. Não sei quais são os métodos, mas sugiro que nos voltemos para o mundo vegetal a fim de saber quais as perguntas que devemos fazer.



Energia fotovoltaica. A tendência na direção da energia fotovoltaica faz parte da transição para o reconhecimento da elegância do estado sólido das plantas. As plantas adotam soluções fotossintéticas para o problema de aquisição de energia. Em comparação com as rodas movidas a água ou tração animal, que são os arquétipos do tempo de Ur na área de produção de energia no mundo humano, o milagre quantum-molecular do estado sólido — no qual um fóton de luz solar atinge um dispositivo molecular que emite um elétron capaz de participar energeticamente da vida da célula — parece extravagância de ficção científica. No entanto, é como funciona a fotossíntese. Os primeiros dispositivos de estado sólido foram introduzidos na cultura humana em fins da década de 1940, mas há cerca de dois bilhões de anos a engenharia de estado sólido é o método de projeto favorito das plantas. Dispositivos fotovoltaicos de alta eficiência poderiam, hoje, satisfazer a demanda diária de eletricidade da maioria das pessoas. O que se tem mostrado difícil é usar a energia solar para fazer funcionar indústrias básicas. É como se a natureza nos advertisse de que estamos tentando fabricar coisas demais.



Uma economia energética global à base da atmosfera. O método de produção de energia empregado pela vida vegetal tem o nome de fotossíntese. Trata-se de um processo que pode ser emulado pela criação de uma economia global baseada no uso de energia solar para produção de hidrogênio a partir da água do mar. A eletricidade solar poderia atender grande parte das necessidades de energia elétrica, mas a fundição de alumínio e aço, bem como outros processos industriais que fazem uso intensivo de eletricidade, exigem quantidades de energia que o método fotovoltaico provavelmente não poderá fornecer. Contudo, há uma solução: as plantas decompõem dióxido de carbono para produzir energia e oxigênio como subprodutos. Um processo similar, porém diferente, poderia utilizar a eletricidade solar para decompor a água e obter hidrogênio, o qual seria coletado e concentrado para distribuição posterior. As plantas têm tido grande sucesso na procura de soluções elegantes, baseadas em materiais disponíveis; uma economia construída em torno do hidrogênio seria também baseada em um material inesgotável e reciclável.

O conceito é realmente simples. Há muito os planejadores reconhecem que o hidrogênio é o recurso ideal como combustível de uma economia global. O hidrogênio é limpo: quando queimado, volta a combinar-se com a água da qual saiu. O hidrogênio é abundante: representa dois terços de toda a água existente no planeta. E todas as tecnologias disponíveis — motores de combustão interna, geradores movidos a carvão, petróleo ou energia nuclear — poderiam ser adaptadas ao uso de hidrogênio. Portanto, não estamos falando de abandonar o estoque existente de sistemas de produção e distribuição de energia. O hidrogênio poderia ser extraído da água do mar em alguma ilha remota e, em seguida, transferido para os mercados consumidores através da mesma tecnologia que hoje é utilizada para o transporte marítimo do gás natural liquefeito. A objeção de que o hidrogênio é altamente explosivo e que não existem tecnologias para seu manuseio seguro tem sido, em grande parte, superada pela indústria do gás liquefeito, cujo desempenho de segurança é excelente. Um acidente com hidrogênio poderia ser extremamente destrutivo, mas seria uma explosão comum — localizada, não-tóxica e sem produção de

radioatividade. Como a própria vida vegetal, a economia à base de hidrogênio seria não-poluente e auto-sustentável; o hidrogênio queimado se recombina com o oxigênio para novamente se transformar em água. Um esforço internacional de extraordinárias dimensões seria necessário para que se começasse a demonstrar a viabilidade de uma economia à base de hidrogênio. É verdade que um plano dessa natureza acarreta vários problemas possíveis. Mas nenhum plano para a produção de energia suficiente para satisfazer as necessidades do século XXI será isento de dificuldades.

Nanotecnologia. A era do mecanismo molecular prenuncia a mais radical das visões verdes, pois propõe que a manufatura de produtos seja confiada a células e organelas pseudobiológicas, construídas por seres humanos. A nanotecnologia leva a sério a noção de que as técnicas de fabricação e os métodos de manipulação de materiais em escala microfísica podem afetar o projeto do mundo em escala humana. No mundo nanotecnológico, habitações e máquinas podem ser "cultivadas", e tudo o que é manufaturado se assemelha mais à carne do que à pedra. A distinção entre o que é vivo e o que não é vivo, entre o orgânico e o artificial, dissolve-se no recife de coral eletrônico da simbiose homem-máquina antevista pelos sábios da nanotecnologia.

Preservação da diversidade biológica. É provável que a vida neste planeta e a diversidade química que ela representa sejam a única fonte de compostos biologicamente produzidos, até o dia em que o homem descubra outro planeta no qual a vida seja tão abundante quanto no nosso. No entanto, estamos destruindo a diversidade da vida do nosso mundo com uma rapidez espantosa. É preciso deter esse processo, não só através da preservação de ecossistemas, mas também da preservação de informações acerca desses ecossistemas que foram acumuladas, ao longo de milhares de anos, por aqueles que vivem nas adjacências deles. É impossível

subestimar a importância, para a saúde humana, da preservação do conhecimento popular referente a plantas curativas. Todos os principais medicamentos que mudaram o curso da História vieram de plantas e fungos vivos. O quinino possibilitou a conquista dos trópicos, enquanto a penicilina e as pílulas anticoncepcionais reformularam o contexto social do século XX. Todos estes três são medicamentos derivados de plantas. Minha mulher Kat e eu trabalhamos nessa área, administrando o Botanical Dimensions, um jardim botânico instalado no Havaí com a finalidade de preservar as plantas utilizadas no xamanismo amazônico, um dos sistemas de conhecimento em processo de rápida extinção.

As medidas acima descritas tenderiam a promover o que pode ser chamado de Holismo Natural, ou seja, um senso da unidade e equilíbrio da natureza e de nossa própria posição humana dentro desse equilíbrio dinâmico e mutável. Trata-se de uma noção derivada do mundo vegetal. Esse retorno na direção do "eu" e do ego que os coloca no contexto mais amplo da vida e da evolução do planeta é a essência do Retorno à Cultura Arcaica. Marshall McLuhan previu corretamente que a cultura humana planetária, a aldeia global, seria de caráter tribal. O próximo grande passo rumo ao holismo planetário é a fusão parcial do mundo humano, transformado pela tecnologia, com a matriz arcaica da inteligência vegetal que é a Supermente do planeta.

Hesito em chamar de religiosa essa incipiente conscientização, mas ela certamente o é. E acarretará a plena exploração das dimensões reveladas pelos alucinógenos vegetais, em especial aqueles estruturalmente relacionados com os neurotransmissores já presentes e ativos no cérebro humano. A exploração cuidadosa dos alucinógenos vegetais esquadrinhará o nível mais arcaico e sensível do drama do surgimento da consciência; foi na relação simbiótica entre planta e ser humano, típica da sociedade e da religião arcaicas, que o mistério sobrenatural foi experimentado pela primeira vez. E hoje essa experiência não é menos misteriosa para nós, a despeito da suposição geral de que substituímos a simples reverência de nossos ancestrais pelos instrumentos filosóficos e epistemológicos da maior sofisticação e do maior poder de análise. Nossa alternativa como cultura planetária é simples: adotar a filosofia verde ou morrer.

Realidade Virtual e Êxtases Eletrônicos (ou Como Vir a Ser um Polvo Virtual)

Como um misto de mestre de T'ai Chi, homem-rã da Marinha e Exterminador do Futuro, um sujeito atrelado a fios eletrônicos e equipado com um estranho capacete caminha lentamente, fazendo pequenos gestos. A mão apontada para a frente e o balé da linguagem de sinais, aliados a um ar de intensa concentração, dão a nítida impressão de que ele está longe, muito longe do laboratório profusamente iluminado, nas proximidades da Baía de San Francisco, onde se encontra no momento. Quase se poderia dizer que está em outro mundo.

Tal suposição não seria descabida, pois temos diante de nós um astronauta do espaço interior, um pesquisador a caminho de uma dimensão que poucos até agora se aventuraram a explorar. Mas é bom que olhemos depressa — pois o que hoje é o sonho visionário de uma minoria tecnológica será brevemente a realidade para todos nós. Realidade virtual, bem entendido.

O que é a realidade virtual? Masturbação mecanística da multiplicidade, ou abertura de uma porta para os campos floridos da imaginação romântica? Instrumento para a descoberta e exploração

Este artigo, publicado no número 26 de *Magical Mind*, no inverno de 1990, foi um dos primeiros a examinar as implicações dessa nova tecnologia.

de novas regiões estéticas, ou a trivialização definitiva do desejo de entretenimento a todo custo? Foram estas as perguntas que me fiz recentemente, enquanto ia de carro, certa manhã, rumo a um encontro com um dos especialistas da realidade virtual, o fabuloso Eric Gullichsen, da Autodesk. Da Autodesk na ocasião; hoje é independente. Pois, como fiquei sabendo naquele dia, nem mesmo a realidade virtual é imune às mudanças e convulsões que abalam as empresas. Gullichsen e seu associado, Patrice Gelband, são hoje virtuais pistoleiros de aluguel. O compromisso da Autodesk com o futuro da pesquisa e do desenvolvimento da realidade virtual entrou em fase de indecisão.

Intrigas empresariais à parte, um mundo de coisas vem sendo criado por pioneiros da realidade virtual (RV), como Jaron Lanier e a equipe de projetos especiais da Autodesk que Gullichsen dirigia. Seria lógico que a Autodesk liderasse o campo da RV, pois o sucesso do seu programa AutoCAD baseou-se na idéia de que o usuário pode "caminhar de um lugar para outro", dentro de uma simulação tridimensional, de alta resolução, de desenhos bidimensionais. Essa idéia levou naturalmente à noção de mundos gerados por computador. Hoje, Lanier e sua empresa, a VTL, detêm uma persistente liderança no campo de formação de imagens de RV com o uso do corpo e das mãos. As luvas mágicas e as roupas colantes que dão acesso à realidade virtual continuam a ser especialidades de Lanier.

Mas o que é mesmo a realidade virtual? Trata-se de uma tecnologia que vem sendo desenvolvida pela NASA e firmas privadas na área da Baía de San Francisco e na Costa Leste dos Estados Unidos. Começou com o objetivo modesto de simular a experiência de pilotar um caça de alto desempenho em condições de combate. Digamos que você é o Departamento de Defesa. Entregaria um caça que custou mais de cem milhões de dólares a algum novato para que ele aprendesse a pilotá-lo? Se você gastar em simulações o preço de um avião e, com isso, evitar nem que seja um único desastre, economiza um bocado de dinheiro e possivelmente vidas humanas. E cem milhões de dólares compram um bocado de simulações!

O que eu vi na Autodesk foi consideravelmente mais modesto

que o trabalho secreto do governo. Gullichsen calcula que toda a aparelhagem de RV poderia ser reproduzida ao preço de uns 50 cinquenta mil dólares — uma bagatela no mundo de pesquisa e desenvolvimento de alta tecnologia. O laboratório do quinto andar era uma sala quase vazia, de talvez uns cinco por seis metros, contendo um monitor a cores, de alta resolução, e um terminal bastante comum de computador. Enquanto me mostravam as coisas, perguntaram-me se eu tinha alguma pergunta a fazer. Achando que eu já havia lido o suficiente a respeito, sugeri que fôssemos direto à ação.

A luva, maravilhosamente sugestiva de tudo o que é associado às luvas pretas em qualquer lugar do mundo, foi colocada em minha mão. Eu tinha achado difícil visualizar os sensores de movimento que sabia estarem costurados no dorso das luvas, por cima de todos os pontos de flexão. Verifiquei serem pequenas miçangas azuis. Todo o conjunto ajustava-se perfeitamente. Pediram-me que fechasse e abrisse a mão, enquanto o programa determinava e registrava os valores específicos de flexão das minhas articulações. Em seguida, veio o capacete, que parecia uma grande e sofisticada máscara de mergulhador. Lá dentro havia duas minitelas Sony Watchman, em cores, cada uma uns três centímetros diante de cada olho; uma ligeira descontinuidade entre as telas criava a impressão de espaço tridimensional.

Quando tudo estava instalado, pude ver os contornos indistintos, mas coloridos e reconhecíveis, do esboço de um escritório. Suspenso no espaço à minha frente, havia o que me pareceu um garfo de macarrão, visto em perspectiva. Disseram-me que aquela era a imagem virtual da luva que eu estava usando. Mexi o polegar e logo o dente esquerdo do garfo se torceu. Não vi surgir nenhum Roger Rabbit, mas enquanto meditava sobre a mecânica da luva atravessei uma parede, sem ruído e sem esforço, projetando-me em um espaço laranja-avermelhado que parecia estender-se — e provavelmente se estendia — até o infinito. Eric explicou-me o que acontecia quando a pessoa apontava para a imagem (eu havia apontado sem o saber). É apontando que se vai de um lugar a outro em RV, ou no "ciberespaço" [espaço cibemético], como dizem os verdadeiros iniciados. Apontando alguma coisa, a pessoa se trans-

porta na direção dessa coisa. Se abre a mão, o movimento cessa. Simples, não? O olho vai para onde o dedo aponta, e a imagem da mão enluvada surge na tela, podendo ser usada para "selecionar" objetos na RV, por interceptação. Dentro em pouco, eu já me havia habituado ao intervalo necessário para renovar as imagens, à ausência de peso, à natureza insubstancial dos objetos, ao novo poder do meu indicador direito, de sorte que fui capaz de percorrer o escritório sem atravessar paredes nem sair voando através do teto ou do chão.

Em outras palavras, tinha entrado no espírito da coisa. Durante a conversa que tive a seguir com Eric e o seu sócio, o matemático Patrice Gelband, veio-me a curiosa impressão de ter ido até a oficina de bicicletas dos irmãos Wright para bater papo com Wilbur e Orville sobre as últimas idéias a respeito da capacidade de sustentação dos planos aerodinâmicos. Eric e Patrice estão metidos em um negócio importante. Sabem disso, e aposto que logo o mundo inteiro vai ficar sabendo também.

Estamos às vésperas de um novo passo na trilha da evolução. Ir da simulação de um vôo à simulação de modelos arquitetônicos nos quais o cliente pode literalmente "voar" de uma sala para outra é apenas um pequeno passo, e basta outro pequeno passo para ir do plano tridimensional de um escritório imaginário à simulação do Taj Mahal em uma noite enluarada de verão — na realidade virtual. Se tudo isto parece extravagante demais para ser verdade, ou uma nova versão do romance *A God Named Jones*, de Philip K. Dick, é porque o leitor não tem acompanhado de perto os avanços tecnológicos. Lembra-se dos "feelies" de *Admirável Mundo Novo*, o romance de ficção científica de Aldous Huxley? Todo mundo ia aos *feelies*, como hoje vamos ao cinema. A pessoa punha as mãos sobre um botão que havia a cada lado da poltrona forrada de veludo e se transportava para dentro da última fantasia picante e libidinosa que os *schlockmeisters* da cultura *pop* do futuro tinham preparado para consumo do público. Naturalmente, já dispomos hoje do equivalente operacional dos *feelies* — a televisão. E certamente são discutíveis as consequências de manter as massas narcotizadas, viciadas em uma droga cujo conteúdo é aprovado pela cultura e controlado pelas instituições. Há quem culpe a TV pela doença que

parece destruir o cérebro das pessoas, doença que hoje é endêmica nos EUA. No entanto, até certo ponto, a TV e, agora, a realidade virtual são apenas os exemplos mais recentes de neotínea, ou seja, da persistência, na fase adulta, de características físicas ou comportamento infantis. É forçoso reconhecer: o mundo é complicado; e talvez seja mais fácil levá-lo a porto seguro se milhões de pessoas preferirem permanecer, com o auxílio da eletrônica, em estado de semi-infantilismo.

É fácil denunciar a realidade virtual juntamente com a MTV e talvez a TV de alta definição — das quais a RV dependerá até certo ponto. Mas o fato é que a realidade virtual é mais do que simples adição à lista de brinquedos eletrônicos hoje vendidos a bom preço no mercado. É uma tecnologia que nos permitirá produzir obras de arte melhores e em maior quantidade; potencialmente, é uma tecnologia que dissolverá as fronteiras existentes entre nós, permitindo-nos ver o que se passa na mente de outras pessoas. Há também a possibilidade de que, com o uso imaginativo dessa tecnologia, possamos chegar a formas de comunicação mais aperfeiçoadas, estados de quase telepatia entre os participantes. Dadas as suas qualidades intrínsecas, a realidade virtual pode, de várias maneiras, constituir a base de uma espécie de comunicação inteiramente nova entre pessoas.

Toda época vai buscar no mundo animal a imagem de si mesma. O século XIX, obcecado pelo poder de dar nova forma à Terra e abolir distâncias graças à nova tecnologia do motor a vapor, escolheu como imagem norteadora a do cavalo de corridas de puro sangue. A primeira metade do século XX deu ênfase à velocidade, à conquista do ar e à integração de seres humanos e máquinas em uma simbiose cada vez mais mortal. Esse processo encontrou sua realização no caça a jato de alto desempenho; o animal que escolheu como imagem foi a implacável ave de rapina.

Jaron Lanier gosta de dizer que, na realidade virtual, a pessoa pode ser o que quiser: um piano, por exemplo. Ótimo; mas tendo examinado o menu de opções morfogênicas oferecidas pela Mãe Natureza, eu prefiro ser um polvo virtual. Muita gente, uma vez devidamente informada, faria a mesma escolha. Acredito que a imagem totêmica do futuro será o polvo. Isto porque os cefalópo-

des, lulas e polvos, aperfeiçoaram uma forma de comunicação que é, ao mesmo tempo, psicodélica e telepática — modelo da comunicação humana do futuro. Em futuro não muito distante, homens e mulheres poderão abandonar o corpo simiesco para se tornarem polvos virtuais, nadando em um mundo de silicone.

Pensem bem. A natureza oferece o exemplo do polvo, criatura na qual um par de olhos bem desenvolvidos e a capacidade de mudar de cor, a presença de faixas corporais e a aparência geral da superfície da pele favorecem uma forma visual e, portanto, telepática de comunicação. O polvo não se comunica através de palavras faladas, como nós, muito embora a água seja um meio propício à transmissão de sinais acústicos; em vez disso, o polvo se transforma em sua própria mensagem lingüística.

O polvo é como que um sistema nervoso exposto aos olhos, uma espécie de mente nua: os estados internos, os, digamos, pensamentos do polvo refletem-se diretamente em sua aparência externa. É como se o polvo “vestisse” a sua mente por cima do corpo. Na verdade, é isso exatamente o que acontece. O polvo literalmente traz à baila os seus pensamentos mediante a expressão de uma série de mudanças e posicionamentos de cor que dispensam convenções lingüísticas para serem entendidos, como sucede com as nossas palavras e frases. No mundo do polvo, olhar é entender. Os polvos dispõem de um vasto repertório de mudanças de cor, pontos, rubores e faixas móveis que lhes percorrem a superfície do corpo; essa capacidade, aliada a um físico maleável, permite ao polvo ocultar e revelar sua intenção lingüística, recolhendo ou estendendo rapidamente diferentes partes do corpo. O polvo não transmite o que quer dizer; *transforma-se* no que quer dizer. A mente e o corpo do polvo são uma coisa só, ambas igualmente visíveis. Ou seja, o polvo “veste” o que quer dizer como se fosse uma segunda pele; parece ser e se torna o que procura transmitir.

Na comunicação entre polvos, ocorre muito pouca perda de definição ou fraqueza de sinais. De fato, as nuvens de “tinta” que os polvos usam como refúgio talvez sejam a única maneira de que dispõem para pensar longe das vistas dos outros. A nuvem sépia talvez seja um tipo de fluido corretivo destinado a apagar o que um polvo volúvel tenha expressado mal.

Nosso destino, como o do polvo, é tornar-nos aquilo que pensamos, fazer com que os nossos pensamentos se tornem nosso corpo e nosso corpo se torne os nossos pensamentos. É essa a essência de um Logos mais perfeito, um Logos que não se destina a ser ouvido, e sim visto. A RV talvez seja útil nesse sentido, pois, na realidade virtual, a eletrônica pode transformar a emissão de voz em emissão de cores. Essas cores podem, em seguida, ser manipuladas, mediante instrumentos que ainda não foram criados mas que logo surgirão na maleta dos mecânicos da RV. Isto significa que uma sintaxe tridimensional, uma sintaxe destinada a ser vista e não ouvida, se torna possível na realidade virtual. Você pode indagar: Qual a vantagem de poder ver a própria voz, mesmo na realidade virtual? A vantagem é que outros também poderão vê-la, que a ambigüidade de significados invisíveis existente em nossa linguagem falada é substituída pela topologia clara de significados que saltam aos olhos. Até que enfim poderemos realmente *ver* o que queremos dizer. E veremos também o que os outros querem dizer, pois o ciberespaço será uma dimensão na qual tudo o que puder ser imaginado poderá assumir uma aparência real.

Quando estiverem *vendo* os significados, tanto o transmissor quanto o receptor da informação serão como uma só pessoa. Em outras palavras, as linguagens visíveis possibilitadas pela realidade virtual eliminarão o dualismo sujeito/objeto e o dualismo do eu e do Outro.

Ao tentarmos imaginar os futuros aos quais teremos acesso através dessas portas, não devemos esquecer que a cultura e a linguagem foram as primeiras realidades virtuais. A criança vem a um mundo de coisas maravilhosas e inexprimíveis. Para ela, cada parte do mundo parece brilhar, cheia de mistérios, à luz fascinante do desconhecido. Mas logo os pais e irmãos lhe fornecem palavras. De início, são substantivos; aquela forma brilhante de som e irides-cência é um “pássaro”; aquela superfície fresca, macia e ondulante é “água”. Quando pequenos, reagimos positivamente a essa programação cultural, e logo substituímos coisas e sensações misteriosas por palavras conhecidas e culturalmente aceitas. Emparedamos a realidade sob um mosaico de palavras justapostas. Mais tarde, quando desenvolvemos nossa capacidade e nossa compreensão, a

cultura em que nos encontramos nos fornece relações convencionais que nos servirão de modelos. Amante, pai, investidor, dono de propriedade. Cada papel tem normas e convenções próprias, e todos eles servem igualmente para empregar e substituir a maravilha amorfa de simplesmente estarmos vivos. À medida que aprendemos nossas falas e assimilamos o bloqueio que as acompanha, saímos do reino incipiente da criança pré-verbal para o reino da primeira realidade virtual, a RV da cultura. Muitos jamais chegam a perceber que esse reino é virtual, e supõem que estão descobrindo a verdadeira natureza do mundo real.

Refletindo sobre isso, Jaron Lanier disse, em entrevista recente: "Creio que a realidade virtual terá o efeito de intensificar e, de certo modo, completar a nossa cultura. Em minha opinião, nossa cultura sofreu distorções tremendas por ser incrivelmente moldada pela tecnologia. ... A realidade virtual, criando uma tecnologia que é suficientemente geral para ser quase como era a realidade antes que houvesse tecnologia, como que completa um ciclo." As observações de Lanier acerca de um campo que ele ajudou a criar têm uma estranha aura de presciência difusa. É como se ele estivesse procurando às cegas um bom motivo para fazer o que faz. Fala em termos de uma linguagem não-simbólica, e em termos de lentes bifocais, com a verdadeira realidade na parte de cima e a realidade virtual embaixo. Ele oscila entre o profundo e o sutil. Mas a idéia de que a realidade virtual completa um ciclo de comportamento neurótico, tão antigo quanto o uso de ferramentas pelo homem, é interessante. Um homem dorme e sonha que é uma borboleta. Ao despertar, pergunta-se: "Serei eu um homem que dormiu e sonhou ser uma borboleta ou uma borboleta que dorme e está sonhando que é um homem?"

A promessa da realidade virtual é que, em futuro próximo, poderemos caminhar pelas praias e caminhos de uma infinidade de planetas, toda uma nova galáxia virtual a explorar cujo nome será Imaginação. Durante todo o resto de nossa existência, o olho sempre atento da mente está culturalmente destinado a vislumbrar milhares de realidades diferentes: Angkor Wat e os vulcões de Io, muitas de nossas próprias lembranças, e as lembranças de outros que compartilharam de determinada paisagem ou sensação.

Minha opinião sobre tudo isso é diferente. Desejo boa sorte a essa turma. É certo que podemos esperar ver um tipo fantástico de pornografia baseada nessa nova técnica; simulações de conserto de equipamentos defeituosos no espaço exterior; serviço de limpeza de zonas radioativas. Os cirurgiões já podem operar cadáveres virtuais em aulas avançadas de medicina. Mas o que espero da realidade virtual vai mais longe que isso. Afinal, a tecnologia já demonstrou ser a droga mais ao gosto da mente ocidental. Não poderia a realidade virtual permitir-nos viagens pioneiras na *terra incógnita* da imaginação humana? E aonde cada um de nós fosse não poderiam todos ir também através do milagre do *replay* instantâneo da RV? E podem os preciosos dons da imaginação ser transformados em mercadorias capazes de serem vendidas de volta ao consumidor que, afinal, as produziu? Vender o "ego" deve ser a mais fácil das tarefas em uma sociedade narcisista como a nossa.

Por falar em drogas, em que ponto da faixa da farmacofobia geral iriam situar-se as atitudes do público e do governo em relação à realidade virtual? Seria a RV considerada como "inócua e seguro substituto das drogas" ou "uma ilusão eletrônica que veio do inferno"? Dado o atual estágio infantil do diálogo público, é bem possível que, nos futuros debates, tenhamos de ouvir ambas essas declarações.

Sem dúvida, a RV representa uma tecnologia escapista muito mais eficiente que a modesta intenção do fumador de ópio ou do viciado em *video games*. Por outro lado, porém, o mesmo se pode dizer do cinema moderno. Graças à fotografia em cores, a maioria da população da Terra já experimentou, por procuração, o suficiente para criar fantasias de realidade virtual, com base na imaginação e na expectativa insuflada pela mídia. Parece altamente improvável que o desenvolvimento da RV seja tratado como a propagação de uma nova droga; em vez disso, a RV está hoje sendo vista como um novo campo para a comercialização e o desenvolvimento de produtos. De fato, a natureza não-destrutiva da RV significa que o talento de muitos artistas, projetistas e engenheiros pode ser absorvido em projetos de realidade virtual, sem efeitos danosos sobre a realidade comum. Finalmente, a realidade virtual, com a sua capacidade de *replay* virtual de construções da mente humana, pode ser

a chave do acesso e do mapeamento da imaginação. O sonho de todo artista — poder mostrar o estofado dos seus sonhos e visões — talvez esteja prestes a tornar-se uma realidade virtual.

As construções mais extremas, inventivas e *avant-garde* da RV tendem a assemelhar-se mais a experiências com plantas psicodélicas do que com as formas mais convencionais de arte. As portas dos reinos do sonho e do subconsciente serão abertas, e o que parecia ser meras representações simbólicas da experiência de indivíduos excêntricos passará a ser a própria experiência.

Teria a “comunicação não-simbólica” de Lanier algo a ver com a linguagem visível do êxtase provocado pelo DMT? Foi essa pergunta, que não é tão óbvia assim, que despertou o meu interesse pela realidade virtual. Minhas experiências com os alucinógenos xamanistas, especialmente com o *ayahuasca* utilizado na Bacia Amazônica superior, demonstraram a realidade de desempenhos vocais que são sentidos como experiências visuais. As canções mágicas dos *ayahuasqueros*, médicos populares dos índios e mestiços da selva ribeirinha, não são canções na acepção comum do termo. Em vez disso, destinam-se a serem vistas e julgadas basicamente como obras de arte visuais. Para os que estão intoxicados e mergulhados nos devaneios visionários induzidos pela poção, a voz do xamã que canta torna-se um pincel mágico de cores e imagens organizadas, de pasmosa grandeza alienígena e cósmica. Minha esperança é que a realidade virtual possa, em seus melhores momentos, ser o perfeito espaço para a mente, no qual se possam explorar e produzir experimentalmente as formas superiores de processamento lingüístico visual que acompanham a intoxicação pela triptamina. Em outras palavras, a tecnologia da RV pode ser utilizada para criar um conjunto de instrumentos capazes de construir objetos feitos de linguagem visual.

Esses objetos seriam representados na modalidade da RV como coisas tridimensionais, conjuntos destituídos da ambigüidade verbal do dia-a-dia. Essa mudança de fase é um passo na direção de certo tipo de telepatia. A contemplação, por mais de uma pessoa, da mesma intenção lingüística em um conjunto objetivado constitui verdadeira união. Esse estilo de comunicação como que nos transforma em uma mente só. A linguagem visual poderia talvez servir

de base para uma série de entendimentos mais profundos entre seres humanos, o que representaria um passo à frente no caminho da evolução da espécie, passo esse ajudado pela tecnologia. Talvez surja no futuro uma concessionária que ofereça acesso, via TV a cabo, a um oceano hiperdimensional de pensamentos visualmente expressos na área das questões públicas. Esse serviço será prestado via cabo simplesmente porque os enormes computadores necessários para criar realidades virtuais móveis, em tempo real e de alta resolução serão equipamentos muito avançados, pelo menos nos próximos anos. Uma espécie de rede de informações que o usuário pode literalmente adentrar e controlar mediante o uso de ícones virtuais. Não é assim que é o ciberespaço? Acredito que sim, e que era isso que o profeta *cyberpunk* William Gibson tinha em mente quando, em seu romance *Neuromancer*, apresentou a noção de ciberespaço:

[Uma] alucinação consensual experimentada diariamente por bilhões de operadores legítimos, em todos os países. ... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Complexidade inimaginável. Linhas de luz traçadas no não-espaço da mente, feixes e constelações de dados. Como luzes da cidade, desaparecendo ao longe. (1984, p. 3)

Minha esperança em relação à realidade virtual é que a exploração dessas novas fronteiras da linguagem possa ser incorporada a estratégias de pesquisa desde o início. Assim, a trajetória entre o trivial e o arquetípico poderia ser consideravelmente abreviada, à medida que a opção da RV se tornasse bem conhecida.

Uma importante opção profissional a curto prazo é a de arquiteto/engenheiro do ciberespaço. Esses novos profissionais projetarão e dirigirão a construção de realidades e cenários virtuais. Gullichsen, em um artigo para a revista *Nexus*, escreveu:

As aptidões do arquiteto do ciberespaço serão semelhantes às dos tradicionais arquitetos, diretores de cinema, romancistas, gerais, técnicos de futebol, dramaturgos e projetistas de *video games*. A tarefa do engenheiro do ciberespaço será fazer com que a experiên-

cia pareça real. Trata-se de uma tarefa tão artística quanto técnica, pois a experiência é espontaneamente produzida na mente e nos sentidos, e não algo que possa ser construído, embalado e vendido como um automóvel ou uma geladeira. (1989, p. 8)

Nenhuma conscientização pode ser melhor que a qualidade dos códigos que a transmitem. A realidade virtual pode oferecer-nos a possibilidade de uma linguagem visual à base de ícones, capaz de ser universalmente compreendida e, ao mesmo tempo, abranger um espectro bem mais amplo, em sua representação de emoções e relações espaciais, do que seria possível, até mesmo teoricamente, para a linguagem falada. Mas, para encontrarmos a fonte da pura poesia visual, precisamos procurá-la.

Plantas Sagradas e Realidades Místicas

ND: Poderia nos descrever as diferentes fases de sua pesquisa espiritual — desde quando começou?

TM: O meu ímpeto inicial veio do xamanismo da Ásia Central, que a mim, como historiador de arte em fins da década de 60, interessou enormemente. Fui ao Nepal estudar a língua tibetana, e viajei conhecimento não com o budismo — que chegou ao Tibet no século VII — mas com o xamanismo local, chamado Bon Po, que lá existe desde os tempos mais remotos. Logo me convenci, comparando as experiências e a arte que vi no Nepal com o tipo de experiências que eu tinha tido como estudante da cultura do LSD em meados da década de 60, que não havia nenhuma correspondência clara e exata entre a experiência psicodélica e os sistemas tradicionais de pensamento esotérico — muito embora Timothy Leary e Ralph Metzner tivessem dado grande impulso a essa idéia ao publicarem o seu guia psicodélico baseado no *Livro Tibetano dos Mortos*.

Pratiquei ioga quando estive na Índia e nas Ilhas Seychelles, e me ocorreu que, ou eu era ignorante demais para atingir o iluminismo espiritual através desse meio, ou a ioga era essencialmente a repetição de fórmulas históricas cujo verdadeiro objetivo se perdera

Esta entrevista, concedida a Nevill Drury, foi publicada pela revista australiana *Nature and Health*, vol. 11, nº 1, outono de 1990.

ou fora esquecido havia muito tempo. Assim, tratei de examinar as tradições xamanistas em situações nas quais tivesse havido menos aculturação em relação à civilização circundante — o que significava as ilhas remotas da Indonésia ou a Amazônia. E visitei ambas as regiões — primeiro, as ilhas mais afastadas da Indonésia, a começar por Sumatra. Durante dez meses, andei para o sul e para o leste, visitando Sumba, Sumbawa, Timor, Flores, as Molucas, Ceram e Ternate. Ganhava a vida como colecionador de borboletas profissional, divertindo-me muito e travando contato com um enigma que já foi comentado por inúmeros botânicos: a inexplicável escassez de plantas psiquicamente ativas nas zonas tropicais do Velho Mundo.

Por motivos ainda não inteiramente conhecidos, as zonas tropicais da América do Sul detêm um virtual monopólio de plantas que produzem indóis alucinógenos. Tentar construir um cenário evolutivo que concentre esses compostos em um único continente seria tarefa ingrata; e, convencido de que não existia na Indonésia nenhum xamanismo psicodélico indígena à base de plantas, fui à América do Sul pela primeira vez em 1970. Antes de ir, fiz um completo estudo etnográfico da Bacia Amazônica. Graças ao trabalho de Richard Evans Schultes, da Universidade de Harvard, existe material abundante nesse campo. Os principais alucinógenos encontrados na Bacia Amazônica são à base de algum tipo de triptamina, geralmente ativados quando ingeridos em conjunto com harmalina, um inibidor de oxidase monoamínica (MAO). Esse fato era muito interessante, pois parecia indicar um grau de sofisticação farmacológica entre povos indígenas, somente superado no Ocidente em meados da década de 50, quando o sistema MAO veio a ser conhecido.

Seja como for, chegamos à América do Sul e passamos a fazer experiências com essas plantas — o *ayahuasca*, espécie de cipó causador de visões que Richard Spruce encontrou pela primeira vez quando lá esteve em 1853, e os tipos de rapé contendo triptamina, usados pelos índios uaicá e ianomâmi. Eu não tinha dúvida de que a experiência com o LSD em uma sociedade profana atingia apenas o limiar do universo psicodélico, e que a conclusão de que o LSD seria o mais potente desses compostos carecia de fundamento. O

que acontece com esses alucinógenos à base de triptamina é uma tremenda ativação do córtex visual, de modo que eles são drogas realmente alucinógenas. O tema central é um dilúvio de imagens visuais que, por mais que a pessoa tente, não consegue identificar como oriundas do subconsciente pessoal ou coletivo. Para mim, isso era verdadeiramente fascinante. Tinha estudado Jung a fundo e, portanto, esperava que os temas e idéias do subconsciente fossem razoavelmente homogêneos no mundo inteiro. No entanto, o que encontrei, no auge da intoxicação provocada por essas plantas, foi um mundo de idéias, de imagens visuais e vislumbres noéticos que não se ajustavam a qualquer tradição conhecida — nem mesmo à tradição esotérica. Ultrapassava a todas elas. A coisa era tão fascinante que a adotei como guia da minha vida.

ND: Qual o impacto das substâncias psicodélicas, no sentido criativo, sobre a cultura ocidental?

TM: No Ocidente, o contato original com estados de alteração da consciência realmente importantes tinha de ocorrer com o ópio. E o ópio constituiu importante força motiva da imaginação romântica — Coleridge, De Quincy, Laurence Sterne e vários outros escritores passaram a criar um mundo de ruínas escurecidas pelo tempo, conventos abandonados, água negra lambendo praias desertas — evidentemente uma definição do estado gerado pelo ópio. Depois, por volta de 1820, Byron, Shelley e outros passaram a usar também o haxixe. No entanto, por estranho que pareça, e provavelmente por motivos culturais, o haxixe jamais conseguiu penetrar na imaginação literária da Inglaterra como o ópio havia penetrado. Coube a um americano — Fitz Hugh Ludlow — relatar suas experiências como estudante do Union College, em 1853, durante as quais ingeria grandes quantidades de geléia de maconha. E comportava-se de uma maneira que permaneceria quase desconhecida até cem anos depois!

Chegou a haver um fascínio com aquilo que Baudelaire e Gautier chamavam de “paraíso artificial” — essas drogas eram vistas como tremendas excitadoras da imaginação literária. A mes-

ma atitude foi depois transmitida a pessoas como Havelock Ellis, William James e os alemães Klüver e Lewin no tocante à mescalina, que foi o composto a ser isolado em seguida. Em fins da década de 1890, Lewin levou botões de *mescal* para a Alemanha, e a substância pura foi extraída. E a coisa ficou mais ou menos nesse pé até o surgimento do LSD nos anos 60.

O que todos esses pesquisadores constatarem, na época em que a pesquisa era permitida por lei, foi que essas substâncias realmente criavam um fluxo de imagens eidéticas, realmente pareciam abrir os olhos da mente para algo que teria de ser definido como “panoramas místicos”. Os pesquisadores tinham a sensação de estarem penetrando no mundo da gnose.

A proibição do LSD nos Estados Unidos nos anos 60 levou de arrasto todas as outras substâncias psicodélicas. Consequentemente, nossa descrição do potencial desses compostos tende a restringir-se a um tipo de psicanálise instantânea; o paciente ingere essas substâncias e, recriando os seus traumas infantis e passando a compreender melhor a situação em que se encontra, abandona suas atitudes neuróticas. O LSD era uma espécie de droga milagrosa contra problemas psicológicos. E ficou nisso, pois a pesquisa foi também proibida — especialmente a que envolvia seres humanos.

Contudo, havia uma vasta comunidade clandestina que continuava a trabalhar nessa área, e desse trabalho surgiu uma imagem da atividade dessas substâncias que ia muito além dos modelos de Freud e Jung. O que deu especial impulso a esse novo ponto de vista foram as experiências que vinham sendo feitas com a psilocibina. A psilocibina é o composto alucinógeno ativo encontrado em certas espécies de cogumelos que são usados há milênios nos planaltos centrais do México. Sob a influência da psilocibina, ocorre uma experiência de contato com uma entidade falante — uma voz interior que eu chamo de *Logos*. O *Logos* falava a Verdade — uma verdade irrefutável. Sócrates tinha o que ele chamava de seu *daimon* — o “Desconhecido” que o informava. E a facilidade com que a psilocibina induz esse fenômeno torna-a, do ponto de vista do materialista ou reducionista arraigado na tradição científica, quase milagrosa.

Assim, pus-me a estudar esse fenômeno a fim de determinar se

se tratava de um nível mais profundo da psique — algo que parecia residir autonomamente como um “Desconhecido” em nossa mente e com o qual podíamos conversar —, ou se era a voz da Natureza, ou, ainda, uma inteligência extraterrestre. São hipóteses que podem parecer fantásticas, mas é preciso entender que fui levado a elas por experiência própria, por evidências. Não eram coisas sem importância. Tinha-se ali uma “voz dentro da cabeça”, ansiosa por revelar vastos cenários de história esotérica, vastos milênios da futura história humana.

ND: E a que conclusão chegou?

TM: Bom, ainda não tenho a resposta. Hesito. Depende de quão próximo se esteve de tal experiência — é arrepiantemente semelhante a um encontro com um extraterrestre! E, no entanto, depois da experiência, nosso controle racional retorna e a pessoa diz consigo mesma: “Certamente não pode ter sido isso...”

ND: Você sente que está tendo acesso a regiões espirituais bem diferentes daquelas descritas por místicos e gurus da tradição oriental?

TM: Claro. A ênfase desses místicos e gurus em centros de energia do corpo, em níveis de consciência, na perfeição moral das dimensões espirituais — verifiquei que nada disso é confiável. O que a experiência com a psilocibina parece nos dizer é que existe uma espécie de universo paralelo, inteiramente diferente do nosso e, no entanto, habitado por seres dotados de intencionalidade. Não se parece com o universo das viagens astrais nem com as experiências de Robert Monroe em que a pessoa sai do corpo. O aspecto do ocultismo que sempre me desapontou é a natureza prosaica do outro mundo. Os ocultistas falam de pessoas que irradiam luz, envoltas em roupas leves sopradas pelo vento — mestres que subiram ao céu, e assim por diante. Minha mais profunda impressão do outro mundo é sua completa estranheza — sua qualidade de Desconhecido. Não é nem mesmo um universo de tempo-espaco tridimensional. Sua outra qualidade, que as tradições esotéricas, em minha

opinião, nunca chegam a encarar, é a *realidade* desse universo. Não sou ocultista. Sou espiritualista apenas na medida em que a experiência me forçou a ser. Ingressei nessa experiência como um reducionista, um racionalista, um materialista, um empiricista — e afirmo que nenhum racionalista ou empiricista poderia experimentar o que experimentei sem ter de reequipar inteiramente a sua filosofia. Não se trata de uma realidade para os místicos da menopausa, os auto-hipnotizados ou os simplórios. Trata-se de algo real. A sensação que nos fica da experiência psicodélica é que ela tem uma implicação histórica, que o que realmente aconteceu no século XX é que a catalogação da natureza, iniciada no século XVI por Lineu, finalmente atingiu sua culminância. E a catalogação da natureza revelou coisas totalmente inesperadas — por exemplo, a existência de uma dimensão que é negada por toda a nossa formação lingüística, nossa formação emocional e nossa ontologia religiosa.

O que aconteceu no século XX é que descobrimos o que o curandeiro realmente faz, o que o xamã realmente pretende. Não podemos simplesmente encerrar essa informação em um museu e esquecê-la: ela traz dentro de si um cerne de experiência irrefutável que parece nos dizer que a nossa visão da realidade é lamentavelmente deficiente. A trajetória de desenvolvimento que seguimos não nos deixou perceber vastas regiões da realidade — áreas para as quais fechamos os olhos, atribuindo-as à superstição, e que hoje sequer mencionamos.

ND: Você acha que a realidade do xamanismo é hoje o modelo mais completo ao nosso alcance? Mais completo, digamos, que o modelo místico do Oriente?

TM: Certamente que sim. O que acho que aconteceu é que, no mundo pré-histórico, toda religião era experiencial e se baseava na busca do êxtase através de plantas. Cedo, porém, um grupo se interpôs entre as pessoas e a experiência direta do Desconhecido. Isso criou hierarquias, cleros, sistemas teológicos, castas, ritual, tabus. O xamanismo, por outro lado, é uma ciência experiencial que cuida de uma área da qual nada sabemos. É importante lembrar que os nossos sistemas epistemológicos se desenvolveram de modo

muito irregular no Ocidente. Sabemos uma tremenda quantidade de coisas que ocorrem no interior do átomo, mas não sabemos absolutamente nada acerca da natureza da mente. Não temos o menor indício a respeito. Se a formulação matemática deve ser a base sólida da certeza ideológica, então não temos certeza alguma no tocante ao que é a mente. *Pressupomos* todo tipo de coisas subconscientemente, mas, quando se trata de provar, nossas premissas vão por água abaixo.

Acho que o que aconteceu — graças às substâncias psicodélicas, de um lado, e à física quântica, de outro — é que o esforço de compreender racionalmente a natureza finalmente chegou a tal ponto que atingimos o núcleo irracional da própria natureza. Agora podemos dizer: Meu Deus, os instrumentos que nos trouxeram até aqui são completamente inadequados!

ND: O movimento do potencial humano está atualmente reavaliando o papel das substâncias psicodélicas no estudo da natureza da consciência? Ou você se acha de certa forma isolado entre os seus contemporâneos?

TM: Diria que está havendo um pouco de ambas as coisas. Há momentos em que o movimento do potencial humano parece uma *fuga* da experiência psicodélica. Está disposto a fazer tudo, contanto que exista alguma certeza de que não vai funcionar. As terapias são necessárias, mas não estão se fazendo a pergunta: qual a base da Existência?

Eu não sou o único a propor uma reconsideração dos alucinógenos, mas os meus colegas e eu certamente representamos uma facção altamente suspeita, e não inteiramente integrada, do movimento do potencial humano. De certa forma, estamos ainda hoje reagindo ao que aconteceu nos anos 60. Qualquer pessoa pode dizer muitas coisas acerca de suas experiências psicodélicas pessoais — e serão coisas muito pessoais —, mas se procurarmos examinar dez mil experiências psicodélicas, a conclusão generalizada a que chegaremos será: em primeiro lugar, elas dissolvem fronteiras, *quaisquer que sejam essas fronteiras*. Consequentemente, dissolvem a programação cultural. São muito democráticas — dissolvem toda

a programação cultural. Portanto, o marxista, o xamã, o cristão fundamentalista e o físico nuclear ver-se-ão todos questionando suas crenças após a experiência psicodélica. O aspecto do LSD que o tornou diferente de todas as outras substâncias psicodélicas foi o fato de que um químico razoavelmente competente era capaz de produzir cinco milhões de doses em um único dia! Era um feito singular em toda a história humana. Quando se vai à Amazônia ou quando se vai tomar mescal na companhia dos índios, é uma tarefa e tanto obter material suficiente para vinte pessoas. Assim, a oferta de tanto LSD na sociedade moderna levou as autoridades a supor que toda a máquina social estava sendo dissolvida em ácido — literalmente, diante de nossos olhos. Acho que foi um erro abordar a coisa desse modo. Havia muitas vozes naquela época, muitas teorias acerca de como lidar com o fenômeno. Se Aldous Huxley tivesse vivido mais dez anos, a coisa teria sido bem diferente. A idéia dele era levar a experiência psicodélica aos artistas, filósofos, planejadores urbanos, arquitetos — não a todo garoto de dezoito anos que existisse no mundo.

ND: O seu interesse especial são as triptaminas — mas não existirá aí também um fator cultural? O homem ocidental moderno que use essas substâncias psicodélicas terá acesso à mesma realidade do xamã tradicional da América do Sul?

TM: Em última análise, não creio que seja um fator cultural. Quando você fuma DMT, sente algo que vem do fundo de sua estrutura humana. Contudo, essa experiência persiste inteiramente como realidade pessoal, até que você a coloca em um vaso lingüístico. Se a colocar no vaso lingüístico do idioma inglês, obterá algo bem diferente do que se a colocasse no vaso lingüístico do *mazatecán*. E isso tem a ver com a inevitável relatividade da linguagem. Parte do que eu fiz foi tentar criar uma descrição fenomenológica do que realmente acontece. Outro aspecto dessas experiências psicodélicas é que são tão extraordinárias que não temos meios de fixá-las na memória. Quando você visita uma cidade na qual nunca esteve antes, sempre pode estabelecer uma relação entre ela e outras cidades que conhece, mas, quando vai a um lugar que não tem

qualquer ponto de referência em comum com outros, precisa criar uma linguagem quase inteiramente nova.

Paradoxalmente, o DMT parece estar ligado à atividade de formação da linguagem nos seres humanos. É interessante notar que, há algumas dezenas de milênios, o continente africano sofreu um período de dessecação que persiste até hoje. As grandes florestas pluviais que cobriam a maior parte da África começaram a recuar, deixando pradarias atrás de si. Para sobreviverem, as populações de primatas que viviam em árvores foram forçadas a descer para os prados e substituir seus hábitos vegetarianos por uma dieta onívora. Na época, já possuíam um complexo sistema de sinais grupais semelhante ao dos macacos, mas, quando passaram a desenvolver suas estratégias de caça no *veld*, a pressão aumentou no sentido de acelerar e desenvolver essa capacidade de empregar sinais. A dieta onívora que adotaram terminou levando-os a preferir os grandes rebanhos de animais ungulados — gado selvagem — que vinham evoluindo paralelamente. Ora, foi no excremento desses animais ungulados que os cogumelos portadores de psilocibina encontraram o seu hábitat natural. Esse cogumelos são “coprófilos” — ou seja, gostam de excrementos. É o único meio em que eles se desenvolvem. Eu próprio, no Quênia, observei os babuínos em sua busca de alimentos, e um dos truques preferidos por esses macacos é revirar os montículos de excremento de vacas à cata de besouros e larvas. Assim, o excremento de vacas desempenha importante papel no mundo dos babuínos. E, no entanto, o cogumelo é um objeto completamente anômalo no ambiente dos prados — tão conspicuo quanto uma aberração.

Roland Fischer, que trabalhou muito com a psilocibina antes que a lei proibisse que ela fosse administrada a seres humanos, fez uma importante observação no início da década de 60. Expôs um grupo de pessoas a doses muito pequenas — tão pequenas que não chegariam a causar uma experiência psicodélica e mal provocariam algum efeito sobre os pacientes, exceto uma ligeira excitação. Mas submeteu essas pessoas a testes de acuidade visual e descobriu que com pequenas doses de psilocibina elas passavam a ver muito mais claramente do que no estado normal. Ninguém precisa ser um biólogo evolucionista para saber que, se existe no meio ambiente

uma planta que faz aumentar a acuidade visual de um animal predatório, aqueles que aceitarem esse item em sua dieta terão mais êxito como caçadores e, portanto, adotarão uma estratégia de reprodução mais eficiente do que os que não o fizerem. Quando as doses de psilocibina aumentam, aquela excitação inicial se transforma em excitação sexual. É claro que um maior número de cópulas bem-sucedidas significa maior número de fêmeas grávidas e nascimentos bem-sucedidos, o que também favorece os que usam o item em sua estratégia reprodutiva. Se você dobrar a dose que provoca essa excitação sexual, terá inteiro contato com algo tão bizarro, tão misterioso que, até hoje, cinquenta mil anos depois, ainda não dispomos do equipamento intelectual para compreender. Surge na mente dos seres humanos modernos com a mesma força transcendental e causadora de espanto que deve ter exercido sobre a mente do australopiteco.

ND: Qual então a sua reação a pessoas que continuam a achar que a experiência psicodélica é artificial? Certamente sua opinião é exatamente o oposto disso.

TM: Não há nada de artificial na experiência psicodélica. Essas substâncias fizeram parte da cadeia alimentar humana desde o começo. É no rótulo que começa o equívoco — elas são chamadas de “drogas”, e “droga” é palavrão. Sofremos de uma histeria contra as drogas. Toda a nossa sociedade parece estar se dissolvendo sob a arremetida de sistemas de distribuição de drogas criminosamente organizados. O que precisamos fazer para enfrentar esse fato é tornarmos-nos um pouco mais sofisticados em nossas definições. Acredito que a nossa verdadeira objeção contra as “drogas” é que ficamos alarmados diante de certo comportamento obsessivo, impensado e autodestrutivo. Quando vemos alguém agindo dessa maneira, recuamos, chocados. É esse o comportamento provocado pelo vício de uma droga pesada como cocaína ou morfina. No entanto, o que as substâncias psicodélicas fazem é justamente quebrar hábitos e modalidades de raciocínio. Faz com que os indivíduos examinem e julguem as estruturas de sua vida. O que essas substâncias têm em comum com as “drogas” é que são

compostos físicos, geralmente apresentados sob a forma de comprimidos que são assimilados pelo organismo. Mas creio que uma definição razoável do que é droga nos faria legalizar a psilocibina e proibir a televisão.

Imagine se os japoneses tivessem vencido a Segunda Guerra Mundial e introduzido nos Estados Unidos uma droga tão insidiosa que, trinta anos depois, todo cidadão norte-americano passasse, em média, cinco horas por dia sob o efeito dela. Isso seria simplesmente visto como uma atrocidade intolerável. E, no entanto, nos EUA fazemos isso com nós mesmos. O que é mais horrível na “viagem” que fazemos com a televisão é que a viagem não é nossa. É a viagem resultante do sistema de valores de uma sociedade cujo deus maior é o dólar todo-poderoso. De sorte que a televisão é o ópio do povo. Acho que a tremenda resistência do governo à questão psicodélica não se deve ao fato de que as substâncias psicodélicas são vendidas por empresas criminosas e multimilionárias — elas são triviais nesse nível. Mas levam as pessoas a examinar os valores e isso é o que de mais corrosivo pode acontecer.

ND: Sua idéia do pioneiro da pesquisa psicodélica é a de um tipo de alquimista capaz de transformar a alma em uma espécie de coisa tangível. Pode falar mais a esse respeito?

TM: A alquimia era a crença de que, de certo modo, havia um espírito na matéria. Os alquimistas foram os herdeiros dos grandes sistemas religiosos do helenismo, geralmente chamados de “gnósticos”. A idéia central do gnosticismo é que a matéria de que é feita a “alma, o verdadeiro ser” foi aprisionada, através de uma série de infortúnios cósmicos, em um universo de baixo nível que lhe é alheio. Ao exporem essas idéias por escrito, os alquimistas sugeriram que o espírito poderia ser de certa forma destilado e retirado dessa matriz de matéria grosseira. Pois bem, essas idéias são corroboradas pelas substâncias psicodélicas, e é interessante constatar como os alquimistas, em diversas épocas, contribuíram para o progresso da farmacologia. Por exemplo, o álcool destilado foi descoberto por alquimistas que buscavam o elixir da vida, e Paracelso popularizou o ópio. Não pretendo criticar a pesquisa alquími-

ca, e sim demonstrar que a alquimia — a crença de que há um espírito na matéria — era o remanescente de conjuntos de crenças xamanistas mais antigas que acarretavam uma aliança com determinadas plantas. Acho absurda a noção de que a pessoa pode fazer progresso espiritual por si mesma. É virtualmente impossível ter as experiências espirituais que confirmam certa ordem moral e sistema de valores, a não ser que se recorra às substâncias psicodélicas ou, então, ao jejum e ao retiro no deserto. Acho que as pessoas não sabem o quanto as substâncias psicodélicas são eficazes — elas funcionam!

Gostaria que as pessoas fossem mais universais em seus gostos. Se você é um defensor das virtudes da yoga ou da dieta natural ou dos mantras, tem o dever de explorar esses sistemas usando, ao mesmo tempo, substâncias psicodélicas. Eu explorei as possibilidades que acabo de mencionar antes de começar a percorrer a estrada dourada da alma.

ND: Então, por que existe esse preconceito tremendo, no Oriente e no Ocidente, contra as substâncias psicodélicas?

TM: Acho que as pessoas adoram a procura. Adoram procurar respostas. Se você dissesse a elas que a hora de procurar acabou e que agora a tarefa é *enfrentar* a resposta, o desafio seria maior! Qualquer pessoa pode viver varrendo o chão do *ashram* durante uma dezena de anos, convencida de estar seguindo Baba rumo à sabedoria. Mas ingerir uma substância psicodélica exige coragem — *verdadeira coragem*. Você sente aquele frio no estômago, as mãos ficam úmidas de suor, porque você sabe que a coisa é real, que vai funcionar. Não em doze anos, não em vinte anos, mas dentro de uma hora! O que eu vejo em todo esse empreendimento espiritual é um grande número de pessoas ganhando a vida, de uma maneira ou de outra, à base da falta de sucesso delas. Se chegassem a ter sucesso, todas essas empresas iriam à falência. Mas ninguém tem pressa de fazer esse tipo de sucesso.

ND: Em seu esquema das coisas, há algum lugar para a religião institucionalizada, para crenças religiosas ortodoxas?

TM: Sim. O que já constatei é que todos esses sistemas oferecidos como caminhos espirituais funcionam esplendidamente na presença das substâncias psicodélicas. Se você acha que os mantras são eficazes, experimente um deles depois de ingerir vinte miligramas de psilocibina e veja o que acontece. Toda motivação religiosa sincera é iluminada pela psilocibina. Fazendo, talvez uma comparação trivial: a investigação religiosa é um automóvel, mas as substâncias psicodélicas são a gasolina que o faz mover-se. Você não irá a parte alguma sem o combustível, por mais refinado que seja o acolchoado dos bancos, por melhor que seja o motor.

ND: Para onde você, pessoalmente, acha que o movimento do potencial humano está indo no momento, e como se posiciona no caso?

TM: Acho que a melhor idéia vencerá. Todos temos a obrigação, perante nós mesmos e perante o mundo, de contribuir com o que temos de melhor — colocar nossas melhores idéias na mesa. Feito isso, tudo o que resta a fazer é sentar e esperar. Eu tenho uma espécie de crença darwinística de que a idéia correta terminará saindo triunfante. Em minha maneira de ver, as substâncias psicodélicas constituem o único item suficientemente autêntico para ser proibido e eliminado por lei. Ninguém vai banir os cristais de quartzo ou o suco de talo de trigo — são coisas que não representam problema algum. Mas acho que vamos ter de achar um meio de conviver com a possibilidade psicodélica. E teríamos achado esse meio há muito tempo nos EUA, se não fosse o fato de que, nessa questão, o governo atua como o braço direito do fundamentalismo cristão. A vida, a liberdade e a procura da felicidade foram inseridos na constituição de nosso país como direitos *inalienáveis*. Se a procura da felicidade não abrange a busca psicodélica do conhecimento, então não sei o que ela significa. Acho que teremos pela frente um período de trevas antes que se faça a luz, porque a hipocrisia com que o governo se ilude a si mesmo nessa questão terá de ser denunciada pelo que realmente é. Vejo todo o fenômeno das drogas pesadas como uma enorme empulhação. Os governos sempre foram os maiores fornecedores de drogas formadoras de hábito —

desde o comércio do açúcar na Inglaterra até as guerras do ópio na China, o envolvimento da CIA no comércio de heroína no Sudeste Asiático nos anos 60 e a atual distribuição da cocaína sul-americana. Vamos ter de acabar com esse desejo cristão de legislar o comportamento das pessoas “para o próprio bem delas”.

Façamos uma comparação entre duas drogas. A cocaína é ultrarrique, custa cem dólares o grama, é inteiramente inútil ao que eu saiba, e não deixa você mais ligado que um café expresso duplo. Já a cola de aeromodelismo custa um dólar e vinte centavos o tubo e você pode arrebentar sua saúde com ela, mas provavelmente não morrerá mais depressa do que morreria com cocaína. Então, por que essa gente que usa roupas Dior e anda de Rolls-Royce com motorista não cheira cola de aeromodelismo? Porque é um vício barato, grotesco, sem classe. E é isso que precisamos ensinar ao público no tocante a essas drogas. A única solução é reduzir o preço da cocaína para um dólar e vinte centavos o grama. Só então ela será vista como a coisa terrível, banal e destrutiva que é. Somente quando os governos intervêm, dificultando o acesso às coisas, é que elas assumem de repente esse valor astronômico. De modo que tudo não passa de um jogo do governo.

ND: Em muitos países, há sinais de que os governos finalmente começam a dar ouvidos à mensagem ambiental. Se considerarmos o conteúdo da hipótese da Grande Deusa como reflexo de uma nova conscientização global, parece-me que o seu conceito de um “Superespírito”, um espírito global do planeta, pode também tornar-se importante...

TM: Todas essas coisas fazem parte da Nova Era, mas deixei de usar essa expressão. Prefiro o que chamo de “Retorno à Cultura Arcaica” — que coloca tudo em uma melhor perspectiva histórica. Quando uma cultura perde o rumo, a reação costumeira é voltar atrás na História em busca do antigo “modelo orientador”. Exemplo disso foi a dissolução do mundo medieval por ocasião da Renascença. Os homens tinham perdido sua bússola, de modo que retornaram aos modelos gregos e romanos para criar o classicismo — a lei romana, a estética grega, e assim por diante.

No século XX, uma civilização global perdeu o rumo, e, ao voltarmos no tempo em busca de um modelo orientador, precisamos recuar cerca de doze ou quinze mil anos. Assim, a parte importante do movimento do potencial humano e da Nova Era é, creio eu, a restauração do ritual, a redescoberta do xamanismo, a recongnição das substâncias psicodélicas e da importância da Deusa. É preciso que haja também um mistério religioso autêntico por trás de tudo isso. As substâncias psicodélicas nos põem em contato com algo que é, ao mesmo tempo, real e imediato — a mente do planeta. Trata-se do Superespírito da vida que há na Terra. É o que há de realmente importante. A hipótese da Grande Deusa, que começou propondo que todo o nosso planeta é um sistema auto-regulador, atingiu agora o nível em que certas pessoas dizem: “É quase vivo.” Mas eu iria mais longe: não só é vivo, mas possui um espírito.

Levo muito a sério a idéia de que o Logos é real, que existe uma Mente Guiadora — uma Alma Global que habita o bioma do planeta, e que o equilíbrio, a dignidade e a religiosidade dos seres humanos dependem do contato direto com ela. É esse contato que o xamanismo nos oferece. Esse contato existia no Ocidente — para certas pessoas — até a queda de Elêusis e das tradições do Mistério, mas foi eliminado por bárbaros que não sabiam o que estavam destruindo.

A mente do planeta não é neutra quanto à nova direção da história humana. Fazemos parte de um drama cósmico. Estou certo disso, e embora o drama cósmico já venha durando há milênios, não creio que vá durar outros tantos milênios no futuro.

ND: Em sua opinião, tudo irá atingir uma espécie de clímax no ano 2012 de nossa era. Pode explicar isso?

TM: Vejo certo tipo de culminância no ano 2012. Para os maias, o ano 2012 era também o fim de um ciclo de 5.128 anos. Acho que o que chamamos de existência histórica é uma situação que possui seus limites próprios e não pode ser projetada em termos de séculos no futuro. Estamos dilacerando a Terra, disseminando toxinas — e o planeta inteiro está reagindo. As substâncias psicodélicas irão

exercer importante papel, ajudando as pessoas a se tornarem conscientes do que está acontecendo.

ND: Você disse certa vez que uma parte importante da busca do conhecimento místico é encarar a morte e reconhecê-la como um dos componentes do ritmo da vida. Poderia falar mais detalhadamente sobre as implicações do processo de morrer?

TM: Levo a sério a noção de que os estados psicodélicos são uma antevisão do processo de morrer — ou, como o chamam os tibetanos, o nível *Bardo* situado para além da morte física. Parece-me provável que a nossa vida física seja uma espécie de estação de lançamento da alma. Como dizem as tradições esotéricas, a vida é uma oportunidade de nos prepararmos para a morte, e devemos aprender a reconhecer os sinais que vamos encontrando pelo caminho; assim, quando a morte vier, podemos fazer a transição sem problemas. Acho que as substâncias psicodélicas nos mostram a natureza transcendental da realidade. Quando se é ateu ou existencialista, é difícil morrer com dignidade. Afinal, por que não protestar contra o fato de que a luz vai se extinguir? Mas, se de fato não se tratasse da extinção da luz, e sim da Aurora da Grande Luz, certamente não haveria motivo para protestar. Há uma tendência na Nova Era no sentido de negar a morte. Vemos pessoas à procura da imortalidade física e mandando congelar seus cérebros até o quinto milênio, quando então poderão ser descongelados. Tudo isso indica certa falta de equilíbrio. O Tao flui através dos reinos da vida e da morte com igual facilidade.

ND: Você, pessoalmente, vê o processo da morte como uma jornada através do sistema de crenças das pessoas?

TM: Tal como a experiência psicodélica, temos de colocar a morte dentro do vaso da linguagem. Morrer, porém, é um ato essencialmente fisiológico. Talvez existam certos compostos no cérebro que são liberados somente quando é impossível reverter o processo da morte. E, no entanto, a experiência de quem esteve

perto da morte tem uma curiosa afinidade com a viagem xamanista e a experiência psicodélica.

Acredito que o melhor mapa da consciência de que dispomos é o mapa xamanista. Do ponto de vista xamanista, o mundo tem um “centro” e, quando se vai até o centro — que fica dentro de nós mesmos —, há um eixo vertical que nos permite subir ou descer. Existem mundos celestiais, existem mundos infernais, existem mundos paradisíacos. Esses são os mundos que se abrem para nós em nossas viagens xamanistas, e acho que temos a obrigação de explorar esses domínios e transmitir essa informação a outras pessoas que estejam interessadas em traçar o mapa da psique. No ponto da História em que nos encontramos, essa é talvez a viagem mais formidável que alguém pode fazer.

BIBLIOGRAFIA

- Allegro, John M. *The Sacred Mushroom and the Cross*. Garden City, NY: Doubleday, 1970.
- Birks, Walter, e Gilbert, R.A. *The Treasure of Montsegur*. Londres: Aquarian Press, 1987.
- Brumbaugh, Robert (coordenador). *The Most Mysterious Manuscript*. Carbondale, IL: Southern Illinois Univ. Press, 1978.
- Carroll, Lewis. *The Annotated Alice: Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking Glass*. Introdução e notas de Martin Gardner. Nova York: Clarkson N. Potter, 1960.
- D'Empirio, Mary. *The Voynich Manuscript: An Elegant Enigma*. Washington, DC: Departamento de Comércio dos EUA, Serviço Nacional de Informações Técnicas, 1978.
- Duerr, Hans Peter. *Dreamtime*. Oxford: Basil Blackwell, 1985.
- Eisler, Riane. *The Chalice and the Blade*. San Francisco: Harper & Row, 1987.
- Eliade, Mircea. *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy*. Nova York: Pantheon Books, 1964.
- Gibson, William. *Neuromancer*. Nova York: Ace, 1984.
- Graves, Robert. *Food for Centaurs*. Garden City, NY: Doubleday, 1960.
- . *Difficult Questions, Easy Answers*. Garden City, NY: Doubleday, 1964.
- Guenther, Herbert V. *Tibetan Buddhism Without Mystification*. Leiden: E.J. Brill, 1966.
- Gullichsen, Eric. "Cyberspace: Experiential Computing." *NEXUS '89 Science Fiction, Science Fact*, 1989.
- Hofmann, Albert. *LSD: My Problem Child*. Los Angeles: Tarcher, 1983.
- Jacobs, Barry L. *Hallucinogens: Neurochemical, Behavioral and Clinical Perspectives*. Nova York: Raven, 1984.
- James, William. *The Varieties of Religious Experience*. Cambridge, MA, e Londres: Harvard Univ. Press, 1985.

- Jaynes, Julian. *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*. Boston: Houghton Mifflin, 1977.
- Lajoux, Jean-Dominique. *The Rock Paintings of Tassili*. Cleveland: World, 1963.
- Levitov, Leo. *Solution of the Voynich Manuscript: A Liturgical Manual for the Endura Rite of the Cathari Heresy, The Cult of Isis*. Laguna Hills, CA: Aegean Park, 1987.
- Lhote, Henri. *The Search for the Tassili Frescoes*. Nova York: E.P. Dutton, 1959.
- Lloyd, John Uri. *Etidorhpa, or, The End of Earth*. Cincinnati: edição limitada do próprio autor, 1895.
- . *Etidorhpa, or, The End of Earth*. Albuquerque, NM: Sunn, 1976.
- . *Etidorhpa, or, The End of Earth*. Nova York: Pocket Books, 1978.
- Magre, Maurice. *The Return of the Magi*. Londres: Philip Allan, 1931.
- Maspero, Gaston. *The Dawn of Civilization — Egypt and Chaldaea*. Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1894.
- McKenna, Terence. *Alucinações Reais*. Berkeley, CA: Lux Natura, 1984. Livro gravado em um conjunto de oito fitas cassete.
- McKenna, Terence, e McKenna Dennis. *The Invisible Landscape*. Nova York: Seabury, 1975.
- Mellaart, James. *Earliest Civilizations of the Near East*. Nova York: McGraw-Hill, 1965.
- . *Catal Hüyük: A Neolithic Town in Anatolia*. Nova York: McGraw-Hill, 1967.
- Merill, A.E. "The Narrative of Mr. W." *Science*, 40, n° 1.029 (18 de setembro de 1914).
- Munn, Henry. "The Mushrooms of Language." Em *Shamanism and Hallucinations*, Michael Hamer, coord., Londres: Oxford Univ. Press, 1973.
- Pim, Herbert Moore (pseudônimo de A. Newman). "Monsieur Among the Mushrooms", *Irish Ecclesiastical Record*, 5 (janeiro-junho, 1915): 586-603.
- Pim, Herbert Moore. "Monsieur Among the Mushrooms." Reproduzido em *Unknown Immortals — In the Northern City of Success*. Dublin: Talbot, 1917.
- Rodriguez, E.; Aregullin, M.; Uehara, S.; Nishida, T.; Wrangham, R.; Abramowski, Z.; Finlayson, A., e Towers, G. H. N. "Thiarubrine-A, A Bioactive Constituent of *Aspilula* (Asteraceae) Consumed by Wild Chimpanzees." *Experientia*, 41 (1985): 419-420.
- Runciman, S. *The Medieval Manichee: A Study of the Christian Dualist Heresy*. Nova York: Viking, 1961.
- Saur, Carl. *Man's Impact on the Earth*. Nova York: Academic Press, 1973.
- Schultes, R. E. "Some Impacts of Spruce's Amazon Explorations on Modern Phytochemical Research." *Rhodora: Journal of the New England Botanical Club*, 70, 783, julho-setembro, 1968.
- Shah, Idris. *The Sufis*. Garden City, NY: Doubleday, 1964.

- Vallee, Jacques. *The Invisible College*. Nova York: E.P. Dutton, 1975.
- . *Messengers of Deception*. Berkeley, CA: And/Or Press, 1979.
- Waddington, C.H. *The Nature of Life*. Londres: George Allen & Unwin, 1961.
- Waite, A.E. *The Holy Grail*. New Hyde Park, NY: University Books, 1961.
- Wakefield, W.L. *Heresy, Crusade and Inquisition in Southern France 1100-1250*. Berkeley: Univ. of California Press, 1974.
- Warner, H.J. *The Albigensian Heresy*. Nova York: Macmillan, 1922, reeditado em 1978.
- Wasson, R. Gordon. *Soma: Divine Mushroom of Immortality*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.
- . *Foreword to Phantastica: Rare and Important Psychoactive Drug Literature from 1700 to the Present*. Los Angeles: William and Victoria Dailey Antiquarian Books and Fine Prints, 1979.
- Wasson, R. Gordon; Hofmann, Albert, e Ruck, Carl A. P. *The Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978.
- Wasson, R. Gordon; Kramrish, S.; Ott, J., Ruck, Carl A. P. *Persephone's Quest: Entheogens and the Origins of Religion*. New Haven: Yale Univ. Press, 1986.
- Wasson, V.P. e Wasson, R. Gordon. *Mushrooms, Russia and History*. Nova York: Pantheon Books, 1957.
- Wells, H.G. *Best Science Fiction Stories of H.G. Wells*. Nova York: Dover, 1966.
- Whitehead, Alfred North. *Process and Reality*. Nova York: Free Press, 1969.

O retorno à cultura arcaica

Terence McKenna

(Autor de *O Alimento dos deuses* e
Alucinações reais)

O retorno à cultura arcaica é uma espécie de livro de anotações de um explorador; um diário de suas viagens no tempo e no espaço ideológico. Através de ensaios, entrevistas e da narração de experiências com substâncias alucinógenas, Terence McKenna tenta explorar a realidade partindo de uma ótica xamanista. Nestes textos, ele nos transporta para uma viagem profunda Amazônia adentro, até chegar aos recessos desconhecidos da psique humana e aos limites da nossa cultura, fornecendo visões inusitadas do passado e do futuro.

McKenna acrescenta à sua visão geral da História, que é ao mesmo tempo culta e algo original, uma concepção visionária do terceiro milênio, resultado de experiências vividas no limiar da realidade convencional. O resultado é um turbilhão de idéias heterodoxas capazes de arrancar qualquer cérebro da sua pasmaceira habitual. Suas teorias e especulações têm raízes em um pragmatismo ancestral, resistente ao desgaste do tempo científico.

Entre inúmeras idéias apresentadas e desenvolvidas em *O retorno à cultura arcaica* estão a relação com o desconhecido e o modo misterioso com que permeia a vida humana, a estranheza de regiões inexploradas, cheias de risco, beleza e promessa, e as especulações sobre cogumelos alucinógenos, Amazônia, realidade virtual, UFOs, evolução, xamanismo, o ressurgimento da Deusa e o fim da História.



Ilustração de capa:
Maria Isabela Hartz

ISBN 85-01-04068-1



RETORNO A CULTURA



157980018133

R\$ 15,00

www.sebosonline.com

04068/3

RECOR